



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - MESTRADO

JOÃO PEDRO FERREIRA DA SILVA

TIKTOKZAÇÃO:
ENSAIOS SOBRE A FORMA DA HISTÓRIA COMO MERCADORIA NAS REDES

FORTALEZA

2025

JOÃO PEDRO FERREIRA DA SILVA

TIKTOKZAÇÃO:
ENSAIOS SOBRE A FORMA DA HISTÓRIA COMO MERCADORIA NAS REDES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em História. Área de Concentração: História Social.

Orientador: Prof. Dr. Kleiton Moraes de Sousa

FORTALEZA
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S58t Silva, João Pedro Ferreira da.
Tiktokzação : Ensaio sobre a forma da história como mercadoria nas redes / João Pedro Ferreira da Silva. –
2025.
157 f.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-
Graduação em História, Fortaleza, 2025.
Orientação: Prof. Dr. Kleiton Moraes de Sousa.
1. Redes Sociais . 2. Temporalidades. 3. História Pública . 4. TikTok. 5. Historiografia. I. Título.
CDD 900
-

JOÃO PEDRO FERREIRA DA SILVA

TIKTOKZAÇÃO:
ENSAIOS SOBRE A FORMA DA HISTÓRIA COMO MERCADORIA NAS REDES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em História. Área de Concentração: História Social.

Aprovada em: 02/10/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Kleiton Moraes de Sousa (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Kênia Sousa Rios
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Débora El Jaick Andrade
Universidade Federal Fluminense (UFF)

AGRADECIMENTOS

Essa dissertação é resultado, além de muito trabalho e esforço, de um grupo de pessoas que não somente me encorajaram na pesquisa, mas buscaram internalizar em mim a consciência de que eu tinha um verdadeiro potencial para produzi-la.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento que viabilizou essa dissertação.

Agradeço ao professor e orientador Dr. Kleiton de Sousa Moraes. Desde a graduação me inspirou, não somente como historiador, mas também como professor e educador. O momento em que você falou que eu deveria tentar o mestrado é algo que perdurará por bastante tempo na minha memória. Obrigado por acreditar nessa pesquisa.

À professora Dra. Joeline Rodrigues de Sousa, não somente por me orientar durante a graduação, ensinar e encantar sobre o marxismo, mas também pelo apoio da minha jornada acadêmica.

Aos membros da qualificação, Prof. Dr. Antonio Luiz Macêdo e Silva Filho e Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos, gostaria de agradecer pela leitura e os comentários, sugestões e observações que enriqueceram enormemente o resultado da dissertação.

Ao Professor Dr. Rodrigo Alves Ribeiro, Dra. Meize Regina de Lucena Lucas e Prof. Dra. Ana Rita Fonteles Duarte, pelas aulas, comentários entusiasmados e divertidos sobre a Tiktokzação e indicações de leitura.

Aos membros da banca de defesa, às professoras Dra. Kênia Sousa Rios e Dra. Débora El Jaick Andrade, por aceitarem o convite para compor a banca avaliadora. Com toda certeza, as contribuições recebidas serão essenciais para a elevação da qualidade deste trabalho.

Aos parceiros e parceiras da minha turma de mestrado: Jeferson, Pedro Henrique, Hannah Mariah, Danielly, Evanilson, mas em especial à Carolina Linhares, por todo o apoio e incentivo com a minha pesquisa e trajetória acadêmica.

Também gostaria de agradecer aos companheiros Alessandra Lira e Rodrigo Cavalcante, por também contribuírem com minhas reflexões, leituras e conversas marxianas.

Alguns amigos que fiz durante minha trajetória na educação também merecem estar aqui. Obrigado Luana, Daniel, Sirgner, Priscilla, Ana Célia, Raphael, Beatriz, João Neto, Fernanda, Claudia Regina, Bruno, Lucas, Victória, Karla, Isabel, Neurilo, Suzy e Deborah. Vocês são pessoas incríveis.

Ao meu namorado, Daniel Sancho, meu parceiro, nos momentos bons e difíceis. Você foi a pessoa que mais me incentivou nesse processo. Obrigado por segurar minhas mãos, pela

paciência, por me escutar e disponibilizar todos os recursos possíveis para que eu pudesse concluir essa pesquisa.

Meus sinceros e eternos agradecimentos à minha querida mãe, Andrea Cardoso. Obrigado por vencer diversas lutas diárias por mim, desde meu nascimento. Gostaria de agradecer à minha avó, Francisca Cardoso, minha segunda mãe. A minha tia Suzana Cardoso, por também fazer parte da minha criação e contribuir com a pessoa que sou. A essas três mulheres todo o meu amor e admiração.

À medida que a necessidade se encontra socialmente sonhada, o sonho se torna necessário. O espetáculo é o sonho mau da sociedade moderna aprisionada, que só expressa afinal o seu desejo de dormir. O espetáculo é o guarda desse sono.

Guy Debord, A Sociedade do Espetáculo.

RESUMO

Ao longo do desenvolvimento da sociedade capitalista, é possível observar as diversas transformações culturais desencadeadas pelas tecnologias. De acordo com que esses mecanismos são popularizados, mais rápidas se tornam as próximas mudanças e mutações. Reconhecer isso significa que, para além de um processo econômico, social ou político, as tecnologias, sobretudo as da comunicação, também representam uma experiência de tempo. Ao apontar esse aspecto, torna-se necessário problematizar não apenas como lidamos com essas outras temporalidades, mas de que forma essas outras dinâmicas de tempo afetam a produção historiográfica. Embora o interesse em ocupar os espaços digitais, especialmente o TikTok, com discussões e narrativas sobre o passado seja significativo, carecem os debates sobre os limites dessas redes sociais e suas influências ante o historiador e sua produção. Pouco se debruça acerca da prática da produção historiográfica como um labor que envolve, para além de outros aspectos, tempo de trabalho, dedicação e desgaste psicofísico do profissional historiador. Nesse preâmbulo, a conjectura que orienta o presente trabalho objetiva indagar como a produção da História é impactada pela realidade vigente nas redes sociais, em particular o TikTok. A escolha de perfis da plataforma como fonte não se deu somente pela sua popularidade, mas por observar que seu formato tem se tornado uma tendência de produção e consumo. É possível afirmar que seu modelo de funcionamento mobiliza novas formas de se produzir passados? Se essas especificidades existem, como se materializam? Minha hipótese é que as dinâmicas nas redes acabaram por modificar — mas não transformar em sua totalidade —, aspectos da produção historiografia, que agora se encontram submetidas a uma lógica de consumo individual e algorítmica, determinada tanto pela lógica mercadológica espetacularizada, mas também por aspectos de tempo cada vez mais acelerados e individualizados. Essas dinâmicas são perpassadas por um tempo que se insere e interfere diretamente no processo de produção, circulação e consumo desses vídeos na plataforma. Os conteúdos sobre história nas redes passam a funcionar como um produto/resultado voltado para o entretenimento, em especial, a alta circularidade digital. Para além da problematização dos perfis no TikTok, pretende-se jogar luz não só para as maneiras de como se narra o passado, mas também ponderar sobre as condições materiais e reais de se produzir História no tempo presente.

Palavras-chaves: temporalidades; história pública; teoria da história; redes sociodigitais;

ABSTRACT

Throughout the development of capitalist society, it is possible to observe the various cultural transformations triggered by technologies. As these mechanisms become more popularized, the next changes and mutations occur more rapidly. Recognizing this means that, beyond an economic, social, or political process, technologies — especially communication technologies — also represent an experience of time. Pointing to this aspect, it becomes necessary to question not only how we deal with these other temporalities, but also how these other dynamics of time affect historiographical production. While the interest in occupying digital spaces, especially TikTok, with discussions and narratives about the past is significant, there is a lack of debate on the limits of these social networks and their influences on the historian and their production. Little attention is given to the practice of historiographical production as a labor that involves, beyond other aspects, work time, dedication, and the psychological and physical wear and tear of the historian. In this preamble, the conjecture that guides this work aims to inquire how the production of history is impacted by the current reality of social networks, particularly TikTok. The choice of platform profiles as a source was made not only because of their popularity, but also because their format has become a production and consumption trend. Can we affirm that its operational model mobilizes new ways of producing the past? If such specificities exist, how are they materialized? My hypothesis is that the dynamics of social networks have altered — but not completely transformed — certain aspects of historiographical production, which are now subject to a logic of individual and algorithmic consumption, determined both by the spectacularized market logic and by increasingly accelerated and individualized time factors. These dynamics are permeated by a time that directly inserts and interferes with the process of production, circulation, and consumption of these videos on the platform. Content about history on social networks begins to function as a product/result aimed at entertainment, especially with high digital circulation. Beyond questioning TikTok profiles, the intention is to shed light not only on the ways in which the past is narrated but also to reflect on the material and real conditions of producing history in the present time.

Keywords: temporalities; public history; theory of history; socio-digital networks.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	O PRODUTO.....	22
2.1	O que se tornou a História quando se fez ciência?.....	23
2.2	Como a Historiografia é traçada hoje?.....	36
2.3	Como a História se torna rentável nas redes?.....	47
2.3.1	Historiografia, Trabalho e Capitalismo.....	50
2.3.2	<i>A monetização e a produção da história para as redes.....</i>	<i>59</i>
3	O INSTANTE.....	69
3.1	Quais as condições objetivas de temporalização na modernidade?.....	70
3.2	O que vem a ser a Tiktokzação?.....	80
3.3	Qual o tempo do TikTok e quem produz história na plataforma?.....	90
4	O CONSUMO.....	104
4.1	O que faz o TikTok ser tão sedutor?.....	105
4.2	O que da história pode ser “Tiktokzável”?.....	115
3.3	O que resta para a História?.....	127
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	137
	REFERÊNCIAS.....	144
	APÊNDICE A – FONTES UTILIZADAS.....	154
	GLOSSÁRIO.....	157

1 INTRODUÇÃO

Para o bem ou para o mal, é possível afirmar que os aperfeiçoamentos tecnológicos sempre estiveram perturbando e povoando o imaginário social. A rede mundial de computadores significava, no início do século, a possibilidade de pôr o mundo todo em diálogo, encurtando distâncias e ruídos na comunicação, aproximando pessoas com interesses em comum e colocando-as em contato umas com as outras. O mundo do trabalho e o labor doméstico seriam ainda mais dinamizados garantindo tempo livre, de modo que pudéssemos destinar atenção à família, descanso ou lazer coletivo e divertimento individual¹.

Ainda nos anos 2000, a febre das redes sociais chegou ao Vale do Silício², trazendo a promessa de empreendimentos de grande retorno lucrativo. Com o desenvolvimento dos smartphones, os usos das redes sociodigitais e seus aplicativos tomariam uma proporção ainda maior, uma realidade cada vez mais explorada devido a permanência individual e contínua dos usuários. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) em 2022, 161,6 milhões de brasileiros com 10 anos ou mais utilizaram a Internet, 98,9% por aparelhos móveis (Belandi, 2023). Com relação ao tempo gasto na internet mundialmente em 2022, o Brasil ocupou “a terceira posição, com uma média de 10,19 horas diárias. Desse total, aproximadamente 35% desse tempo (3,6 horas) é gasto com mídias sociais” (Silva, 2023, p. 17).

Com relação ao processo educacional, apenas o céu seria o limite — e talvez nem isso, já que uma grande parte de infraestrutura das redes de internet está interligada aos diversos satélites presentes na órbita do planeta. A perspectiva era um ensino de maior qualidade, com o conhecimento e a democratização de informações confiáveis para além dos muros escolares. A vida de estudantes e educadores poderia ser cada vez mais facilitada por meio de recursos que promoveriam mais agilidade e praticidade ao exercício dos estudos.

Não seria mais necessário a leitura de enciclopédias gigantescas — que por sua vez já eram resultado de demandas sociais por objetividade e agilidade —, comuns no início dos anos 2000, para concluir um trabalho de História, apenas escrever as palavras chaves no Google que, em fração de segundos, retornava ao usuário uma infinidade de respostas

¹ Seria o século XXI a Era do Lazer? “Às máquinas prometiam liberar todos da escravidão do trabalho. [...] poderíamos passar o resto do dia zanzando para baixo e para cima e nos divertindo. Com tanto tempo livre nas mãos, palavras como ‘pressa’ e ‘correria’ acabariam perdendo seu lugar no léxico (Honoré, 2019, p. 173).

² O Vale do Silício, situado ao sul de São Francisco, na Califórnia, Estados Unidos, é o lar de inúmeras startups e gigantes globais da tecnologia. Empresas renomadas como Apple, Facebook e Google estão entre as mais proeminentes. Além disso, a região abriga instituições voltadas para a tecnologia, muitas das quais estão localizadas próximas à Universidade Stanford, em Palo Alto. Foi financiado, principalmente, por investimentos do Estado estadunidense desde a Segunda Guerra Mundial (Avelino, 2021)

possíveis. Atualmente, com o desenvolvimento de Inteligências Artificiais (IAs) como o ChatGPT³, a própria lógica de pesquisa do Google sofre com a possibilidade de se tornar obsoleta. O nível de material informacional a ser consultado e disponibilizado seria inegavelmente maior do que em qualquer época anterior. O mundo e suas relações sociais estavam se complexificando, e o compartilhamento desses grandes volumes referenciais de conhecimento seria de extrema centralidade para lidar e compreender essas transformações.

Em seus momentos iniciais de expansão, durante o início do século, tanto as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) como a internet eram vistas por olhares de grande otimismo, nas quais não haveria necessidade de largas críticas, mas pareceres que possibilitasse a constante adequação às benesses que lhe acompanhavam. Mesmo com alguns desafios, Dowbor (2001), considerou a internet e as novas mídias e instrumentos de comunicação como benefícios para a educação que, ao “[...] facilitar a conectividade, podem constituir uma ponte e melhorar a integração” (p. 79). Ainda no início dos anos 2000, a história também poderia se beneficiar de *softwares* como o H-Bot, cujo objetivo seria auxiliar na recuperação de informações mais precisas sobre a disciplina presentes na Internet (Rosenzweig, 2022). Otimismos esses apoiados em expectativas várias sobre os usos da computação para além de sua matriz bélica, durante as Grandes Guerras Mundiais (Bridle, 2019). A humanidade estava ansiosa em descobrir as grandes mudanças que a cibercultura e as redes de computadores poderiam trazer.

Contudo, enquanto a ciência tendia a ver com bons olhos o futuro tecnológico, curiosamente foi remetido à ficção enfoques pouco favoráveis a esse horizonte (Giarola, 2019). Em 1984, o filme “O Exterminador do Futuro” conduzia o seu público a temer as tecnologias, já que a grande inteligência artificial, denominada “Skynet”, dominaria o mundo e colocaria a humanidade em estado de submissão e escravidão. Alguns anos antes, em 1968, o diretor estadunidense Stanley Kubrick, em seu filme “2001: Uma Odisseia no Espaço”, também optou por representar as IA’s como as grandes antagonistas da humanidade no futuro como o seu vilanesco HAL 9000 que, durante uma viagem espacial, começa a questionar as ordens humanas.

Olhando em retrospectiva, não é possível atestar quais interpretações eram mais verossímeis, apenas reconhecer que, de fato, as grandes redes de internet e tecnologia

³ O ChatGPT é um chatbot desenvolvido pela OpenAI e lançado em 30 de novembro de 2022.. O nome combina "Chat", referindo-se à sua funcionalidade de chatbot, e "GPT", que significa *Generative Pre-trained Transformer*, um tipo de modelo de linguagem e aprendizagem computacional. Apesar de não ter sido criado para esse propósito, muitos jovens utilizam o chat não só para fazer pesquisas, mas para produzir os próprios trabalhos escolares ou acadêmicos.

impactaram nosso cotidiano como nunca e que as tentativas de prever suas consequências eram bastante recorrentes e diversificadas. Apesar dos inúmeros benefícios e facilidades possibilitados pela tecnologia, seus usos são perpassados por contradições, afinal, as tecnologias só foram socializadas em parte. Em um curto período de tempo grandes corporações, como a Google, Amazon, Meta, Apple e Microsoft (GAFAM)⁴ se utilizam do seu oligopólio para lucrar das mais diversas maneiras, desde a venda de audiência (Bolaño; Vieira, 2014; Dantas; Raulino, 2020), em que o capital industrial e comercial compram espaços de publicidade de modo a encurtar o tempo de circulação do capital, mas também com a oferta de produtos essenciais para o próprio acesso a internet. De acordo com Silva (2023, p. 53):

O movimento de centralização de capitais é uma característica marcante na história e no desenvolvimento das holdings Alphabet Inc. e Met Platforms Inc. [...], ambas não atuam apenas no ramo mais visível, o de conteúdos e aplicações da internet. Elas estão fortemente presentes nas camadas de acesso e de infraestrutura da internet. A primeira camada é a infraestrutura física das comunicações, que são todos os equipamentos e meios que permitem a conexão a nível mundial. Citam-se, como exemplos, roteadores, cabos metálicos e de fibra óptica, satélites entre outros.

Atualmente se torna constante as tentativas de regularizar as redes sociodigitais, pelo reconhecimento do seu impacto político em Estados Nacionais ao redor do mundo. Em 2018, o Facebook foi acusado de vender dados de seus usuários para serem usados de modo a manipular, ou no mínimo, favorecer a candidatura do até então ex-presidente de extrema direita, Donald Trump (BBC, 2018). A lógica de funcionamento algorítmica das redes tem possibilitado cada vez mais o fortalecimento e organização de grupos neonazistas e protofascistas (Fisher, 2023). No Brasil, os usos das TICs para a disseminação de fake news custaram a vida de milhares de pessoas durante a pandemia de Covid-19 (Pereira, Araújo, 2021). Todos esses elementos, apesar de não serem perceptíveis em um primeiro olhar, tem direta relação com as temporalidades digitais. Como afirma Silva (2009, p. 235):

Em nome da democratização da informação, construiu-se a justificativa de uma verdadeira ditadura da visibilidade amparada pelo corolário de um registro total sobre os acontecimentos cotidianos. A espetacularização do vivido trouxe à tona não somente a exploração dos grandes eventos, mas também levou ao culto ao grotesco, ao pitoresco e à violência cotidiana como se fossem tramas encenadas para satisfazer espectadores que já não se saciam mais com o folhetim das sete.

É espantoso conceber a velocidade de desenvolvimento técnico das tecnologias e, conseqüentemente, seus impactos sociais, com constantes transformações em períodos cada vez mais curtos. Entretanto, direcionar nossa atenção ao funcionamento dessas redes e suas dinâmicas significa reconhecer que, mesmo tendo uma existência “própria” no mundo digital,

⁴ O “F” da sigla se refere ao Facebook, que mudou o nome da empresa para Meta em 2022, proprietários não só de redes sociodigitais como o Facebook, mas também Instagram e WhatsApp.

elas estão em direta correlação e dependência com a realidade material, com dimensões culturais e produtivas. Existe trabalho humano tanto no desenvolvimento dessas plataformas — na manutenção das redes, aperfeiçoamento de softwares, proteção e armazenamento de dados —, como na produção de conteúdos para as redes de modo a reter nossa atenção e dados, que posteriormente serão tratados e vendidos por essas grandes empresas de tecnologia, entre outras atividades (Marques, 2020; Dantas *et al*, 2022; Silva, 2023).

Mas, para além do trabalho precarizado desses sujeitos, uma outra grande parcela é explorada a partir de relações neocoloniais (Machado, 2021). A dinâmica das redes possibilita que seus usuários trabalhem, por meio de exercícios semióticos, em favor de grandes empresas de tecnologia e comunicação sem que isso pareça trabalho (Dantas *et al*, 2022). Cavando ainda mais o submundo das redes, podemos encontrar trabalho explorado com o treinamento de IAs, garantindo lucros exorbitantes para empresas como a Amazon por meio dos *turkers*⁵, atividade em sua maioria, exercida por trabalhadores no Sul Global, onde muitas vezes a legislação trabalhista é ineficiente.

As normas da Amazon definem que apenas trabalhadores residentes nos Estados Unidos e na Índia podem receber o dinheiro ganho por suas atividades diretamente em suas contas bancárias, via processos de transferência on-line. Para todos os outros *turkers*, incluindo os brasileiros, o pagamento na verdade se transforma em créditos que devem ser obrigatoriamente utilizados no website de compra da Amazon estadunidense (Moreschi; Pereira; Cozman, 2021, p. 138).

Além disso, direcionam serviços e remunerações diminutas para realizar, por exemplo, tarefas como verificação de conteúdos violentos ou desagradáveis que não seriam possíveis em países com leis e instituições mais fortalecidas.

Mais 10 milhões de trabalhadores americanos que atuam ou atuaram como moderadores de conteúdo entraram com ação judicial contra a Facebook Inc. alegando que o trabalho ao qual eles foram submetidos - que inclui analisar fotos e vídeos retratando violência extrema - lhes causou graves danos psicológicos. [...] Trabalhadores da Índia alegam que processos trabalhistas desse teor dificilmente vão para a frente do país, pois esse não reconhece problemas de saúde mental como risco ocupacional [...] (Machado, 2021, p. 57).

Posto isso, a quem pertencem os dados coletados pelas *big techs*? De quase todo o planeta. Quem efetivamente lucra com esses dados? Basicamente o norte global. Fazendo um recorte mais específico, adentrando ao principal problema da pesquisa, cabe-nos analisar como o trabalho do historiador se insere nessas outras dinâmicas do digital. Quando pensamos no valor do trabalho historiográfico, podemos afirmar que é por meio desse ofício — mas não apenas — que nos temporalizamos e atribuímos algum tipo de sentido cultural ao tempo.

⁵ Para além do lucro como grande varejista, a Amazon também oferece serviços para empresas de tecnologia por meio da *Amazon Mechanical Turk*, sua plataforma de inteligência artificial. Os serviços executados pelos trabalhadores aqui vão desde avaliação de publicidade, treinamento de algoritmos, entre outros serviços (Grohmann, 2021).

Assim, todo ato teórico e metodológico parte de um lugar e tem algum fim ético e político, o que impossibilita qualquer neutralidade sobre o trabalho historiográfico. Posto isso, como afirma Certeau (1982, p. 66):

Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como uma relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc), procedimentos de análise (uma disciplina), e a construção de um texto (uma literatura). É admitir que ela faz parte da “realidade” da qual trata, e essa realidade pode ser apropriada “enquanto uma atividade humana”, “enquanto uma prática”.

Uma vez que a história se faz no presente, interesses das mais diversas naturezas se fazem correntes no labor do historiador, figura imprescindível para que seja atribuída sentido ao passado por meio do seu trabalho semiótico (Dantas *et al*, 2022). Uma das hipóteses basilares desta pesquisa é que o historiador, como qualquer outro trabalhador, tem dispêndio de energia, física e psíquica, ao produzir história. Contudo, diferente do operário industrial, por exemplo, o fruto do seu trabalho é o próprio conhecimento sobre o passado e o tempo. Logo, não existe história sem o historiador, sujeito esse que, por meio de sua capacidade de interpretar, analisar e articular ideias⁶ atribui significado ao passado por meio da escrita historiográfica.

Encadeado a isso, o trabalho do historiador nas redes não necessariamente é o mesmo que o do pesquisador, ambos contendo objetivos diferentes com seus respectivos produtos do seu trabalho. Este, de certa forma, ainda conta com alguma autonomia, diferente do produtor de conteúdo que está diretamente atrelado às demandas do mercado sociodigital. Essa condição pouco é problematizada quando olhamos para os conteúdos de história nas redes como o TikTok.

Retornando ao debate sobre as Tecnologias Digitais da Comunicação e Informação, é plausível afirmar que as promessas de dinamismo e praticidade, em última instância, desencadearam outras maneiras de nos temporalizar. Ou seja, a maneira como lidamos e experimentamos o tempo também é histórica, condicionada a várias mudanças ao longo da existência humana, mas também por nossas experiências individuais ou coletivas. Logo, experimentar o tempo passa a ser uma ação e um estado humano, consciente ou não, tensionado por diferentes “formas do tempo” (físico, filosófico, memorialístico, historiográfico, entre outros), bem como os diversas concepções que servem como referencial para o presente, futuro e passado.

⁶ Essas seriam as características, de forma resumida, de um trabalho semiótico. O conceito será mais aprofundado na última sessão do capítulo 1 desta dissertação.

O Instagram, por exemplo, cujo nome de batismo é uma junção de “instantâneo” com “telegrama” (Frier, 2021), já nos aponta elementos sociais do que significa o tempo hoje e os meios de experimentá-lo. As concorrências econômicas no final dos anos 1990, em busca do protagonismo digital, já colocavam diversas empresas, como a Amazon e a Netflix, que na época distribuíam DVDs em domicílio, em disputa pela entrega de produtos cada vez mais rápido de modo a garantir a satisfação de seus clientes (Randolph, 2021). A velocidade na entrega de um lado significou, de outro modo, a morte não apenas das locadoras físicas, mas de uma dinâmica social e temporal de ir a determinado espaço, conhecer filmes e experimentar outras dinâmicas relacionais.

Dessa forma, a hipótese que orienta o presente trabalho é indagar se a produção da História é impactada pela realidade vigente nas redes sociodigitais, a partir do TikTok. É possível afirmar que seu modelo de funcionamento, em conjunto com a sociedade neoliberal, mobiliza novas formas de se produzir passados? Se essas especificidades existem, como se materializam? Mas, principalmente, é crível identificar determinadas continuidades dentro desses outros elementos proporcionados pelo processo de plataformação?

Para responder a esses questionamentos, para além da compreensão da sociedade capitalista hoje em conjunto com essas novas redes sociodigitais recorrentes em nosso cotidiano, é primordial buscar apreender um dos elementos centrais da contemporaneidade: o tempo.

O fato de “terceirizarmos” a nossa memória usando o Google para qualquer informação que desejamos resgatar ou confiando que não é mais necessário “lembrar” — de endereços, datas e informações — está mudando o tempo e a qualidade de nossas capacidades de realizar associações complexas. Com a diminuição do repertório e do conhecimento do mundo por múltiplas angulações — aquelas que são oriundas nas artes, na literatura, no conhecimento científico e outras manifestações de leitura profunda —, a análise crítica e a possibilidade de vislumbrar alternativas para o real concreto acabam também limitadas (Calixto, 2023, p. 118-119).

A dinâmica em rede se comporta de maneira cada vez mais acelerada (Rosa, 2022; Turin, 2019). Essa temporalidade se torna, para além de suas particularidades próprias, uma maneira de também agilizar o processo de realização do capital. Por serem plataformas de publicidade, a coleta de dados dos usuários possibilita um “super” direcionamento de propagandas.

As atividades vivas dos indivíduos nas redes objetivam-se em palavras ou imagens que os algoritmos despojarão de suas qualidades significativas, para tratá-las como quantidades com apenas um significado: orientar negócios, fomentar vendas, proporcionar movimentação de dinheiro. Se o indivíduo escreve “livro” em um e-mail qualquer, não importa o motivo, o algoritmo poderá “entender” que esse indivíduo é um potencial comprador de livros e buscará, através de anúncios imediatamente projetados na tela do computador, conduzi-lo para o sítio de alguma

livraria ou editora, onde (espera-se) ficará tentado a uma compra. (Dantas; Canavarro; Barros, 2014, p. 25).

Uma vez que se pode aferir a existência de um tipo de aceleração temporal, isso não significa dizer que outras temporalidades não sejam possíveis ou experimentadas. “Evidentemente, não há um único modelo universal de aceleração que torna tudo mais rápido. Pelo contrário, muitas coisas ficam mais lentas, como o trânsito num engarrafamento” (Rosa, 2022, p. 19). Nesse sentido, é importante ressaltar que, a percepção da lentidão de um engarrafamento só existe pelo desejo, de outro lado, de que o trânsito fosse mais ágil. Assim, uma percepção de tempo está intimamente ligada com outras. No caso das redes, existe uma espécie de distorção já que, nem sempre os usuários das redes percebem o quanto de tempo destinam diariamente a rolar os vídeos no seu *feed*.

Nesse sentido, pretende-se apontar como o tempo social, mesmo com toda a sua complexidade e diferentes formas de experimentação, não é simplesmente determinado pelo processo produtivo, mas retroage sobre a própria produção. Apesar das dinâmicas de tempo aceleradas aqui defendidas estarem intimamente articuladas com o modo de produção capitalista, não significa dizer que existe uma determinação econômica sobre o espectro do tempo. Afirmar a relação do Capital com a aceleração na qual vivemos, não significa anular ou desconsiderar as outras maneiras de nos temporalizar. Essa relação de tempo na qual produção e consumo acontecem em tempos quase que similares nas redes é o fator nevrálgico do que se defende por Tiktokzação.

Apesar de articuladas a uma estrutura capitalista muito maior, as redes colocam novas delimitações ao se divulgar História em seus espaços. A produção de um vídeo de História para uma plataforma como o TikTok, por exemplo, apesar de composto por elementos diferentes de um texto escrito, não deixa de ser um ato de trabalho/operação do profissional historiador. Mas ao relacionarmos esse trabalho em conjunto com os objetivos dessas plataformas — a divulgação de produtos e lucratividade por meio da coleta de dados — e seus modelos de empreender o tempo, o conteúdo histórico acaba sendo reduzido a um produto massificado que existe para suprir necessidades específicas do público, em especial o entretenimento, submersa à práticas efêmeras de consumo das redes sociodigitais.

Como no vestuário ou na publicidade, a novidade é a lei, com a condição de não ferir frontalmente o público, de não perturbar os hábitos e as expectativas, de ser imediatamente legível e compreensível para a maioria. É preciso evitar o complexo, apresentar histórias e personagens imediatamente identificados, oferecer produtos de interpretação mínima. [...] A cultura de massa é uma cultura de consumo, inteiramente fabricada para prazer imediato e a recreação do espírito, devendo-se sua sedução e parte à simplicidade que manifesta (Lipovetsky, 2009, p. 244).

Por lucrarem com a permanência na rede social, na lógica da economia da atenção⁷, o modelo de negócio dessas plataformas incentiva seus usuários a produzirem conteúdos de forma constante com a promessa de serem popularizados pela plataforma — a partir de critérios algorítmicos desconhecidos pelos influenciadores (Silva, 2023).

Dentro desse modelo, o TikTok se destacou pela eficiência de seu algoritmo em identificar rapidamente o que os usuários consomem e direcionar conteúdos cada vez mais similares. Diferente das outras *big techs*, o TikTok é de propriedade da ByteDance, empresa de origem chinesa. Na prática qualquer pessoa pode fazer vídeos para o TikTok e a proposta é justamente tornar o aplicativo o mais fácil e intuitivo possível. No Brasil, teve suas primeiras interações a partir de 2018, crescendo exponencialmente durante o período da pandemia Covid-19 no país, momento em que milhões de pessoas se encontravam presas e entediadas em casa (*Idem*, 2022).

A escolha da plataforma como objeto de análise se deu, em especial, pela sua popularidade (EXAME, 2023), mas também pelo fato de seu modelo de vídeos curtos estar sendo reproduzido em outras redes sociodigitais como o Instagram (Reels) e o YouTube (Shots), e Kwai (também de matriz chinesa) mais conhecidos aqui no Brasil. A plataforma acumula, apenas no Brasil, 82,2 milhões de usuários (Gonçalves, 2024). Ainda de acordo com Stokel-Walker (2022), no fim de 2020, o aplicativo já contava com mais de 680 milhões de usuários em todo o planeta.

Mas nem todos estão lá apenas para se divertir, algumas pessoas dedicam seu tempo a crescer na rede social e monetizar seu conteúdo, como é o caso dos perfis aqui analisados. Optamos pelos vídeos sobre História para problematizar o fenômeno da Tiktokzação, que aparentemente transcende a plataforma. Por conta da infinidade de vídeos, foram feitos recortes de quatro perfis para a discussão. Assim a dissertação se dedica a análise dos seguintes tiktokers: “Curiosamoda” (Gracy Cristina), “Loucuras da História” (Tawany Rocha), “Operação Barbarussa” (João Pedro Rangel) e “Dr. Odir Fontoura”.

A escolha desses perfis teve como primeiro delineamento não apenas o alcance em número de seguidores na rede social, mas também o número de curtidas que cada um dos perfis acumula⁸. Também foi levado em consideração suas diferentes estruturas narrativas e

⁷ Em resumo, a economia da atenção se refere ao tempo que as pessoas permanecem nas redes sociodigitais, consumindo e produzindo conteúdo e gerando, consequentemente, mais dados que serão comercializados pelas plataformas. De acordo com Cesarino (2022), a Economia da Atenção não é algo novo, o próprio modelo televisivo já estava imbuído nessa lógica, mas o que as redes sociais trouxeram de novo foi justamente a interatividade facilitada e a individualização personalizada do conteúdo. O conceito será retomado no capítulo 2.

⁸ Diferente do Facebook, por exemplo, o usuário não precisa seguir o perfil para assistir os conteúdos daquele tiktok. Se o algoritmo entender, a partir do que se consome, que determinada pessoa gosta de X, o algoritmo vai direcionar cada vez mais perfis com o mesmo tema, garantindo assim a permanência na rede social. No caso

visuais que cada um dos influenciadores/criadores estabeleceram para o seus vídeos. Por exemplo, se em “Loucuras da História” ou “Curiosamoda” sua produção é voltada para curiosidades históricas, o perfil do Odir Fontoura, para além das curiosidades, também procura criar conteúdos de viés mais crítico ou reflexivo.

Diferente dos outros três perfis analisados, Gracy Cristina, a produtora do “Curiosamoda”, é formada em Moda sendo a única que não tem formação como historiadora. Atualmente a Tiktoker conta com um perfil paralelo, específico para curiosidades sobre o cristianismo, o “CuriosaBíblia”. No caso de Tawany Rocha, fundadora do “Loucuras da História”, sua primeira formação é em Administração, só adentrando ao curso de licenciatura em História no ano de 2020, na Instituição Estácio, um ano antes de começar seus perfis nas redes sociais. Ela também oferece cursos pagos sobre como crescer nas mídias digitais.

No caso dos perfis “Odir Fontoura” e “Operação Barbarussa”, ambos são produzidos por historiadores. Odir é formado em pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), tendo mestrado e doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Odir é o único, dentre os aqui escolhidos, com formação acadêmica para além da graduação e em instituições públicas. João Pedro Rangel Diniz é o historiador responsável pela “Operação Barbarussa”. Bastante popular no TikTok, foi finalista no TikTok Awards 2023⁹, na categoria de Categoria Professor do Ano (Carvalho, 2023). Rangel também conta com outro perfil no TikTok, denominado “Efemérides de História” no qual, todos os dias, traz curiosidades sobre eventos que aconteceram nesse mesmo dia no passado.

Apesar de reconhecer a grande quantidade de conteúdos presentes na rede social, as escolhas aqui também se dão no sentido de observar e apontar uma certa tendência à padronização nas formas de produção de conteúdo, como veremos ao longo do capítulo três. É importante ressaltar que não existe aqui uma desqualificação do trabalho dos produtores de conteúdo e historiadores, mas a reflexão sobre os lugares sociais que eles ocupam e suas condições de produção.

As fontes, em sua larga maioria, são de natureza audiovisual. Ainda que todos os vídeos aqui problematizados e citados durante o trabalho sejam de fácil acesso na internet, eles também serão salvos e disponibilizados por meio de um link de drive, de modo que as

do perfil Operação BarbaRussa, por exemplo, que conta com mais de 680 mil seguidores, tem mais de 12 milhões de curtidas em seu perfil.

⁹ Proporcionado pela própria plataforma, o TikTok Awards é uma premiação anual destinada a condecorar os criadores de conteúdo da rede social. O evento, que acontece presencialmente em São Paulo, conta com apresentações de artistas, homenagens, e a entrega dos prêmios. O evento é dividido em 16 categorias como, por exemplo, Professor do Ano, Estrela TikTok e Criador do Ano. Além de toda a cobertura feita por vários perfis, o vencedor de cada categoria é escolhido pelo público por meio de votação, gerando assim engajamento nas redes.

fontes não se percam tão facilmente no oceano caótico da virtualidade. Todos os links serão disponibilizados para que o leitor possa, na medida do possível, acompanhar a discussão ao longo da dissertação. Ainda considerando o ritmo efêmero pelas quais essas plataformas funcionam é possível que algumas das informações aqui colocadas percam sua atualidade ou exatidão como, por exemplo, o número de visualizações dos vídeos ou seguidores dos perfis.

De modo a complementar a metodologia, optamos por trazer os seguintes questionamentos propostos por Pimenta *et al.*, (2014, p. 11), ao analisar o conteúdo sobre a Independência do Brasil em vários formatos do mercado como livros, vídeos e revistas — ou seja, como produtos direcionados para o mercado.

[...] Seu tratamento da Independência tende a uma História: 1) Factual e/ou biográfica, ou a uma história processual? 2) Que respeita historicidades e ordenamentos cronológicos e temporais, ou que tende a dar pouca importância a tais elementos (neste caso, de que modos o faz)? 3) Centrada em uma única região (qual?), ou em várias ao mesmo tempo e inclusive a outras partes do mundo da época (quais)? 4) Que diálogo (de que modos?) com a produção acadêmica (qual, de quando?) ou que busca outros referenciais no universo não especializado? 5) De ênfase anedótica, laudatória, sóbria, positiva ou negativa?

Como veremos adiante, essas perguntas podem ser completamente direcionadas para o conteúdo histórico das redes sociodigitais. É importante reforçar que a produção de história de forma “Tiktokzada” apenas se torna funcional para o formato das redes por conservar elementos já existentes muito antes do desenvolvimento da Internet. Não é uma transformação completa nas formas de se produzir história, mas uma atualização de práticas anteriores.

Isso acaba sendo um ponto de contribuição fundamental para problematizar o fenômeno da História Pública, pois se qualquer pessoa se sente legitimada a falar do passado na internet, em que bases podemos sustentar a cientificidade do ofício do historiador? Afinal,

a história se tornou um produto cobiçado, não somente de legitimação, mas mercadoria simbólica vendida em bancas de jornal. Produto que desencadeou a corrida de uma série de novos produtores, ou “fazedores” de História. [...] vender o passado tornou-se uma atividade estimulante, pois o interesse obsessivo por ele levou a uma verdadeira profusão da distribuição de olhas e produtos que incentivaram e alimentam uma sede de história em nosso cotidiano (Silva, 2009, p. 237).

Em vista disso, estabeleceu-se como metodologia a análise não apenas da forma, mas também do conteúdo desses vídeos que, em sua larga maioria, conservam uma história positivista e metódica, como pretende-se argumentar. Como aponta Malerba (2014, p. 32) ao analisar o conteúdo presente nas redes,

[...] há também um lado sombrio desse fenômeno, que é justamente o da qualidade dessa história [...]. A história social, processual, interpretativa, estrutural, analítica, crítica, não chega ao grande público, e sim a história paroquial, episódica, factual, pitoresca, anedótica, biográfica, das grandes batalhas, em rápidas narrativas dramáticas inflamadas. [...] O problema é que essa história popular é de qualidade questionável.

Por quais motivos essa história ainda é tão disseminada, mesmo em espaços supostamente atualizados e encorpados de novidade? Uma resposta possível é pensar que no senso comum, ainda existe uma concepção linear e abstrata da História, uma que não é feita de contradições e tensões, mas que deve ser verídica e conclusiva como um dado matemático. Contudo, é necessário levar em consideração outros aspectos para o entendimento da forma que a história tomou ao longo dos anos e não somente na internet.

A dissertação será dividida em três capítulos. “O Produto” de modo a reconhecer a historiografia como fruto de uma práxis, sempre resultado de um tempo; “O Instante” que busca ampliar o olhar sobre o tempo; “O Consumo” para se atentar sobre o que permanece e se torna tendência na produção da história para as redes. Todos os subtítulos são questionamentos como um convite à reflexão sobre o que é ser historiador hoje. A escolha de organizar o pensamento dessa forma não é a falta de clareza sobre o que se propõe aqui — o que de modo algum seria negativo —, mas encorajar o leitor a caminhar pelos muitos questionamentos manifestos durante a elaboração da dissertação.

O primeiro capítulo é dedicado à reflexão sobre o que significa e como se produz a História, seu desenvolvimento como ciência no século XIX e como a própria disciplina pensa a si mesma hoje. Reiterar a existência de uma relação dialética e inseparável entre historiografias, temporalidades e relações de poder. Qual o papel do historiador na produção historiográfica? Uma vez que a História contém um valor, como se aspira argumentar, como essa qualidade se perde ou se conserva na disseminação atual de conhecimentos sobre o passado? A história foi e é constantemente transformada em algo que pode ser traduzido em um objeto com valor lucrativo, seja por meio de revistas, filmes ou os livros didáticos, entre outras modalidades. O entendimento da historiografia como algo que possibilita o retorno financeiro é o pontapé necessário para compreender a História em tempos de Tiktokzação.

O capítulo seguinte é focado em estabelecer bases que possam contribuir para a reflexão sobre as diversas formas de experimentar o tempo cotidianamente. Uma vez que o processo de aceleração se concretiza por uma demanda do capitalismo, é possível aferir que todos os que vivem sobre esse modelo de produção sentem essa temporalidade que, apesar de não ser a única existente, se torna hegemônica. Além disso, é importante considerar como as relações sociais mediadas pelas tecnologias digitais da informação e comunicação interferem nas maneiras de nos temporalizar. Será dedicado também à construção teórica e conceitual do que significa a tiktokzação de maneira mais efetiva. Ainda nesse capítulo, trataremos da

exposição e apresentação mais detalhada do TikTok, desde sua formação e criação enquanto plataforma e como o produto que conhecemos atualmente.

O capítulo três será dedicado à problematização dos desdobramentos e impactos na produção historiográfica e disputas temporais na contemporaneidade. Para tanto, destacam-se três objetivos: 1) Dissertar sobre a produção “Tiktokzada”, observando principalmente as demandas e desejos do público com relação ao passado, a partir de uma ótica da espetacularização (Debord, 1997); 2) Explanar sobre o que pode ser “tiktokzável” da história; 3) Propor caminhos possíveis por meio da crítica da “Tiktokzação”, buscando apontar outras maneiras de experimentar o tempo e pensar a história enquanto disciplina.

A principal hipótese está em observar como as dinâmicas nas redes acabaram por modificar — mas não transformar em sua totalidade —, características da historiografia, que agora se encontram submetidas a uma lógica de consumo individual e algorítmica. Essas dinâmicas são perpassadas por um tempo que se insere e interfere diretamente no processo de produção, circulação e consumo de conteúdos sobre História nas plataformas sociodigitais. É no curso de teorização sobre esse fenômeno, buscando estabelecer certas bases de explicação, que podemos compreender suas contradições e como a Tiktokzação se conecta à sociabilidade capitalista e ao ofício historiográfico.

2 O PRODUTO

A design de moda, Gracy Cristina, em seu perfil no Tiktok, “Curiosamoda”, postou em sua conta um vídeo denominado “Filhos de Maria Antonieta¹⁰”. Nele, a criadora de conteúdo comenta sobre o destino dos filhos da rainha após sua morte. Aqui são apresentadas informações sobre o nascimento desses herdeiros, além dos filhos supostamente adotados. Enquanto narra a vida e rumo dos descendentes em primeiro plano, podemos acompanhar ao fundo do rosto de Gracy, retratos e pinturas dessas figuras da nobreza que, vez ou outra, são intercaladas com cenas de filmes sobre esses personagens históricos.

Nos comentários do vídeo, os que acompanham o conteúdo expressam seus pensamentos sobre o que acabaram de assistir: “Amei!”, “Que trágico!”, “Pobre Maria Antonieta amava tanto os filhos que deve ter sido horrível”, “Na sua opinião qual o melhor *streaming* para assistir séries/filmes sobre reinados e monarquia?”. O que acontecia na França naquele momento e levou ao desdobramento dessas mortes não é situado ou explicado por Gracy Cristina, cujo foco é o fim desvirtuado de uma família. Se os desdobramentos políticos que levaram às mortes não são explicados — afinal “Do que morreu os filhos da Maria Antonieta?”, como perguntou uma seguidora —, as datas e a ordem cronológica dos óbitos são bem estabelecidas.

E o que isso tem a ver com a cultura histórica? Talvez nada ou, quem sabe, absolutamente tudo. Apesar de não ser historiadora — e principalmente por não ser —, é perceptível que Gracy Cristina produz o seu conteúdo embasada em concepções que, teoricamente, estariam superadas no âmbito da escrita da História. Sua narrativa é, de certo modo, eurocêntrica, linear e um tanto factual ao se preocupar com as informações em si e não com a possível interpretação ou reflexão sobre o que diz. É possível encontrar no “CuriosaModa” inúmeros vídeos sobre a família real francesa. O que significa, na lógica de uma sociedade espetacular (Debord, 1997), que esses conteúdos têm demanda social, caso contrário não seriam produzidos pela *tiktoker*¹¹.

É a partir dessas peculiaridades do TikTok que podemos começar fazendo o seguinte questionamento: o que significa escrever ou produzir História? Não se pode afirmar que essa é uma pergunta inovadora, mas uma indagação que assombra os cientistas do tempo desde o século XIX. Contudo, considerando as novas formas de se comunicar e disputar o passado nas redes, esse questionamento, apesar de datado, é basilar para o entendimento do que significa a

¹⁰ [Filhos da Maria Antonieta](#). Acesso em 12/05/2024.

¹¹ Termo utilizado para se referir às pessoas que trabalham e se dedicam a produção de conteúdo para a plataforma do Tik Tok.

Tiktokzação. A reflexão sobre a cientificidade da historiografia teve seu auge no século XIX, no qual diferentes teóricos procuravam dar contornos de ciência para uma área que estava sendo posta em cheque por outros ramos do conhecimento humano. Logo, compreender o que é produzido na e para a internet não se dá simplesmente problematizando a dinâmica das redes e o vídeo como um produto acabado, isso é apenas parte do problema. Antes, se torna primordial se atentar ao que se estabeleceu como Historiografia.

A tentativa de apreender esse movimento não significa afirmar que o debate oitocentista sobre a cientificidade da História se deu de forma homogênea, mas talvez seja plausível identificar orientações que se tornaram hegemônicas na área com relação às suas teorias e metodologias. Além disso, levantar esses questionamentos desencadeia a necessidade de identificar como essas diretrizes científicas se ramificaram em terras brasileiras. É partindo, a priori, dessa processualidade histórica, quanto aos percursos da historiografia, em especial no século XIX, que encontraremos caminhos de entendimento acerca dos elementos de monetização da disciplina.

2.1 O que se tornou a História quando se fez ciência?

O que pode parecer uma pergunta já repetida inúmeras vezes, afinal, a História é sim uma ciência — e a afirmação disso é mais do que necessária em tempos de negacionismo —, o que se pretende conceber aqui, mesmo que de forma preliminar, é avaliar que tipo de ciência a historiografia se tornou. Os historiadores realmente pensam e questionam sua prática, ou apenas tomam para si elementos já estabelecidos do ofício como suficientes para legitimar seu discurso? Com as mudanças e novas correntes teóricas metodológicas que se desenvolveram dentro da área ao longo dos anos, muitas delas com uma perspectiva de ampliação das possibilidades de se escrever história, acabamos por colocar em segundo plano a crítica à própria historiografia, não historicizando sua própria realização.

Trata-se de uma espécie de vício de origem e de uma época, os anos 1920 na França, quando e onde se sonhou a história como um tipo de ciência que hoje nem mesmo as ciências acreditam ser, isto é, como uma prática/técnica tão confortável no interior do Estado social moderno que dispensaria pensar suas condições teóricas e institucionais, tarefa que talvez se poderia delegar a outros técnicos como psicólogos e filósofos (Araújo, 2013, p 35).

É notório que a escrita do nosso tempo presente não é a mesma do que foi estabelecido durante o século XIX, pelo menos em partes. Aliás, o pensar sobre a escrita da História já estava em pauta muito antes dos oitocentos, encontrando considerações sobre a forma desde o século XVI. Jean Bodin, no transcorrer do Renascimento europeu, dedicou-se a ponderar sobre os afastamentos entre a poesia e a história. Para o autor, a história teria como

características o compromisso com a veracidade, a conservação de saberes políticos, além de diretrizes para o futuro (Nicolazzi, 2011). Concepções lineares do tempo também já se faziam correntes nesse período, como apontado por Koselleck (2006).

Porém, é na dita modernidade, em meados do século XVIII, que as experiências humanas com relação ao tempo se tornam o centro de reflexão de diversos filósofos e teóricos, sendo esse movimento posteriormente denominado Filosofia da História. De acordo com Guimarães (2003, p. 24-25),

[...] a filosofia da História fora capaz de definir o terreno da História como objeto de uma reflexão sistemática e racional, garantindo assim para o mundo dos feitos e realizações humanas a possibilidade de um conhecimento sistemático e metódico. [...] esta filosofia da História conseguiu garantir para o mundo humano a possibilidade de sua compreensão racional e sistemática, desenvolvendo para além da aparência, pretensamente caótica dos feitos, o sentido maior que viria a construir a possibilidade da História como totalidade integrada.

Nesse sentido, é significativo a menção, ainda que introdutória, a alguns desses filósofos para explorar como suas ideias percorreram e ainda se fazem presentes, em alguma medida, no desenvolvimento teórico-metodológico da historiografia. É necessário salientar que esses intelectuais não eram neutros em suas conceituações, mas partiram de conjunturas específicas, nas quais a autoridade sobre o passado se fazia central nas disputas ideológicas que estavam acontecendo em um momento de constantes rupturas políticas, econômicas e culturais (Koselleck 2006, 2014; Guimarães, 2006). Dito de outro modo: não é possível pensar a história e sua fundamentação como ciência desconsiderando as relações de poder que estavam postas.

Uma segunda observação a ser feita se refere ao reconhecimento de que o pensamento filosófico sobre o tempo, nesse período, não significa uma homogeneização dessa reflexão. O entendimento sobre o Tempo e, posteriormente, da História não estavam dados apenas por grupos ou intelectuais de posição privilegiada na sociedade. Se o debate se iniciou por meio desses pensadores, não significa que se limitaram a eles, mas foram reapropriados e criticados por outros intelectuais que ressignificaram essas ideias, sendo a crítica marxista uma expressão desse movimento.

Por último, referente à seleção de autores aqui traçados, de caráter eurocêntrico em sua maioria, não significa aludir indiretamente à falta de reflexões dessa natureza em outros lugares do mundo, nem mesmo que as desconsideramos como essenciais para análises críticas. Essa ressalva também se destina aos historiadores e pensadores que por ventura não são citados, considerando os limites da dissertação. Como dito acima, a proposta aqui se dá na tentativa de compreender como essa forma particular de pensar o tempo, em moldes

metódicos e positivistas, acabou se tornando uma concepção predominante na historiografia, além de suas tensões no percurso do tempo. Afirmar essa hegemonia de maneira nenhuma significa dizer que ela é absoluta, visto que o objetivo dessa pesquisa se dá justamente no caminho contrário, em propor outras formas de nos temporalizar a partir da crítica ao que está materialmente e ideologicamente posto na realidade.

Desse modo, para alguns estudiosos, a História, como um objeto de reflexão, começa a tomar corpo com Vico, ainda no século XVIII. Retornar a Vico para explanar sobre a Filosofia da História — termo esse pouco utilizado em sua época (Saliba, 2003) — pode parecer exagero, mas a intenção aqui está em remeter, minimamente, as influências do autor para o entendimento do que significa a história. Assim, de acordo com Reis (2003a, p. 290, *grifo do autor*):

No século XIX, muitos autores se voltaram para a sua *Ciência nova* em busca de inspiração contra o racionalismo exacerbado que os asfixiava: Goethe, Herder, Dilthey, Ranke, Victor Cousin, Michelet, Marx. [...] Ele traiu também, pelo seu interesse em mentes selvagens (Mauss/Lévi-Strauss/Godelier), na linguagem e pensamento de crianças (Piaget), em mentalidade e modos de pensar (etno-história, Annales).

Ainda de acordo com Joasilho (2004), Vico trouxe de original para o campo da filosofia a concepção de que os seres humanos estão inseridos em um tempo e que suas habilidades dependem relacionalmente dessa conjuntura. O autor estava em constante conflito intelectual com pensadores como Descartes que, como racionalista, defendia a tese que a existência humana no mundo não poderia ser objeto de conhecimento confiável, sendo apenas a matemática, por exemplo, segura. Vico contestava essa hipótese, afirmando que, como primeiro critério de conhecimento, que tudo criado pelo ser humano pode ser conhecido. Nesse sentido,

A matemática, por exemplo, só é clara e distinta porque é uma criação humana. Ela não passa de uma linguagem humana! Segundo esse critério, só as criações humanas seriam conhecíveis: o direito, às artes, às linguagens, a mitologia, os costumes, a cultura. Contra Descartes, a História torna-se plenamente conhecível, pois é a suprema obra humana (Reis, 2003a, p. 291).

Logo, como forma de compreensão da história, o pensador italiano reconhece a história como fruto da ação humana, o que consequentemente permite sua agnição. Civilizações, sociedades, culturas, nações, etc., podem ser apreendidas pelo historiador, que deveria se preocupar em captar seu sentido¹². Vico elabora seu entendimento acerca do ser humano em sua historicidade, negando uma essência, ou natureza, mas reafirmando um certo

¹² “Vico parte do princípio de que o homem não tem ‘natureza’, tem apenas ‘história’ e a tarefa de descobrir um sentido da História - que Vico designa como ‘história ideal eterna’ - é descrita como a principal vocação do historiador” (SALIBA, 2003, p. 287).

movimento da história¹³. Assim, “[...] os homens fazem a sua própria história e, podem, portanto, reexperimentar esse processo na sua imaginação” (Saliba, 2003, p. 286). Sob esse ponto de vista, distanciava-se de intelectuais racionalistas de sua época que compreendiam a história de uma forma mais abstrata, por meio da razão, desconsiderando outros aspectos artísticos e mitológicos de períodos anteriores da Europa.

Vico nos leva a percorrer uma longa viagem pelo território da história antiga, dos caldeus aos romanos, e com inúmeras repetições e argumentos dispersivos, gasta toda a primeira parte do livro para comprovar que é a fantasia que cria os mitos e os rituais que representam dramaticamente os conceitos primitivos da humanidade; e que é essa mesma habilidade, a fantasia, que gera nosso sentido do passado (*Idem*, 2003, p. 287).

Além dele, outros dois filósofos que merecem breves considerações são Kant e Hegel, principalmente ao considerarmos suas influências para diversos outros intelectuais. Ambos de intensa capacidade em demonstrar, ainda que não de forma totalizante, as concepções de tempo no imaginário intelectual do século XVIII.

Considerado o pai da ciência moderna, Kant estudou teologia e frequentou a universidade de Konisberg, durante o século XVIII (Gardiner, 2004). Ainda que crítico a algumas correntes racionalistas de seu tempo, suas ideias não negavam a existência de categorias a priori, como a própria concepção de tempo, no pensamento humano para análise e interpretação da realidade — habilidades essas, é importante ressaltar, concedidas pela própria natureza.

Em meio a suas reflexões sobre a metafísica, epistemologia e estética, Kant também dedicou um pouco do seu interesse intelectual para o desenvolvimento da História (*Idem*, 2004). É muito substancial, em seus escritos, o entendimento e a defesa de um progresso humano, em um sentido teleológico e universal, cujo objetivo final seria um estado de moralidade e de Direito. Mesmo que Kant reconheça a história como parte da ação humana, existe um princípio de pressupostos já dados, substância do seu pensamento, que continua conservado em Hegel. Este, por outro lado, observa o desenrolar do tempo e da história em uma perspectiva filosófica e dialética, de horizonte idealista e valorativo da razão. Diferente de abordagens de Vico que, por não se adequar rigorosamente às concepções iluministas da época, prestigiava o papel das emoções e da fantasia nos estudos sobre o passado, aspectos estes considerados o “outro” por da razão (Reis, 2003).

Hegel, ainda que marcado fortemente por convicções de caráter racionalistas,

¹³ Esse ponto também é reforçado por Reis (2003) e Koselleck (2006, p. 54), já que ambos os autores apontam que Vico estabelece uma separação entre o que seres humanos podem conhecer (História), e que a natureza apenas pode ser compreendida em sua totalidade por Deus.

procurou superar a dicotomia entre concepções materialistas e idealistas do seu tempo. Esse movimento se deu, até certo ponto, como uma forma de se distanciar do apriorismo da razão kantiano (Mészáros, 2009). Logo, a grande originalidade de Hegel se revela na forma como concebia o movimento da história, reconhecendo a contraditoriedade do espírito (ou consciência humana). A filosofia do espírito, ou a História, nada mais é do que a efetivação da liberdade humana ao longo do tempo, o que na prática significa o tensionamento entre o pensamento puro e a realidade exterior às ideias¹⁴.

Dessa forma, em Hegel pode se apontar dois pontos de partida para se compreender a história: 1) A realidade está em constante transformação, logo tudo é histórico; 2) Tudo se move por meio do princípio da contradição, ou seja, todos os seres contêm em si mesmo sua própria negação, o que possibilita o deslocamento apontado no princípio anterior. O movimento dialético acontece a partir de uma tese-antítese-síntese. Tese como uma afirmação, que é negada por uma antítese, produzindo uma síntese que se torna uma tese. Em última instância, é possível afirmar que Hegel procura, na sua filosofia histórica, rejeitar a divisão entre ideia e matéria, ainda que elevasse o primeiro como fundante do movimento do real.

A razão é definida por Hegel como substância ativa e consciente. O espírito, ou razão, é pura inquietude e por isso não repousa nunca. A razão não é apenas potência infinita mas é, ainda, substância, conteúdo e matéria infinita para sua auto-atividade. A razão universal é aquilo que não carece de nada, é aquilo que existe em si e por si (Antunes, 2004, p. 24).

Assim, a própria história passaria a ser um traço constituinte do espírito humano, de ação ou deslocamento próprio. “A filosofia universal é, para Hegel, nada mais que a descrição do desenvolvimento do conceito de liberdade e racionalidade desde o interior do estado de natureza e selvageria até o estado civil moderno, passando por uma série de estágios que se sucedem no tempo” (*Idem*, 2004, p. 25).

Uma vez que a reflexão sobre o tempo, a história e a sua “apreensão” perpassou boa parte da intelectualidade europeia do século XVIII, Koselleck (2006) expôs esse movimento, por exemplo, a partir dos aspectos simbólicos e linguísticos do período, observando as mudanças de sentidos com relação às palavras *Historie* (o relato, a narrativa) e *Geschichte*, esta última passando a ser utilizada para se referir ao “acontecimento em si ou, respectivamente, uma série de ações cometidas ou sofridas” (*Idem*, 2006, p. 48).

¹⁴ Para Hegel o Estado burguês seria a materialização do próprio espírito, já que seria a instituição responsável por garantir a liberdade entre os homens. “No Estado, o homem realiza sua plenitude; nele a oposição entre vontade geral e vontade particular e liberdade e necessidade é superada” (Antunes, 2004, p. 26).

Posteriormente, a mesma palavra foi estabelecida entre o léxico nacional para referir a história em quase todas as suas definições¹⁵. Ou seja,

No período que se seguiu aos acontecimentos da Revolução Francesa, a História tornou-se ela própria um sujeito, ao qual foram designados atributos divinos como “todo-poderosa”, “justa”, “equânime” e “sacra”. O “trabalho da história”, para usarmos as palavras de Hegel, é uma espécie de agente que domina os homens e fragmenta sua identidade natural. (*Idem*, 2006, p. 50).

Apesar desse aspecto se realizar conjuntamente com o desenvolvimento da Filosofia da História, ou seja, as primeiras tentativas eurocêntricas de se sistematizar o pensamento sobre o tempo, isso também desencadeou outras chaves de leitura com relação e a preocupação com a cientificidade da historiografia.

O foco na História como uma categoria puramente ideal, e a falta de uma metodologia que pudesse compreender os acontecimentos passados de forma analítica, faz com que a historiografia do século XIX inicie seus apontamentos em um processo de distanciamento — não de superação, é importante destacar — desses filósofos da história. O desenvolvimento de outras ciências, como as naturais e o surgimento da sociologia com Comte, também contribuíram com esse trajeto, colocando a história em xeque em relação a seu caráter científico. Mediante a crise que se instalava, se tornou cada vez mais necessário desenvolver um método.

Coube a Leopold von Ranke estabelecer as primeiras bases do que seria essa ciência, transformando o passado de vez em um objeto passível de investigação empírica (Guimarães, 2006). Seu repertório de obras historiográficas é bastante amplo, contribuindo com as histórias dos povos românicos e germânicos; príncipes e povos da Europa; a história religiosa dos papas, além de escritos sobre a Itália, França e Inglaterra (Gooch, 2022). Para além do seu entendimento sobre a história, Ranke buscou desenvolver as bases para uma metodologia do trabalho historiográfico, como o próprio processo de escrita, utilização e manuseio com as fontes.

Assim como a Escola dos Annales¹⁶ que posteriormente fez um movimento de ampliação do que poderia ser considerado fonte para o historiador, é possível afirmar que Ranke já tinha cursado um movimento parecido (*Idem*, 2022). De acordo com Barros (2012, p. 979), Ranke “foi o primeiro historiador a utilizar como fontes históricas as *relazioni*

¹⁵ Esse movimento, juntamente com o aprofundamento sobre as diferentes formas de se temporalizar do século XIX serão melhor aprofundadas no capítulo 2.

¹⁶ A revista Annales foi estabelecida em 1929 por Marc Bloch e Lucien Febvre, tornando-se uma influência nos estudos da História, por meio de um movimento denominado Escola dos Annales. Embora frequentemente referido como uma escola, não seguia uma estrutura rígida, em torno de uma única convicção. Desde o início, a revista foi uma publicação inovadora e provocadora, adotando uma postura altamente crítica em relação à abordagem tradicional da história, particularmente dentro da Academia.

(relatórios secretos) dos ‘embaixadores’ venezianos. Utilizou, em sua pesquisa sobre a história da Itália, um arquivo praticamente inexplorado [...]”. Ainda com relação à documentação, o historiador alemão desenvolveu, de forma mais clara o que seria a crítica documental.

Começamos, com Ranke, a indagar sobre a nacionalidade do autor, sobre sua religião, ou mesmo posição política. Outras perguntas vieram no futuro, até que o próprio autor de um documento pudesse ser um dia tratado não apenas como fornecedor de informações, mas como o próprio objeto a ser analisado. Discretamente, Ranke já começa a fazer isso com a sua análise da historiografia de cada época (Barros, 2013, p. 985).

O autor também demonstrou ser um exímio contador de histórias, “examinava o passado como os olhos de artistas e não de estadistas” (Gooch, 2022, p. 65). Leitor de romances, sua escrita transpassa sua habilidade em construir uma narrativa envolvente. Esse ponto merece menção justamente pelas tentativas, ao longo dos séculos XVIII e XIX, de distanciar a história da literatura, vista como uma prática que poderia tolher a cientificidade da historiografia. Essa tensão não necessariamente existia nos escritos de Ranke¹⁷.

Ao longo dos anos, sua obra se tornou bastante polêmica entre historiadores, cabendo discorrer, mesmo que brevemente, sobre seus escritos envolvendo suas posições quanto ao distanciamento, objetividade, neutralidade e o ofício de narrar o passado. Dentre suas elaborações teóricas sobre a história, é possível afirmar que o autor defendia uma concepção na qual cada sociedade, assim como cada época, tem suas particularidades e seu valor.

“Toda época tem um valor em si próprio, substantivo, um valor que deve ser buscado, não do que dela emana, mas em sua própria existência, em seu próprio ser. É isto o que dá à história e concretamente ao estudo da vida individual dentro dela, um encanto especial, o que faz com que cada época deva ser considerada como algo com validade própria [...]” (Ranke, 2022, p. 109).

Isso por si só contribui para afastá-lo de acusações que o categorizam como positivista — esfera que nem ao menos existia em sua época —, estes que tinham como objetivo, dentro da disciplina histórica, encontrar leis gerais que servissem para toda e qualquer situação ao longo do tempo (Barros, 2013). Ainda em consideração ao positivismo, Ranke foi alocado dentro desse grupo, principalmente por historiadores como Febvre¹⁸, pela sua defesa a favor da neutralidade e objetividade no trabalho historiográfico. Desse modo, é necessário pontuar o que o historiador alemão entendia com essas categorias:

¹⁷ A história constitui parte da literatura, pois sua missão consiste em fazer ver de novo como ocorreram os sucessos e como eram os homens do passado, guardando a lembrança disso para todos os tempos (Ranke, 2022, p. 287).

¹⁸ “[...] no fundo o que queriam Febvre e outros que o acompanhavam nos seus combates históricos era designar pejorativamente como “positivistas” àqueles historiadores que aderiram servilmente ao projeto [positivista] de divisão do trabalho proposto por sociólogos durkheimianos” (Barros, 2013, p. 993).

A objetividade diz respeito ao primeiro pólo da prática histórica: o encontro do historiador com seu objeto, com as suas fontes - operação simultaneamente científica e sagrada para Ranke - referindo-se também à ambição de se aproximar cientificamente da realidade histórica a ser examinada. Já a neutralidade refere-se a um âmbito bem distinto: o encontro do historiador consigo mesmo - sujeito que produz o conhecimento histórico e que precisa fazer escolhas relacionadas aos modos narrativos e aos aspectos interpretativos (Barros, 2013, p. 995).

Por objetividade, Ranke defende o princípio do compromisso do historiador com suas fontes, em que só se pode afirmar aquilo que se apresenta na documentação, esta que, por sua vez, deve ser analisada a partir de critérios sólidos de crítica documental. Ou seja, o historiador não pode fabular ou criar uma informação que não esteja embasada ou sustentada por suas fontes. Como explicita Gooch (2022, p. 67):

[...] inaugurou a ciência da prova mediante a análise das autoridades, contemporâneas e posteriores, à luz do temperamento do autor, sua filiação e suas oportunidades de saber, por comparação com o testemunho de outros escritores. Desde então, todo historiador deve investigar onde seu informante obteve os dados.

Com relação à neutralidade é necessário mais atenção. É pertinente ressaltar que Ranke, de certa forma, defende a procura, dentro do possível, do relato e comunicação do passado de forma isenta. Entretanto, sua neutralidade reconhece a pluralidade da história, e de que não seria possível afirmar que uma época é superior ou inferior que outra, por exemplo — o que mais uma vez impossibilitaria de interpretá-lo como um positivista em seu tempo. “[...] diante de Deus, todas as gerações da humanidade são iguais, tem valor idêntico, e esse deve ser também o ponto de vista do historiador” (Ranke, 2022, p. 109-110). Em suma, Ranke concebeu sua escrita como um método, assentada em uma objetividade do fazer científico. A historiografia deveria reconstruir os fatos como realmente teriam acontecido, não no sentido de garantir uma verdade absoluta, mas introduzindo no olhar do historiador o entendimento de que não se pode julgar o passado como se o presente fosse necessariamente melhor.

As contribuições de Ranke para a História não tardaram a se disseminar pela Europa, chegando na França e influenciando para a formação da chamada Escola Metódica, preocupada, em especial, com o desenvolvimento científico da história. Dentre estes historiadores, dois se destacam: Charles V. Langlois e Charles Seignobos, que em 1898 publicam em conjunto “Introdução aos Estudos Históricos”. Em última instância, a obra tinha como objetivo apresentar e fundamentar os métodos necessários para tornar a História uma ciência, demanda essa ancorada em um momento de crescimento de outras áreas como as naturais e exatas¹⁹. Como referido por Cassirer (2012, p. 320):

¹⁹ Em alguns momentos da obra, observa-se a comparação e tentativa de aproximação da história com essas áreas: “Mesmo os fatos que, após comparação com outros, acabam por ser estabelecidos, estão sujeitos a exclusão temporária, como os casos clínicos que se acumulam nos exames médicos antes de serem considerados suficientemente provados como fatos científicos” (Langlois; Seignobos, 2017 p. 157).

Na segunda metade do século XIX houve muitos historiadores que nutriam esperanças extravagantes com a introdução dos métodos estatísticos. [...] Se fosse possível descrever estatisticamente os fenômenos históricos isso poderia ter um efeito revolucionário sobre o pensamento humano. [...] Os primeiros escritores históricos a expor essa visão estavam convencidos de que não só o estudo dos grandes movimentos coletivos, mas também o da moralidade e da civilização, dependiam em grande medida de métodos estatísticos.

Nesse sentido, para se reafirmar como ciência seria necessário apontar, por Langlois e Seignobos, a que abordagens os historiadores procuraram se distanciar com o que até então se entendia por história. Assim, dois adversários são postos: a Filosofia da História e a escrita literária e ficcional. Em relação ao primeiro, ao discorrer sobre a análise crítica das fontes, que, conforme os autores, é o que dá origem aos fatos passados, os historiadores reiteraram a centralidade das documentações juntamente com as operações necessárias para organizá-las, uma tarefa que faz parte da metodologia do historiador.

O modo de construção não pode ser regulado pelo plano ideal da ciência que desejamos construir, pois depende dos materiais que temos à nossa disposição. Seria ilusório formular um esquema que os materiais não nos permitiriam realizar; seria como propor construir uma torre Eiffel com tijolos. O defeito fundamental da filosofia da história é esquecer essa necessidade prática (Langlois; Seignobos, 2017 p. 155).

Com relação à crítica literária, presente na escrita de diversos historiadores ao longo dos séculos XVIII e XIX, suas observações são mais incisivas e presentes ao longo da obra.

Além disso, não é o “historiador literato”, do moralista e narrador da história, tal como imaginaram Daunou²⁰ e sua escola, que temos em mente; estamos preocupados aqui apenas com aqueles eruditos e historiadores que se propõem a trabalhar com os documentos com o real objetivo de realizar um trabalho científico de história (Langlois; Seignobos, 2017 p. 34).

Também quando se afirma que parte do ofício historiográfico está em não apenas organizar e catalogar documentos²¹, mas utilizá-los de maneira mais conflitante, os autores retomam suas críticas ao modelo literário, pontuando-a como um entrave para a fundamentação científica da história:

A construção histórica tem assim de ser realizada com uma massa incoerente de fato minuciosa, com o conhecimento detalhado reduzido a dados pontuais. Deve utilizar uma mistura heterogênea de materiais, relacionados a diferentes assuntos e lugares, diferindo em seu grau de generalidade e certeza. Nenhum método para classificá-los é fornecido pela prática dos historiadores; a história, que começou por ser uma forma de literatura, permaneceu a menos metódica das ciências (Langlois; Seignobos, 2017 p. 157).

²⁰ Pierre Claude François Daunou (1761-1840) foi um político e historiador francês. Foi professor de história e influente na academia francesa, sendo conhecido por suas análises da Revolução Francesa e da história nacional.

²¹ “Os documentos podem ser agrupados atendendo a sua data, lugar de origem, conteúdo ou forma. Aqui temos as quatro categorias de tempo, lugar, espécie e forma; por superposição obteremos divisões de menor extensão” (Langlois; Seignobos, 2017 p. 75).

Uma vez que se estabelece, para a escola metódica, o que não é a história, o que passa a ser efetivamente seu modelo científico? Para os historiadores franceses, em suma, a história é a ciência do passado (Oliveira, 2015), afirmação essa que muitas vezes se revela apenas de forma implícita na obra. Ainda que o historiador tenha de fazer a análise crítica de suas fontes e nem sempre confiar no que é dito em um primeiro momento, a objetividade e a verdade dos fatos devem ser os elementos guiadores do ofício. Apesar de não haver passagens que afirmam apenas serem considerados os "documentos oficiais", as diversas descrições de onde encontrar essas fontes (arquivos, bibliotecas particulares, acervos de colecionadores privados, gabinetes, coleções e cópias de documentos originais) acabam exemplificando a crítica feita posteriormente pelos Annales.

Agora, as melhores coleções particulares de documentos – de bibliotecas e museus – estavam naturalmente, desde o Renascimento, nas casas reais da Europa. Dos tempos do antigo regime, as coleções reais permaneceram em sua maioria abertos, ou entreabertos, ao público. E enquanto as demais coleções eram com frequência vendidas quando seus proprietários faleciam, aquelas, por outro lado, não cessaram de se enriquecer: enriqueceram justamente com os restos das demais (Langlois; Seignobos, 2017 p. 18).

Com isso é exequível identificar outros dois aspectos centrais dessa corrente historiográfica. A primeira delas é a declaração de que tipo de documentação deveria ser considerada para a produção científica, uma abordagem mantida por meio de registros escritos de sujeitos “ilustres”. Em segundo lugar, o recorte de tempo no qual o historiador deveria direcionar seus esforços: o passado. Aspectos esses reforçados quando os autores decidem elencar as “ciências auxiliares da História”. “Devemos, então, garantir à Diplomática, assim como à Epigrafia, Paleografia ou Filologia, o caráter de disciplina auxiliar da pesquisa histórica” (Langlois; Seignobos, 2017 p. 39). Ou seja, disciplinas cujo olhar é voltado, única e exclusivamente, para a documentação escrita, visando a possibilidade de assegurar qualquer confiabilidade ao suposto fato ali existente. A defesa da Diplomática como auxiliar, por exemplo, se justificaria a partir dessa crença na eventualidade de identificar falsificações e com isso robustecer o ofício²².

Em suma, com a Escola Metódica é perceptível observar uma virada na forma como os historiadores lidam com o passado até aquele momento. O historiador passa a ser o

²² “Distinguir uma informação autêntica de outra falsa seria, de fato, tarefa impossível ao mais bem preparado filósofo lógico, se ele fosse capaz de distinguir, a partir de certa prática, os usos de determinada chancelaria de determinada época, ou conhecer as características habituais de cartas de um tipo particular. [...] Sua tarefa não seria enormemente simplificada se conhecesse a existência do corpus doutrinal, um conjunto de observações acumuladas, um sistema de resultados obtidos por historiadores que antes fizeram, refizeram e confirmaram as minuciosas comparações que se vê obrigado a efetuar por ele mesmo? Este corpus de doutrinas, conclusões, e resultados, construído para facilitar o exame de diplomas e cartas, existe: é a chamada diplomática” (Langlois; Seignobos, 2017 p. 39).

responsável por revelar aspectos de factualidade intrínsecos na fonte. A crítica passa a ter um aspecto quase filológico, na busca do sentido único presente na documentação. A atribuição de outros questionamentos ou interpretações indicaria que a imparcialidade científica foi comprometida e o sentido “correto” ou “verdadeiro” se perdeu. Isso também vale para a escrita com elementos literários. Além disso, a instauração de um recorte documental, considerado apenas aqueles de suporte escrito e de um determinado período (o passado), também seria um traço primordial para a garantia da cientificidade histórica.

Em consideração ao que foi posto até aqui, os padrões da Historiografia moderna, durante seu desenvolvimento, podiam ser sintetizados em dois pontos: disciplinar e compilatória. Apesar de um desejo por neutralidade, a história como ciência estava vinculada a um projeto político, em especial com relação à construção de um ideário nacional (Guimarães, 2003). Identificar elementos desse processo desencadeia outra etapa da reflexão em torno da cientificidade da História que não ficou restrita ao espaço europeu.

É sabido que a Revolução Francesa também trouxe impactos políticos e teóricos ao final do século XVIII (Guimarães, 2006). A insurreição colocou Portugal numa posição na qual a perspectiva de progresso “natural” foi posta em cheque. Com isso, o Brasil passa a ser visto como um território de valiosos recursos e grandiosidade que não poderia ser ignorado caso a coroa ainda desejasse buscar uma “regeneração” (Araújo, 2008). O Reino do Brasil seria um novo começo para a família real portuguesa, um lugar onde pudessem expandir seus princípios e cultura, proporcionando a liberdade necessária para o Brasil escrever sua própria história. Assim, a chegada da Família Real foi um divisor de águas, pois significava “recolonizar discursivamente um tempo e um espaço geográfico inédito” (Araújo, 2011, p. 87).

O desdobramento disso foi a introdução do Brasil em uma perspectiva temporalmente eurocêntrica e linear, junto a particularidades na forma de se escrever sobre o passado que estivessem em sintonia com essa outra temporalidade. Tudo isso está relacionado à ideia de superioridade científica dos modernos (leia-se europeus), que deveriam ser exemplos para o modo de produção historiográfico, no qual os indivíduos, ou nações, podem elaborar suas próprias narrativas. Nesse sentido, no Brasil, as práticas historiográficas aqui estabelecidas estão intimamente ligadas tanto ao processo de colonização e dominação quanto pelas particularidades de sua composição histórica nacional.

Não é surpresa que o século XIX tenha sido um momento de crescimento de escritos sobre o passado, com as mais diversas abordagens considerando a falta, até aquele momento, de uma instituição que disciplinasse a escrita historiográfica. Qualquer ente ou indivíduo

poderia falar sobre o passado, desde cronistas, jornalistas ou políticos. Isso gerava uma demanda pelo poder monárquico e político, principalmente em um momento de defesa do ímpeto por neutralidade e apartidarismo na escrita sobre o passado. Nesse sentido, o desejo por um domínio hegemônico da historiografia estava posto como resposta à transgressão e a fuga de padrões que, importante salientar, continuam a existir mesmo com o estabelecimento do discurso científico como oficial (Araújo, 2015).

É nesse ínterim que surge o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), um espaço para garantir a imparcialidade de seus resultados, um refúgio ao cientificismo.

Nos anos iniciais do IHGB é possível notar a tensão entre as demandas por um levantamento exaustivo dos fatos, herdeira de uma concepção de história ligada à crônica e à cronologia, e uma compreensão hermenêutica e narrativa que, mesmo dependente do estabelecimento positivo dos fatos, exigia uma abordagem seletiva e hierárquica dos eventos (Araújo, 2008, p. 131).

Essa instituição, entretanto, não podia ser vista como oficial da estrutura monárquica, “mas fundamentalmente como uma instituição científico-cultural, e por isso mesmo neutra em relação a disputas de natureza político-partidária” (Guimarães, 1988, p. 9). Apesar disso, é seguro afirmar que o IHGB não tinha a neutralidade como uma de suas características. Isso é notório ao suscitarmos o objetivo do instituto em construir um projeto de soberania nacional, definidor de uma identidade brasileira. A narrativa se voltou para a continuação do processo civilizatório de modo a “contribuir para a produção de novas identidades, agora tão necessárias a uma sociedade que se quer coetânea dos modelos europeus” (Guimarães, 2006, p. 79).

É a partir dessas demandas que o IHGB lançou um concurso, em 1846, para selecionar intelectuais dispostos a elaborar uma espécie manual sobre como escrever a história antiga e moderna do Brasil (Mendes, 2016). O vencedor, ironicamente um estrangeiro, foi Carl Friedrich Phillipp von Martius. Sua formação como botânico e naturalista, de certo modo, evidenciava os referenciais desejáveis para se escrever história até aquele momento. Para ele

Somente pela manutenção da Monarquia, continua o autor, é que poderá se estabelecer uma sábia organização entre todas as províncias e fazer com que a série de histórias provinciais componha a História do Brasil. O historiador filosófico deve posicionar-se enquanto um autor monárquico constitucional e escrever em um estilo popular, porém nobre, e não em uma linguagem empolada e nem carregada de erudição ou de uma multidão de citações estéreis (*Idem*, 2016, p. 7).

Uma vez que as orientações para a escrita historiográfica nacional se firmavam, é com a figura de Francisco Adolfo de Varnhagen que esse movimento se concretiza. Produzido entre os anos de 1854–57, a obra “História Geral do Brasil” foi considerada um marco significativo na escrita sobre o passado de uma nação ainda em construção, reconhecida, não

sem as devidas críticas, por historiadores décadas depois, como José Honório Rodrigues (1970). Ainda que tivesse distanciamentos sobre o que havia sido estabelecido por von Martius, Varnhagen não cortou os vínculos ideológicos com a Monarquia Constitucional (Mendes, 2016). Porém, para além da face política do historiador, Varnhagen investia nos caminhos metodológicos que, aliás, também são envolvidos por aspectos políticos.

Entretanto, abordagens como as dele não eram as únicas. A busca pela consolidação da identidade brasileira não se pautaram apenas no puro eurocentrismo, mas na valorização da população autóctone, por exemplo. Apesar de não ser uma unanimidade, teóricos no IHGB defendiam a “capacidade intelectual” do indígena que, apesar de bárbaro, poderia ser ensinado sobre os modelos de civilidade e assim se inserir no projeto de progresso e construção da nação (Guimarães, 1988). Ainda sim, o interesse pelos povos indígenas não estava desnudado de uma concepção de tempo.

[...] Ser civilizado é também uma forma de prever o futuro, dominar o tempo, administrá-lo de forma racional. Assim como uma criança é capaz de adquirir essas capacidades, tendo consciência de sua historicidade, segundo esses letrados os indígenas brasileiros seriam igualmente capazes de compartilhar uma tradição, bastando, para isso, uma pedagogia adequada às suas necessidades “infantis” (Turin, 2009, p. 46).

A maneira cientificista de se temporalizar, partindo de princípios evolucionista e linear, observava esses povos indígenas não como inferiores, mas atrasados — etapa superada pelos europeus, prova do suposto avanço — o que tornava possível abordar a “evolução” rumo à civilidade como algo natural (*Idem*, 2009).

Uma vez que não se cogita estender essa discussão em excesso, mas em consideração ao que foi exposto até aqui, o que significou o título de ciência para a historiografia? Em primeiro lugar, a forma eurocêntrica se sedimentou na sociedade brasileira, em conjunto com as maneiras de se organizar o tempo por um viés linear, com aspectos de um progressismo tal qual os intelectuais do IHGB. Conta-se, dessa maneira, com a defesa de fontes documentais “autênticas e genuínas”, de uma neutralidade metodológica, uma vez que o papel do historiador é apenas a busca pelos fatos concretos do passado, sem exposições de carácter literário (Rodrigues, 1970), que supostamente comprometem a cientificidade da disciplina. Além disso, a urgência na construção de um ideário nacional — que contrapõe a argumentação de neutralidade —, não sucumbiu, ainda que tenha se reformulado²³.

A partir dos anos 1930, figuras como José Honório Rodrigues, Gilberto Freyre ou Francisco Iglésias irrompem em meio a outras maneiras de pensar a historiografia, em

²³ A historiografia continua a ser uma prática a ser disputada por comunidades, grupos subalternizados, movimentos políticos e nacionalistas, ou seja, vertentes sociais que, em algum momento, recorrem à História como via de autoconhecimento ou como instrumento para justificar determinadas ações ou conflitos.

especial com a instalação dos primeiros programas de pós-graduação no país (Paula, 2003). Nesse sentido, enquanto Freyre atualiza, de certa forma, concepções conservadoras acerca das relações raciais do Brasil, também visa alargar a utilização de outras fontes documentais, tal qual a escola dos Annales (Reis, 2003b). Iglésias, por outro lado, demonstra em sua obra “Historiadores do Brasil” que historiadores também têm suas práticas e formas de pensar localizadas no tempo (Paula, 2003). Em suma, apesar das permanências, é possível identificar inúmeras mudanças na prática historiográfica. Com isso, existe uma questão essencial a ser levantada, complementar ao já exposto.

2.2. Como a Historiografia é traçada hoje?

Ao longo do século XX a historiografia foi se distanciando de tratos metodológicos e preceitos que a estabeleceram como ciência puramente metódica e factual. Críticas ao conceito de fonte, à relevância do presente na compreensão do passado e ao papel de interpretação do historiador, entre outros pontos, se tornaram comuns e necessários para o enriquecimento da disciplina. Entretanto, antes de discorrer sobre as críticas mais recentes ao modelo positivista e metódico, é relevante mencionar que desaprovações a esse modelo já eram corroboradas durante os oitocentos. O Materialismo Histórico Dialético, por exemplo, teve impactos teóricos-metodológicos para historiadores que se estendem até os dias atuais. Sua originalidade se revelou na compreensão do movimento histórico a partir de processos de conservação-superação, e não como um processo linear.

Essa abordagem, fruto do trabalho intelectual conjunto de Marx e Engels, tem Hegel como base, um dos intelectuais que, como citado acima, impactou a filosofia da história no século XIX. A principal crítica de Marx e Engels direcionada ao filósofo — além dos seus seguidores denominados à época de hegelianos de direita por sua postura mais conservadora —, se dava pelo seu aspecto idealista de compreender o movimento da realidade histórica. Segundo os autores, carecia em Hegel um componente materialista, que encontrariam, de maneira melhor elaborada, na produção teórica do também hegeliano Feuerbach²⁴. Contudo, apesar de um avanço em relação ao Idealismo da época, Feuerbach, de acordo com Marx e Engels, não compreendia o papel da ação humana no processo de desenvolvimento histórico.

É certo que Feuerbach tem em relação aos materialistas “puros” a grande vantagem de que ele compreende que o homem é também “objeto sensível”; mas, fora o fato de que ele apreende o homem apenas como “objeto sensível” e não como “atividade

²⁴ Foi um filósofo alemão do século XIX conhecido por suas críticas à religião e por sua influência no desenvolvimento do pensamento materialista. O autor é mais conhecido por sua obra “A Essência do Cristianismo” (1841), na qual argumenta que a religião é uma projeção das características humanas ideais e que, ao invés de os humanos serem criados à imagem de um Deus.

sensível” – pois se detém ainda no plano da teoria –, e não concebe os homens em sua conexão social dada, em suas condições de vida existentes, que fizeram deles o que eles são, ele não chega nunca até os homens ativos, realmente existentes, mas permanece na abstração “o homem” e não vai além de reconhecer no plano sentimental o “homem real, individual, corporal” [...] Na medida em que Feuerbach é materialista, nele não se encontra a história, e na medida em que toma em consideração a história ele não é materialista. Nele, materialismo e história divergem completamente [...] (Marx; Engels, 2007, p. 32)

Uma vez que os autores reconhecem a importância da materialidade defendida por Feuerbach, o próximo passo foi na vinculação da dialética hegeliana originando uma concepção própria da história. Para Marx, a consciência nasce da necessidade posta pela realidade material e, por meio do trabalho, fundamento do ser social, os seres humanos suprem suas próprias necessidades, possibilitando transformações tanto nos indivíduos como na própria materialidade ao seu redor (Marx; Engels, 2007). Com isso, Marx e Engels apresentam uma nova forma dialética de interpretar a história, demonstrando que não é apenas a matéria que determina a consciência, mas que a consciência retroage sobre a matéria e que ambas estão em constante movimento²⁵.

É a partir das relações materiais e o modo como produzem seus meios de subsistência — que passamos a chamar de economia — que os seres humanos formam a base de todas as suas relações. Os conflitos sociais e de poder também são expressões das condições econômicas da sociedade, mas não podem ser reduzidas a elas. Marx e Engels nunca defenderam uma determinação econômica em última instância, mas uma impossibilidade de compreender as contradições da realidade sem esse aspecto.

Essa concepção da história consiste, portanto, em desenvolver o processo real de produção e a partir da produção material da vida imediata e em conceber a forma de intercâmbio conectada a esse modo de produção e por ele engendrada, quer dizer, a sociedade civil em seus diferentes estágios, como o fundamento de toda a história, tanto a apresentando em sua ação como Estado como explicando a partir dela o conjunto das diferentes criações teóricas e formas da consciência – religião, filosofia, moral etc. etc. - e em seguir o seu processo de nascimento a partir dessas criações, o que então torna possível, naturalmente, que a coisa seja apresentada em sua totalidade (*assim como a ação recíproca entre esses diferentes aspectos*) (Marx; Engels, , 2007, p. 42, grifo nosso).

Esse é um movimento reafirmado por Certeau (1982, p. 70):

[...] É um mesmo movimento que organiza a sociedade e as "ideias" que nela circulam. Ele se distribui em regimes de manifestações (econômica, social, científica, etc.) que constituem, entre eles, funções imbricadas, porém, diferenciadas, das quais nenhuma é a realidade ou a causa das outras. Desta maneira, os sistemas sócio-econômicos e os sistemas de simbolização se combinam sem se identificar nem se hierarquizar.

²⁵ “Os homens têm história porque têm de produzir sua vida, e têm de fazê-lo de modo determinado: isto é dado por sua organização física, tanto quanto sua consciência” (Marx; Engels, , 2007, p. 34).

A partir do Materialismo Histórico Dialético, outras perspectivas foram surgindo na compreensão das particularidades da escrita historiográfica, tanto para reafirmar o marxismo, como para se distanciar dele. Um desses pontos de virada foi a Escola dos Annales, que estabeleceu novas bases teórico-metodológicas para além do que se definia no oitocentos, de modo a revigorar a historiografia. Questões como o que significa um evento histórico, a ampliação de fontes e o diálogo da historiografia com outras áreas das ciências humanas se tornaram recorrentes entre os historiadores.

Hoje, se tem como praxe na área, que o papel do historiador não se limita apenas e exclusivamente a narração dos fatos, mas vários outros aspectos que vão desde a produção e atribuição de sentidos construídos pelos sujeitos históricos (Cassirer, 2012); como as temporalidades são tensionadas em movimentos de avanços e recuos; o entendimento que a História é feita de perguntas diretamente ligadas às interpretações do historiador sobre as fontes, entre outros pressupostos. Dito isso, torna-se necessário detalhar algumas dessas conjecturas de modo a estabelecer melhor essas mudanças.

Diferentemente do que se estabeleceu no século XIX, a percepção de que o historiador já não consegue chegar aos fatos absolutos sobre o passado se torna cada vez mais recorrente. Essa elaboração se baseia no entendimento de que não é a função do historiador o resgate do passado, pois isso não seria possível em sua totalidade. As fontes com as quais lidamos são apenas um recorte da realidade pretérita, e cabe ao cientista do tempo a função de dar e buscar os sentidos possíveis delimitados pelas fontes. Seu ofício, desse modo, é sempre um esforço de aproximação da verdade. De acordo com Araújo (2006, p. 88):

Toda interpretação histórica mostra e oculta a verdade do que aconteceu, porque dessa verdade terá sempre e apenas uma parte. O problema dos grandes sistemas do século XIX foi imaginar que essas partes poderiam ser totalizadas de modo harmônico. Sabemos hoje que podemos retomar esses momentos de verdade, mas que nossa inevitável situação histórica nos ocultará muitos outros.

Mesmo que não seja possível o conhecimento de toda a verdade sobre o passado, paradoxalmente “[...] nós [historiadores] de certa maneira sabemos mais sobre o passado do que as pessoas que viveram lá. Ao traduzir o passado, mas também ‘reconstituir’ coisas que, antes, nunca estiveram constituídas como tal” (Jenkins, 2011, p. 34). Logo, o historiador pode estabelecer sentidos muito mais complexos sobre um tempo do que quem viveu nele. Isso é possível, pois, em última instância, escrever sobre o passado está ligado ao presente e às interpretações a atribuição de sentidos postas pelo historiador. O que se sabe hoje, sobre as construções de gênero, por exemplo, complexifica a análise do passado, de modo que historiografia sempre tem um grau de anacronismo.

Ainda seguindo essa reflexão, é importante reforçar a informação de que história e passado não são a mesma coisa, ainda que no senso comum, elas passem a ser equivalentes. Como mencionado anteriormente, em meados do século XVIII, houve um processo na Alemanha de aproximar conceitos que diferenciam a história como fato (*Geschichte*) e enquanto narrativa (*Historie*) — apesar de ambas também serem usadas para se referir ao seu sentido oposto (Koselleck, 2006). Para uma parte da sociedade, não inserida em debates acadêmicos, o termo “História” sofre desse mesmo problema, referindo-se tanto ao passado como à área do conhecimento e sua produção — o que chamamos de historiografia. “[...] tendemos a perder de vista o fato de que realmente existe essa distinção entre a história — entendida como o que foi escrito/registrado sobre o passado — e o próprio passado, pois a palavra “história” cobre ambas as coisas” (Jenkins, 2011, p. 24).

Essa falta de diferenciação pode gerar confusões, afinal, o passado é um dos objetos de pesquisa do historiador. Logo, o entendimento de que a historiografia lida com o tempo é efetivamente mais assertiva ao considerar a amplitude do trabalho do historiador, passando a ser a escrita, bem como a organização em uma narrativa desse passado por meio de um olhar teórico-metodológico. A História, nesse sentido, acaba sendo o resultado do que é produzido pelos historiadores.

Com isso, um próximo passo se dá no reconhecimento da complexa relação do historiador com suas fontes. Estas são a sustentação objetiva do passado que, apesar de serem interpretadas pelo historiador, conservam em si informações concretas sobre o que já não é presente. A fonte e a metodologia histórica são meios materiais de ancorar o trabalho do cientista do tempo em um compromisso ético sobre o que pode ser dito. Isso quer dizer que a fonte guarda e reserva para si toda a verdade? Não, caso contrário o historiador não seria necessário. Ao interpretar as fontes, o historiador, munido de ideologias, concepções teóricas e práticas políticas tenderá a ler o passado das mais diversas formas, ampliando o leque de possibilidades de se falar sobre o tempo.

Uma vez que conhecer as coisas tal como aconteceram é um desafio no cotidiano do historiador, isso não significa que esse movimento deva ser menosprezado. O historiador deve constantemente procurar apreender a realidade da melhor forma possível. Retornando a Ranke (2022), esse movimento é importante até mesmo para reafirmar a necessidade do trabalho historiográfico, seu caráter científico e sufocar concepções ideológicas que por ventura defendem a relatividade histórica, como se todas e qualquer narrativas fossem aceitas de forma equivalente. Sem esse pacto dos pares, por assim dizer, e o compromisso com a busca por uma certa objetividade do passado, a historiografia sequer seria necessária. Nesse sentido,

não existe uma tentativa de dispensar os fatos, o problema é a redução completa da historiografia a apenas buscar esses elementos do passado, como se isso garantisse neutralidade.

Ainda sobre esse ponto, cumpre questionar quem decide o que é um fato histórico. Por quais motivos a Revolução Francesa ou a Proclamação da República são momentos importantes da História mundial e nacional? Esses aspectos são intrínsecos ao evento ou são considerados a partir de magnitude e impacto no presente? Pensando a partir do positivismo, ou até mesmo de uma concepção abstrata, como exposto com os filósofos da História, essa resposta até poderia ser afirmativa — tudo isso faz parte de um movimento do espírito da história. Mas sabe-se hoje, na historiografia, que a definição disso é um pouco mais complexa. Sevcenko (1996) já apontava a necessidade, por exemplo, de diferenciar os conceitos de história e historicidade. Esta última, como um conceito mais amplo, refere-se às várias manifestações de eventos no tempo, considerando as singularidades históricas como objetos de igual relevância, ou seja, ainda sem uma hierarquia estabelecida pelo conceito moderno de história. Para o historiador,

A História pensada como historicidade, tem a ver não só com a singularidade dos eventos, mas também do seu articulador e do tempo em que eles foram articulados, é uma somatória de singularidades. Nesse sentido, plenamente aberta à pilhagem. Todo historiador é um pilhador e a virtude está em admitir que se trata de pilhagem, sem supor que se trata de um tesouro dado aos homens no alto de uma montanha por línguas de fogo (Sevcenko, 1996, p. 29).

Em síntese, deve-se reconhecer que “[...] todo fato histórico resulta de uma práxis, porque ela já é o signo de um ato e, portanto, a afirmação de um sentido. Este resulta dos procedimentos que permitiram articular um modo de compreensão em um discurso de fatos” (Certeau, 1982, p. 41). Logo, todo fato histórico está relacionado também a um lugar sócio-político, mas também a um recorte no espaço e no tempo.

Por exemplo, se pensarmos em um evento recente que impactou o mundo e teve desdobramento até hoje, provavelmente pensaremos nas grandes guerras do século XX. Mas, se o questionamento especificar o território brasileiro, talvez as guerras não sejam tão determinantes assim. Para um grupo como mulheres, dependendo do seu nível de instrução, a luta das mulheres russas por melhores condições de trabalho e o fim da Segunda Guerra Mundial, pode ser mais significativo do que a participação de mulheres contra a ditadura no Brasil. Um fato ou evento histórico, e sua importância para a História da Humanidade, não é um aspecto inerente ao evento que aconteceu em si, mas um processo de escolhas históricas, éticas e políticas de determinados grupos sociais, que escolheu, culturalmente, aquele momento como secular da sua própria narrativa.

Um desdobramento disso, para temor oitocentista, seria então como garantir a neutralidade científica da historiografia. Contudo, diferente do que se desejava com o positivismo, sabe-se hoje que é impossível existir neutralidade total na ciência, ainda mais nas humanidades que lidam diretamente com as relações sócio-políticas e culturais de seres humanos, afinal

A história procede de maneira diferente. Só pode viver e respirar no mundo humano. Tal como a linguagem ou a arte, a história é fundamentalmente antropomórfica. Apagar seus aspectos humanos seria destruir sua natureza e seu caráter específicos. Mas o antropomorfismo do pensamento histórico não se constitui em um obstáculo ou impedimento para a sua verdade objetiva. A história não é um conhecimento de fatos ou eventos externos; é uma forma de conhecimento. [...] Mas o eu histórico não é um simples eu individual. É antropomórfico, mas não egocêntrico (Cassirer, 2012, p. 310-311).

Com isso, a objetividade na História teve de ser repensada a partir de outros critérios, e não simplesmente negando a possibilidade de se chegar a uma verdade, ou relativizando qualquer narrativa como verídica. Ao falar sobre o passado, o historiador, como sujeito individual, não é totalmente livre para falar o que deseja, mas é perpassado por uma coletividade e temporalidade, que atravessa suas interpretações sobre o passado, impossibilitando uma leitura totalmente subjetiva ou particular.

O estatuto dos indivíduos que têm – e somente eles – o direito regulamentar ou tradicional, juridicamente definido ou espontaneamente aceito, de proferir um discurso semelhante depende de uma "agregação" que classifica o "eu" do escritor no "nós" de um trabalho coletivo, ou que habilita um locutor a falar o discurso historiográfico. Este discurso – e o grupo que o produz – faz o historiador, mesmo que a ideologia atomista de uma profissão "liberal" mantenha a ficção do sujeito autor e deixe acreditar que a pesquisa individual constroi a história. (Certeau, 1982, p. 72)

Desse modo, é possível afirmar uma relação dialética entre o historiador e o que ele produz enquanto pesquisador individual, mas condicionado a questões objetivas que delimitam possibilidades em sua prática. Logo, ser imparcial ou se colocar o menos possível em uma pesquisa não significa um melhor resultado. “Se o historiador conseguisse apagar sua vida pessoal, não alcançaria com isso uma objetividade mais alta. Ao contrário, ele se privaria do próprio instrumento de todo o pensamento histórico” (Cassirer, 2012, p. 305). O papel da neutralidade científica no positivismo não se referia a uma preocupação com um distanciamento ético, mas à tentativa de fazer parecer que o interesse de alguns fosse visto como o interesse de todos. O pensamento e o lugar social do qual o historiador fala fazem parte do processo de objetividade científica, pois sua produção deve ser voltada para retroagir na realidade social. Dito de outro modo, o ser científico e objetivo não deve ser a tentativa de distanciamento da realidade, mas o inverso, uma aproximação em busca de uma intervenção prática.

Pretender coagir outros tempos à sincronia totalizante da disciplina pode, em vários momentos, a equivaler a um ato de violência simbólica que transforma a historiografia em cúmplice da ordem dominante e em reificadora de feridas históricas, mesmo que de forma involuntária. Se queremos representações do tempo antes de agora que possam ter um papel minimamente emancipador, devemos permitir e estimular os usos criativos do passado pelos seres humanos da atualidade, pois, caso contrário, estaríamos replicando, ainda em diferentes formas, a lógica daquele historicismo oitocentista, com toda sua vacuidade e homogeneidade (Ávila, 2016, p. 205).

Outra maneira de buscar a neutralidade, que se acreditava em meados dos oitocentos, era o distanciamento temporal. Com isso, um historiador não poderia falar do tempo presente, sendo essa função designada a outras ciências, como a sociologia. Hoje, atinamos que esse distanciamento não é um critério, já que muitas produções historiográficas estão voltadas para o entendimento do Tempo Presente (Pereira; Araújo, 2020; Silva, 2009; Turin, 2019). Contudo, a relação entre passado e presente é muito mais complexa e central para a produção historiográfica, sendo esse distanciamento algo impraticável. Como bem lembrado por Ávila (2016, p. 201):

[...] por trás de admoestações sobre o “anacronismo”, o suposto pecado mortal da disciplina, se esconde uma forma de coação social a partir da coerção temporal, ou seja, se limitam às maneiras como uma dada sociedade pode imaginar sua relação com o tempo antes de agora e o que pode ser dito sobre ele, criando-se certos códigos que, quando ultrapassados, deslegitimam determinadas representações.

Além disso, existe uma relação muito mais ontológica, por assim dizer, com relação ao passado e presente. Independentemente do período que se busque investigar, as perguntas e questionamentos sempre vão partir do tempo presente. Os sentidos e importância que atribuímos ao passado também são delimitados no presente e não intrínsecos ao evento. É o trabalho historiográfico que estabelece sentidos entre diferentes temporalidades, o que faz com que eventos que aconteceram a décadas atrás possam ser mais relevantes para explicar o presente do que coisas que acontecem a poucos dias (Lowenthal, 1998). Parte disso nos leva a um desdobramento sobre a organização do tempo experimentado socialmente.

A concepção temporal da sociedade, estabelecida no imaginário social como sinônimo de progresso, começou a ser questionada, principalmente depois das grandes guerras do século XX (Kern, 2023). O trabalho do historiador não seria apenas a escrita do passado de modo cronológico, e tal qual como aconteceu, mas a apreensão do que mudou e permaneceu em um processo de articulação entre os tempos. Afirmar que o tempo no qual o historiador vive influencia na sua leitura sobre o passado, significa dizer que não existe nenhuma leitura verdadeiramente distanciada sobre algo que já aconteceu. “Ao contrário de pressupor relações de continuidade e ruptura como dadas, ou seja, condições ontológicas do processo histórico, é preciso pensá-las como politizações do tempo [...]” (Ávila, 2018b, p. 260).

Certamente, se não houvesse transformações, não seria possível, nem necessário, escrever sobre a História. Por outro lado, isso não significa dizer que apenas haja rupturas no tempo, caso contrário o trabalho historiográfico seria irrealizável uma vez que essa prática também se define pelo exercício de escrever sobre as continuidades, identificando aspectos que se conservaram. “Assim, fundada sobre o corte entre um passado, que é seu objeto, e um presente, que é o lugar de sua prática, a história não para de encontrar o presente no seu objeto, e o passado, nas suas práticas” (Certeau, 1982, p. 46). Em suma, se absolutamente tudo se transforma, não existiria história, se tudo fosse igual não haveria necessidade de historiografia. Logo o tensionamento entre permanência e ruptura é o próprio aspecto ontológico da historiografia, ainda que ela não possa ser reduzida apenas a isso. Esse movimento, de rupturas e continuidades, apesar de ser um entendimento comum entre historiadores.

O corte definitivo em qualquer ciência (uma exclusão é sempre necessária ao estabelecimento de um rigor) toma, em história, a forma de um limite original, que constitui uma realidade como "passada" e que se explicita nas técnicas proporcionadas à tarefa de "fazer história". Ora, esta censura parece negada pela operação que funda, já que este "passado" retorna na prática historiográfica. O morto ressurgue dentro do trabalho que postulava seu desaparecimento e a possibilidade de analisá-lo como um objeto (Certeau, 1982, p. 47).

O que isso pode significar com relação às especificidades da historiografia em seu aspecto geral e particular? Barros (2013) afirma que um dos traços que caracterizam os historiadores positivistas é a busca por estabelecer leis gerais que pudessem funcionar para qualquer análise sobre o passado. Contudo, Foucault (2008), ao se dedicar às transformações ou descontinuidades durante a história, compreendia que um acontecimento é novo na medida em que as práticas sociais vão se modificando ao longo do tempo. Para que rupturas sejam possíveis é necessário que as instituições anteriores se reorganizem de forma a desencadear novas práticas sociais. Em outras palavras, a descontinuidade só é possível nas continuidades:

A história ‘efetiva’ se distingue daquelas dos historiadores pelo fato de que ela não se apoia em nenhuma constância: nada no homem – nem mesmo seu corpo – é bastante fixo para compreender outros homens e se reconhecer neles. Tudo em que o homem se apoia para se voltar em direção à história e apreendê-la em sua totalidade, tudo o que permite retratá-la como um paciente movimento contínuo: trata-se de destruir sistematicamente tudo isto. É preciso despedaçar o que permitia o jogo consolante dos reconhecimentos. (*Idem*, 2008, p. 27).

Isso quer dizer que, diferente da sociologia, que pode trabalhar com generalizações, a historiografia tem como objeto as particularidades ao longo do tempo. Isso também é fundamental para que o próprio trabalho historiográfico seja exequível. Afinal, se não se estabelecem determinados recortes, arrisca-se perder no emaranhado de temporalidades e determinações de uma época. Olhando as especificidades, identificam-se as mudanças. Não

significa que o historiador deva unicamente se preocupar com o particular, mas sempre que possível, deve-se articular seus recortes de tempo ou objetos de estudo com outras dimensões da realidade social. Por exemplo, uma vez que se decide estudar sobre o consumo de eletrodomésticos importados pela população cearense durante a década de 1930, essa pesquisa não precisa se tolher em relacionar o processo de consumo com as políticas estadunidenses de viés imperialista para com o estado brasileiro. Ter esse conhecimento do geral é importante para entender o particular. Logo, o movimento entre totalidade e particularidades na historiografia deve ser a prática comum.

Uma outra abordagem que surge nessa virada de novas contribuições teóricas é a “História vista de baixo”²⁶ — esqueleto daquilo que passou a denominar História Social. Uma corrente historiográfica desenvolvida, em grande parte, na Inglaterra, que busca produzir conhecimento histórico a partir das experiências de pessoas consideradas comuns ou excluídas (mulheres, pessoas racializadas, deficientes, LGBTQIAPN+, indígenas, entre outros), em oposição à história dos grandes políticos, nobres e líderes militares — praxe da historiografia do século XIX. Ou seja, essa abordagem, a partir do que foi dito acima, também é um exemplo de recorte particular dentro de uma totalidade sócio-histórica. Essa corrente de estudos é central para compreendermos como a historiografia, enquanto um discurso político e legitimador dentro da sociedade atual, passou a ser disputada por diferentes grupos sociais, reforçando o caráter político da historiografia.²⁷

Por último, mas não menos importante, é inevitável comentar sobre os debates nos quais a historiografia foi inserida, após o que se passou a chamar de virada linguística. Aqui, tanto os referenciais linguísticos, como a questão da narrativa, ou como contamos a história, é primordial. Nesse campo, é relevante apontar as contribuições de Koselleck (2006, 2014), sobre a análise dos conceitos. O historiador considera oportuno analisar e problematizar os sentidos atribuídos a certas palavras (como cidadão, crise, nação, etc.) e como isso muda ao longo do tempo, se utilizando da análise do discurso como metodologia historiográfica. Isso não significa, segundo o autor, apenas observar ou se restringir ao âmbito linguístico, mas a investida em abranger as mudanças culturais e sociais que possibilitaram as diferentes construções de sentidos nos mais diversos conceitos. Além disso, seria possível observar, através dessa metodologia, as diversas formas de experimentar o tempo.

²⁶ O historiador E. P. Thompson é um dos maiores teóricos da abordagem.

²⁷ Esse ponto merece atenção, pois como veremos mais à frente, esses discursos sobre experiências e grupos marginalizados na história, quando submetidos a lógica da tiktokzação, também acabam por ser reproduzidos puramente como fato episódico, sofrendo certo esvaziamento político.

Para autores como White (2005, 2006), na narrativa (forma) existe uma dimensão conteudista e de temporalidade. É por meio dela que o historiador, ou quem produz sobre esse passado, se posiciona e defende uma concepção de mundo, ou seja, se coloca de forma objetiva e material. É na narrativa que as disputas ideológicas acontecem.

Mas relatos narrativos não consistem apenas em afirmações factuais (proposições existenciais singulares) e argumentos, mas também em elementos retóricos e poéticos pelos quais o que seria uma lista de fatos é transformado em estória. [...] Dessa maneira, um relato narrativo pode representar um grupo de eventos que tem a forma e o significado de um épico ou uma estória trágica, e um outro pode representar mesmo grupo - com igual plausibilidade e sem violar nenhum registro factual - descrevendo uma farsa (White, 2006, p. 193).

Logo, é possível afirmar que a narrativa tem tanto uma dimensão subjetiva — de quem escreve — quanto objetiva, considerando que a escrita desse sujeito é direcionada para um público e também é perpassada por questões estruturais na sua própria produção. Quando se fala sobre a narrativa, aparentemente se está discutindo apenas a aparência do texto, mas o que se está colocando em pauta é a própria dimensão prática da historiografia. É por meio da narrativa que o passado se torna palatável, e de certa forma, material, com capacidade de mobilizar ou conservar a realidade. Na forma narrativa, o texto tem em si uma dimensão objetiva, ao responder à realidade, se construir em determinado espaço e tempo. Logo, se a verdade tem uma relação com a prática, com o que fazemos materialmente (Marx; Engels, 2007), importa não é apenas a informação, mas como esta é mobilizada.

Desse modo, a narrativa deixa de ser uma simples forma de se contar algo, ganhando um direcionamento ético. No caso da historiografia moderna, o que se produziu foi a ideia de que o papel do historiador era apenas relatar o passado, ou até mesmo reconhecer permanências, mas sob hipótese nenhuma intervir. Ao tornar-se neutra para a ciência, a História, contraditoriamente, perde toda a sua dimensão científica²⁸. A forma ou narrativa, em última instância, conserva em si não uma verdade sobre o que se fala sobre o passado, mas também uma máxima histórica do seu presente. Ao dar forma ao passado, o que o historiador faz é apontar para si as condições materiais e reais de se escrever sobre o presente.

Contudo, como exposto acima, atualmente existem inúmeras formas de se falar e compreender o passado, o tempo e o papel que a história tomou em vários momentos do desenvolvimento social humano. Com isso, a disseminação e impacto ético-político dessas

²⁸ “Burguesa por excelência e guiada pelos valores normativos da “objetividade” e da “neutralidade”, a historiografia profissional tornou-se, no decorrer dos anos, um repositório de interpretações “realistas” que, durante muito tempo, serviam às necessidades e demandas do *status quo*, talvez por militância ativa do que um silêncio cúmplice” (Ávila, 2018b, p. 37).

mudanças teóricas e metodológicas ficam a cargo, em sua maioria, da atuação social de alguns historiadores em diferentes espaços.

Mediante o dito até aqui, algumas considerações se fazem necessárias. A primeira delas diz respeito a todas as transformações que a historiografia passou nas universidades, lugar esse produtor do discurso científico. Contemplando a sociedade em outros espaços para além dos muros da academia (escolas, cursos, internet, redes sociodigitais, etc.), observa-se uma certa conservação da cientificidade metódica do século XIX, na qual a historiografia é entendida como sinônimo de passado, algo sem movimento (Malerba, 2014; Ávila, 2016; Carvalho, Teixeira, 2019; Pinsky, 2020).

Assim, “[...] o relato ‘daquilo que aconteceu’ desapareceu na história científica (para, em contrapartida, aparecer na história vulgarizada)” (Certeau, 1982, p. 53). Essa história vulgarizada apontada por Certeau perdura, em partes, por uma permanente divisão do trabalho historiográfico. Nesse sentido, uma história vulgarizada, a meu ver, possui dois eixos principais: 1) aspectos de uma historiografia metódica, que constantemente se preocupa em reafirmar seu discurso por meio da defesa dos fatos; 2) uma concepção positivista de tempo e, consequentemente de história, como uma grande abstração, linear e de movimento próprio rumo ao progresso — mas sem delimitar o que isso significa ética e coletivamente — que acabamos por aceitar como um movimento inato à existência humana. O que nos leva a questionar por quais motivos a história, em sua larga maioria, ainda é socializada a partir desses elementos? Se a disciplina ainda é disseminada nessas configurações, isso pode significar que existe uma demanda que justifique essa forma.

Além disso, é relevante evocar o historiador como um trabalhador, de modo a aprofundar o debate. “[...] a história é produzida por um grupo de operários chamados historiadores. Quando eles vão trabalhar, eles levam consigo certas coisas identificáveis. Em primeiro lugar, eles levam a si: seus valores, posições, perspectivas ideológicas” (Jenkins, 2011, p. 45). Seu produto está estabelecido em certa configuração social que reproduz certas ideias e metodologias que ele acredita serem neutras. Mesmo que seu ofício seja considerado um trabalho improdutivo²⁹, para os moldes capitalistas — afinal, o historiador não produz mais-valor diretamente — isso não significa que seu trabalho não tenha impacto social ou que ele não precise se inserir em certas relações de exploração para sobreviver. Posto isso, é

²⁹ De acordo com Certeau (1982, p. 25), mesmo que em Marx o trabalho discursivo seja improdutivo, nada “[...] impede encarar a possibilidade de tratar nestes termos [a categoria de trabalho] as questões propostas à historiografia e por ela”.

necessário apontar caminhos para apreender a relação da historiografia, seus produtores e o capitalismo.

2.3. Como a História se torna rentável nas redes?

Até aqui, procuramos apresentar, de forma concisa, o desenvolvimento da historiografia como uma ciência. Primeiro a partir dos moldes cientificistas e metódicos do oitocentos, até às mudanças e diálogos com outras áreas do conhecimento. Esse percurso se mostrou necessário para a assimilação de uma aparente contradição: se existem várias maneiras de se escrever e produzir história, por quais motivos o grande público ainda produz, consome e compreende a disciplina de formas lineares, factuais ou episódicas? As tentativas de responder esse questionamento, recorrente entre historiadores, é identificar na cultura histórica as possíveis explicações para esse fenômeno e que, de certa forma, não estão equivocadas, já que as respostas podem ter diversos desdobramentos.

Se a cultura é resultado de vários complexos presentes na própria realidade, logo, teorizar sobre a história também deve ser um exercício de análise da própria materialidade social, das suas contradições e de como elas se movimentam no tempo. Com isso, é pertinente ressaltar que a cultura histórica de uma sociedade, delimitada temporalmente em suas descontinuidades e transformações, é perpassada não somente pela memória (coletiva, histórica, individual, etc.), ou concepções de tempo como o passado, presente ou futuro (Lowenthal, 1998), mas também por prospectos que por ventura podem ser desconsiderados por historiadores, como a economia, política, religião, entre outros.

Também, ao se analisar a cultura histórica, quase sempre se procura observar o espaço educacional. Apesar de existir inúmeras formas de consumir história, é nas escolas que todos os que têm acesso a ela se apropriam do que a historiografia produz, em uma base curricular comum. Esse contato dos estudantes, antes da internet, era mediado principalmente por professores e pelo livro didático, aparato esse cada vez mais submetido a transformações, substituídos, por vezes, por materiais de formatos digitais³⁰. Estes teriam como vantagem a suposta atualização automática do conteúdo e das estratégias didáticas pedagógicas, algo impossível de fazer no livro impresso sem algum tipo de *delay*. Contudo, apesar de soar contraditório, é importante reiterar que, com a facilidade de acesso às informações nas redes, o material escolar acaba tendo sua importância intensificada, servindo como um contraponto

³⁰ Existem hoje plataformas 100% digitais - Google for Education, Geekie One, Plurall, Cloe, entre outras -, muitas delas vendidas como ideais para crianças e jovens mergulhados na cultura digital. Um mercado que se ampliou ainda mais no período de pandemia de COVID-19.

sólido sobre o que é encontrado virtualmente. Todavia, com as mudanças no suporte, não houve necessariamente distanciamentos referente aos conteúdos e recortes, mas sim variações nas formas de se comunicar História.

Na graduação, estudantes do curso de história, futuros professores, são incentivados a fazerem leituras críticas do material que, uma vez produzido por grandes editoras e em larga escala para o país, é perpassado por inúmeras limitações como a organização temporal, seleção do conteúdo e priorização dos fatos em detrimento de possíveis problematizações, que muitas das vezes ficam a cargo do professor/historiador. Ao analisar a Independência do Brasil em vários livros desse tipo, por exemplo, Pimenta *et al.* (2014, p. 19) observa que:

Em todos esses livros, a Independência é invariavelmente vista como parte de um processo mais amplo no qual se incluem outros acontecimentos políticos americanos e europeus de finais do século XVIII e começos do século XIX [...]. O episódico se faz presente na menção a vários temas menores – a vinda da Corte, a abertura dos Portos, o governo de D. João no Rio de Janeiro, a Revolução de Pernambuco, a Revolução do Porto, etc. – mas sempre em observância a contextos históricos espaciais e temporais mais amplos. [...]. O mesmo pode ser dito de perfis biográficos, presentes mas submetidos a uma lógica processual da História.

Se a prática de analisar criticamente os materiais didáticos são incentivadas durante a formação de historiadores, o mesmo não se pode dizer sobre o material encontrado nas redes — não que esse exercício não ocorra, existem inúmeros grupos de pesquisa voltados para esse desdobramento, cujo foco é as particularidades da História Pública nas redes³¹. Acontece que esse movimento da crítica quase sempre não consegue acompanhar as transformações digitais, o que revela uma disrupção constante no tempo. O fato é que a apropriação da história pelo grande público se modificou, mediados em outros espaços e modalidades, submergidos nas novas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs).

Na tentativa de delimitar permanências, Pimenta *et al.* (2014), junto a outros historiadores (Silva, 2009; Araújo, 2015; Malerba, 2014; 2017), apontam para um cenário no qual a historiografia, na lógica capitalista, tenha se tornado mais uma mercadoria, submetida aos gostos e interesses daqueles que vão consumi-la. Porém, a meu ver, carece aos cientistas do tempo que se dedicam a esse problema a apreensão de outros complexos sociais e teóricos essenciais para a manifestação do fenômeno.

Compreender o ato de comprar um livro ou ir ao cinema ver um filme sobre a colonização do Brasil como exemplos de mercadoria, por haver uma troca monetária é apenas apontar o aspecto mais simples de algo bastante complexo. Afirmar que a História passou por

³¹ Pode-se citar grupos como: “MITECHIS - Grupo de Pesquisa em Mídias, Tecnologias e História” da Universidade Federal de Tocantins; Laboratório de História Digital (LAHISD) do Instituto de Ciências Humanas na Universidade Federal de Uberlândia; Laboratório de Humanidades Digitais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), entre outros.

um processo de mercantilização capitalista implica trazer outros desdobramentos que devem ser analisados a partir da Economia Política.

Sabemos que a historiografia não é feita para o historiador, como sujeito individual. Quem produz um trabalho historiográfico pressupõe leitores e que suas contribuições vão ter impacto na área como um todo. Além disso, culturas e grupos sociais, de modos múltiplos e diferentes, procuram de alguma forma historicizar e dar sentido à sua existência, atribuindo a essa prática de se narrar algum tipo de **valor**. O que mudou do século XIX para cá foram as maneiras de se fazer isso, agora com uma fundamentação científica.

Todavia, existe uma discrepância entre o que é produzido e narrado na academia e o que efetivamente circula sobre a história nos mais diferentes espaços. Em parte, esse distanciamento é algo natural, mediante a própria dinâmica de reflexão e abstração científica, que nem sempre pode ser reproduzido em outros espaços com a mesma qualidade. Entretanto, existem alguns aspectos, como a reflexão crítica sobre o tempo ou a historiografia, que poderiam ser melhor socializados, mas nem sempre o são.

Esse afastamento, efeito da divisão do trabalho historiográfico, resulta nas velhas perguntas que qualquer professor já deve ter escutado: “Para que preciso aprender isso? De que isso me serve?” Se o aprendizado na escola é imposto, tendo o estudante que aprender o que foi estabelecido por outros, o mesmo não acontece quando a história é consumida como entretenimento, no qual a escolha, supostamente, é individual e subjetiva de quem compra e consome. Logo, se o valor de uso da História, na sociedade capitalista passou a ser medida, de certa forma, por uma régua “educacional” e “espetacular”, como é possível mensurar seu **valor de troca**?³².

Diferente de outras mercadorias, em que é possível calcular o tempo de trabalho necessário para sua materialização, a historiografia apresenta particularidades. Como produto do conhecimento e da reflexão, não existe um tempo fixo para a escrita historiográfica, tornando esse cálculo médio inviável. Trazendo como exemplo o TikTok, o motivo do seus conteúdos serem produzidos de maneira muito mais rápida se dá pelo fato do conhecimento historiográfico já ter sido anteriormente fundamentado e estabelecido. Dito de outra forma, a

³² Em resumo, valor de uso é a utilidade daquele objeto fruto do trabalho humano. Por exemplo, uma blusa serve para vestir e proteger do frio. O valor de troca é o valor desse objeto enquanto mercadoria. O valor de uso existe independente do seu valor de troca. Este não necessariamente significa o preço (a expressão em dinheiro do valor). O preço de uma mercadoria, de acordo com Marx, tende a se aproximar do seu valor de troca, mas também pode ser influenciado por outros fatores como a dinâmica de oferta e procura e a monopolização de determinada mercadoria (Marx, 2012). Voltaremos nessas categorias mais a frente, pensando especialmente na dinâmica das plataformas digitais.

produção de passados pressupõe conhecimentos anteriores já acumulados o que sempre diminuiria ou alteraria o tempo médio de produções futuras.

Em segundo lugar, a partir do problema anterior, como é possível mensurar um valor ao trabalho do historiador? É fundamental conceber o historiador como um trabalhador, que dedica tempo a uma atividade cujo resultado impacta a sociedade, demandando-lhe desgaste físico e mental, em proporções que dependem do seu objeto de pesquisa — é apenas ao considerar esses elementos que se torna possível conceber as especificidades dessa produção.

Um terceiro fator se dá ao reconhecer que essas características da historiografia se modificam nas redes sociodigitais e no processo de plataformização. A lucratividade das *big techs*, em especial do TikTok, não funciona simplesmente a partir de compra e venda de produtos, mas da circulação de publicidade, modelo de negócios esse que provém do rentismo, e não a partir de extração de mais-valor como acontece no capital industrial (Marques, 2018; Dantas *et al.*, 2022). Sem esse entendimento se torna inviável compreender as particularidades do trabalho de historiadores que se aventuram nas redes. Afinal, existem relações sociais ocultas por trás da produção de vídeos para o TikTok. Além disso, como o tempo acaba sendo um fator fundamental na maneira como essas plataformas se apropriam do valor produzido pelos usuários e criadores?

O processo de lucratividade dessas plataformas por si só opera nas maneiras de se temporalizar, uma experiência mediada por algoritmos e naturalizados socialmente (Cesarino, 2022). Temporalidades múltiplas, mas que, na lógica do capitalismo, devem se aproximar ou se igualar cada vez mais, num constante processo de padronização. A partir desses pontos iniciais, reforçamos o diálogo com a Economia Política e Teorias da Comunicação como forma de assimilar essas outras maneiras da sociedade se apropriar e fazer história, não como uma determinação econômica e tecnológica, mas no reconhecimento de influências e o papel dessas redes e do seu modelo de negócio na produção de passados.

2.3.1 Historiografia, Trabalho e Capitalismo

Apesar de parecer uma novidade, cobrar para ter acesso a determinados conteúdos e conhecimentos historiográficos não é de forma alguma uma particularidade do presente ou das redes. Já durante o século XIX, era possível falar das demandas do mercado editorial pela História, com a compilação da “História Universal” — leia-se Europa — concretizando a experiência moderna, com a ordenação dos Estados-nações, de modo a compor o sentido de um progresso geral e disciplinar.

Antes de tudo um projeto comercial voltado para o florescente mercado dos livros, as partes antiga e moderna da Universal History estão separadas pelas grandes

transformações do século XVIII [...]. Os letrados reunidos pelos editores britânicos ilustravam um novo tipo de profissional da erudição disposto a atender as demandas de um empreendimento [...] (Araújo, 2015, p. 369-370).

Como afirmado por Malerba (2014), periódicos sobre história também se mostravam bastante comuns. Em meados dos anos 2000, a Editora Abril iniciava a publicação da revista “Aventuras na História”, que conta atualmente com um site alimentado com diversas notícias, não apenas de História, mas da vida de celebridades que participaram de “fatos históricos”³³, notícias políticas e cultura pop. Além do formato digital, é possível fazer assinaturas anuais da revista em formato físico. Outros periódicos concorrentes no mercado, como a popular *História National Geographic*, também apresentam uma estrutura editorial semelhante.

Conteúdos históricos, desde filmes e séries, ficcionais ou documentários, também são constantemente explorados comercialmente. Em 1995, o canal *History Channel* surge na TV por assinatura estadunidense, voltado exclusivamente para conteúdo histórico, ocupando hoje outros espaços nas redes, como o YouTube e o próprio TikTok. Ademais, quando o assunto era entretenimento, as obras cinematográficas e séries de TV logo se mostraram imprescindíveis. Na atualidade, essas produções, antes direcionadas para os cinemas, são mediadas pelos *streamers* (Prime Vídeo, Netflix, Max, Disney+, etc.), que oferecem em seus catálogos conteúdos variados que vão desde documentários, para aqueles que desfrutam de um desejo ou curiosidade pelos fatos, até séries e filmes ficcionais ambientados no passado.

O Oscar de 2024, o maior evento da indústria do cinema, revelou como produções ambientadas em “momentos da história” ou em figuras históricas ainda dão um bom retorno lucrativo. Como exemplos temos o ganhador de Melhor Filme, “Oppenheimer” e Melhor Filme Estrangeiro, “Zona de Interesses”, sobre a Segunda Guerra Mundial. Além desses, a cinebiografia de Napoleão também foi indicada. Em todos esses exemplos a questão da troca monetária está presente, ou seja, um preço a ser pago para se ter acesso ao conteúdo. Tudo isso nos aponta como “revistas, jornais, romances históricos, genealogia da família, documentários surgem diariamente tentando alimentar uma sede de história que parece ter tomando conta da sociedade contemporânea” (Silva, 2009, p. 236).

Mais recentemente, professores e historiadores começaram a perceber o potencial das redes como forma de lucrar não com a produção de vídeos, mas com a venda e divulgação de materiais didáticos elaborados para “otimizar o tempo de trabalho” em sala de aula e, conseqüentemente, aumentar o tempo de repouso de educadores. Materiais como slides, jogos e atividades prontas são vendidos para professores que desejam ter a sobrecarga e a

³³ Notícias como: <[70 anos de reinado: 5 momentos históricos vividos pela rainha Elizabeth II](#)>. Acesso em: 03/07/2024

precarização do trabalho escolar minimamente amortecidos. Instrumentais como resumos, mapas mentais e questões comentadas também são oferecidos aos estudantes que têm dificuldades com a “memorização” da disciplina³⁴. O que pode parecer uma coisa simples ou sem importância, na verdade revela a demanda por uma padronização da história, afinal se esses materiais são divulgados e vendidos pelas redes sociodigitais, muitos deles para todo o país, eles devem contemplar o máximo de compradores possíveis, homogeneizando o produto. Contudo, reafirmando o que foi dito anteriormente, isso não é novidade, apenas uma atualização de ações já estabelecidas ao longo do tempo por inúmeras editoras de livro didático.

Os aspectos listados acima, nos quais é possível identificar uma valorização monetária da História, são, na verdade, a aparência de um problema bastante complexo, que envolve não apenas o produto final (conhecimento), mas as condições e o lugar social de quem produz e qual o valor a ser realizado nesse processo. Apesar da historiografia ser um produto simbólico, isso não tira ou diminui em nada sua materialidade, pois como sinaliza Certeau,

Sem dúvida o discurso é uma forma de "capital" investido nos símbolos, transmissível, susceptível de ser deslocado, acrescido ou perdido. É claro que esta perspectiva também vale para o trabalho do historiador que a utiliza como instrumento e que a historiografia, neste sentido, ainda depende daquilo que deve tratar: a relação entre um lugar, um trabalho e este "aumento de capital" que pode ser o discurso (Certeau, 1982, p. 23-24).

Marx (2011) já reconhecia que nem toda necessidade era pura e simplesmente do “estômago”, mas também da “fantasia” ou do “espírito”, aspectos necessários para dar e estabelecer sentidos culturais³⁵, esses que por sua vez retroagem sobre as necessidades mais comuns como comer ou dormir. Posto isso, a historiografia é uma das formas pela qual os seres humanos, histórico e socialmente determinados, estabelecem sentido à sua própria existência, de continuidade e finitude, possibilitando a significação de experiências diversas ao longo do tempo. É relevante referir que nem todas as culturas, no passado e presente, recorrem à historiografia como forma de se temporalizar, mas todas elas buscam construir algum tipo de narrativa com esse mesmo objetivo. Podemos afirmar que a história tem como valor de uso significar temporalmente a experiência humana.

Além disso, é habitual que sujeitos, dominantes e marginalizados, recorram e disputem a história como uma condição para validar o poder, ou a falta dele, no presente. Podemos observar isso tanto no seu papel como legitimadora de uma “consciência nacional” no século XIX, mas também em como grupos marginalizados (mulheres, negros, indígenas,

³⁴ Ambos os perfis estão presentes no Instagram como @historiadinamica e @historiamapeada, respectivamente.

³⁵ “Fome é fome, mas a fome que se sacia com carne cozida, comida com garfo e faca, é uma fome diversa da fome que devora carne crua com mão, unha e dente.” (MARX, 2011, p. 65-66).

LGBTQIAP+) estão constantemente disputando o passado de modo a recuperar espaços de luta ou reconhecimento político. Nesse sentido, a História revela em si mesma uma dimensão ontologicamente política, funcionando como uma legitimadora de narrativas éticas sobre o passado, delineando identidades e existências. Essas narrativas são escritas sempre de modo a responder uma necessidade do presente — ou seja, uma determinada verdade histórica. É nesse componente da história que o seu valor ético se sobressai.

Outra constituinte de valor, que a priori pode parecer a mais abstrata, mas em constante diálogo com a realidade e metodologia historiográfica, acontece no processo de imaginação histórica, no momento em que hipóteses sobre o passado — uma vez que ele não é simplesmente dado — podem se concretizar em um trabalho historiográfico. Essa capacidade pode ser estendida de modo a aspirar a própria reflexão temporal, abraçando outros momentos, por assim dizer, como o futuro³⁶. A historiografia, em sua própria prática, elabora uma “imaginação temporal”, ainda que, como pretende-se argumentar, esse ato se torne cada vez menos executável com a Tiktokzação. É importante ressaltar que, ao ser comercializada a história não perde os aspectos acima apontados, mas são conservados ainda que de maneiras e qualidades diferentes. Como esses elementos passam a ser monetizados ou lucrativos vai depender do suporte e formato.

Posto isso, nos cabe pensar como esses elementos se conservam em um sistema econômico que aspira ter mercadorias mais padronizadas, em cada vez menos tempo. Ao acrescentar esse componente à equação, nosso questionamento passa a ser: qual é o valor de uso da História no capitalismo? Lembrando que, comumente, no senso comum história e passado são equivalentes, a resposta desse questionamento emerge a partir de duas instâncias: 1) instrutivo, já que o conhecimento sobre o passado continua sendo cobrado em espaços escolares, em vestibulares e seleções de diversas naturezas; 2) como entretenimento, focado nos desejos que as pessoas têm em conhecer a história, a partir da lógica espetacularizada.

É plausível conceber padronizações no consumo considerando o funcionamento do próprio capitalismo e das redes. Antes de tudo, empresas como o TikTok, Meta e Google estão no mercado em busca de lucro. De modo que, se o uso é de graça, já que não se paga para ter acesso ao Instagram ou YouTube, por exemplo, é pertinente questionar quem e como se financia tudo aquilo encontrado nas redes.

³⁶ Koselleck (2006), já apontava esse tipo de prática no desenvolvimento da modernidade. Uma tentativa de “acelerar”, por meio de um sentimento de progresso, as novas possibilidades de futuro, cuja experiência anterior já não podia ser articulada como exemplar.

Por conseguinte, quem e como se consome o que é produzido? Aqui, o público também pode ser pensado em algumas variáveis: 1) aqueles que gostam da disciplina — por motivos vários que não podem ser simplificados, apenas entendido com um complexo entrelaçamento de interesses; 2) Quem precisa desse conteúdo para “progredir em sua vida”³⁷; 3) grupos que enxergam na história a sustentação política necessária para a luta política e ideológica no presente. É claro que as apropriações de passado são diversas, não cabendo aqui limitar essas possibilidades. Se a história equilibra essas várias funções, cabe observar como se efetiva o trabalho desenvolvido pelo historiador nessa conjuntura.

Em consideração a esse ponto, a categoria do **trabalho** em Marx se torna fundamental. O trabalho, em última instância, é o todo de transformação da natureza pelo ser humano. Atividade síntese da práxis humana, o trabalho pode ser compreendido por meio de uma relação dialética entre a ação material e intelectual (Marx; Engels, 2007). Dessa forma, quando o ser humano transforma a madeira em papel, por exemplo, ele está exercendo a atividade de modificar a natureza para suprir uma necessidade. Esse exercício apenas é possível, pois aquele que trabalha idealiza em sua mente o que deseja com a transformação da madeira. O papel, por sua vez, só existe pois houve a intervenção humana — não existe cultivo de papel. Assim, o ato do trabalho materializa a ideia, mas também concede ao ser humano informação e conhecimento sobre a realidade, que ao se acumular contribui para outras intervenções.

Essa concepção mostra que a história não termina por dissolver-se, como “espírito do espírito”, na “autoconsciência”, mas que em cada um dos seus estágios encontra-se um resultado material, uma soma de forças de produção, uma relação historicamente estabelecida com a natureza e que os indivíduos estabelecem uns com os outros; relação que cada geração recebe da geração passada, uma massa de forças produtivas, capitais e circunstâncias que, embora seja, por um lado, modificada pela nova geração, por outro lado prescreve a esta última suas próprias condições de vida e lhe confere um desenvolvimento determinado, um caráter especial que, portanto, as circunstâncias fazem os homens, assim como os homens fazem as circunstâncias (Marx; Engels, 2007, p. 43).

Todavia, quanto mais complexa a sociedade, mais significação cultural existe entre a simples produção de objetos. Esse mesmo papel, pode agora ser tingido de cores, modelos, tipos, tamanhos, ter processos de produção diferentes que caracterizem ou refletem determinado grupo e respondam a diferentes necessidades humanas. De modo que,

[...] não é somente o objeto do consumo que é produzido pela produção, mas também o modo do consumo, não apenas objetiva, mas também subjetivamente. A produção cria, portanto, os consumidores. [...] O próprio consumo, quando sai de sua rudeza e imediatez originais – e a permanência nessa fase seria ela própria o

³⁷ O que significa que o ensino da História continua inserido em uma lógica linear, já que seu aprendizado encontra-se vinculado a uma expectativa educacional no qual a disciplina é inserida em um projeto de futuro individual para que os estudantes “sejam alguém”.

resultado de uma produção aprisionada na rudeza natural –, é mediado, enquanto impulso, pelo objeto. [...] O objeto de arte – como qualquer outro produto – cria um público capaz de apreciar a arte e de sentir prazer com a beleza. A produção, por conseguinte, produz não somente um objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto. (Marx, 2011, p. 66).

Posto isso, autores como Dantas (2022) buscam trazer contribuições quanto ao trabalho intelectual, reconhecendo como trabalho também ação semiótica, de interpretar e atribuir sentido. O ser humano apenas pode transformar a natureza na medida em que também atribui algum grau de significação. Logo, na produção por meio de trabalho semiótico

há sempre dispêndio de alguma energia, atividade eletroquímica neurológica, cansaço do corpo ao longo do dia, se estamos falando ou ouvindo, escrevendo ou lendo, mesmo assistindo a TV ou escutando um agradável som musical. Esse é também na maior parte dos casos, um trabalho de transformação material. Para falar ou ouvir, produzimos frequências sonoras modificando o ar à nossa volta por meio do nosso aparelho fonador. Para escrever ou ler, modificamos suportes feitos de papel ou vidro - como a tela de computador -, nos quais imprimimos letras e outras imagens, os quais acessamos por processo de seleção de frequências luminosas por meio de nosso aparelho visual (Dantas, 2022, p. 26).

Assim, é possível afirmar que o ofício do historiador nada mais é do que uma atividade viva, que busca significar (dar sentido) ao tempo.

Ele [historiador] pode transformar em cultura os elementos que extrai de campos naturais. Desde a sua documentação (onde ele introduz pedras, sons, etc.) até o seu livro (onde plantas, micróbios, geleiras, adquirem o estatuto de objetos simbólicos), ele procede a um deslocamento da articulação natureza/cultura. Modifica o espaço, da mesma forma que o urbanista, quando integra o campo no sistema de comunicação da cidade, o arquiteto quando transforma o lago em barragem, Pierre Henry quando transforma o rangido de uma porta em tema musical, e o poeta que altera as relações entre "ruído" e "mensagem" [...] (Certeau, 1982, p. 80).

Em resumo, o trabalho do historiador é uma prática semiótica cujo objetivo é atribuir sentido ao tempo por meio da sua escrita, produzindo novos conhecimentos ao longo da existência humana. Essa labor, por envolver desgaste intelectual e físico, também denota uma forma de transferência de valor para o discurso historiográfico³⁸. Sendo assim, não existe uma história pura. Até mesmo as documentações sobre o passado carecem de significado sem o trabalho semiótico.

Além disso, o ofício do cientista do tempo conta com outra camada de materialidade, uma vez que seu produto sempre está inserido em um lugar social (Certeau, 1982). Assim, a historiografia sempre tem uma finalidade, um objetivo que exclui qualquer possibilidade de produzi-la como neutra. Uma vez que se reconhece o papel ineliminável do historiador no processo de produção do passado, o próximo passo diz respeito a compreender as especificidades dessa atividade.

³⁸ “Por força de trabalho ou capacidade de trabalho compreendemos o conjunto de faculdades físicas e mentais existentes no corpo e na personalidade viva de um ser humano, as quais ele põe em ação toda vez que produz valores de uso de qualquer espécie” (Marx, 2012, p. 339).

De acordo com Dantas (2022, p. 40) “[...] o conhecimento, esteja registrado na mente ou em algum suporte externo (livros, painéis de controle), não perde necessariamente a utilidade pelo uso e, não raro, ganha mais qualidade à medida que é usado.” Se, por exemplo, um historiador for se dedicar ao período colonial e aos conflitos indígenas desse recorte, seu primeiro movimento será se apropriar do que já foi produzido sobre o tema. Mesmo que seu trabalho venha a atualizar o que foi produzido antes, isso não necessariamente tira o mérito ou importância das obras anteriores, que em algum grau continua sendo conservado. Ou seja, diferente de uma mercadoria fabricada industrialmente, no qual é possível controlar o tempo de trabalho e, conseqüentemente, o mais-valor³⁹ extraído dos operários, a produção do conhecimento tem como característica a diminuição tendencial desse tempo de criação.

Se a mercadoria, nos termos definidos por Marx, congela tempos comparáveis de trabalho para efeitos de equivalência de valor (valor de troca), o conhecimento, isto é, o registro do material semiótico produzido pelo trabalho informacional, implica dispêndio de tempo de trabalho por quem produz e poupança de tempo de trabalho por quem o utiliza (Dantas, 2022, p. 71).

Por conta da natureza compartilhável do conhecimento, a única maneira de torná-la rentável é assegurando algum tipo de direito intelectual ou jurídico, cujo mecanismo principal são as leis de Direito a Propriedade Intelectual (DPI), controlando as formas possíveis de acesso a esse conhecimento. Assim, (*Idem*, 2022, p. 72):

todo produto, uma vez o “tipo” tenha sido projetado ou desenhado pelo trabalho aleatório, ainda passará por algum processo de trabalho redundante⁴⁰ de reprodução e replicação [...] para que seu valor de uso chegue aos consumidores produtivos e improdutivos. Caso essa etapa redundante requeira elevados investimentos e dispêndios monetários em capital fixo ou mesmo em trabalho redundante, será possível edificar barreiras à entrada de competidores que permitirão ao detentor dos DPIs extrair elevadas rendas de monopólio do conhecimento assim apropriado.

Posto isso, é preciso pensar em como a historiografia se insere nessa hipótese. Qualquer produto que seja, dos até aqui já citados (filmes, séries, livros, revistas, etc.) voltados para o conteúdo histórico são protegidos pelo Estado por meio de leis que, uma vez descumpridas, podem configurar um crime passível de punição.

³⁹ “O valor da força de trabalho é determinado pelo valor dos artigos de primeira necessidade exigidos para produzir, desenvolver, manter e perpetuar a força de trabalho” (MARX, 2012, p. 288). Uma vez estabelecido o valor do trabalho humano enquanto mercadoria, Marx consegue elaborar o conceito de mais-valor, momento no qual acontece a efetiva produção de valor para o capitalista. Se o valor para a reprodução do trabalhador, por exemplo, é estabelecido em 100,00 reais, e o mesmo consegue produzir isso em apenas quatro horas de trabalho, as outras quatro horas, de uma jornada de oito no total, serão convertidas em mais-valor. Isso é possível, pois o trabalhador consegue dispor de energia psicofísica para além do tempo da sua própria reprodução. Assim “a taxa de mais-valor dependerá, se todas as outras circunstâncias permanecerem invariáveis [...], da proporção em que a jornada de trabalho se prolongue além do tempo durante o qual o operário, com o seu trabalho, se limita a reproduzir o valor de sua força de trabalho ou a repor o seu salário” (Marx, 2012, p. 290). É durante esse tempo de sobretrabalho que se produz mais-valor.

⁴⁰ Trabalho aleatório seria, de forma bastante simplificada, o processo de produção de uma ideia “original”. É aleatório, pois não é possível quantificar o tempo de trabalho necessário para sua criação. O trabalho redundante, por outro lado, é o processo de replicação/reprodução do “tipo”, dessa ideia original (Dantas, 2022).

No caso das redes, onde as possibilidades de consumo podem ser mais “livres”, é possível falar em “jardins murados” (Dantas, 2022; Ormay, 2022). Essa analogia significa que, para termos acesso aos produtos nas redes, devemos adquirir uma “licença de acesso”. Nesse caso, uma troca monetária, como uma mensalidade ou pagamento, é necessária para se consumir os produtos de trabalho semiótico.

Os DPIs garantem monopólios temporários de exploração comercial de produtos ou processos industriais, bem como de obras intelectuais por garantir recompensas a seus criadores. São considerados monopólios porque autorizam a exploração do conhecimento afetado somente por seus detentores (Ormay, 2022).

Um bom exemplo desse fenômeno são os cursos ofertados na comunidade de Odir Fontoura, o Círculo da História⁴¹. Protegido pela lei dos direitos autorais (*Copyright*), o historiador, por uma assinatura semestral ou anual, oferece cursos (O Oculto na História; História da Arte Macabra; História do Brasil), aulas ao vivo, ebooks e podcasts. Seus conteúdos tem, como público alvo, não apenas curiosos sobre História, mas acadêmicos e professores. Um espaço que “que irá muito além dos vídeos curtos e simplificados que postamos nas redes sociodigitais, onde você terá acesso a conteúdos exclusivos já disponíveis e as atualizações constantes” (Círculo da História, *online*). Os historiadores que vendem materiais didáticos, como os mencionados acima, também se inserem nessa proposta.

No caso do trabalho historiográfico, não é possível mensurar o tempo de trabalho dedicado à produção do conteúdo original. Um historiador não tem como quantificar o tempo que levará para produzir e concluir sua pesquisa, mas esse processo é exatamente o que garante e transfere valor ao resultado final. Logo, esse tipo de reprodução de conteúdos citado acima, mas também considerando os vídeos do TikTok, apenas são possíveis por conta da existência de um material anterior, mas não necessariamente contém mais-valor justamente pela rapidez com a qual é possível fazer as “cópias” (Dantas, 2022). Uma vez que apenas o produto original tem valor, se torna necessário proteger ou garantir de alguma forma o monopólio, resultando nos DPIs.

Por se sustentarem em conhecimento produzido por outros historiadores, o que os tiktokers fazem é reconfigurar, a partir da dinâmica de consumo da rede social, outras formas do que podemos observar como uma espécie de divisão do trabalho. Em sua maioria quem produz vídeos para a internet, mas também dá aulas e disputa outros espaços para além da academia, reproduz conteúdo fruto do trabalho de historiadores e outros pesquisadores. Logo, tanto do historiador acadêmico quanto Tiktoker existe dispêndio de energia e criatividade,

⁴¹ Silva (2023) vai chamar essa modalidade de Mercadoria Conteúdo. Link para acesso ao site: <https://odirfontoura.com.br/> Acesso em: 11/06/2024.

ainda que em qualidades diferentes. Posto isso, cabe nos perguntar que perspectivas historiográficas se fazem presentes em vídeos curtos como os que vemos no TikTok? O que afeta a qualidade desses conteúdos é a própria natureza do processo de socialização do conhecimento ou são os efeitos da lógica de mercado que implica no sentido político da escrita sobre a História?

Sobre isso, o que se pode afirmar, por agora, é que esse conteúdo voltado ao grande público acaba sendo pautado com mais ímpeto pelos aspectos capitalistas, algo não tão constante no trabalho do pesquisador — ainda que a pressão por produtividade, de certa forma, também provoque efeitos nos resultados finais (Ormay, 2022). Assim, “o que o historiador considerar seu mercado vai influenciar o que ele diz e a maneira pela qual ele diz. Pense no quanto a Revolução Francesa teria de ser “diferente” para crianças do primário ou do secundário, não-europeus, “especialistas em revolução” ou leigos curiosos [...]” (Jenkins, 2011, p. 47). Uma vez que a produção historiográfica é, de certa forma, pensada a partir de demandas monetárias, lugar social espetacularizado, entre outras determinações das redes, o resultado acaba sendo impactado em sua qualidade.

A expectativa por consumo e engajamento interfere nas escolhas feitas pelo *tiktoker* que precisa responder às demandas colocadas por esse público, caso contrário não terá visualizações e curtidas, o que mais a frente vai dificultar a circulação do seu conteúdo na plataforma com a penalização advinda dos algoritmos. Nesse sentido, de acordo com Silva (2023, p. 152): “os ‘números’ são dotados de personalidade, pois eles reagem, aprovam, desaprovam. Para esses trabalhadores, o algoritmo é uma grande esfinge que nunca conta seus segredos, apenas impulsiona o que bem entende ou esconde determinado conteúdo sem dar grandes explicações”.

Considerando o trabalho para as plataformas digitais, as necessidades de “adaptação” do conteúdo ainda se tornam mais complexas quando se considera as exigências implícitas das plataformas,

“[...] na maioria dos casos, é necessário que ele [produtor de conteúdo] seja capaz de mobilizar audiência, tanto para a interação nas redes quanto para o consumo de anúncios. [...], de modo que seu trabalho é majoritariamente instrumentalizado para a veiculação de anúncios que se atrelam ao consumo de vídeos, imagens e textos (Silva, 2023, p. 24).

Ou seja, além do que a audiência deseja, como exemplificado nos pedidos recorrentes do público para o próximo vídeo, os produtores de conteúdo ainda são subordinados às métricas das próprias plataformas, uma lógica produtiva que favorece o modelo quantitativo em detrimento do qualitativo. Assim,

a tão evidente perda da qualidade, em todos os níveis, dos objetos que a linguagem espetacular utiliza e das atividades que ela ordena apenas traduz o caráter fundamental da produção real que afasta a realidade: sob todos os pontos de vista, a forma-mercadoria é a igualdade confrontada consigo mesma, a categoria do quantitativo. Ela desenvolve o quantitativo e só pode se desenvolver nele (Debord, 1997, p. 28).

Posto isso, no caso das redes sociodigitais opera como formula o compartilhamento de conteúdos informacionais e divertidos, sintetizados no vídeo, com o objetivo de construir uma audiência que pode ser monetizada tanto pelos tiktokers, como pela plataforma que irá vender esse espaço para produtores e comerciantes que tiverem interesse em divulgar suas mercadorias, acelerando assim o processo de circulação do capital. No caso dos perfis aqui analisados sua audiência é demarcada a partir dos interesses, enquanto aprendizagem e curiosidade, da História. Assim, para continuarmos a apreender como a produção da História se insere no TikTok, é necessário, mesmo que de forma concisa, assimilar como acontece o modelo de negócio das *Big Techs*.

2.3.2 A monetização e a produção da história para as redes

Falar da espetacularização da História no TikTok é essencialmente analisar como esses conteúdos são produzidos e consumidos. Diferente de um filme ou uma série histórica, enquanto mídias audiovisuais, que contam com uma estrutura e tempo colossal voltada a sua criação e estética, contribuindo para o sentido narrativo, os vídeos da plataforma tem uma lógica de produção e distribuição consideravelmente mais simplificada. Como afirma Stokel-Walker (2022), não é necessário ter os melhores instrumentos ou financiamento para fazer um vídeo, mas “apenas” sua desenvoltura e criatividade para pensar em temas e formas de engajar, característica essencial do TikTok.

É dentro dessa visão de mundo, propagada nas redes, que Tawany Rocha cresce com seu perfil “Loucuras da História”, interessada em levar a seus seguidores diversas curiosidades sobre o passado. Em uma dessas “fofocas”, a licenciada em história, de maneira descontraída, fala em seu vídeo dos hábitos de higiene da Europa vitoriana⁴². Sua exposição acontece, basicamente, por meio de um listagem de fatos enquanto imagens aleatórias sobre o período são apresentadas ao fundo: lavavam os cabelos de forma quinzenal ou mensalmente, as madeixas femininas com sabonetes com soda cáustica na composição; os dentes eram limpos com sal, na ausência de pasta dental e os vestidos, assim como o próprio corpo, volta e meia eram limpos com pano úmido.

Como uma boa atração, na fase do engajamento, vários comentários se estendem sobre

⁴² [Bem limpinhos](#). Acesso em: 19/05/2024.

o que é visto no vídeo. Desde correções ao que Tawany apresenta, utilizando imagens da era eduardiana, como acusa um seguidor; até expressões de nojo quanto a pouca higiene dos europeus e pedidos para que a tiktoker traga outras curiosidades sobre o mesmo período ou as práticas de limpeza dos brasileiros no oitocentos. Conteúdos como esse existem em larga quantidade no TikTok, o que deixa a impressão que a exposição de curiosidades, muitas delas travestidas de ensino, acabam sendo o modelo viável para comunicar e monetizar o passado considerando as particularidades dessa rede social. Esta por sua vez, constantemente incentiva seus usuários a produzirem conteúdos, o que implicitamente significa que sua lucratividade depende da permanência desses sujeitos na plataforma⁴³.

Existe um amplo debate entre marxistas sobre como acontece a extração de valor e lucro das *big techs*, o encargo de quem se dedica a produzir conteúdo e de quem consome o que é visto nas redes digitais. Quem utiliza as redes, como forma de se entreter, produz mais-valor? É possível dizer que os produtores de conteúdo são assalariados das plataformas? Alguns deles, como Bolaño (2014) e Marques (2018), defendem a hipótese de que esse mais-valor é gerado somente pelos trabalhadores que desenvolvem os *softwares* e *hardwares* utilizados pelas plataformas, além do rentismo viabilizado pelo monopólio do mercado de dados. Já Dantas (2022), Raulino (2022) e Fuchs e Sandoval (2015), mesmo com algumas divergências, acreditam que os usuários das redes produzem valor por meio de seus dados e trabalho semiótico.⁴⁴ Entretanto, existem algumas convergências entre os autores que, no geral, podem ser levadas em consideração sobre a análise desse fenômeno.

Bem diferente do âmbito industrial, em que o trabalhador tem seu mais-valor extraído mediante seu tempo de trabalho não pago, as redes sociodigitais têm uma funcionalidade diferente, mas não menos importante na rotação do capital, contribuindo principalmente para acelerar o processo de acumulação. Marx (2013b) argumentou que o capital funciona em um movimento que passa por produção, reprodução (distribuição), circulação e consumo de mercadorias. Cada uma dessas etapas tem suas particularidades, mas são essencialmente codependentes. Nesse sentido a fórmula proposta pelo autor para compreender o ciclo monetário é:

$$D - M \dots P \dots \Delta M - \Delta D^{45}$$

⁴³ Um bom exemplo disso são os vários programas de recompensas ou premiações pela produção de conteúdos. Essas práticas se tornam necessárias para que esses produtores permaneçam na plataforma e não migrem para a concorrência. Em sua grande maioria esses incentivos são convertidos em uma maior remuneração pelos conteúdos postados (Carbone, 2024).

⁴⁴ Para um amplo debate sobre, cf: Bolaño e Vieira, 2014; Marques, 2015; 2018; 2020; Ferraz *et al.*, 2021; Dantas 2022; Raulino 2022; Ormay, 2022; Fuchs e Sandoval 2015.

⁴⁵ “O processo cíclico do capital apresenta-se em três estágios [...]: Primeiro estágio: O capitalista aparece no mercado de mercadorias e no mercado de trabalho como comprador; seu dinheiro se converte em mercadoria ou

(**D** é o dinheiro investido/adiantado para a compra de **M** (Meios de Produção - maquinário e a força de trabalho necessária para produzir), **P** seria o próprio produção que resulta em mercadoria valorizada (ΔM), que uma vez vendidas se convertem em dinheiro valorizado ou simplesmente lucro (ΔD)).

A partir da elaboração dessa fórmula, Marx (2013b) reitera o desejo do grande capital em realizar esse ciclo no menor tempo possível, diminuindo a distância entre $D - \Delta D$ e assim efetivar o mais-valor.

O processo de produção aparece apenas como inevitável elo intermediário, um mal necessário ao ato de fazer dinheiro. Por isso, todas as nações em que impera o modo de produção capitalista são periodicamente tomadas pela ilusão de querer fazer dinheiro sem a mediação do processo de produção (Marx, 2013b, p. 135).

Nesse sentido, as empresas de comunicação e transporte seriam vitais para tal objetivo⁴⁶. Todavia, Marx não poderia imaginar que o gigantesco avanço tecnológico, conhecido como internet, teria a capacidade de tornar quase que instantâneos os processos de consumo.

Como as plataformas não criam mercadoria concretamente, estando apenas indiretamente ligadas ao que é produzido nas indústrias, as *big techs* tiveram de encontrar formas de lucrar e se apropriar da riqueza produzida por trabalhadores no âmbito industrial. Nesse sentido, podemos compreender seu modelo de negócios de veiculação de anúncios como uma forma de acelerar o consumo de mercadorias. Logo, “pode haver produção de valor, sem que haja produção de mercadoria, produção de valor que será o movimento (locomoção), não trabalho congelado, trabalho morto, ‘coisa’ inerte” (Dantas, 2012, p. 294). É a essas plataformas que o capital industrial e comercial recorrem para fazer com que seus produtos, por meio da publicidade, cheguem em uma velocidade quase instantânea a potenciais compradores. Assim, a fórmula para compreender o papel da comunicação na acumulação de capital passa a ser:

$$D - M \dots I - \Delta D^{47}$$

(**D** é o dinheiro investido/adiantado para a compra de **M** (Meios de Produção - maquinário e a força de trabalho necessária para processar, interpretar e comunicar informação **I**, assim produzindo lucro (ΔD)).

passa pelo ato de circulação D-M. Segundo estágio: O capitalista consome produtivamente a mercadoria comprada. Ele atua como produtor capitalista de mercadorias; seu capital passa pelo processo de produção. O resultado é uma mercadoria de valor maior que seus elementos de produção. Terceiro estágio: O capitalista retorna ao mercado como vendedor; sua mercadoria é transformada em dinheiro ou passa pelo ato de circulação M-D” (Marx, 2013b, p.107).

⁴⁶ “Mas o que a indústria dos transportes vende é o próprio deslocamento de lugar. O efeito útil obtido é indissolavelmente vinculado ao processo de transporte [...]. O efeito útil só pode ser consumido durante o processo de produção; ele não existe como uma coisa útil diferente desse processo, como algo que só funciona como artigo comercial [...]” (Marx, 2013b, p.133-34).

⁴⁷ Fórmula elaborada por Marcos Dantas (2012) a partir da fórmula $D - M \dots P - \Delta D$ de Marx sobre a indústria de transportes (Marx, 2013b). Como dito acima, aqui não existe uma mercadoria (um objeto, uma coisa) valorizada, pois o próprio ato de transportar/informar (P ou I) já está integrando a sua função enquanto mercadoria.

Essa sua função é potencializada ao considerarmos a grande dependência social a que somos submetidos com relação às tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs) que

permitiram reduzir, não raro ao limite de zero, [...] o tempo de mera replicação em algum suporte adequado à comunicação, do valor de uso ser comunicado, isto é, posto em uma relação social interativa. É este ganho quantitativo que nos permite perceber, aí também, um salto qualitativo no regime capitalista de acumulação, ultrapassando o assim chamado "fordismo" para esta nova etapa informacional (Dantas, 2012, p. 295).

Em suma, como não é possível quantificar o valor de troca da informação, como evidenciado no tópico anterior, o que sobra é o próprio valor de uso da comunicação para realizar o processo de circulação. Por meio das TDICs, é possível que a informação sobre diversos produtos cheguem aos consumidores em potencial, mesmo que a mercadoria sequer tenha sido objetivada. Logo, o TikTok⁴⁸ funciona hoje como um grande direcionador de propagandas, seu principal modelo de negócios, competindo com outras grandes empresas do ramo como a Google e a Meta (Dantas, Raulino, 2019). Mas por qual motivo as *big techs* são tão eficientes quando o assunto é publicidade? A resposta se resume a uma palavra: dados.

Como já mencionado em relação ao monopólio fundamentado dos direitos autorais, Marques (2018) reforça que o controle monopolizado das *big techs* sobre os dados é fator imprescindível para seus negócios:

O descomunal poder de mercado dessas empresas permite que elas monopolizam, por meio de suas plataformas tecnológicas, a mercadoria dados, ou seja, os dados pessoais e de navegação dos internautas, dados esses que são comercializados no mercado de publicidade dirigida por preços que estão muito acima dos valores (Marques, 2018, p. 127).

As informações contidas nos dados não são naturais. Para Dantas (2022) e Ferraz, Franco e Maciel (2021), o capitalismo informacional conseguiu avançar em algo que até então parecia impossível: tornar produtivo também o tempo de lazer ao constantemente plataformizar a vida⁴⁹ e as experiências de consumo e divertimento do trabalhador. Ao usar o TikTok como forma de entreter o que fazemos é produzir dados, que só existem por meio de trabalho semiótico humano. Marx (2011) apontou a existência de dois tipos de consumo, um improdutivo e outro produtivo, sendo este último todo labor que valorize o capital. Os dados são uma espécie de extração de mais-valia já que os usuários das redes digitais não são

⁴⁸ Em 2022 a empresa responsável pelo TikTok, ByteDance, lançou o TikTok Shop, um recurso de comércio que permite aos usuários interessados em iniciar um negócio divulgar seus produtos selecionados no TikTok. A ideia é que a empresa também consiga competir com outros líderes desse mercado como a Amazon (EXAME, 2024).

⁴⁹ Se refere à constante dependência das tecnologias e como sua lógica de funcionamento se desdobra na sociedade. Hoje é quase impossível existir sem um celular, por exemplo. Passamos a pedir comida, locomoção, ver notícias ou conversar por intermédio dele. Em última instância, o próprio fato de normalizarmos a entrega de nossos dados para essas plataformas já demonstra o nível de imersão na qual vivemos com as TICs.

remunerados pelo seu trabalho. Nesse sentido, no momento em que consumimos os vídeos, curtimos, compartilhamos ou comentamos qualquer conteúdo presente na internet (trabalho semiótico) estamos, ao mesmo tempo, produzindo dados (informação) que serão monopolizados e valorizados pelas plataformas e disponibilizado para empresas em troca de um pagamento. Sem os usuários e produtores de conteúdo as plataformas automaticamente perdem sua funcionalidade.

Em razão de as plataformas sociodigitais terem por objetivo colocar indivíduos ou grupo de usuários, em contato com outros indivíduos ou grupo de usuários, os usuários constituem o recurso primário de seu modelo de negócios. Amealhar o maior número possível de usuários é o que motiva investidores a aplicar dinheiro na construção e na manutenção dessas praças de mercado (Dantas, 2022, p. 81).

Como somos condicionados, quase como uma coerção social, a aderir às redes, consequentemente seu valor de mercado tende a aumentar, o que acaba por retroalimentar sua existência com ainda mais usuários. O processamento comercial desses dados, em quantidade incalculável, é possível graças ao desenvolvimento de algoritmos, esses que por sua vez são protegidos pelos Direitos de Propriedade Intelectual⁵⁰. Logo, qualquer ideia de liberdade nessas redes cai por terra quando compreendemos que tudo o que é acessado ou chega até o usuário passa por um filtro algorítmico, definidos pelo mercado, do que consideram adequado ou alinhado a nossas práticas de consumo individuais. Para Dantas (2022, p. 84):

Os algoritmos estão para as plataformas sociodigitais como as máquinas para as fábricas: capital fixo. [...] os dados em permanente produção por meio dos algoritmos não são fornecidos ao mercado como seria alguma mercadoria saindo das máquinas. Eles movimentam a plataforma, ou melhor, seus algoritmos, como a energia move as máquinas fabris ou os navios de transporte. [...] As plataformas transportam informação ao conectar usuários, vendedores e compradores.

Dessa forma, historiadores no TikTok aqui analisados produzem mais-valor, mas não necessariamente mercadoria. Seu trabalho semiótico, junto com o de outros usuários, geram dados, que são utilizados pelas plataformas. A lucratividade de empresas, como o TikTok, se dá justamente pelo seu monopólio dos dados que serão fornecidos, não vendido é importante ressaltar, para compradores e comerciantes em potencial, para quem estiver interessados que suas mercadorias sejam divulgadas em determinados perfis⁵¹. Dentro desses moldes, é possível aferir um modelo de negócios sustentado a partir do rentismo,

⁵⁰ Nesse caso, os algoritmos são caracterizados, de forma muito próxima, como segredos industriais. São esses DPIs que possibilitam que o TikTok tenha certa vantagem sobre outros aplicativos de vídeos curtos, como veremos mais à frente (Stokel-Walker, 2022).

⁵¹ Sobre tudo o que foi exposto até aqui, Marx (2012, p. 293-94) diz: “A renda territorial, o juros e o lucro industrial nada mais são que nomes diferentes para exprimir as diferentes partes do mais-valor de uma mercadoria ou do trabalho não remunerado que nela se materializa, e todos provêm por igual dessa fonte ou só dessa fonte. Não provêm do solo, como tal, nem do capital em si; mas o solo e o capital permitem a seus possuidores obter a sua parte correspondente da mais-valia que o empregador capitalista extorque ao operário.”

[...] as mídias sociais, como o Facebook, e buscadores, como o Google, utilizam uma estratégia rentista. As empresas que querem “cultivar” no espaço dessas plataformas (termo utilizado para fazer alusão à rede social como um latifúndio) são obrigadas a pagar uma renda ao dono dessa plataforma” (Silva, 2023, p. 71).

Sendo assim, não existe uma troca de equivalentes, que é essencial para quantificar o valor de troca de algo, mas isso não significa que não exista formas de precificar esses dados. Uma coisa pode não ter valor de troca e mesmo assim ter preço, uma vez que este nada mais é do que “a quantidade de dinheiro circunstancial ou conjunturalmente arbitrária para a troca de mercadorias oferecidas no mercado” (Ormay, 2022, p. 100). Com a posse monopolizada dos dados e das ferramentas, que no caso são os algoritmos de processamento, as plataformas lucram pela falta de concorrência e a propriedade intelectual sobre os algoritmos.

Os usuários compradores ou vendedores têm ambos acesso ao valor de uso dos dados apropriados e monopolizados pela plataforma, mas o preço pago pelos vendedores à plataforma por esse “serviço” não contém realmente valor de troca: o preço expressa apenas o quantum de dinheiro que o “mercado” aceitou circunstancialmente pagar nesses leilões (Dantas, Raulino, 2019, p. 136).

O que faz com que essas plataformas sejam tão eficientes nesse modelo de negócio é justamente terceirizar aos seus usuários a produção de conteúdo que vai alimentar o *feed* (fluxo de conteúdo que você pode percorrer). As empresas proprietárias das redes não têm qualquer desgaste criativo quanto a isso.

Em uma perspectiva geral, a lógica de produzir audiência para vender publicidade é a mesma já conhecida nas mídias tradicionais (jornal, rádio, TV), com a significativa diferença de que os usuários das plataformas produzem não só dados, mas, para isso, precisam produzir o próprio conteúdo (Raulino, 2022, p. 146).

Com relação aos produtores de conteúdo histórico, fica claro a tentativa de explorar o desejo de uma parcela do público em saber mais sobre o passado, um nicho ou bolha a ser monetizada nesse modelo de espetáculo. A partir dos pontos elencados acima, é possível afirmar que o objetivo último desses produtores de conteúdo e historiadores é ofertar um modelo de entretenimento que será consumido, garantindo audiência para a plataforma, convertendo essa atenção em retorno financeiro. Quanto maior a rede social e o número de usuários — ou seja, sua capacidade de capturar atenção —, maior seu valor de mercado.

A compreensão dessa infraestrutura é fundamental para analisar as condições de trabalho dos historiadores que se dedicam à produção desses vídeos curtos. Apesar de não existir qualquer vínculo empregatício a plataforma (TikTok, Instagram, YouTube, etc.) só tem sua funcionalidade efetivada por conta desses produtores de conteúdo. Outro ponto relevante é que não são os tiktokers que escolhem as condições de trabalho e produção, mas são pré-estabelecidas pelas *big techs*. Isso é significativo pois,

Toda pesquisa histórica se articula com um lugar de produção socioeconômica, político e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. É em função desse lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses [...] (Certeau, 1982, p. 66-67).

Logo, é exequível afirmar que o ritmo do TikTok influencia na forma como a história é produzida para a plataforma. Quanto mais tempo o usuário permanecer em determinada rede social, mais dados serão coletados e consequentemente maior será a extração de lucro por meio da utilização desses dados, suscitando na elevação do valor de mercado e obtenção de mais anunciantes. No caso do TikTok, cujo modelo de funcionamento também é pensado para garantir a permanência dos usuários *online*, existe todo um sistema de cobranças por anúncios.

Em janeiro de 2019, veicular um ‘anúncio in-feed’ - um pequeno vídeo que aparece na lista infinita de posts - custava, no mínimo, 25 mil dólares por um vídeo de no máximo 15 segundos. São 1.667 dólares por segundo. Se o anunciante quiser uma posição de maior destaque, como um vídeo que aparece quando os usuários abrem o app, tem que desembolsar 50 mil dólares por dia. Um desafio de hashtag - coreografias estranhas que os usuários imitam e postam usando uma hashtag específica - custam 150 mil dólares (Stokel-Walker, 2022, p. 127).

Essa estratégia de negócio é viável pela existência de conteúdo sendo produzido em larga escala para que sirva de entretenimento. Além disso, a construção de uma reputação na internet, que não precisa necessariamente ser positiva, também é primordial para a relação dos produtores de conteúdo e seus consumidores (Fisher, 2023), já que, uma vez popular, seus seguidores dedicarão engajamento onde quer que você se encontre virtualmente. Assim, o modelo econômico da captura de atenção⁵² se caracteriza por

uma temporalidade de crise permanente, que pontua o cotidiano dos usuários com eventos que demandam sua atenção e reação – nem que seja uma curtida, um encaminhamento, um comentário. A valência do conteúdo interessa menos que o simples fato do engajamento: para os algoritmos, é indiferente se a expressão for de amor ou de ódio (Cesarino, 2022, p. 79).

No caso do TikTok a rede social conta com três formas de monetização: 1) a venda de espaço para anunciantes; 2) a possibilidade de comercializar assinaturas, de forma opcional, para aqueles usuários que desejem ter acesso a conteúdos exclusivos, as denominadas “inscrições”; 3) a mediação entre os anunciantes e os produtores de conteúdo. Diferente do YouTube ou Instagram, no qual os influencers estabelecem contratos diretamente com alguns anunciantes, no TikTok, a empresa também faz essa mediação,

[...] ao oferecer alguns dos serviços mais úteis a usuários do aplicativo e as marcas que querem divulgar seus produtos, a empresa mantém uma parte maior da renda.

⁵² É significativo ressaltar que esse modelo econômico, em si mesmo, já é uma forma de nos temporalizar. Esse ponto será abordado mais à frente. O que importa por ora é compreender que, uma vez que se comercializa a atenção dos usuários, as plataformas estabelecem aspectos de lucratividade.

[...] Caso você seja a ByteDance [proprietária do TikTok] e controle a venda de anúncios e a divulgação de produtos dentro do aplicativo, vai manter a comissão que ganhou com todos (Stokel-Walker, 2022, p. 105).

E ainda,

Quando a marca encontra o criador certo para promover o produto, o *Marketplace* permite que entre em contato com a pessoa e, então começa uma negociação sobre o quanto a empresa estaria disposta a pagar para que esse talento mencione o produto em um vídeo. O TikTok tem controle teórico de tudo, do início ao fim - e é exatamente isso que o app quer. E, por causa desse controle, marcas e influenciadores podem ser convencidos de que todo o processo é mais legítimo [...] (*Idem*, 2022, p. 108).

Isso abre precedentes suficientes para problematizar as condições de produção desses historiadores e “entusiastas do passado”, que dedicam seu tempo de trabalho semiótico na criação desses conteúdos. Além dos ganhos financeiros com as publicidades⁵³, os *creators*⁵⁴ também ganham uma porcentagem no modelo de assinatura ainda em evolução na plataforma (Silva, 2023). Diferente dos vídeos que ficam acessíveis ao público em geral, a “Inscrição” de usuários em determinado perfil do TikTok, garante aos seguidores acesso a vídeos e conteúdos exclusivos. João Pedro Rangel, o criador e fundador do Operação Barbarussa, por exemplo, dá aos seus seguidores a opção de pagar uma mensalidade de R\$12,70 para ter acesso a lives especiais e sua identidade de “inscrito” assinalada em comentários e lives do perfil — uma espécie distinção dos outros seguidores dentro daquela mesma comunidade. Odir Fontoura, por outro lado, além dos privilégios acima, também garante aos seus assinantes um canal mais acessível de comunicação⁵⁵.

Como veremos mais à frente, a Byte Dance, proprietária do TikTok, gastou milhares de dólares para impulsionar o aplicativo, principalmente oferecendo contratos vantajosos aos influenciadores consolidados em outras redes sociais como o Instagram (Stokel-Walker, 2022). Também é possível apontar formações oferecidas pela plataforma para que produtores de conteúdo possam aumentar o número de seguidores (G1, 2024). Tudo isso controlado e mediado pela própria plataforma, como citado anteriormente. Como essas redes digitais dependem totalmente da produção dos seus usuários, a consolidação de alguns *creators* é

⁵³ No caso dos perfis aqui analisados, essa publicidade acontece quase sempre para empresas do ramo educacional como a Estácio e Edukabolsas. Também é possível observar os próprios criadores de conteúdo divulgarem e venderem seus produtos e “mercadorias” como é o caso do Odir Fontoura com seus cursos do Ciclo de História, como já mencionado, e a Grecy Cristina com sua loja de roupas estampadas com “personagens da História”.

⁵⁴ Outro termo para se referir aos criadores de conteúdo e material original para uma audiência online.

⁵⁵ A partir de uma leitura da Sociologia do Trabalho (Silva, 2023; Grohmann, 2021), é possível observar que isso não deixa de ser uma tentativa da plataforma de escamotear as precárias condições de trabalho de seus criadores, de modo a garantir que esses trabalhadores continuem em sua rede social angariando dinheiro de outras formas para além da monetização habitual.

fundamental para que aparentem mais profissionalismo em detrimento daqueles mais amadores que podem, por exemplo, afastar investidores.

As estratégias comerciais da plataforma compreenderam rapidamente que não basta apenas aumentar a quantidade de vídeos, é necessário profissionalizá-los, melhorar a qualidade (roteirização, formato, edição etc.), tornar esse conteúdo atraente. No entanto, o custo da melhora da qualidade do conteúdo produzido é debitado na conta do produtor de conteúdo que, por um lado, aumenta o salário recebido e, por outro, vê-se na obrigação de arcar com esse serviço caso queira ser notado (Silva, 2023, p. 147).

Isso apenas reforça o entendimento de que não é qualquer um que pode crescer e se tornar famoso nessas redes. Assim como no YouTube⁵⁶, analisado por Raulino (2022), o TikTok nunca sai perdendo quando um produtor consegue ou não sucesso.

A lógica econômica é que, se um canal de algum desses criadores faz sucesso, o YouTube ganha. Se o canal sequer conseguir atingir os critérios de monetização⁵⁷, o YouTube não perde. Assim, todos os produtores de conteúdo, mesmo os que não monetizam, trabalham para a plataforma no sentido de gerar valor ao ampliar o potencial da rede em atrair audiência e, daí, anunciantes (*Idem*, 2022, p. 197).

Mesmo com vários distanciamentos na forma de produção industrial e digital, Marques (2015) faz uma interessante analogia ao apontar a permanência de algo que Marx chamava de “salário por peça”. Fenômeno esse intensificado pela subordinação, em certa medida, dos produtores de conteúdo aos mecanismos algorítmicos desconhecidos das plataformas. Nessa lógica, o trabalhador é pago pela sua produtividade, colocando-o em condições de exploração ainda mais violentas. É assim em aplicativos de entrega como Uber e Ifood (*Idem*, 2015). Mas, para produtores de conteúdo no TikTok (historiadores *creators*), por exemplo, a demanda por mais vídeos é recorrente para a monetização do seu engajamento. Além disso, a urgência em ser visto se estende à necessidade de produzir conteúdo para mais de uma rede social (TikTok, Facebook, Instagram, X, YouTube, etc). As constantes pressões por produtividade, além do fato de que qualquer insucesso que o produtor de conteúdo tenha com seu trabalho seja direcionado apenas a ele, acaba por desencadear adoecimentos psicológicos.

⁵⁶ “Com o avanço de outras plataformas como o Twitch e TikTok, o YouTube atualiza constantemente seus serviços, o que impacta diretamente os rendimentos recebidos pelo trabalhador que nela atua. Um exemplo disso é a exigência de 10 milhões de visualizações públicas no “Shorts”, o modelo de vídeos curtos do YouTube. [...]. Essa exigência foi inserida no contrato de trabalho em janeiro de 2023, uma clara resposta ao crescimento de plataformas concorrentes que investem nesse formato de conteúdo. A consequência direta disso é a aceleração do ritmo de trabalho e o aumento na entrega de resultados, a intensificação do trabalho de quem precisa produzir e postar conteúdo diariamente; caso contrário, verá suas possibilidades de ganho desaparecerem” (Silva, 2023, p. 117).

⁵⁷ Com o crescimento do TikTok, o YouTube atualizou seus critérios de pagamento dos criadores, colocando no cálculo o engajamento também por meio do *Shorts*. No início de 2023, os criadores deveriam ter mais de 10 milhões de visualizações em três meses para garantir sua monetização (Silva, 2023). A própria plataforma foi modificada para que os criadores e usuários possam produzir *Shorts* a partir de cortes dos vídeos mais longos.

O sonho de se tornar um produtor de conteúdo se depara com uma realidade caracterizada por baixa remuneração e sobrecarga de trabalho, na qual a grande maioria assume todas as tarefas relacionadas à produção de conteúdo e uma parcela muito pequena consegue um salário suficiente para se dedicar apenas a essa profissão (Silva, 2023, p. 133).

Dessa forma, “para levar os trabalhadores ao status de produtores e consumidores ‘livres’ do tempo-mercadoria, a condição prévia foi a expropriação violenta do tempo deles. O retorno espetacular do tempo só se tornou possível a partir dessa primeira despossessão do produtor” (Debord, 1997, p. 108). Em suma, não há como desconsiderar as condições de trabalho para as redes sociodigitais como algo que não interfere no resultado final com relação a produção de passados. Apesar de aparentar liberdade, esse tipo de conteúdo é submerso em uma lógica mercadológica voraz. A adequação e aceitação desse ritmo acaba sendo refletido nas formas, conteúdos, temas, abordagens teóricas, entre outros aspectos.

Ao final desse primeiro espectro da tiktokzação, podemos observar os elementos econômicos do fenômeno, mas que sozinhos não explicam as diferentes formas de se consumir a História hoje. Mesmo sendo consumida como uma espécie de mercadoria, os elementos que compõem o valor de uso da história — comentados no 1.3.1 — não se perdem, ainda que possam ser afetados em sua qualidade. Nesse sentido, o tempo se revela um segundo aspecto fundamental para se compreender a Tiktokzação.

Como supracitado, o próprio modelo de negócio das *big techs* pressupõe diversos ritmos. O tempo do consumo do vídeo é consideravelmente mais acelerado do que o seu tempo de produção que, por sua vez, é mais rápido do que o processo de criação do conhecimento historiográfico, revelando que esse momento no qual vivemos é imbuído de temporalidades, sempre em constantes tensões. Torna-se central discorrer sobre as diferentes formas de temporalidade à qual somos atuantes e submetidos.

3 O INSTANTE

Quando se popularizou no Brasil, por volta de 2020 — período da pandemia da Covid-19, na qual a população deveria permanecer isolada para conter o vírus —, o TikTok apenas aceitava vídeos de, no máximo, três minutos. Atualmente, o tempo máximo se estendeu por dez minutos. Apesar disso, poucos usuários utilizam esse tempo, em parte pelo baixo engajamento na plataforma em vídeos mais longos. Essa mudança, em parte, foi estipulada por questões monetárias, afinal quanto maior o vídeo, mais publicidade pode ser inserida ao longo do conteúdo — modelo parecido com o do YouTube. Contraditoriamente, a plataforma de vídeos da Google começou a investir, nos últimos anos, na modalidade *Shorts*, os vídeos curtos no YouTube que disputam a atenção do usuário em meio a vídeos mais longos, que podem chegar a mais de horas. Porém, de acordo com Silva (2023), os *youtubers*, caso queiram se manter monetizados, também devem garantir uma quantidade mínima de visualizações nos *Shorts*, algo em torno de 10 milhões.

Ou seja, enquanto o TikTok busca se aproximar do modelo que existe no YouTube, esta, por outro lado, procura a todo momento incentivar seus usuários a consumir vídeos curtos, de modo a concorrer com o modelo de negócios da plataforma chinesa. Enquanto as grandes empresas de tecnologias perseguem um melhor modelo de lucratividade, quem sobrevive do trabalho nas redes sociais, alimentando inúmeros *feeds*⁵⁸, deve padronizar ao máximo seu conteúdo de maneira a compartilhá-lo em todas as redes sociais possíveis: TikTok, YouTube, Instagram, Facebook, etc.

Em meio a essa realidade do digital, o TikTok é composto por diversos instantes. É difícil encontrar na rede sociodigital vídeos que tenham uma duração maior do que cinco minutos. Algo mais extenso pode ser considerado tedioso para os usuários que estão ali em busca de um entretenimento imediato. Não é apenas que o vídeo deve ser curto, mas deve prender a atenção do usuário logo nos segundos iniciais, caso contrário o conteúdo pode sumir da tela, por meio da ação do usuário, com mesma velocidade com que surge.

De acordo com Stokel-Walker (2022) os quinze primeiros segundos são fundamentais para prender a atenção. Por conta desse aspecto, é comum que os *tiktokers* aqui analisados iniciem seus vídeos com alguma chamada bastante impactante: “O atleta que venceu Hitler, mas ao voltar ao seu país teve que competir com animais para sobreviver”⁵⁹; “Dom Pedro I

⁵⁸ É a página inicial dos aplicativos que exibem fotos, vídeos e conteúdos no geral de contas que o usuário segue, além de publicações sugeridas. Esse modelo foi o principal diferencial do Facebook durante a sua implementação.

⁵⁹ [A história do homem que venceu Hitler mas não foi recompensado no seu próprio país](#). Acesso em 12/07/2024.

enviava pelos pubianos para sua amante como prova de fidelidade”⁶⁰; “Escravizadas eram usadas em experimentos sem anestesia pelo homem considerado o pai da ginecologia moderna”⁶¹; e assim por diante. Isso motiva o espectador a permanecer no vídeo até o final. Além disso, para conseguir a monetização da plataforma, o vídeo deve ter no mínimo um minuto de duração. Ou seja, no ato da produção, o vídeo deve ser pensado para no mínimo dois momentos: o tempo de fígada da atenção, logo nos segundos iniciais e o tempo de monetização. Mas se engana quem acredita que os vídeos precisam ser consumidos no tempo materializado em minutos. O TikTok também individualiza essa experiência aos usuários que podem acelerar ainda mais o vídeo, colocando para avançar 2x mais rápido do que o normal.

Em última instância, o que se cogita aludir é que o TikTok, com *feed* constituído por uma infinidade de vídeos curtos que se sobrepõem em ritmo frenético, é constituído por vários tempos. Contudo, isso não significa uma “pluralidade” temporal, uma vez que a perspectiva quase sempre é direcionada para a aceleração do consumo, em uma composição que efetivamente captura os usuários (Fisher, 2023). Essa é a base para a diferenciação da plataforma: o consumo de uma grande variedade de conteúdos em um espaço de tempo cada vez menor. Com isso, o instante passa a ser não apenas o que se materializa no vídeo, mas a forma fragmentária na qual o usuário consome.

A partir disso, surgem as seguintes questões: é possível dizer que o tempo se acelera? Como as redes provocam outra experiência de tempo? Isso não significa dizer que só existe uma experiência de tempo possível, mas aponta uma “hegemonia” da aceleração na qual somos constantemente expostos e reiteradamente tensionados, bem como o papel das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) nessas transformações. Por fim, objetiva-se apresentar as principais características e dinâmicas de funcionamento da rede social TikTok, além da exposição dos quatro perfis selecionados para o recorte das fontes.

3.1. Quais as condições objetivas de temporalização na modernidade?

Em 1895, H. G. Wells publicou “A Máquina do Tempo”, considerado um dos primeiros livros de ficção científica. Esse gênero tem como principal característica incorporar um léxico científico para produzir narrativas ficcionais sobre as potencialidades, desafios ou ameaças que podem se desdobrar a partir dos avanços científicos. No enredo da obra citada, o Viajante do Tempo, cujo nome não é mencionado, relata aos colegas sua experiência no futuro de 802701. Dois aspectos estão muito presentes durante a narrativa da obra. O primeiro é a

⁶⁰ [Vocês adoram esses assuntos apimentados então aqui está.](#) Acesso em 16/08/2024.

⁶¹ [Operadas sem anestesia.](#) Acesso em 16/08/2024

valorização e um otimismo pela ciência ao potencializar as capacidades humanas; de outro um pessimismo quanto ao futuro, sem mudanças sociais significativas se comparadas ao próprio século XIX, com a manutenção da divisão de classes sociais e consequentemente, da exploração de uma raça humana por outra, como assim é descrito o futuro. Em última instância, Wells referia-se muito mais ao seu tempo do que ao futuro propriamente dito.

Não tardou para que as perspectivas do autor — como suas críticas à própria ideia de progresso em “A guerra dos mundos” (1898) — se concretizasse, em alguma medida, na realidade social. Guerras mundiais, governos totalitários, holocausto, ameaças nucleares e crises ambientais adentraram o imaginário social de futuro, em sua maioria, de maneiras bastante derrotistas, como apontado por Wolff (2013), futuros esses bastante ligados ao presente. Wells demonstrou em sua obra a capacidade que a ficção tem em possibilitar imaginários sobre o futuro, influenciando sobre os modos como socialmente nos temporalizamos. Refletir sobre o significado dessas diversas temporalidades sociais continua sendo uma tarefa desafiadora, não existindo dessa forma uma única experiência de tempo.

Diversos fatores sociais, culturais e econômicos provocam mudanças significativas nessas relações. Conceitos como lembrar e esquecer, por exemplo, são redefinidos com a presença e democratização de aparelhos digitais, como os *smartphones*, geralmente vendidos buscando destacar sua capacidade de memória, para guardar fotos, vídeos e informações das quais recusamos perder. Esse temor também parte, em especial, da infinidade de dados presentes nas redes que criam a sensação do efêmero, sem as necessárias raízes memorialísticas.

Nosso mal-estar parece fluir de uma sobrecarga informacional e perceptual combinada com uma aceleração cultural, com as quais nem a nossa psique nem os nossos sentimentos estão bem equipados para lidar. Quanto mais rápido somos empurrados para o futuro global que não nos inspira confiança, mais forte é o nosso desejo de ir mais devagar e mais nos voltamos para a memória em busca de conforto (Huyssen, 2000, p. 32).

Em última instância, é possível afirmar que as formas de lidar com o tempo modificam-se ao longo dele mesmo. Essas maneiras, contudo, não são homogêneas, variando de sociedade ou até mesmo de múltiplos indivíduos em um mesmo ambiente. Mediante a isso, reconhece-se o desenvolvimento da modernidade e do capitalismo, eventos únicos na história, como catalisadores de particularidades do tempo na contemporaneidade. De acordo com Koselleck (2006), essas transformações foram, em especial, interpretadas por meio da chave do progresso, em especial durante o século XIX.

Ainda que a perspectiva religiosa se mantivesse influente, a centralidade da fé na forma como a Europa se temporalizava foi gradualmente perdendo seu lugar para o

racionalismo filosófico, bem como para o desenvolvimento da ciência e tecnologia (Pimenta, 2021). Não é como se a Europa, onde essas contradições estavam se afluando com maior intensidade, surgisse completamente diferente do dia para a noite, mas com a intersecção de temporalidades diversas que foram se mesclando até formar um fenômeno novo. Mudanças culturais — a partir da filosofia racionalista —, econômicas e políticas, através das revoluções francesa e industrial, remodelaram as experiências sobre o tempo.

A aceleração das interações humanas só pôde ser continuada quando as invenções técnicas correspondentes permitiram a transposição das barreiras naturais. A máxima da aceleração começa a se tornar uma máxima geral da experiência a partir das revoluções Francesa e Industrial (Koselleck, 2014, p. 148).

Transformações no entendimento sobre a História mudaram, compreendida como uma grande abstração, rumo à evolução social. O futuro passou a ter uma primazia nas maneiras de se temporalizar, o que intensifica ainda mais o distanciamento entre o Espaço de Experiência e o Horizonte de Expectativas, no qual o passado já não serve mais como orientador para o futuro (Koselleck, 2014). Além disso, a construção ideológica de que haveria territórios mais modernos que outros colaborou não somente com a ideia de competitividade, mas de que os estados nacionais europeus estavam supostamente mais avançados. Para Rosa (2019, p. 518):

Essa transformação da experiência histórica se encontra na raiz da reconceptualização do status e da tarefa do âmbito político na Modernidade, que passa a formular as modernas filosofias da história, as quais, por sua vez, tentam definir a direção e o objetivo do movimento da história percebido, vinculando-o constitutivamente, à ideia de movimento político: a sociedade se torna uma missão a ser cumprida no tempo segundo os princípios do desenvolvimento histórico.

Com isso, o imaginário de que o futuro poderia ser diferente do que até então existia se fortaleceu. Essas transformações trouxeram como necessidade a criação de novos conceitos e interpretações para se referir às mudanças postas ao novo tempo que então se desdobrava. O conceito de progresso, mas não só, surge dessa tensão. Ainda de acordo com Koselleck (2020), o progresso passou a ser compreendido como um aspecto universalizado, no qual toda a humanidade deveria passar. Compreendido não somente como uma espécie de “agente” histórico, mas como o caminho natural no qual a História deveria seguir. Isso não significou que outras formas de se temporalizar tenham sucumbido, mas que se mesclaram processos de mudanças sociais, exequíveis com a hegemonia do poder burguês e as tentativas de sepultar de vez o antigo regime.

Ainda que o conceito de progresso seja central para o entendimento da modernidade, outros sentimentos em conjunto foram se manifestando com relação ao tempo, como, por exemplo, o de que o tempo passava de forma mais rápida ou acelerada. Embora o imaginário

da aceleração já estivesse dado na tradição judaico-cristã, com a promessa da antecipação do fim do mundo, com a modernidade as bases nas quais essa percepção sustentava-se mudaram.

[...] a mudança moderna é aquela que provoca uma nova experiência temporal: a de que tudo muda mais rapidamente do que se podia esperar até agora ou do que havia sido experimentado antes. A intervalos menores, no dia a dia dos afetados introduz-se um novo componente desconhecido, que não pode ser deduzido de nenhuma experiência conhecida. Isso distingue a experiência da aceleração (Koselleck, 2014, p. 153).

Assim, a aceleração foi se definindo não somente pelo desejo do progresso, mas com o estabelecimento da sociedade capitalista, fundamentada, em última instância, nas diferentes formas de intensificar o processo produtivo e de consumo. Articulado não somente com a criação do relógio e do controle do tempo nas fábricas, mas também com as tecnologias de transporte e comunicação, sendo as ferrovias o referencial para a aceleração social. Mediante a isso, a sensação de aceleração do tempo discursivamente também se materializou na concepção de progresso, na busca pela ruptura completa com o que existia até então.

Contudo, o conceito de progresso foi tendo seus significados alterados à medida que a realidade social se alterava⁶². A descrença com o progresso se deu, em especial, ao longo do século XX. As benesses do progresso não chegaram a se concretizar, e gradualmente foram postas em xeque. Como afirma Pimenta (2021, p. 365-6):

[...] a Primeira Guerra Mundial e a promoção em escala até então inédita de mortalidade e destruição calcadas no desenvolvimento tecnológico; a Crise de 1929 e a falência momentânea do progresso econômico até então prometido pelo liberalismo; a Segunda Guerra Mundial, consolidou aquilo que Eric Hobsbawm chamou de “era da guerra total”, simbolizada nas câmaras de gás e na bomba atômica; e a guerra fria e a escalada armamentista nuclear que ameaçaram toda a humanidade em repentina extinção.

A desesperança com o futuro, as diversas crises mundiais e ambientais, bem como a falta de alternativas ao capitalismo, acabaram por se desdobrar em novos e diferentes conceitos, nos quais o futuro não mais dispunha do peso político que detinha até então. Apesar de não explícito, a “crise do futuro” também apresentava elementos intimamente relacionada ao processo de aceleração, afinal, uma vez que a constância nas mudanças (informacionais, tecnológicas, linguísticas, etc.) cresce e se tornam imprevisíveis, o futuro carece de confiança, corroborando com o sentimento de aceleração (Huyssen, 2000; Rosa, 2019).

De modo a compreender essas incertezas do tempo, avaliações e produções conceituais mais contemporâneas passaram a reservar maior primazia ao presente. O

⁶² É oportuno apontar que o fato do conceito ter entrado em crise, não significa que tenha deixado de fazer sentido social. Ainda em concordância com Pimenta (2021), o sentimento de progresso não se perdeu totalmente, uma vez que, em determinados espaços sociais, como a ciência ou a religião, esse sentimento ainda se mantém.

historiador François Hartog (2023), por exemplo, passou a desenvolver o conceito de “presentismo”, procurando apreender de alguma forma as outras necessidades teóricas contemporâneas. Para o autor, socialmente passamos a viver em uma espécie de “coerção” do presente, em comparação com outras formas de se temporalizar, como o passadismo ou futurismo.

O presentismo pode, assim, ser um horizonte aberto ou fechado: aberto para cada vez mais aceleração e mobilidade, fechado para uma sobrevivência diária e um presente estagnante. A isso, deve-se ainda acrescentar outra dimensão de nosso presente: a do futuro percebido não mais como promessa, mas como uma ameaça; sob a forma de catástrofes, de um tempo de catástrofes que nós mesmos provocamos (Hartog, 2023, p. 14-15).

Percebe-se que o conceito de Hartog também procura conservar elementos presentes em Koselleck (2006; 2014) referente ao fenômeno da aceleração. Todavia, a hipótese do presentismo não passou ileso a críticas. Como apontado por Pereira e Araújo (2017, p. 279):

[...] há pelo menos três principais ambiguidades na hipótese do Presentismo: 1. a persistência da aceleração do tempo apesar do “fechamento do futuro”; 2. algumas analogias estruturais entre o presentismo e a historicidade moderna que questiona a singularidade e a diferença do nosso tempo presente; 3. Uma possível “falha teórica”: como pode um tempo histórico ser privado de futuro?

Ainda que o conceito de “presentismo” de Hartog demonstre limitações, o historiador também observa alguns léxicos discursivos que são estabelecidos para se referir a essa outra dimensão do tempo intimamente ligado ao desenvolvimento tecnológico.

Nessa progressiva invasão do horizonte por um presente cada vez mais inchado, hipertrofiado, é bem claro que o papel motriz foi desempenhado pelo desenvolvimento rápido e pelas exigências cada vez maiores de uma sociedade de consumo, na qual as inovações tecnológicas e a busca de benefícios cada vez mais rápidos tornam obsoletos às coisas e os homens, cada vez mais depressa. Produtividade, flexibilidade, mobilidade tornam-se as palavras-chaves dos novos administradores (Hartog, 2023, p. 147-8).

A reflexão do tempo presente a partir da problematização de certos conceitos também foi viabilizada e teorizada por historiadores como Rodrigo Turin (2019b). Conforme o autor, alguns conceitos usados nos últimos anos fariam parte de outro arcabouço linguístico fundamentado em uma perspectiva na qual o tempo segue sob um ritmo acelerado. Este, por outro lado, estaria ligado à racionalidade neoliberal, fundamentada, em última instância, na ideia de concorrência.

Com os novos conceitos que movem a racionalidade neoliberal, percebe-se, por sua vez, a quebra da ideia de continuidade e de processo em uma série de presentes (destemporalização); o privilégio das distinções e individualizações em detrimento dos amplos conceitos unificadores da modernidade (diferenciação); por fim, uma forma de adesão despolitizada, calcada na suposta neutralidade técnica presente em conceitos como “eficiência”, “excelência” e “transparência” [...] (Turin, 2019b, p. 255).

Para além de Turin, os historiadores Pereira e Araújo (2019) defendem que o conceito de “progresso” também poderia ser substituído pelo constante desejo de atualização, passando a ser o conceito hegemônico do tempo presente. Para os historiadores, o conceito de “atualização” desdobrou-se em um entendimento no qual o atual não somente é melhor, mas confunde-se com a própria ideia de verdade. Diferente das hipóteses que buscam explicar o tempo presente, a tese dos historiadores pretende contribuir na análise das experiências do tempo relacionadas às redes sociodigitais. “No lugar de checar fontes, buscar as suas origens e consequências, toda a nossa energia é capturada pelo próprio fluxo contínuo das notícias e de seus comentadores” (Pereira; Araújo, 2021, p. 4).

A diversidade de teses e tentativas de interpretar o tempo, a partir de chaves como o progresso, atualismo, presentismo, entre outros conceitos, demonstram como o fator “tempo” passou a ser fundamental na compreensão dos fenômenos sociais na contemporaneidade. Isso não significa que somente existe um único modelo de tempo, nem muito menos de aceleração social, ainda que este seja um fenômeno característico da modernidade. Nesse caso, como apontado por Turin (2022), a ampla gama de conceitos e hipóteses tendem a demonstrar que passamos por uma aguda crise de tempos. Com hipótese semelhante Crary (2016, p. 65) afirma que:

Existem, certamente, temporalidades diferentes, mas o leque e a profundidade das distinções entre elas diminuíram, e a facilidade de substituição de uma por outra se converte em norma. Unidades de duração convencionais e antigas persistem (como “horário comercial” ou “de segunda a sexta”), mas sobrepostas a elas estão todas as práticas de administração do tempo individual possibilitadas pelas redes e mercados 24/7.

Como mencionado anteriormente, o desenvolvimento tecnológico, juntamente com o processo de consumo cada vez mais violento do capitalismo, em busca de acelerar o processo de lucro, possibilita cotidianamente que tenhamos transformações técnicas cada vez mais rápidas.

Em 2009-10, uma empresa gastou 300 milhões de dólares para construir um link particular de fibra óptica entre Chicago Mercantile Exchange, ou Bolsa de Chicago, e Carteret, Nova Jersey, onde fica a bolsa Nasdaq. Eles fecharam estradas, cavaram fossas e perfuraram montanhas, tudo isso em segredo, para que nenhum concorrente descobrisse o plano. Ao encurtar a distância física entre os locais, a Spread Networks reduziu o tempo que uma mensagem levava para chegar entre dois data centers de dezessete milissegundos para treze - o que resultou em uma economia de 75 milhões de dólares por milissegundos (Bridle, 2019, p. 124-5).

A partir das diversas interpretações sobre o tempo, o que se pode aferir, ainda com limitações, é que a aceleração é uma experiência hegemônica, na qual somos socialmente compelidos e, não necessariamente, algo totalizante e arbitrário. A própria experiência de aceleração está intimamente articulada a outras maneiras de lidar com o tempo. De acordo

com Rosa (2019, p. 178), “as formas de lentificação⁶³ não se opõem, portanto, à dinâmica aceleratória nem constituem um efeito colateral disfuncional, mas sim representam um elemento interno e um princípio complementar inerente ao processo de aceleração”.

Uma vez todos esses aspectos concisamente apontados, torna-se necessário o seguinte questionamento: é possível afirmar que o tempo se acelera? Ou, o que efetivamente se acelera na sociedade moderna? Em primeiro lugar, é impossível quantificar, de alguma forma, a aceleração do tempo, afinal as mesmas 24 horas continuam a existir para todos.

Alguns sociólogos falam, por exemplo, da aceleração do tempo. Com o progresso das ciências e das técnicas, ou ainda com o desenvolvimento do capitalismo financeiro ou da globalização, eles dizem que o tempo se acelera. Mas, não, o tempo não se acelera! O que se passa é que há cada vez mais ações ou acontecimentos no mesmo lapso de tempo [...] (Wolff, 2013, p. 47).

Desse modo, o que se pode dimensionar é como, social e subjetivamente, passamos a sentir essa aceleração e quais elementos criam essa percepção. Por sua vez, o conceito de aceleração na modernidade é central para o entendimento do significado a Tiktokzação.

O processo de aceleração na modernidade não acontece em apenas uma dimensão social, mas é diluído culturalmente em diferentes frentes, e não apenas restrito ao aspecto econômico ou de produção. De acordo com Rosa (2019), a aceleração do tempo social apenas pode ser compreendida quando considerado as três dimensões nas quais a aceleração acontece: 1) Aceleração técnica; 2) Aceleração do ritmo de vida; 3) Aceleração da mudança social⁶⁴. Ainda conforme o autor, o ritmo acelerado se torna um fenômeno no momento em que essas três dimensões passam a funcionar dessincronizadamente. No caso do fenômeno da Tiktokzação, essa forma de temporalidade das redes está intimamente articulada, a meu ver, com os dois primeiros aspectos da aceleração defendidos pelo sociólogo.

Referente a aceleração técnica, o conceito refere-se ao desenvolvimento tecnológico que possibilita a aceleração. Abrangendo desde o desenvolvimento maquinário para uma maior produção desde a Revolução Industrial, aparelhos domésticos e de comunicação, com o rádio e a Internet. Com base no segundo ponto, o autor define a aceleração do ritmo de vida como:

[...] aumento dos episódios de ação e/ou de experiências por unidade de tempo, isso em função de um escasseamento de recursos temporais, bem como diferenciá-la em componentes objetivos e subjetivos. Objetivamente, pode-se medir adensamento de

⁶³ Essas formas de lentidão podem se manifestar de formas diversas, desde o trânsito lento, até o desejo subjetivo por fazer certas tarefas de forma mais lenta, o tédio, ou práticas nas quais a execução precisa ser feita em um ritmo mais devagar como o estudo ou práticas de meditação, por exemplo.

⁶⁴ O sentimento de aceleração se dá com as diferenças que acabam se tornando patentes entre um grupo e outro como, por exemplo, a comparação que se faz de costumes diferentes de um idoso para com um adolescente sobre um mesmo período. Os diferentes costumes, desejos, hábitos e etc. Esse tipo de dinâmica, de acordo com Rosa (2019), provoca um sentimento de contração do presente e, com isso, de aceleração.

episódios de ação e de experiência, [...], enquanto, subjetivamente, experiências de estresse, de pressão temporal e de um tempo “vertiginoso” são indicadores, empiricamente distinguíveis, da percepção de escasseamento de recursos temporais e da passagem acelerada do tempo. (Rosa, 2019, p. 239).

Essas duas dimensões afetam uma à outra constantemente. A necessidade por mais tempo, desencadeada pela escassez ou sobrecarga no ritmo de vida, impulsiona o desenvolvimento tecnológico para ampliar meios de se ganhar ou conservar tempo — daí a simultaneidade e imediatismo inerentes às tecnologias —, contudo, a longo prazo, esse ganho de tempo é consumido por outras atividades e demandas, o que faz com que novamente sejam necessários novos recursos tecnológicos. Em suma, é a necessidade de ganhar tempo que alimenta o ímpeto por tecnologias que possibilitem mais tempo. Essas relações no âmbito digital, não deixam de depender de uma materialidade que efetivamente possibilita as trocas e experiências na internet.

Nesse aspecto, o celular congrega três requisitos básicos: 1) é móvel; 2) pode ser conectado em rede; 3) possibilita a produção e compartilhamento instantâneo de conteúdo - um conteúdo que, em condições diversas, só poderia ser visto por outras pessoas no noticiário noturno da TV ou nos periódicos do dia seguinte (Sanches, 2022, p. 31).

A longo prazo, os mecanismos criados para garantir mais tempo se tornam os mesmos instrumentos que sugam todos os recursos temporais desses trabalhadores. Os marcadores temporais, como horário de chegada ou saída, são substituídos pelo aparelho *smartphone* que passa a ser, ao mesmo tempo, instrumento de labor e lazer. Com isso, as várias posições e atribuições que um mesmo sujeito pode assumir na internet contribui como parte do fenômeno da aceleração e tiktokzação referente a experiência de tempo nas redes. Por conta disso, é também exequível compreender o fenômeno da aceleração pela chave da simultaneidade de tarefas e ações que podemos fazer “ao mesmo tempo”.

Com relação às redes sociodigitais, a aceleração do ritmo de vida passa a se manifestar em dois âmbitos: produção e consumo. No primeiro caso, os produtores de conteúdo — e com relação à presente pesquisa, os historiadores —, esses trabalhadores devem alimentar constantemente as suas diversas redes (X, Facebook, TikTok, Instagram, etc.) com uma quantidade de conteúdos diários. Com isso, é importante reafirmar que o modelo de consumo capitalista dos monopólios de empresas de tecnologia, hoje, é cada vez mais dependente da disputa pela atenção social, pois, no âmbito digital, é possível estar sempre conectado e produtivo de alguma forma.

No segundo caso, o ritmo das redes, atrelado à possibilidade da simultaneidade das atividades e tarefas, possibilita que os usuários consumam e efetuam vários tipos de

interações ao mesmo tempo. A quase infinidade de produtos e a falta de tempo para consumi-los acabam desencadeando um desejo por aceleração no ritmo de vida cotidiano, em conjunto com a tecnologia. Talvez por isso o TikTok tenha passado seu formato rapidamente popularizado em outras redes sociodigitais.

A necessidade de dinamização do tempo passa também por desejos outros que não estão ligados ao simples economicismo, mas também ao divertimento, ócio, possibilidade de atuação em outras esferas sociais (ser pai, estudante, irmão, etc.), que constantemente são sufocados pela grande demanda de labor ou estresse que a “falta de tempo” provoca. Como apontado por Rosa (2019), mesmo com o fluxo de informações presentes nas redes, em nenhum momento somos efetivamente obrigados a fomentar ou consumir esses conteúdos. O que pode exemplificar que a questão econômica sozinha não consegue explicar o que leva uma abundância de pessoas a utilizarem as redes, disponibilizarem seus dados e tempo para qualquer tipo de interações ali executáveis.

Se considerarmos esse ritmo como espécie de tendência, o problema passa a se estender não somente à atuação no âmbito digital, mas também aos trabalhos que porventura necessitam de maior tempo para garantia de qualidade.

Mais do que um bom pesquisador ou professor, hoje o ethos dominante que se cobra do acadêmico é o de ser um bom gestor dos números de produção que qualificam sua performance em uma rede de relações concorrenciais. O tipo ideal do pesquisador, seu modo de temporalização, deixa de ser, por exemplo, a produção de uma obra que impacte o campo, [...]. Em vez da qualidade e do impacto de média ou longa duração, científico ou social, privilegia-se nesse novo modelo a contabilidade da produção relativa a um passado recente, como modo de projetar a sua continuidade rítmica em um futuro igualmente curto (Turin, 2019b, 259-260).

Com isso, o trabalho que antes era fundamentado, em especial, pelo seu valor de uso, passa a ser substituído pela capacidade de produção quantitativa, reorganizando o valor de produção de conhecimento, a critérios bastante próximos à lógica de produção por meta e números de produtividade. Uma vez que tenhamos que ser constantemente produtivos, até mesmo o sono passa a ser afetado de forma negativa pelo novo ritmo de trabalho implicado à lógica de aceleração.

É claro que ninguém pode fazer compras, jogar games, trabalhar, escrever em seu blog, fazer downloads ou enviar mensagens de texto 24/7. No entanto, uma vez que não existe momento, lugar ou situação no qual não podemos fazer compras, consumir ou explorar recursos em rede, o não tempo de 24/7 se insinua incessantemente em todos os aspectos da vida social e pessoal. Já não existem, por exemplo, circunstâncias que *não* podem ser gravadas ou arquivadas na forma de imagens ou informações digitais (Crary 2016, p. 40).

Isso também se aplica ao fenômeno de tornar o tempo individual cada vez mais produtivo. Necessidade incorporada à conjuntura do capitalismo tardio, na qual a

possibilidade de “perder tempo” é inaceitável e a busca por otimização do tempo cada vez mais desejada. Não é por acaso que as redes sociodigitais individualizam ou personalizam não somente o consumo, como também criam uma dinâmica de particularização de experiência do tempo. As plataformas oferecem possibilidades diferentes de lidar com o tempo, deixando os conteúdos mais lentos ou permitindo que o usuário os acelere ao seu bel-prazer. Uma vez que a experiência passa a ser subjetivada, ações e tarefas do cotidiano que demandam mais tempo para serem realizadas acabam por ser indesejadas. A irritabilidade com a ausência de resposta de uma mensagem ou o ato de esperar quando não se está encarando uma tela, que se desdobra em uma eternidade. Ou seja, o tempo ideal passa a ser sempre o tempo individual de cada sujeito. Assim, como afirma Crary (2016, p. 97-8):

Uma das formas de incapacitação em ambientes 24/7 é a perda da faculdade de sonhar acordado ou de qualquer tipo de introspecção distraída que ocorreria normalmente durante os intervalos de horas lentas ou vazias. Uma das atrações dos sistemas e produtos atuais é sua velocidade de operação: tornou-se intolerável esperar que um dispositivo carregue ou conecte. Quando há atrasos ou intervalos de tempo vazio, raramente são aberturas para a deriva de consciência, na qual ficamos livres dos constrangimentos e demandas do presente imediato.

Os conteúdos curtos, como os vídeos do TikTok, nos quais é possível consumir vários por hora, entram também na conjuntura das redes, criando uma distorção como se a quantidade passasse a significar maior efetividade ou melhor aproveitamento do tempo. Ou seja, quanto mais vídeos se consumir e visualizar, mais produtivo estará sendo o tempo que, mediante às outras atribuições do dia, torna-se escasso. Esse consumo é até mesmo recompensado, tanto por políticas específicas presentes em cada uma das redes sociodigitais, mas também mediante recompensas pessoais, como o engajamento em fotos ou vídeos que, geralmente, são correspondidos em questão de segundos.

A compreensão desses aspectos é de extrema relevância por demonstrar que a ideia de que fazemos o que quisermos com nosso tempo não se concretiza nem mesmo na virtualidade das redes. Como afirma Debord (1997, p. 101): “O tempo irreversível da produção é antes de tudo a medida das mercadorias. Assim, o tempo que se afirma oficialmente em toda a extensão do mundo como o tempo geral da sociedade significa apenas os interesses especializados que o constituem: é um mero tempo particular”.

Com isso, pode-se perceber que, desde a sua instalação e desenvolvimento, o capitalismo vem transformando constantemente as maneiras de lidar com o tempo socialmente. A ampla gama de conceitos e hipóteses demonstra como o tempo presente incomoda, abrindo espaço para diferentes teorias. Mediante essas contradições, é necessário articular e apresentar as especificidades do que se entende por um tempo Tiktokzado.

Destrinchar de forma mais aprofundada os elementos do conceito para, em seguida, desenvolver uma análise mais aprofundada da relação entre o tempo e a forma do conteúdo de História no TikTok, com base na análise das fontes.

3.2 O que vem a ser a Tiktokzação?

Talvez por conta do seu destino, lugar ou função, um vídeo do TikTok pode ser bastante desconsiderado ou diminuído como objeto de análise da história. Mantém-se um certo preconceito de que os vídeos para a rede social não contam com o mesmo peso intelectual como outros espaços como a escola ou a universidade. Entretanto, os pequenos vídeos na plataforma revelam uma imensa complexidade, se não no seu resultado (como será explanado ao longo do capítulo 3), talvez na sua forma de produção.

Além disso, o conceito de Tiktozação não é a descoberta de um fenômeno completamente novo na história. Afirmar que o “encurtamento” do tempo é um sintoma somente das sociedades contemporâneas, ou um desdobramento com o desenvolvimento da internet, pode ser um equívoco. Eco (2017, p. 98) observou que a comunicação, de forma mais curta, é uma constante.

Já foi dito que também os SMS levam os nossos jovens a usar e entender apenas uma linguagem telegráfica (tipo “Te amo D+”), esquecendo que o primeiro telegrama foi enviado por Samuel Morse em 1844 e, mesmo assim, depois de anos e anos de “Mamãe doente venha logo” ou “parabéns afetuosos Catarina”, muita gente continuou a escrever como Proust.

Ademais, como demonstrado durante o tópico 1.3, a história enquanto mercadoria, na qual foi possível atribuir valor monetário de inúmeras formas, não é uma novidade apenas presente com as tecnologias digitais da comunicação e informação. As maneiras de lucrar com o passado já tinham sido estabelecidas conjuntamente com o desenvolvimento da historiografia. Peter Gay (1999) identificou esse movimento de “encurtamento” a partir do desejo e comercialização de biografias⁶⁵, ou o resumo delas por meio da formatação em dicionários — a biografia de vários sujeitos em uma única obra — aspectos esses que se adequaram às novas experiências de tempo, como mencionadas no capítulo anterior. A produção de biografias curtas demonstrava o desejo do público francês, provocando a realização de vários volumes e exemplares nesse formato.

Lugar de destaque cabe também aos irmãos Michaud, entre 1811 e 1828, apoiados por uma “sociedade de homens de letras e eruditos”, produziam a *Biographie universelle, ancienne et moderne*, em cinquenta e dois volumes, anunciada como “uma obra inteiramente nova”, resumindo a biografia “pública e privada” daquelas

⁶⁵ “Muitos biógrafos vitorianos se inclinavam mais a incluir do que a omitir, mas havia sempre um número suficiente de burgueses prontos a comprar livros, de acordo com suas preferências e seus recursos, que preferiam as biografias mais curtas” (Gay, 1999, p. 182).

personalidades “reputadas por seus escritos, suas ações, seu talento, suas virtudes, ou seus crimes” (Gay, 1999, p. 173 grifo do autor).

Com relação à mercantilização das obras biográficas, a lógica de mercado novamente ditava o tom, direcionando a elaboração desses produtos de modo a alcançar o maior número de consumidores possíveis ou públicos em específico.

A popularidade dessas coleções mostra que ler biografias passará a ser uma ocupação importante da classe média educada: os editores, que não eram filantropos, conquistavam públicos distintos organizando coleções dirigidas para interesses especializados: estadistas, poetas, romancistas (*Idem*, 1999, p. 171).

Esses nichos de mercado foram sofrendo diversas transformações até chegar ao que efetivamente temos hoje. Uma vez que não foi o TikTok que acelerou ou tornou o resumo — “encurtamento” — algo novo, por quais motivos o conceito de Tiktokzação é necessário, e o que o fenômeno tem de particular? A resposta parte, em primeiro lugar, da própria materialidade junto ao espaço virtual no qual essa produção se encontra. Posto isso,

[...] não há como ignorar que a internet e as comunicações digitais impulsionam um implacável progresso de financeirização e mercantilização que abrange um número cada vez maior de esferas da vida individual e social, criando um campo de condições marcadamente diferentes das décadas passadas (Crary, 2016, p. 109).

Sobre as plataformas digitais, podemos defini-las como “infraestruturas digitais que permitem a interação entre dois ou mais grupos, que reúnem usuários que executam diferentes papéis: clientes, anunciantes, provedores de serviços, produtores e distribuidores” (Silva, 2023, p. 18). Ou seja, a experiência no digital, naturalmente envolve grupos e sujeitos que ocupam diferentes espaços e funções socioeconômicas. O modelo de negócio dessas plataformas é, para empregar um termo do capitalismo de plataforma, empreendedor. Coletam-se dados sobre os usuários disponibilizados de forma voluntária. Os anunciantes, os que de fato financiam e tornam as redes sociodigitais lucrativas, tomam esses dados emprestados pelas empresas de tecnologia e anunciam seus produtos de forma mais assertiva. Algo muito mais eficiente do que em outros espaços.

Agora, é um ecossistema de engajamento, com conteúdo criativo, original e com autenticidade, que desencadeia a compra. Oitenta por cento dos usuários da plataforma no Brasil dizem que confiam e enxergam credibilidade nos vídeos que assistem. E 85% afirmam ter pesquisado um produto depois de tê-lo visto em algum conteúdo da plataforma. Essa autenticidade leva a um círculo vicioso (TIKTOK, 2023, *online*).

Ainda que livros e obras sobre história sejam comercializados, a exemplo do que Gay (1999) observou ainda no século XIX, não existia uma publicidade sendo exposta ou personalizada aos usuários, por exemplo. O conteúdo de História não era um meio de atrair um público para o consumo de outras mercadorias, além do próprio material histórico. Essas publicidades ocupam momentos fragmentados na tela, disputando a atenção dos usuários, em

busca de mais dopamina por meio do entretenimento rápido, exibindo não somente produtos, mas suscitando desejos de consumo. Esses aspectos demonstram que, nas redes sociodigitais, as dinâmicas de tempo, consumo e produção ganham novos contornos, interações e especificidades, diferentes do que até então existia. Assim,

torna-se cada vez mais necessário remeter-se ao poderio e à velocidade dos computadores. Isso fica bastante claro com relação aos mercados financeiros, cujo jogo consiste em, numa fração de segundo, comprar ou vender antes dos outros. O tempo real do mercado é presentista, ele é tanto da ordem do microssegundo como é contínuo. Toda uma economia do instante é posta em ação: a financeira, a midiática, a política, a social e também a das redes sociais, com as alegrias do tweet (Hartog, 2015, p. 283-4).

Mesmo as diversas maneiras e situações, nas quais a história tenha encarnado uma perspectiva de entretenimento, curiosidade ou diversão, os espaços plataformizados remodelam esses fatores. Posto isso, a Tiktokzação pode ser definida como: uma experiência temporal na qual o intervalo entre produção e consumo de produtos ou mercadorias de caráter espetacular, no campo digital, são mais reduzidos, quando não, convergindo em um mesmo período ou instante, impossibilitando reflexões ou a crítica, somente possíveis por meio da negação de simultaneidade da tiktokzação, ou seja, no momento da contemplação ativa.

A nomeação do conceito faz referência direta à rede social TikTok, reconhecendo o pioneirismo da plataforma em alguns dos elementos apresentados a seguir. O conceito busca trazer contribuições para analisar a experiência, em especial das redes sociodigitais, talvez não tendo efetividade na problematização de outros espaços sociais (escolas, universidades, editoras, etc.). De maneira oposta, é possível que o conceito seja virtuoso com outras redes sociodigitais com as mesmas propostas de funcionamento. Além disso, a Tiktokzação não pode ser entendida como um padrão universal, mas como uma tendência.

Apesar do recorte da presente pesquisa ser sobre os conteúdos de História presentes na plataforma do TikTok, é possível utilizar o conceito de “tiktokzação” para fazer a análise de quaisquer outros conteúdos ou áreas do conhecimento que dialogam ou se encaixam, de alguma forma, nas problemáticas e elementos aqui apresentados. O conceito de Tiktokzação tem relação com o tempo das mídias sociodigitais, e não somente com a historiografia. Esse recorte foi feito para viabilizar a pesquisa, bem como para refletir sobre os efeitos da tiktokzação na produção de passados e da História.

Com isso, torna-se necessário desdobrar de maneira mais aprofundada cada um dos aspectos de natureza da Tiktokzação, com relação à produção, consumo e o próprio funcionamento das redes. De modo a contemplar o conceito em um primeiro momento, dois aspectos do conceito devem ser destrinchados: o econômico, a partir do processo de produção

dos vídeos e sua finalidade; e o tempo como central não apenas na produção — na forma dos conteúdos —, mas também nas maneiras de consumi-los dentro das redes sociodigitais.

Não existe rede social sem seus usuários. São esses indivíduos, suas interações e produção de conteúdos, que atribuem valor para as plataformas. Não por outro motivo, quanto mais usuários, mais essas empresas valem no mercado financeiro. É um modelo de negócio bastante eficiente, uma vez que socialmente as pessoas se sentem acudadas a se fazerem presentes nessas redes, correndo o risco de não serem mais vistas, excluídas ou de estarem desatualizadas (Pereira, Araújo, 2021; Fisher, 2023). Logo de acordo com Silva (2013, p. 75), os tiktokers, são responsáveis por

[...] estimular a interação entre os usuários das RSDs [Redes Sociodigitais]. A quantidade significativa de usuários interagindo nesses espaços virtuais privados potencializa a coleta de dados e informações que estão na gênese da renda a ser apropriada por essas plataformas. Não podemos perder de vista que, sem a produção e disponibilização de conteúdo capazes de entreter os usuários, as RSDs tornar-se-iam obsoletas.

O trabalho dos historiadores inseridos nessa realidade, em outra forma de produção, não deixa de ser também uma maneira de produzir valor. Entretanto, diferente da produção acadêmica científica ou escolar, o trabalho feito nessas plataformas digitais exige uma constante urgência. A dinâmica da rapidez e da praticidade na produção foi especialmente pensada no TikTok.

De acordo com Zhu, criador do TikTok afirmou “Quando queremos criar uma comunidade com base no conteúdo, é preciso que tanto o conteúdo quanto a criação sejam extremamente leves”, explicou. “Uma coisa que possa ser criada em alguns segundos, não em minutos ou horas.” (Stokel-Walker, 2022, p. 59).

Além disso, crescer nas redes significa nada mais do que um acúmulo de tarefas que vai desde roteirização, filmar, editar, publicar e ainda ter algum tipo de noção sobre os interesses do seu público. No TikTok, o conteúdo também deve instigar não somente a interação dos usuários, mas também se adequar ao algoritmo da rede. A busca por essa dinamização e facilitação no processo de produção está vinculada à relação de competitividade na qual esses produtores de conteúdo são inseridos.

[...] dado que o princípio determinante ou decisivo na competição é a *realização*, o tempo e, mais do que isso, a própria lógica da aceleração se mostram diretamente integrados à forma central de alocação na Modernidade: a realização é definida como *trabalho ou esforço de tempo* [...], logo, acelerar e economizar tempo estão diretamente vinculados ao ganho de vantagens competitivas — ou, se todas as outras pessoas tentarem fazer o mesmo, a manutenção da posição já obtida (Rosa, 2022, 39, *grifos do autor*).

Seu labor é remunerado mediante não somente em relação ao seu número de seguidores, mas ao engajamento que foi concretizado em suas publicações por meio de curtidas, comentários e compartilhamentos. Isso também serve como indicador aos algoritmos

de que o conteúdo tem “potencial” para ser disseminado pela rede social. Não é por acaso que os algoritmos são protegidos por leis de proteção à propriedade intelectual. Esse movimento converte-se em dados e, quanto maior a informação que a plataforma tem sobre os usuários, mais fácil o direcionamento de publicidade que, na prática, se converte na aceleração ou na potencialidade de consumo de produtos. Como bem lembra Silva (2023, p. 122):

“Engajamento” é um termo recorrentemente utilizado nos manuais sobre o tema. [...] A fim de atingir esses parâmetros, o produtor de conteúdo elabora inúmeras estratégias para tentar decifrar o algoritmo de ranqueamento que impulsiona ou não seu conteúdo. Outro termo recorrente é “conversão” que, em síntese, é quando o seguidor se torna consumidor. A taxa de conversão mede a parcela dos visitantes que se transformam em *lead*, ou seja, que demonstraram algum interesse no produto ou serviço da empresa.

É esse mesmo elemento que torna o TikTok único se comparado a outras plataformas, já que seu algoritmo consegue ser extremamente eficiente em compreender os hábitos de consumo dos usuários e mantê-los por mais tempo na plataforma.

Assim como o algoritmo do YouTube, que dita quem fica famoso e quem não fica, o algoritmo do TikTok é complicado e extremamente misterioso para quem é de fora - e até para muitos que trabalham na empresa. [...] O TikTok é um aplicativo que se baseia firmemente na economia da atenção e, se o interesse do usuário não for capturado logo de cara, não tem como chegar depressa a lugar algum (Stokel-Walker, 2022, p. 90).

Em vista disso, é possível aferir como o tempo determina a produção em alguns aspectos. O primeiro deles se dá na facilitação da confecção dos vídeos e no ritmo com o qual acontecem as publicações. Para ser circulado, o Tiktoker deve disponibilizar mais de dois vídeos por dia. Isso se configura de maneira muito clara nos números. Enquanto o Odir Fontoura, que publica somente 1 a 2 vídeos por dia, contabilizando em média 9 milhões de curtidas em seu perfil, Gracy Cristina, lançando de 3 a 4 vídeos diariamente, chega a mais de 40 milhões⁶⁶. Ou seja, o algoritmo valoriza os produtores que demonstram um rápido ritmo de produção.

[...] embora exista uma implosão de nomes e influenciadores, fragmentados e atendendo interesses individuais, fica evidente, ao classificarmos e analisarmos os dados, uma semelhança fundamental nos conteúdos e nas formas como se expressam e se conectam com os jovens. Daí decorre a lógica algorítmica em pleno funcionamento: de um lado, ao atender demandas singulares e individuais, os cálculos numéricos também acabam por impulsionar formatos que são identificados como relevantes e guardam semelhanças visíveis; por outro lado, produtores de conteúdo passam a adequar as publicações para garantir que o algoritmo ajude a difundir ainda mais seus produtos (Calixto, 2023, p. 259).

Diferente de outros espaços nos quais historicamente se produziram narrativas sobre o passado, nas redes não há um “controle”, nenhum tipo de filtro que pode, de alguma forma, delimitar o que está sendo dito. Narrativas sobre o passado são exequíveis na medida que se

⁶⁶ Esses números são a quantidade total de curtidas nos perfis referente a data de 28/02/2025.

conquista nichos de consumo. O que predomina é a aceleração no processo de produção e publicação de conteúdos. Como consequência, a apuração de qualquer coisa que se diga são analisados somente a posteriori. Com isso, é aferível apontar que existem elementos de cientificidade no que é comunicado no TikTok, mas não necessariamente na produção.

Em 2021, a historiadora Débora Aladim fez um vídeo para o TikTok afirmando que o pênis de Grigori Rasputin estaria conservado em um museu na Rússia⁶⁷, apresentando informações similares às disponíveis em sites como o Wikipédia. Em 2023, ela regravou o mesmo conteúdo com poucas alterações no roteiro⁶⁸. Suas declarações circularam não somente pela plataforma, como incentivaram vários produtores de conteúdo a fazer vídeos com a mesma temática, a maioria estabelecendo os mesmos recortes, com exceção de Odir, que problematizou a relação de Rasputin com o império russo por suas práticas religiosas⁶⁹. Tanto Tawany⁷⁰ como Gracy⁷¹ trouxeram em seus vídeos os aspectos mais sensacionalistas do suposto pênis conservado no museu e seu curioso tamanho. Acontece que não existe nenhuma comprovação de que isso seja verdade. Com isso, no TikTok, o principal são os aspectos que chamam a atenção e que por ventura funcionam na lógica da concorrência.

Em 2023, após a publicação do vídeo da Débora Aladim, João Pedro Rangel fez um vídeo com ponderações e observações quanto ao conteúdo da colega historiadora, algo como uma avaliação por pares. Tawany, nesse mesmo período, fez uma retratação sobre suas afirmações no primeiro vídeo. Todavia, o que se percebe é que as fontes de informação para os vídeos são bastante vastas — o que se pode encontrar na própria internet. Os assuntos que chamam a atenção e a necessidade de concorrer com outros produtores são priorizados na busca pelo engajamento de um assunto em alta.

Nesse sentido, a experiência no TikTok, como espaço de divulgação do conhecimento histórico, já apresenta elementos diferentes de outros ambientes que nasceram no digital, como, por exemplo, a Wikipédia. “Os editores são instruídos, por exemplo, a 'citar a fonte' e a checar seus fatos, e são lembrados de que a 'verificabilidade' é uma 'política oficial' da Wikipédia” (Rosenzweig, 2022, p. 152). Mesmo com as observações de João Pedro, todos os vídeos permanecem acessíveis na plataforma e contam com números de visualizações bem superiores — o segundo vídeo de Débora tem mais de 400 mil curtidas, enquanto o vídeo dele não chega a 20 mil.

⁶⁷ [28cm é para quem tem coragem!](#) Acesso em 11/03/2025.

⁶⁸ [Tiktok isso é um vídeo educativo.](#) Acesso em 11/03/2025.

⁶⁹ [Rasputin](#) Acesso em 11/03/2025.

⁷⁰ [A semelhança entre Napoleão e Rasputin](#) Acesso em 11/03/2025.

⁷¹ [Será que é?](#) Acesso em 11/03/2025.

Além disso, a estrutura narrativa dos vídeos devem se adequar a diferentes tempos, que remontam aos segundos iniciais para prender o espectador, o conteúdo em si, o tempo da monetização — o vídeo deve ter mais de um minuto —, além dos aspectos simultâneos, que consideram o momento de interação e fidelização de seguidores. É nesse sentido que o tempo, a partir da Tiktokzação, também determina a forma. O conhecimento historiográfico não é de todo necessário para produzir nas redes — viabilizando não-historiadores de formação na plataforma. Em contrapartida, esses sujeitos — historiadores ou não — devem dominar conhecimentos sobre marketing e o funcionamento das redes.

Além de assumir todos os riscos pelo sucesso ou não do resultado do seu trabalho, e ser remunerado apenas quando o conteúdo produzido alcança padrões mínimos, esse trabalhador historiador deve investir boa parte do seu tempo formulando estratégias para que seu conteúdo seja entregue (Silva, 2023). Em vídeo (e publicidade) publicado no dia 04/02/25, João Pedro Rangel afirma que: “Num funil de conteúdo, primeiro você atrai, depois você converte, aí você engaja, depois você vende e por fim você fideliza. Isso você pode aplicar para estratégias de negócio e até mesmo para o roteiro dos conteúdos que você cria”⁷².

Essa fórmula é perceptível em outros tiktokers, com o conteúdo de história encaixado na estrutura de “fidelização”. Em um vídeo sobre a figura do diabo, de Odir publicado em 11/06/2023, demonstra como essas etapas devem ser demarcadas durante o vídeo⁷³. “As pessoas têm muito medo do diabo, né?” (atrair); enquanto apresenta e debate sobre a figura do diabo na religião, Odir incentiva, indiretamente, a intervenção dos seguidores (converter e engajar); nos minutos finais, aproveita para vender o seu curso. “Eai, para quem quiser saber mais sobre a história do oculto, deem uma olhada no meu curso 'O oculto na história', tenho certeza que vocês iram gostar.” (vender); por fim, vem a fidelização com perguntas para os espectadores poderem comentar, pedir para seguirem seu perfil e curtir seu conteúdo.

A dinâmica de aceleração ou simultaneidade de atividades permite que o processo de consumo retroaja quase que imediatamente nos recortes, escolhas estéticas e narrativas dos historiadores. “[...] os produtos de mídia atuais podem ser ativamente gerenciados e manipulados, trocados, avaliados, arquivados, recomendados, 'seguidos'. Todo ato de ver é formado por camadas de opções ativas, escolhas e respostas simultâneas e interruptivas” (Crary, 2016, p. 61). Ou seja, de um lado têm-se as determinações da plataforma, mas de outro, os interesses do público. Com isso, a ideia de que existe maior liberdade ou autonomia

⁷² [Te dando de graça as dicas que outros cobram milhões que eu aprendi no precinho na pós da Anhanguera.](#) Acesso em 06/03/2025.

⁷³ [Diabo, mitologia, história](#) Acesso em 11/03/2025.

nas redes — referente ao assunto, formato ou mesmo quando algo pode ser produzido — em comparação a outros espaços (escolar, editorial ou acadêmico) não se sustenta. Como proposto por Debord (1997, p. 188) sobre a sociedade do espetáculo:

O fluxo de imagens carrega tudo; outra pessoa comanda a seu bel-prazer esse resumo simplificado do mundo sensível, escolhe aonde irá esse fluxo e também o ritmo do que deve aí manifestar-se, como perpétua surpresa arbitrária que não deixa nenhum tempo para a reflexão, tudo isso independente do que o espectador possa entender ou pensar.

Ademais, o modelo de mercado dessas plataformas está diretamente ligada a uma forma de temporalização, ou de captura do tempo individual dos usuários que, como explicitado anteriormente, tem uma limitação. As tecnologias digitais da comunicação, cuja estrutura é pensada a partir da constante personalização da experiência, conjuntamente com a ampliação desenfreada de informações e conteúdos que podem ser acessados, faz com que os usuários queiram utilizar o seu tempo da forma mais eficiente possível. Isso pode ser observado na crescente ansiedade social em não se saber esperar, por exemplo, pois o critério de tempo passa a ser cada vez mais subjetivo.

Nesse caso, o tempo, como experiência de consumo subjetiva, é valorizado, incorporando outras “qualidades” de tempo ao seu modelo de negócio. Vivências cada vez mais pautadas por uma ansiedade pelo atual, que, mediante à quantidade de informações que circulam a cada instante, não podem perder tempo,

Se o tempo é, há muito, uma mercadoria, o consumo atual valoriza o efêmero. A mídia, cujo extraordinário desenvolvimento acompanhou esse movimento que é, em sentido próprio, sua razão de ser, faz a mesma coisa. Na corrida cada vez mais acelerado para o ao vivo, ela produz, consome, recicla cada vez mais palavras e imagens e comprime o tempo: um assunto, ou seja, um minuto e meio para trinta anos de história (Hartog, 2023, p. 148).

O tempo também passa a ser completamente manipulável, “[...] por serviços de streaming como a Netflix, Spotify, Google Play, Itunes, entre outros, automatizamos o controle sobre o que estamos vendo, tornando a experiência do tempo real do “ao vivo” fonte de ansiedade” (Pereira; Araújo, 2017, p. 290). Não é atoa que o TikTok busca criar mecanismos na própria plataforma de modo a individualizar e adaptar o seu conteúdo às diferentes necessidades de tempo dos usuários, como a possibilidade de acelerar os vídeos em até 2X, trocar de conteúdo de forma prática ou mesmo criar atalhos que possam dar agilidade às atividades de quem utiliza a plataforma.

Se você quiser assistir a um vídeo no YouTube, precisa procurá-lo. Devido ao tamanho cada vez maior do vídeo médio na plataforma e à maneira como a exibição do YouTube está passando de celulares e tela de laptop para aparelhos de TV nas salas de estar, é necessário reservar um tempo predeterminado para vê-lo. Porém, para assistir a alguns TikToks, basta abrir o aplicativo e pronto: será inundado de

vídeos em tela cheia e cercado por entretenimento com qualidade sonora (Stokel-Walker, 2022, p. 195).

Ainda sobre as experiências de tempo, volta e meia produzidas pela própria plataforma, é possível afirmar que existe uma constância de “instantes”. Há sempre alguma coisa aparecendo em tela. Esse “sempre” que faz com que os usuários, contraditoriamente, não consigam permanecer por muito tempo no agora, pois este está totalmente contaminado pelo depois. Nas redes sociodigitais o “sempre” deixa de ser um tempo permanente para se adequar ao fluxo das imagens e informações.

Graças à infinidade de conteúdo acessível 24/7, sempre haverá online algo mais informativo, surpreendente, engraçado, divertido, impressionante do que qualquer outra coisa nas circunstâncias reais imediatas. É hoje um fato que a disponibilidade ilimitada de informação ou imagens triunfa ou prevalece sobre qualquer comunicação ou exploração de ideias em escala humana (Crary, 2016, p. 68).

Esse talvez seja o principal aspecto de temporalidade da Tiktokzação, os vários instantes, o engendro de uma ansiedade pelo próximo vídeo, próximo conteúdo, próxima diversão. O que faz com que o usuário não se permita momentos de contemplação, pois o tempo para isso nunca, de fato, chega a ser efetivado. Logo, o problema da Tiktokzação não se restringe somente ao tempo dos vídeos em si, mas à arquitetura de várias rupturas. É nesse sentido, aplicado a essa realidade das redes, que o tempo curto dos conteúdos se torna uma adversidade. Não somente pela objetividade dos vídeos, em especial os recortes pensados e possíveis para aquele tempo, mas pela reflexão que não chega a ser concretizada, mesmo quando o conteúdo é pensado, produzido e elaborado para a crítica. Nesse sentido, de acordo com Debord (1997, p.103):

O tempo da produção, o tempo-mercadoria, é uma acumulação infinita de intervalos equivalentes. É a abstração do tempo irreversível, e todos os seus segmentos devem provar pelo cronômetro sua mera igualdade quantitativa. [...] É o tempo desvalorizado, a inversão completa do tempo como “campo de desenvolvimento humano”.

Odir Fontoura é um bom exemplo dessas contradições. Em vídeo publicado em 2022, o historiador buscou trazer uma reflexão sobre a proclamação da república do Brasil e suas contradições. O vídeo tem menos de um minuto. Durante sua exposição, o tiktokker faz afirmações como “nosso primeiro golpe militar, o primeiro de vários”, ou “os poderosos seguiram no poder. O Brasil permaneceu ainda, por muitas décadas, um país rural, analfabeto, extremamente desigual como ainda é hoje [...] não sei se a gente tem aí heróis para celebrar”⁷⁴. Percebe-se o objetivo de colocar o evento em questão a partir de uma perspectiva crítica.

⁷⁴ [Proclamação da República](#). Acesso em 10/03/2025.

Por mais que seu conteúdo conserve uma qualidade referente à problematização histórica, a complicação da Tiktokzação revela-se na permanência, ou não, de quem assiste e consome. Até que ponto o trabalho de Odir, sobre a história, de fato concretiza-se? Pelo que seu conteúdo vai ser substituído quando o usuário mudar de vídeo? Algo sobre jogos, futebol, dancinhas? Com isso, o obstáculo da tiktokzação passa a ser o enfraquecimento do agora (da contemplação ou de reflexão), pelo consumo de instantes, não somente do que se vê nesse momento, mas a excitação do que virá depois. Não é atoa que o TikTok é uma rede de experiência visual pois, como afirma Rosa (2022, p. 80): “sem dúvida, imagens são mais rápidas do que palavras, para não falar de argumentos, e exercem efeitos instantâneos, se não em larga medida inconscientes”.

Esse feito é ainda mais aprofundado pela materialidade do dispositivo móvel. É oportuno evocar novamente que o TikTok se adequa e funciona a partir de uma lógica de constante interatividade. Por meio de sua interface, é possível curtir, comentar, compartilhar, ou seja, exercer certas atividades essenciais para manter o usuário engajado constantemente na plataforma. Essa interatividade durante o consumo dos vídeos faz com que o TikTok também seja uma experiência de tempo na chave da simultaneidade. Em concordância com Crary (2016, p. 93):

[...] o capitalismo 24/7 não é simplesmente a apreensão contínua ou sequencial da atenção, mas também uma composição densa do tempo em camadas, na qual múltiplas operações ou atrações podem ser atendidas quase simultaneamente, independente de onde estamos ou do que mais estamos fazendo. Os assim chamados aparelhos smart recebem esse nome menos pelas vantagens que podem oferecer para um indivíduo do que por sua capacidade de integrar seu usuário de forma mais completa a rotinas 24/7 de forma mais completa.

Por fim, é indispensável ponderar sobre o conceito de espetacularização, não somente como constituinte da Tiktokzação, mas também como elemento das redes sociodigitais, em especial nos formatos audiovisuais como o TikTok. É preciso incidir sobre como esse conteúdo, de ensino e divulgação da história, se adequa às redes plataformizadas cuja principal função é ofertar peças e esquetes visuais de entretenimento infundável. A história passa a ser mediada pelas imagens e enquadramentos indiretamente estabelecidos pela lógica de mercado das plataformas. Assim,

Ao *analisar* o espetáculo, fala-se de certa forma a própria linguagem do espetacular, ou seja, passa-se para o terreno metodológico dessa sociedade que se expressa pelo espetáculo. Mas o espetáculo nada mais é que o *sentido* da prática total de uma formação econômico-social, o seu *emprego do tempo* (Debord, 1997, p. 16, *grifos do autor*).

O modelo espetacular contribui com certo entendimento de que qualquer sujeito pode fazer ou se aventurar por diversos assuntos, encenando uma espécie de igualdade democrática

— o que na prática não existe como já explicitado anteriormente. A legitimidade pelo que se faz ou se diz é sustentada pelo reconhecimento positivo do público, bem como pelo entendimento das funcionalidades da espetacularização. É assim que figuras como Gracy Cristina, entre outros sujeitos que não são historiadores de formação, se mantêm na plataforma. Em diálogo com Debord (1997, p.174), observa-se que essa lógica é intrínseca ao funcionamento da sociedade espetacularizada:

Um homem de finanças põe-se a cantar, um advogado torna-se investigador de polícia, um confeitiro apresenta suas preferências literárias [...]. Qualquer um pode aparecer no espetáculo para exhibir-se publicamente [...]. Quando a posse de um “status midiático” assume importância muitíssimo maior que o valor daquilo que se foi capaz de fazer realmente, é normal que esse status seja transferível com facilidade e confira o direito de brilhar, de modo idêntico, em qualquer lugar. Quase sempre, essas partículas midiáticas em aceleração prosseguem sua carreira na esfera do admirável garantido pelo status.

Uma vez explicados os aspectos centrais da Tiktokzação, seus impactos na produção de conteúdo e a relação disso com o tempo, o próximo passo está em uma exposição mais precisa do que é o TikTok, seu funcionamento e diferenças para com outras redes sociodigitais. Em conjunto a isso, e antes da análise propriamente direcionada aos conteúdos de história na plataforma, torna-se necessário fazer breves exposições sobre os perfis escolhidos, bem como de alguns critérios metodológicos seguidos para as escolhas dos tiktokers.

3.3 Qual o tempo do TikTok e quem produz história na plataforma?

Atualmente, o Brasil conta com mais de 10,5 milhões de influenciadores digitais no Instagram. No TikTok o país ocupa o terceiro lugar com o maior número de pessoas nessa atividade em todo o planeta (Chalegra, 2024). No ano de 2021, foi o aplicativo mais baixado no mundo (Silva, 2023). Os aspectos explicativos desse fenômeno são amplos e multifatoriais, indo desde a popularização do celular; a centralidade que as redes sociodigitais têm no cotidiano brasileiro; até a precarização do trabalho, péssimas remunerações no mercado formal e as promessas de luxo e ostentação advinda das redes. Além disso, diferente de outras redes sociodigitais utilizadas em todo o mundo, o TikTok tem como particularidade sua criação e desenvolvimento distante geograficamente do Vale do Silício, berço de redes como o Facebook, Instagram, X, Google, entre outras.

Há pouco mais de dez anos, falar em rede social de compartilhamento de vídeos no Brasil era se referir sobretudo ao YouTube. Extremamente popular entre os brasileiros, o número de usuários da rede social pertencente ao Google ficava atrás somente dos Estados Unidos (Silva, 2023). De certo modo, o caminho para o fenômeno TikTok, atualmente uma

das redes sociais mais populares do país (Calixto, 2023), já estava encaminhado pelo consumo cultural de vídeos em redes digitais.

Apesar de um crescente número de pesquisas sobre a plataforma (Stokel-Walker, 2022; Silva, 2023; Calixto, 2023), poucos historiadores enfrentam a rede social em busca de problematizar não apenas seus conteúdos/vídeos, mas também o tempo, que nos toca em particular. Uma vez que assimilamos o processo de temporalização como efetivamente material, relacionado às dinâmicas sócio-culturais, torna-se imprescindível identificar alguns elementos que fazem a rede social tão popular.

O TikTok não foi o primeiro aplicativo focado em vídeos curtos. Lançado em 2013, o Vine foi uma plataforma de compartilhamentos de vídeos com até sete segundos (Frier, 2021). Existiam diversas outras plataformas, como o Vine, em meados dos anos 2010, mas poucas se tornaram virais. Apesar de bastante popular em território estadunidense, a plataforma sofria com algumas limitações. Em primeiro lugar, os produtores de conteúdo eram pouco e mal remunerados. A plataforma priorizava a circulação dos vídeos, mas não era possível uma maior interação entre os usuários, o que desmotivou celebridades a permanecer na rede social e, com isso, atrair novos públicos. Por fim, não existia curadoria para os vídeos, o que significava que qualquer coisa poderia chegar aos usuários, até mesmo aquilo considerado desinteressante (Stokel-Walker, 2022). Entretanto, o fracasso do Vine serviu como aprendizado ao que o TikTok deveria (ou não) fazer posteriormente.

Até chegar ao modelo de rede social que se tem hoje, o TikTok passou por várias etapas. O Flipagram havia sido criado em meados de 2014 por John Bolton e comprado pela empresa de tecnologia chinesa ByteDance⁷⁵. A corporação havia identificado potencialidades no aplicativo de Bolton que funcionava como um editor de vídeos, no qual também era possível gravar, utilizar ferramentas de filtros e músicas. Mas o aplicativo não era uma rede social, os usuários tinham de fazer o *download* dos vídeos e publicá-los em outras plataformas. Nos Estados Unidos, Alex Zhu havia criado o Musical.ly, também em 2014, se tornando rapidamente popular entre jovens e adolescentes. Seu crescimento foi facilitado pelos próprios usuários, que podiam fazer vídeos curtos com redublagens, de músicas ou pequenas esquetes de humor, e compartilhá-los na própria rede social.

⁷⁵ ByteDance ou Beijing ByteDance Technology Co. Ltd. é uma empresa chinesa de tecnologia da internet que opera várias plataformas de conteúdo habilitadas para aprendizado de máquina, com sede em Pequim. Foi fundada por Zhang Yiming em 2012. Atualmente é proprietária do TikTok, além do investimento e compra de várias empresas de Inteligência Artificial.

Por volta do ano de 2016, a crescente popularidade de aplicativos e redes sociais de vídeos curtos, como o Vine ou Kwai⁷⁶, — afamado em território chinês — eram nítidas. Yiming Zhang, proprietário da ByteDance, acreditava no potencial do Flipagram, mas reconhecia sua nítida limitação como rede social. A empresa precisava de um aplicativo que se destacasse para, com isso, levar o nome da empresa ao mundo. Queria investir em algo parecido. Após o estudo de vários aplicativos e plataformas do gênero, a ByteDance lançava, em 2016, o Douyin — a versão chinesa do TikTok⁷⁷.

O TikTok foi primeiramente lançado em países na Ásia, como Tailândia, Taiwan, Indonésia e Vietnã. O ByteDance pagou ao Facebook, Google, entre outras empresas, para serem divulgadas nos países mais empobrecidos, onde o custo de publicidade era consideravelmente menor. Além disso, trabalhava em parcerias com pequenos influenciadores para divulgar a plataforma nas redes concorrentes. A ideia era se estabelecer nesses países e posteriormente expandir.

Parte da popularidade do TikTok veio do fato de alguns usuários iniciais terem selecionado os melhores vídeos e os repostado em outras plataformas como o Facebook e o Twitter, usando a função “compartilhar” do aplicativo. [...] Segundo a lógica da ByteDance, se houvesse muitos vídeos com a marca-d’água do TikTok no Twitter, alguém hesitante em baixar o aplicativo poderia acabar lhe dando uma chance (Stokel-Walker, 2022, p. 69 -70).

Enquanto isso, o Musical.ly crescia em território estadunidense, contabilizando quase 100 milhões de usuários. Uma vez que ambas as redes sociais tinham formatos semelhantes, bem como a necessidade do TikTok em se difundir no mercado americano, a ByteDance comprou o Musical.ly por 800 milhões de dólares, concretizando de vez a potência do TikTok.

No Brasil, a rede social tornou-se conhecida entre o público a partir de um contexto bem específico: a pandemia de Covid-19 (Silva, 2023). Além disso, o aplicativo da Musical.ly já era extensivamente utilizado no território nacional e, com a compra da ByteDance, os usuários foram automaticamente direcionados ao TikTok (Nunes, 2025). Em um momento em que não se podia sair de casa, o TikTok se mostrou um aliado no enfrentamento da pandemia, ao permitir que os usuários interagissem de outras maneiras entre si, produzindo conteúdo para a rede sociodigital, cujo processo era facilitado pelo próprio aplicativo. A criação de vídeos se tornou menos burocrática, uma vez que o instrumento principal para essa atividade

⁷⁶ É um aplicativo móvel de compartilhamento de vídeos curtos dos usuários, uma rede social e um editor de efeitos especiais em vídeos, com sede no distrito de Haidian (Pequim), desenvolvido em 2011 pelo engenheiro Hua Su na empresa Beijing Kuaishou Technology. É o principal concorrente do TikTok na China, mas também é popular no público brasileiro acima dos 40 anos.

⁷⁷ A diferença entre as plataformas são referentes a aspectos culturais da China, enquanto o TikTok foi pensado para um formato mais funcional no Ocidente que pudesse facilitar sua circulação.

passou a ser o celular, o que mais uma vez o diferenciava da experiência com o YouTube, que desabona conteúdos com a aparência ou estética mais amadora.

A velocidade com a qual se tornou popular, em conjunto com o seu formato único, fez com que o TikTok transformasse completamente o mercado de produção de vídeos.

Foi por isso que o Facebook lançou o Lasso, em novembro de 2018. Provavelmente foi por causa disso que, em maio de 2020, o Facebook fez mais uma tentativa com outro aplicativo, o Collab, que muito se baseava na estética do TikTok. E é parte da razão pela qual um aplicativo de vídeo chamado Zynn apareceu nas lojas de aplicativos no mesmo mês (Stokel-Walker, 2022, p. 243).

Considerando uma quantidade absurda de plataformas como o TikTok, muitas delas buscando copiar a mesma fórmula do aplicativo de sucesso, o que faz com que a rede social chinesa se destaque? A resposta desse questionamento se dá a partir de quatro elementos principais. Os dois primeiros têm relação com um modelo de funcionamento da plataforma que, por si pressupõe uma política de expansão: os seus filtros e as *trends*⁷⁸. Com relação ao primeiro, o TikTok buscou ofertar filtros que modificassem as imagens e assim dar contornos diferentes aos vídeos que circulavam na plataforma.

Filtros eram especialmente populares na China, onde a ideia de modificar o rosto e o corpo a proporções menores, pouco naturais, era aceitável. Os pesquisadores da ByteDance determinaram que os jovens chineses provavelmente demonstraram pouco interesse em um aplicativo de vídeos de curta duração caso seus rostos fossem apresentados sob a luz dura e fria da realidade, e não com as personalidades idealizadas que podiam criar em outros aplicativos (*Idem*, 2022, p. 65).

Uma vez adentrando a plataforma, os consumidores são direcionados às diversas propagandas existentes no *feed*, dividindo espaço com vídeos informativos, engraçados, dramáticos ou qualquer outro formato que seja de interesse dos usuários. As *trends* são bastante valorizadas pelos algoritmos. Essa dinâmica quase sempre funciona a partir dos desafios existentes na plataforma, no formato de *trends*, que incentiva os próprios usuários a produzirem constantemente conteúdos. Esses desafios podem se categorizar como dancinhas, pegadinhas e brincadeiras com amigos, entre outros conteúdos específicos e nichados.

Em datas comemorativas, por exemplo, é comum que os historiadores e perfis de história realizem vídeos sobre o Natal, Dia da Mulher, Consciência Negra, etc. Em última instância, a produção desses conteúdos são pautados pelas discussões mais atuais, “inseridas no interior das lógicas do capitalismo de vigilância, que consiste, dentre outros aspectos, em oferecer produtos e serviços em constante atualização” (Pereira, Araújo, 2021, p. 03). O

⁷⁸ Palavra inglesa que significa "tendência". É um termo usado para descrever conteúdos digitais que se tornam populares entre os usuários por um período de tempo.

lançamento e repercussão do filme “Ainda Estou Aqui”⁷⁹ em 2024, indicado ao Oscar de Melhor Filme, fez, por exemplo, que Odir⁸⁰, João Pedro Rangel⁸¹ e Tawany Rocha explorassem a temática da ditadura ou mesmo da família de Paiva. Com exceção dos colegas, Tawany não se refere diretamente ao caso da família ou do longa-metragem, mas utiliza a música “É Preciso Dar Um Jeito, Meu Amigo” de Erasmo Carlos, como áudio de fundo do vídeo, canção que faz parte da trilha sonora do filme⁸².

De acordo com Nunes (2025), 62% dos usuários brasileiros entram diariamente no TikTok para se distrair. Quando questionados sobre o que costumam fazer, 54% afirmam ver conteúdos de humor e descontração, contrastando com somente 26% dos usuários que buscam aprender alguma coisa na plataforma. Esses números podem estar relacionados ao funcionamento do algoritmo do TikTok que muito rapidamente consegue aprender e antecipar os desejos de consumo dos usuários, tornando a experiência algo personalizado e individualizado. Assim, é o algoritmo que garante a efetividade do produto.

Quanto mais tivermos que nos esforçar para achar os vídeos de que gostamos, menor a probabilidade de acessarmos o aplicativo com frequência. Ao garantir que conhece nossos gostos e ao nos fornecer vídeos de alta qualidade em um ciclo constante, o TikTok está tentando evitar ser abandonado por nós, usuários (Stokel-Walker, 2022, p. 95).

Juntamente a isso, é importante reforçar que, comercialmente, o TikTok é um empreendimento de publicidade. Empresas privadas escolhem como e por quanto tempo desejam anunciar, e cabe aos tiktokers produzirem conteúdos que sejam atrativos para o público. Nesse sentido, o terceiro diferencial da rede sociodigital tem relação com um problema identificado em outras plataformas, como o YouTube, ou o extinto Vine. A derrocada desta plataforma foi a sua interface, nem mesmo o modelo de vídeos, mas a falta de dedicação aos produtores de conteúdo. Influenciadores perceberam que o seu trabalho, central para o crescimento de público na plataforma, não era reconhecido e muito menos remunerado.

Assim, logo em sua implementação, TikTok buscou valorizar, ainda que com limitações, os sujeitos que alimentam a plataforma com conteúdo⁸³. A rede sociodigital conta com alguns programas de remuneração como o *Creator Marketplace* (no qual o TikTok faz a

⁷⁹ O filme dirigido por Walter Salles conta a trajetória da família Paiva (Rubens, Eunice e seus cinco filhos) depois que Rubens Paiva é levado por militares à paisana e desaparece. O filme foi indicado ao Oscar de 2025 em três categorias, melhor filme, melhor filme internacional e melhor atriz para Fernanda Torres.

⁸⁰ [Voz original de Rubens Paiva!](#) Acesso em 21/02/2025.

⁸¹ [Indicações de filmes sobre a ditadura.](#) Acesso em 21/02/2025.

⁸² [Formas de tortura na ditadura.](#) Acesso em 21/02/2025.

⁸³ O TikTok também tem política de remuneração para quem apenas consome os vídeos. Para receber, os consumidores de conteúdo devem realizar atividades diárias. “As missões variam, incluindo assistir a vídeos, fazer check-in diário no app e convidar amigos para se cadastrar. Cada missão possui uma pontuação específica, e ao atingir um certo número de pontos, os usuários podem sacar os valores acumulados via Pix, PayPal ou PagBank” (Rodrigues, 2025, *online*).

intermediação do produtor de conteúdo com empresas interessadas em divulgar produtos diretamente naquele perfil); ou Programa de Recompensas do Criador, no qual a cada 1000 visualizações, o tiktoker recebe US\$ 0,15. Alguns dos critérios para ser contemplado pelos programas são:

[...] os criadores devem ter mais de 18 anos, ao menos 10 mil seguidores, e publicar vídeos com mais de um minuto de duração que gerem um mínimo de 1 mil visualizações qualificadas. As recompensas são baseadas no desempenho dos vídeos, considerando critérios como originalidade, duração de reprodução e engajamento. Os criadores podem retirar o dinheiro mensalmente, desde que acumulem ao menos US\$50,00. (Rodrigues, 2025, *online*).

Pela lógica de funcionamento do TikTok, você não precisa ser seguido pelos usuários para ter seus vídeos consumidos. Assim, muitos desses produtores de conteúdo podem ter milhões de curtidas em seus perfis, mas uma quantidade menor de seguidores. Uma vez que o conteúdo da plataforma é estruturado na formatação de vídeos, a probabilidade de viralizar e crescer na rede social é maior do que em outras redes (Nunes, 2025). Ainda assim, existem meios e ações que podem auxiliar os tiktokers a crescerem na plataforma. Não é surpresa que a maioria desses produtores de conteúdo termine os seus vídeos pedindo para que o público curta, compartilhe e comente. Este último é bastante considerado pelo algoritmo por conta do engajamento que se mantém entre os usuários.

Todos esses componentes, que foram projetados para avaliar a satisfação do público em relação a um vídeo específico, são calculados para gerar uma nota. Se essa nota superar um determinado limite — que ninguém sabe qual é —, o vídeo vai ser divulgado para o mundo e visto por um número de usuários do TikTok (Stokel-Walker, 2022, p. 93).

Apesar disso, as políticas de remuneração dos produtores de conteúdo, ainda que mais eficientes do que as existentes em outras redes sociodigitais, não deixam de ser exploratórias.

Ao trabalhador que ela emprega é transferido o custo de produzir o conteúdo e atender a uma série de requisitos para que esse conteúdo consiga ser distribuído. Portanto, para produzir seu próprio salário (trabalho necessário) e o mais-valor a ser apropriado pela RSD (trabalho excedente), ele deverá atender a requisitos e configurações (algoritmos, regras, diretrizes, métricas etc.) estabelecidas pela plataforma. Esse mais-valor contido na mercadoria conteúdo se realiza após o pagamento pelo consumidor final, o usuário (Silva, 2013, p. 79).

A disseminação de aparelhos móveis com acesso à internet facilitou não apenas o acesso ao entretenimento, mas a precarização, bem como outras modalidades de trabalho e exploração.

Segundo levantamento do Instituto Locomotiva, 20% da população adulta do país - o equivalente a mais de 32 milhões de pessoas - fizeram parceria com algum tipo de aplicativo em março de 2021 para conseguir levar dinheiro para casa. Em fevereiro de 2020, antes do início da pandemia de covid-19, esse número já tinha sido alto: 13%. Ainda pela pesquisa, para mais de 15% dos entrevistados os apps representam a única fonte de renda (Sanches, 2022, p. 41-2).

Em consonância a isso, o último ponto de observação sobre a popularidade do TikTok está intimamente articulado com sua materialidade. Apesar de ser uma rede virtual, o TikTok conta com uma materialidade que lhe é fundamental. Esse aspecto pode ser pensado tanto estruturalmente, com a necessidade de *datacenters*, cabeamentos e aparelhos domésticos para ter acesso à internet, mas também por meio de um objeto que se tornou central para a vida contemporânea: o celular. Aparelho que não somente se torna funcional e, em muitos casos, fundamental no cotidiano, de modo a capturar de vez nossas atenções e até mesmo alterar corpo e mente.

As ciências cognitivas mostram que o uso da internet, a leitura ou a escrita de mensagens com o polegar, a consulta à Wikipédia ou ao Facebook não ativam os mesmos neurônios nem as mesmas zonas corticais que o uso do livro, do quadro-negro ou do caderno. Essas crianças podem manipular várias informações ao mesmo tempo. Não conhecem, não integram nem sintetizam da mesma forma que nós, seus antepassados. Não tem mais a mesma cabeça (Serres, 2013, p. 19).

A pequena tela retangular que de tão importante acabou simplificando até mesmo sua própria existência, como se atrás de si não houvesse todo um movimento não só de desenvolvimento tecnológico, mas também de exploração violenta da natureza, recursos e mão de obra barata em países empobrecidos (Schmidt, 2021). Apesar da viabilidade em acessar o TikTok por meio do *desktop* (computador, notebook), seu funcionamento foi todo projetado para o aparelho móvel. Ao mencionar um dos diferenciais do TikTok comparado a outros aplicativos de vídeos, Yiming Zhang, proprietário da ByteDance, afirmou, em especial, o uso da tela,

[...] do modo como a maioria dos apps lidava com os vídeos, que ficavam relegados a um pequeno canto da tela, ou escondidos por várias tralhas na interface. Alguns só funcionavam em formato paisagem e, a menos que o usuário virasse o celular, ficavam minúsculos na tela de um smartphone. Outros eram quadrados, o que era melhor, mas não aproveitavam todo o espaço da tela. [...] Os desenvolvedores testaram várias configurações e chegaram à conclusão de que, se iam fazer um aplicativo de vídeo, teriam que usar toda a tela e usar alta definição [...] (Stokel-Walker, 2022, p. 64).

A mobilidade, praticidade e simultaneidade objetivadas pelos desenvolvedores do aplicativo não estão distantes das outras práticas sociais que estabelecemos, enquanto sociedade, com as tecnologias digitais da informação e comunicação, que passam gradualmente a delimitar e reorganizar outras formas de temporalização que são internalizadas pelos sujeitos sociais. Esse movimento também não deixa de encontrar e conservar uma dimensão diretamente material que, por ser presente em todos os nossos aspectos de vida, acabam por criar uma ótica no qual nossos próprios corpos devem ser temporalidades a partir de uma lógica de eficiência.

A capacidade de registrar cada aspecto de nosso cotidiano se assenta por fim na própria superfície de nosso corpo, o que nos persuade a sermos otimizados e atualizados como nossos aparelhos. Pulseiras *smart* e apps de *smartphones* com contadores de passos integrados e monitores de reação galvânica na pele acompanham não só nossa posição, mas cada respiração, cada batimento cardíaco, até nosso padrão de ondas cerebrais (Bridle, 2019, p. 151).

O primeiro protótipo de celular foi pensado por volta de 1973, pesando um quilo e bateria com duração de 20 minutos (Sanches, 2022). Contudo, a necessidade por ainda mais mobilidade, em conjunto aos avanços tecnológicos, fez com que os aparelhos celulares cheguem atualmente às lojas com pouco menos de 200 gramas e bateria com dias de durabilidade. O avanço e a velocidade com a qual as tecnologias se transformam demonstram como esses aparelhos se inserem em fluxos de consumo compulsórios e descartáveis.

No Brasil, os aparelhos de smartphone são artigos de consumo essencial para 95% da população (Sanches, 2022). Apesar de os primeiros aparelhos celulares terem chegado ao país por volta dos anos 1990, com um custo que inviabilizou sua aquisição por boa parte da população, as diversas intervenções políticas referentes à privatização de empresas de telefonia e expansão na instalação de torres de transmissão, possibilitou que no Brasil houvesse hoje mais de 247 milhões de aparelhos de smartphone com linhas ativas. Ou seja, existem mais celulares do que brasileiros.

Mediante essas mudanças, o que fez o aparelho celular tomar essa proporção? Em um país extremamente desigual, o celular possibilitou que experiências, antes inacessíveis, se tornassem palpáveis para uma grande parcela da população, sem condições materiais de adquirir aparelhos como computadores ou notebooks, por exemplo. “Pela sondagem realizada pelo IBGE, entre os equipamentos utilizados para acessar a internet, o celular móvel era disparado o primeiro, com 99,5% dos domicílios” (Sanches, 2022, p.20). Facilitou-se a criação de contas em bancos digitais, além de acesso a filmes, vídeos e outros tipos de interações nas redes, ou até mesmo, quem sabe, uma mudança de vida.

A dificuldade da população mais pobre com outros aparelhos tecnológicos que não o celular demonstra como a sociedade brasileira se adaptou e tornou-se dependente do aparelho móvel⁸⁴, além da normalização na entrega e disponibilização de dados pessoais a empresas de tecnologia. Além disso, esses aparelhos possibilitam o fazer de múltiplas tarefas, contribuindo para sua popularidade. “Com câmeras, editores de textos e planilhas, entre outros recursos, eles também permitem navegar pela internet e controlar mensagens de correio eletrônico —

⁸⁴ Durante a pesquisa sobre os hábitos de consumo de adolescentes no TikTok, Calixto (2023) observou que os conhecimentos tecnológicos de jovens de escolas públicas estavam restritos ao uso do celular, tendo dificuldades no uso dos computadores do laboratório de informática da escola.

para suprema alegria e até incredulidade do usuário” (*Idem*, 2022, p.24). Essa simultaneidade, de fazer várias ações ao mesmo tempo, é algo intrínseco das plataformas digitais.

Ao abrir o aplicativo do TikTok no celular, o usuário é confrontado com diversos acessos ou ações, mecanismo facilitado pelo *smartphone*. Existem cinco controles na parte superior da tela (*Lives*, Explorar, Seguindo, Para você, Pesquisar). É ofertado aos usuários três *feeds* diferentes. Em “seguindo” o usuário somente vê o conteúdo de perfis que segue. Em “explorar” o usuário pode buscar conteúdos de forma mais analógica, ainda que com sugestões do algoritmo. Aqui a interface muda, aparecendo apenas imagens ou prévias dos conteúdos. Por último, temos “Para você”, um *feed* com uma infinidade de vídeos escolhidos pelos algoritmos, mas também um espaço de teste, por assim dizer, no qual a plataforma faz indicações de conteúdos que podem atrair o usuário e mantê-lo na plataforma. É o principal formato e particularidade do aplicativo, com a curadoria de vídeos atualizada todas as vezes que se acessa o aplicativo.

Parte da magia do TikTok é que não existe um único feed #ParaVocê, explica a empresa. Embora diversas pessoas possam encontrar alguns dos mesmos vídeos em destaque, o feed de cada pessoa é único e feito sob medida para aquele usuário específico. Essas reações são calculadas de várias maneiras, e parece que o TikTok usa uma hierarquia para distinguir os vídeos interessantes dos enfadonhos. Vídeos que são assistidos por inteiro ou assistidos várias vezes recebem o maior peso para serem recomendados (Stokel-Walker, 2022, p. 92-93).

A ideia de conteúdo personalizado é central na experiência desta rede social. Não são somente os *feeds*, em formato de rolagem infinita, ou os vídeos que são inseridos nessa lógica, mas também os aspectos temporais. Nesse sentido, os usuários podem escolher se querem ver um conteúdo ou não — seguindo para o próximo com apenas um movimento na tela —, ou até mesmo acelerar o conteúdo de um vídeo para que ele avance ao final até 2X mais rápido.

Os conteúdos inseridos na timeline de redes sociais na internet como Twitter, Facebook e Instagram são feitos para durar poucas horas, considerando que a dinâmica dos usuários é, em suma, migrar para “o que vem a seguir”. Tal premissa está associada à lógica neoliberal de consumo personalizado e imediato. O próximo vídeo, os próximos stories, o próximo tweet, a próxima “dancinha” no TikTok representam, em última instância, uma resposta imediata ao consumo: no mais breve possível, é necessário vender algo ou conquistar a atenção dos usuários de internet (Calixto, 2023, p. 79).

Na parte inferior há mais cinco controles (Início, Amigos, Caixa de entrada, Perfil do usuário, além do controle no qual se pode postar conteúdos, no centro). As mensagens ou recados que os usuários recebem de amigos na plataforma são sinalizados com notificações que se destacam em vermelho. Do lado direito, mais seis possibilidades referentes ao vídeo que aparece na tela, sendo possível acessar o perfil original do conteúdo, curtir, comentar,

salvar o vídeo, compartilhar ou utilizar o áudio em questão e reproduzir um conteúdo próprio a partir do áudio original.

[...] o design digital busca a toda sorte converter as tecnologias em algo orgânico do nosso cotidiano sob a égide do já mencionado “design de interação”. Com o processo de hibridização entre humanos e não-humanos, os nossos sentidos básicos, aqueles próprios da experiência humana, como ver e ouvir, são estimulados pelas máquinas ao máximo para que não haja a necessidade de grandes esforços intelectuais (Calixto, 2023, p. 99).

Apresentadas e estabelecidas, concisamente, as principais características do TikTok, bem como seu funcionamento interno, torna-se necessário discorrer sobre os aspectos metodológicos, bem como a escolha dos perfis problematizados e suas particularidades. Não se visa fazer julgamentos de valores, desconsiderar ou menosprezar o trabalho desses influenciadores nas redes, mas analisar os aspectos e condições de produção dos seus vídeos, considerando, em especial, os desdobramentos e a experiência referente à plataforma. Eventuais críticas e problematizações buscam jogar luz sobre o trabalho de produção de conteúdo no âmbito digital e não necessariamente a competência ou quaisquer outros componentes subjetivos dos tiktokers.

Referente aos critérios de escolha, o primeiro deles tem a ver com a popularidade e alcance dos perfis e dos vídeos na plataforma, e não necessariamente o número de seguidores, pois, como dito anteriormente, não é necessário seguir os perfis para ter acesso ao conteúdo — ainda sim, todos os perfis escolhidos tem mais de 400 mil seguidores. Nesse caso, o TikTok contabiliza duas variáveis: seguidores (ou inscritos) e o número de curtidas nos vídeos que o perfil acumula. Nenhum dos perfis, até o momento de escrita dessa dissertação, tem mais de 1 milhão de seguidores. Comentários sobre as particularidades de cada perfil serão revelados de acordo com cada apresentação individual.

Não se teve como escopo metodológico fazer nenhum tipo de levantamento quantitativo de perfis de História ou semelhantes na plataforma. O recorte referente aos quatro perfis se tornou necessário para a viabilidade da pesquisa. Uma vez que existem diversos perfis com a temática da história na rede social, muitos deles produzidos por não historiadores, a escolha desses quatro tiktokers se deu pela viabilidade em estender, sempre que possível, as reflexões e problemáticas aqui presentes para outros perfis, com o mínimo de prejuízo à reflexão. Como será explanado posteriormente, a “padronização” desses conteúdos é algo comum na plataforma, já que muitos desses *creators* reproduzem ou copiam os conteúdos de outros produtores.

Outro cuidado metodológico se deu com a efemeridade da plataforma e a necessidade de salvar os vídeos utilizados como fontes. Por risco de perder os vídeos, por possíveis

problemas na plataforma, links, ou até mesmo pela exclusão manual de qualquer um desses vídeos pelos tiktokers, todos os vídeos utilizados como fontes foram armazenados em dois serviços de nuvem (Google Drive e MEGA), além de arquivados em pendrive. Todos os links ficaram acessíveis como nota de rodapé, mas também no inventário de fontes ao final da dissertação.

Tawany Rocha é a Tiktoker responsável pelo perfil “Loucuras da História”. Teve sua primeira formação em Administração pela Universidade de São Paulo (USP) e concluiu sua licenciatura em História, na Instituição Estácio, no ano de 2023. Tawany defende o seu trabalho na internet como um “entretenimento educacional”, conceito bastante comum entre os *creators* aqui analisados, categorizado como uma forma de expor o “conhecimento científico de forma descontraída”⁸⁵. A Tiktoker utiliza bastante do seu espaço na rede social para vender outros produtos, como cursos (sobre criação de conteúdo) ou produtos em geral, além de parcerias com empresas como Ambev, P&G, Burger King, Globo, entre outras. Seu público varia de uma faixa etária dos 15 aos 60 anos, como afirma a própria Tawany em seu perfil no LinkedIn⁸⁶.

O Loucuras na História conta com algo em torno de 900,0 mil seguidores, o maior dentre os perfis aqui problematizados. Tawany acumula mais de 30 milhões de curtidas na somatória de todos os seus vídeos. Seu conteúdo é bastante variado, indo desde a história do Brasil, em especial o Império e República; História Geral, mas também outros tipos de curiosidade sobre famosos e cultura pop. Não raro, a influenciadora também faz vídeos sobre a sua vida pessoal, ou blocos temáticos como mulheres, músicas, esquetes de humor ou suas experiências de viagens. Tawany também criou diversos quadros como “Cozinhando Histórias”, “Vida Sexual na História”, “Peças Históricas”, entre outras.

A escolha do “Loucuras da História” se deu pela maneira ou forma como o conteúdo é exposto, em sua larga maioria, por meio da “fofoca”, do humor, ou, quando possível, na chave da “curiosidade”. O próprio título do seu perfil procura desencadear essa percepção. Apesar disso, durante os vídeos mais voltados para o conteúdo de história, a influenciadora busca trazer dados e informações de caráter científico que possam fundamentar suas afirmações. Seus vídeos não contam com gravações em estúdios ou com edições elaboradas, sendo muitas vezes mantida a estética da plataforma: o rosto e dorso do influenciador à frente, enquanto imagens ou vídeos são apresentados ao fundo.

⁸⁵ [LinkedIn Tawany Rocha](#). Acesso em 10/03/2025.

⁸⁶ Plataforma de mídia social focada em negócios e emprego que funciona através de sites e aplicativos móveis. Fundada em dezembro de 2002 e lançada em 5 de maio de 2003, de propriedade da Microsoft.

Com relação ao perfil “Operação Barbarussa” seu conteúdo também é produzido por um historiador. João Pedro Rangel é formado em História pela Universidade La Salle, uma instituição privada, localizada em Canoas, no Rio Grande do Sul. Passou alguns anos trabalhando em instituições de ensino básico privadas antes de iniciar seu trabalho no TikTok. Pedro Rangel, de acordo com seu perfil em outras redes sociais como o LinkedIn⁸⁷, conta com várias outras especializações, a maioria delas nas áreas de Administração, Gestão e Inovação Educacional. Foi indicado ao TikTok Awards 2022 na categoria “AprendanoTikTok” e em 2023 na categoria “Prof do Ano”. Assim como Tawany, Rangel também já teve trabalhos colaborativos com organizações e empresas como o STF, Unicef, Itaú, TikTok, Rock In Rio e History Channel, bem como parcerias de publicidade com a Estácio, Beduka Bolsas ou a editora DarkSide, quase sempre inseridas entre os seus vídeos.

No vídeo “Como era o Natal no Brasil no Século XIX?”⁸⁸ é possível observar como as publicidades são incorporadas aos conteúdos. Nesse caso, Rangel inicia o vídeo com uma contextualização sobre a existência da escravidão no país e o papel desses sujeitos no feriado religioso. Entretanto, antes de concluir, com uma deixa para manter o espectador até o final, afirmando a existência de uma “uma relação do Natal com o profano”, o historiador inclui a publicidade da BedukaBolsas⁸⁹, que dura em torno de vinte segundos.

Além do perfil principal “OperaçãoBarbarussa”, Pedro Rangel mantém uma conta paralela denominada “Efemérides do Dia”, na qual, todos os dias, fala sobre eventos históricos que aconteceram no mesmo dia, no passado. Rangel faz parte do grupo de professores que decidiram sair da sala de aula para produzir conteúdo em plataformas digitais, argumentando que as redes possibilitam o alcance de um maior número de pessoas. Seu perfil principal conta com 909,6 mil seguidores e aproximadamente 18 milhões de curtidas. Além das publicidades, Rangel comercializa diversos calendários temáticos (para atender a todos os públicos), com uma proposta semelhante à do seu perfil secundário, “informando as efemérides do dia para você estar sempre informado”⁹⁰.

O foco do conteúdo também é bastante diversificado, com um direcionamento maior para História Geral Contemporânea. Contudo, é muito comum que o historiador também faça análises de livros, séries ou filmes, além de posicionamentos contundentes sobre política e assuntos mais sensíveis, como desigualdade, racismo ou os conflitos em Gaza — dando uma

⁸⁷ [LinkedIn João Pedro Rangel](#). Acesso em 21/02/2025.

⁸⁸ [Como era o Natal no Brasil no Século XIX?](#). Acesso em 21/02/2025.

⁸⁹ É uma empresa e plataforma educacional. O programa disponibiliza bolsas de estudo até o final do curso, de faculdades parceiras.

⁹⁰ [Por que os meses se chamam desse jeito?](#) Acesso em 21/02/2025.

certa particularidade ao seu conteúdo. O cenário dos seus vídeos é decorado com livros, quadrinhos e decorações de personagens e franquias famosas na cultura pop estadunidense. Ainda sobre a forma narrativa, Rangel constantemente procura trazer informações de caráter mais científico na sua fala, que possam corroborar com suas afirmações.

Outro perfil selecionado foi o do historiador TikToker Odir Fontoura, de 36 anos. Formado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), é mestre e doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com a área de pesquisa em estudos medievais, tendo uma participação ativa em atividades acadêmicas até meados de 2021. Seu trabalho iniciou-se no YouTube, migrando posteriormente para o TikTok. Em 2024, foi contratado pelo SBT para assumir a apresentação do NEW-Z, um projeto de canal transmitido pelo YouTube, com conteúdo direcionado para o público infanto-juvenil.

O produtor de conteúdo é seguido por um público de aproximadamente 411,4 mil pessoas, com cerca de 9 milhões de curtidas. Odir também oferece diversos cursos pagos (História do Brasil, História da Arte Macabra, História da América Latina, entre outros), que podem ser assinados em modelos semanais, semestrais ou anuais. No TikTok, apesar da variedade de temas, História Medieval e História da Arte se destacam, além de esquetes humorísticas e vídeos publicitários. Esse tipo de prática, presente não apenas no trabalho do Odir, demonstra que

[...] esse produtor de conteúdo acumula todas as tarefas relacionadas à produção, divulgação e comercialização do produto ou serviço que ele mesmo produz. A produção de conteúdo possui como finalidade divulgar a mercadoria produzida e comercializada por esse trabalhador (Silva, 2023, p. 137).

Seu perfil se insere na pesquisa pela particularidade dos seus vídeos, que não raro busca desenvolver discussões de caráter mais historiográfico. Odir discorre sobre problematizações do tempo, conceitos, da própria historiografia e a partir ou não do uso de fontes, tornando seu conteúdo um tanto mais crítico. Ademais, Odir em vários momentos também visa se posicionar politicamente sobre temas e demandas do presente, como o conflito entre Israel e Palestina, governo Trump, ou aspectos mais conjunturais do Brasil, como eventos causados pelas crises climáticas⁹¹.

Por último, temos o perfil “Curiosamoda”, que também faz conteúdos de curiosidades históricas. É definido pela tiktoker Gracy Cristina como um espaço para se saber “fofocas bem antigas”. Gracy é formada em Moda, sendo, portanto, o “Curiosamoda” o único dentre os perfis escolhidos que não é mantido por um historiador de formação. Em seus vídeos, o uso

⁹¹ [Aquecimento Global](#). Acesso em 21/02/2025.

da História como um elemento de pura curiosidade é bem mais contundente — estando literalmente no título do perfil. A influenciadora também mantém uma loja virtual (Curiosa Moda Shop⁹²), na qual vende camisas e acessórios com a “temática histórica”.

“Curiosamoda” conta com 610 mil seguidores e mais de 42, 5 milhões de curtidas (ou seja, o mais popular e indicado pelos algoritmos considerando apenas esses números). Apesar do perfil ter como objetivo conteúdos sobre a relação entre História e Moda, encontra-se vídeos dos mais variados temas. Seu foco é História Medieval e Moderna, em especial, além de Egito e História do Brasil, bem como vídeos humorísticos. Recentemente passou a alimentar um canal no YouTube com vídeos mais extensos sobre os mesmos assuntos presentes no TikTok.

Em um determinado episódio, quando confrontada por uma historiadora, que alegou que os vídeos de Gracy são superficiais, a *creator* sustentou seu trabalho como um “ perfil de entretenimento [...] eu conto história de uma forma divertida, numa linguagem acessível, no qual as pessoas aprendem sem saber que estão estudando”⁹³. Gracy também mantém um perfil secundário no TikTok denominado “curiosabíblia”, focado em assuntos sobre o cristianismo, como o próprio nome sugere. A especificidade desse perfil para a pesquisa se dá pela necessidade de problematizar um conteúdo que não é pensado e construído por um historiador. Intrigantemente, “Curiosamoda” é o perfil com maior circularidade e curtidas do recorte aqui estabelecido.

Os perfis escolhidos, a partir de suas diferenças, podem indicar como diferentes concepções ou culturas históricas foram não somente enraizadas, mas assumem diferentes formas no âmbito digital, tanto como mídia audiovisual, mas também em seus aspectos discursivos. Com isso, o próximo movimento está em analisar como o conteúdo de história se adequa à tiktokzação, ou seja, a realidade contemporânea das telas e redes, suas temporalidades, bem como o funcionamento econômico das mídias sociodigitais, que remodelam a divulgação e a produção de História.

⁹² <https://montink.com/curiosamoda/> Acesso em 13/02/2025.

⁹³ [Análises superficiais? Ou o óbvio sendo dito?](#) Acesso em 13/02/2025.

4 O CONSUMO

Ao adentrar o TikTok, o usuário é automaticamente direcionado para os vídeos indicados pela plataforma. Com uma rolagem infinita, não existe a hipótese de ficar sem ter o que assistir, entreter ou informar. As oportunidades de interação, como já explanado, são diversas: os usuários podem curtir, comentar e compartilhar, fazer seus próprios conteúdos a partir dos pastiches dos seus ídolos e influenciadores preferidos. Simula-se uma aproximação entre o produtor e seu público. O *feed* é personalizado, único. Simula-se uma exclusividade, no qual não há como permanecer no tédio.

No TikTok há sempre uma história sendo contada. Simula-se a pluralidade. Sobre os conteúdos de História, quaisquer assuntos podem ser explorados, ainda que alguns recortes sejam feitos, às vezes arbitrários. Pouco se fala sobre o Brasil Colônia, mas muito sobre o período imperial moderno, em conjunto às fantasias de se viver na realeza, como reis ou princesas. O porquê de suas vestes? Quem sofreu mais com os fardos de ser rainha? O mesmo se estabelece sobre tempos remotos, com curiosidades sobre espartanos, gregos e suas leis que controlavam e condenavam os corpos femininos. Sujeitos passam a ser personagens de uma grande história da humanidade. Tudo toma a forma do divertido, dos boatos quase impossíveis de se acreditar. O desejo por algo conclusivo é correspondido e suprido em pouco mais de alguns segundos. Não sobra dúvidas sobre o passado no tempo tiktokzado.

Sobre a história recente, o que engaja é a denúncia: holocausto, a ditadura no Brasil, os horrores da guerra ontem e hoje. É essencial garantir que esses vacilos da humanidade nunca mais aconteçam. Conhecendo-se a História, é possível evitar os erros no futuro. O velho positivismo continua a se fazer atual. Mas além das tragédias, é importante reconhecer as lutas de grupos políticos minoritários, bem como a identificação dessas figuras no passado. Ainda que seja interessante a explanação dessas lutas, a impressão que se passa é que o conteúdo oscila entre a ética, o retorno em visualizações e o aumento de capital simbólico dos produtores de conteúdo na plataforma. Mais curtidas e visualizações significam mais contratos públicos, mais retornos financeiros.

Em suma, alguns desses aspectos demonstram como a história e o tempo tomam contornos diferenciados na plataforma de vídeos curtos. O que tem levado esse modelo de produção de conteúdos para as redes sociais ser tão replicado? O TikTok não apenas surgiu como uma nova tendência como passou a preconizá-la. Qual a particularidade última dessa temporalidade? As problematizações sobre as redes sociodigitais parecem não apontar para uma primazia do presente, mas pelo depois, pelo que está por vir, pelo que pode acontecer. A

historiografia, então, nosso objeto de reflexão, deve se adaptar há um conjunto de tempos, o breve, o instante, o simultâneo, o agora e o depois.

Os elementos apresentados até aqui colocam a produção da história em xeque, afinal, que particularidades da história são aferíveis uma vez que o tempo, de produção e consumo, se tornam cada vez mais curtos e refêns de desejos de consumo cada vez mais imediatos e ansiosos? Mas, acima de todos esses elementos, é possível operar e praticar outras temporalidades?

4.1. O que faz o TikTok ser tão sedutor?

Se existe uma constante na historiografia, desde seu desenvolvimento, é de que a área frequentemente se encontra em crise. A historiografia moderna formulou concepções nas quais o papel do historiador era apenas relatar o passado, tendo certo grau de liberdade para reconhecer permanências, mas em hipótese nenhuma intervir. Todavia, como exposto até aqui, as desilusões com a história no século XX, bem como as críticas feitas ao modelo oitocentista, fizeram com que a história acadêmica tomasse outros caminhos. A historiografia se tornou mais autocrítica, buscando se estabelecer como ciência, elaborando críticas à própria área a partir de múltiplas esferas do conhecimento, como a psicanálise, a literatura, a crítica literária, a antropologia, entre outras.

Todavia, ainda que o ensino de história tenha se institucionalizado pela busca e fundamentação da valorização científica da área, algumas perguntas insistem em ecoar nas aulas de história: “De que esse conhecimento vai me servir?” ou “Para que aprender sobre algo que já passou?”. Em 2018, o então presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, desdenhou do incêndio que destruiu parte do acervo do Museu Nacional no Rio de Janeiro, tragédia essa factível pela falta de investimento e manutenção do prédio por anos consecutivos (Calgaro, 2018).

As tensões que possibilitaram o desenvolvimento da História como uma ciência ainda permanecem em diversos espaços sociais. As críticas ao modelo positivista e metódico, todavia, não significaram a obsolescência dessas correntes teórico-metodológicas na sociedade. Isso acontece, como já citado, pelo fato da realidade se constituir em movimentos de conservação e superação, que se desdobram em novos aspectos da materialidade social. Sentenças como: “estudamos história para evitar os erros no futuro” ou “História é fácil, só precisa decorar”, demonstram como determinadas concepções oitocentistas ainda se mostram vigentes no senso comum. Ao pensar nesses recortes, fica a impressão de que a história, na verdade, é constantemente colocada em xeque.

Ainda assim, a dificuldade em demonstrar e estabelecer a História como ciência entra em desacordo com as inúmeras curtidas e visualizações que diversos historiadores e produtores de conteúdo acumulam em suas redes falando sobre história. Todos os anos produtos dos mais diferentes formatos com foco na história (livros, filmes, séries, ou outros tipos de mercadorias) são comercializados e consumidos regularmente. Em última análise,

O engajamento do meio acadêmico de História com o grande público no Brasil não foi maior não por uma incapacidade da área em falar com o grande público, mas porque a divulgação de História, a partir de uma perspectiva de divulgação científica para o público geral, raramente foi pensada estrategicamente ou como projeto de longo prazo (Carvalho; Teixeira, 2019, p. 14).

Afinal, existe um desinteresse do público em História ou as diferenças não estariam na forma de comunicar, articuladas às outras maneiras de lidar e experimentar o tempo a partir das necessidades de aceleração do presente. Em outras palavras: por quais motivos a história no TikTok atrai? Que demanda social é suprida pela plataforma de vídeos? Em concordância com Huyssen (2000, p. 25), é central pensar que

algo mais deve estar em causa, algo que produz o desejo de privilegiar o passado e que nos faz responder tão favoravelmente aos mercados de memória: este algo, eu sugeriria, é uma lenta mas palpável transformação da temporalidade nas nossas vidas, provocada pela complexa interseção de mudança tecnológica, mídia de massa e novos padrões de consumo, trabalho e mobilidade global.

Pode-se apontar que a produção de história para a internet é outro campo de inovações em determinados aspectos, mas também para a conservação de certas formas de narração do passado. A história é reelaborada em regime discursivo próprio, que se distancia, ou pelo menos apresenta particularidades, nas redes sociodigitais — em especial no formato de vídeos — se comparada com outras experiências nas quais a história também é produzida como um produto a ser monetizado e ensinado. O tempo, nesse novo ambiente virtual e digital, se torna central como aspecto produtivo e de consumo. No caso do TikTok, ritmo (dimensão temporal), valor e conteúdo estão constantemente reciprocamente atrelados.

Nesse sentido, é aferível afirmar que as redes sociodigitais potencialmente remodelam as maneiras como consumimos a história e o passado. O interesse pelo passado na plataforma está mediado pelas tecnologias digitais da comunicação e seus algoritmos, bem como pela abundância e facilitação de acesso a conteúdos de entretenimento. Uma vez que esses conteúdos precisam, de alguma forma, se destacar de outros, o movimento passa a ser a mescla de entretenimento e passado. Como aponta Eco (2017, p. 55):

Antes, tínhamos muito interesse no passado porque as notícias sobre o presente não eram muitas, basta lembrar que um cotidiano dava conta de tudo em oito páginas. Com os meios de comunicação de massa difundiu-se um volume imenso de informação sobre o presente e a internet dá acesso a notícias sobre milhões de coisas que estão acontecendo neste exato momento [...]. O passado do qual os meios de

massa falam, como por exemplo as histórias dos imperadores romanos, de Ricardo Coração de Leão e até mesmo da Primeira Guerra Mundial, chegam (através de Hollywood e indústrias afins) junto com o fluxo de informações sobre o presente e é muito difícil que um consumidor de filmes perceba a diferença entre Espártaco e Ricardo Coração de Leão. E assim se dissolve, ou, de todo modo, perde consistência a diferença entre imaginário e real [...].

O fato de o TikTok ser uma rede alimentada por vídeos, ou seja, por recursos visuais, também contribui não somente para sua atratividade, mas também para a velocidade com que esses conteúdos devem circular. Aspecto intimamente relacionado à temporalidade nas redes sociodigitais. “A cultura do descartável é alimentada pelo capitalismo de imagens ao mesmo tempo em que o sustenta e acelera. A imagem passa a vender estilos de vida, ocupando o lugar do discurso político” (Moura, 2022, p. 229). Posto isso, torna-se necessário problematizar esses conteúdos em seu próprio sistema (plataforma), considerando não apenas o seu ritmo, mas a capacidade de adequação e personalização para cada usuário.

No caso dos conteúdos de História, a narrativa passa a incorporar elementos específicos das redes, causando a esses vídeos um caráter bastante complexo nas estratégias para conquistar o público. Desse modo, pelo menos cinco eixos principais se estabelecem: a personalização do feed; as dubiedades com relação ao TikTok ser um dispositivo democrático; a exposição de informações conclusivas em detrimento da dúvida; a sua estética e regime narrativo e, não menos importante, o valor de troca que esses conteúdos passam a conservar em sua dinâmica espetacularizada. Aspectos esses perpassados pela lógica financeira, que busca a maximização dos lucros de empresas privadas.

A personalização do feed por parte dos algoritmos está intimamente vinculada ao modelo de negócio das plataformas digitais que precisam garantir a permanência dos usuários na rede social. Desdobra-se com isso não somente a individualização do consumo, realizado sob medida, mas também aprofunda a lógica de concorrência entre os tiktokers. Aspecto esse que traz especificidades no trabalho em plataformas digitais, pautando a história, antes de tudo, em critérios econômicos de interesse dos consumidores.

A diferença primordial no modelo das redes está vinculada não somente ao fator “eficiência”, mas também à busca em “ser produtivo com meu tempo”. O consumo de mídias nas redes apresenta como particularidade o direcionamento constante de conteúdo de interesse do usuário. O algoritmo remedia qualquer tipo de conteúdo que o usuário não queira consumir — o que porventura provocaria seu deslocamento para outra rede ou atividade. Com isso, o tempo de espera ou de procura de produtos atrativos ao sujeito, proveniente de outros modelos ou mídias, é anulado e convertido em tempo de consumo.

Pense na quantidade de conteúdo que podemos consumir em uma hora de TikTok. Se cada vídeo dura, no máximo, sessenta segundos, serão sessenta vídeos seguidos. [...] Compare isso com o YouTube — no qual a duração média dos vídeos está ficando cada vez maior à medida que mais e mais pessoas param de assistir a vídeos em qualquer lugar, preferindo se acomodar no sofá para assistir a documentários de longa-metragem — e verá que é muito mais difícil ganhar seguidores. A duração dos vídeos no TikTok também acerta na mosca: é improvável que os espectadores se entediem depressa (Stokel-Walker, 2022, p. 89).

Essa prática difere essencialmente de outros espaços de consumo e acesso ao conhecimento histórico, como a escola, por exemplo, no qual os estudantes não têm a possibilidade de escolher, por critérios individuais, o que querem ou não aprender. Esses contrastes de tempo e consumo podem auxiliar na compreensão dos motivos que levam a sala de aula, bem como o professor de história, a serem taxados como tediosos, chatos, entre outros adjetivos. Afinal, a experiência de tempo do espaço físico não pode ser manipulada com a mesma precisão das redes.

Essa personalização contribui para pôr em xeque uma idealização, bastante recorrente com relação à internet ou as redes sociodigitais seriam essencialmente democráticas. É verdade que um perfil na plataforma e os seus vídeos chegam a um público bastante considerável. A facilidade com a qual se pode produzir conteúdo na plataforma também corrobora com esse parecer. Todavia, ao considerarmos outros aspectos do fenômeno da plataformização esse entendimento não se sustenta em sua totalidade.

Uma vez que esses produtores de conteúdo histórico se submetem às exigências das plataformas e do público, é ingenuidade pensar que não existe controle ou que o trabalho nas redes é totalmente autônomo. Na verdade,

A criatividade desse trabalhador e o suposto “poder de influência” possuem um formato específico, um horário a ser publicado e uma série de padrões que precisam estar alinhados com os interesses das empresas proprietárias das plataformas e dos anunciantes; do contrário, de nada adiantam argumentos bem construídos, um conteúdo de qualidade e atrativo” (Silva, 2023, p. 102).

Ou seja, as exigências e controles sobre o que se produz não são feitos de forma aparente, mas muitas vezes implícitas em forma de penalidades aos produtores de conteúdo. É possível aferir como determinados conteúdos passam a ser nichados e reproduzidos por diferentes tiktokers em busca de engajar o interesse do público. Ainda que se possa falar sobre tudo e qualquer coisa, a tendência é responder à demanda da plataforma (e público) por conteúdos que efetivamente serão convertidos em visualizações e, consequentemente, em monetização.

Ao narrar os métodos contraceptivos na antiguidade, por exemplo, Gracy Cristina traz afirmações como “as mulheres no Egito Antigo utilizavam fezes de crocodilo e leite azedo

para criar uma barreira ácida [...]” ou “na China do século VII às mulheres fritavam mercúrio no óleo depois tomavam esse mercúrio [...]”⁹⁴. Tawany Rocha, em várias ocasiões, também publicou conteúdos com a mesma temática⁹⁵, ainda que as informações em si nem sempre coincidirem com o que é falado por Gracy. Vídeos com temáticas semelhantes, quase sempre de criadores diferentes podem ser encontrados com grande facilidade⁹⁶.

A circulação e reprodução desses vídeos revela a seguridade em apostar em assuntos estáveis, que porventura funcionaram em outros perfis e que possam ser replicados e impulsionados eficazmente pelos algoritmos. No caso de historiadores de formação, isso também significa a execução de atividades que tendem à sobrecarga de funções.

Para quase qualquer tema buscado na Internet, há dezenas, centenas ou mesmo milhares de páginas no Facebook, *blogs*, canais no YouTube e outros tipos de mídia. Destacar-se nesse espaço requer uma série de estratégias, que vão desde o investimento na qualidade do conteúdo produzido — e por investimento entendemos não necessariamente dinheiro, mas tempo e dedicação tanto na produção quanto nas estratégias de divulgação [...] (Rodrigues, 2019, p. 80).

Um segundo problema, ou infortúnio, desse tipo de democratização digital está na possibilidade de que qualquer sujeito se sinta convocado a produzir seu próprio conteúdo, com as mais diversas orientações políticas ou ideológicas, validado pela recepção do público consumidor. Democratizar, nesse sentido, pode se converter em legitimação de qualquer discurso sobre o passado que performe aspectos de verdade ou de confirmação do que previamente acredita o consumidor e usuário. Para Rodrigues (2019, p. 79):

[...] o acesso aos meios de produção de material e sua democratização permitem a absolutamente qualquer pessoa produzir conteúdo, e muitas dessas pessoas — seja por aproveitarem um clima político-ideológico, seja por sua agressividade e vontade de causar polêmicas — acabam alcançando públicos vastos com conteúdo de qualidade duvidosa, para dizer o mínimo.

Esse tipo de facilitação entra em consonância com uma embargada regulamentação do trabalho do historiador, intensificando, de certa forma, preconceitos existentes como a de que sua formação não conta com nenhuma particularidade relevante, ou a de que qualquer sujeito pode produzir narrativas sobre o passado, com a mesma ou similar eficiência. Além disso, a migração de historiadores para as redes sociodigitais aponta para outras formas de precarização da profissão, cujo valor do trabalho é ainda mais desvalorizado pela alta concorrência nas plataformas. Como manifestado por Turin (2018, p. 197):

⁹⁴ [Métodos contraceptivos antigamente](#) Acesso em 03/04/2025.

⁹⁵ [Como as mulheres evitavam ficar grávidas parte 1](#) | [Como as mulheres evitavam ficar grávidas parte 2](#) | [Como as mulheres evitavam ficar grávidas parte 3](#) Acesso em 03/04/2025.

⁹⁶ Alguns exemplos: [A origem do Halloween](#), [A origem do Halloween](#), [“Pão Francês”](#), [Sabia que na França não existe pão francês](#). Acesso em 02/06/2025. Percebe-se que, mesmo com algumas mudanças no texto, muitos desses roteiros se assemelham de forma considerável.

De todo modo, é no bojo desse processo amplo de aceleração e crescente assincronia das experiências sociais contemporâneas que o lugar institucional da disciplina histórica e seu papel pedagógico são colocados em questão. O repertório tradicional a ela vinculado, formado por uma ordenação das sociedades passadas em períodos e narrativas, parece deixar de ser entendida como ferramenta apropriada ou necessária às demandas do presente ou pelo menos de um presente que parece cada vez mais expandido espacialmente pela lógica da temporalidade flexível do mercado global.

Essas diferentes lógicas de trabalho se desdobram em outras demandas de atratividade e popularidade, impulsionadas pelas formas, visuais e narrativas, com as quais essas informações são expostas, configurando na eficiência na circulação de conteúdo nas redes. Esse talvez seja o aspecto mais conflitante com relação aos conteúdos no TikTok. A forma narrativa nem sempre segue um modelo específico, ainda que busquem, em sua maioria, convergir elementos de cientificidade, mas partindo de componentes muitas vezes correntes em narrativas fábulas; provavelmente pelo formato funcionar melhor para o ritmo e natureza de entretenimento da plataforma. Para Ramos (2019, p. 22), as fábulas de internet,

Fazem parte, é evidente, de uma simplificação ardilosa cujos efeitos de verdade movimentam sistemas incansáveis, engendrando subjetividades afeitas ao consumo de tudo, a começar pelo consumo de si, na invenção de intimidades publicitárias e liberdades concorrentes, sempre submetidas a tudo que se refere ao poder de consumir cada vez mais.

O formato de vídeo de curta duração, aliado às opções de edição e manipulação do tempo, e a narração de partes da história por outros elementos da midiatização, geram novas configurações sobre o conteúdo factual a ser revelado. O espetáculo torna-se referência para o real (ou o fato), perpassando à história com aspectos de fabulação que são extremamente úteis para a captura de atenção. Quase como um pastiche. Em algumas ocasiões, esse diálogo com os usuários da plataforma se dá por meio de vídeos que atendem a demandas específicas, como curiosidades históricas⁹⁷ ou resumos de conteúdos que fazem parte do currículo escolar⁹⁸.

Quando o historiador Odir Fontoura posta em seu perfil um vídeo cuja chamada é “Bruxas no Brasil?”⁹⁹, percebe-se uma estratégia de atrair seu público, em um primeiro momento, não por meio da chave científica, mas da fabulação do passado, a partir de um imaginário social sobre essas personagens místicas. Em outra oportunidade, Tawany Rocha mobiliza bastante esses imaginários, em especial com a figura de Maria Leopoldina, esposa do Imperador Pedro I. Em alguns dos seus vídeos, reagindo a cenas da novela “Novo Mundo”, produzida pela TV Globo em 2017, compõe-se uma impressão de que aquelas situações apresentadas na novela efetivamente ocorreram. Com isso, cria-se uma popularidade

⁹⁷ [Um fato histórico para os gays](#) Acesso em 02/06/2025.

⁹⁸ [Revolução Industrial: Resumão](#) Acesso em 02/06/2025.

⁹⁹ [Bruxas no Brasil](#) Acesso em 28/05/2025.

e admiração pela figura de Maria Leopoldina, transbordando entre os seguidores. No vídeo sobre a chegada da Imperatriz no Brasil¹⁰⁰, a cena em questão mobiliza comentários como “ela parecia tão feliz...”; “É uma pena tudo o ela passou...” “Dona Leopoldina é muito amada.” — esse último feito por um perfil denominado “Ordem Monarquista Imperial - Ceará”.

Em outro vídeo, a figura de Maria Quitéria, deixa de ser ela mesma para se tornar a “Mulan brasileira”¹⁰¹, mulher que lutou pela independência do país. Essa imagem se sobressai em alguns comentários: “diva revolucionária icônica”; “Sim, nossa amada líder guerreira” ou “Amo tanto ela que vou tatuar ela”. Dentre os produtores de conteúdo aqui analisados, Gracy Cristina é uma das mais bem sucedidas nesses traços. O recorte dos seus vídeos, quase sempre sobre a realeza e as elites (europeias) em diferentes momentos históricos, se aproveitam de imaginários e referenciais fabulosos e romantizados do público em outros formatos como séries, livros e filmes. Reis, nobreza, príncipes e princesas em suas mais diversas adversidades e conflitos conquistam o seu público na plataforma.

Em seu vídeo sobre os bailes no século XIX¹⁰², por exemplo, a tiktoker expõe informações enquanto cenas de filmes sobre o período são exibidas ao fundo do vídeo. Comentários da própria como “ir a bailes deveria ser muito legal!” reforçam o entendimento sobre os referenciais ficcionais e fabulosos, simultaneamente visíveis ao longo do vídeo. A chave do casamento e do romance também é retomada, tangencialmente, durante o relato sobre a vida de Leopoldina de Bragança, filha de Dom Pedro II¹⁰³. Ao responder a uma seguidora sobre como Elizabeth II chegou ao trono¹⁰⁴, Gracy Cristina expõe uma série de informações, referindo-se à rainha como “Betinha”, com singular intimidade.

Em suma, diferente do que Ramos (2012) argumenta com relação à fabulação oitocentista — que buscava legitimar a ficção através da ciência¹⁰⁵ —, no caso do TikTok, o movimento passa a ser a desconstrução de fabulações em busca da fundamentação dos fatos, com a exposição de elementos explicativos dos fenômenos apresentados ao longo dos vídeos. Percebe-se com isso uma reconfiguração nos modelos de exposição histórica.

Elementos característicos da Escola Metódica francesa¹⁰⁶, por exemplo, se fazem

¹⁰⁰ [Coitada, nem sabia o que a esperava depois...](#) Acesso em 19/05/2025.

¹⁰¹ [Maria Quitéria](#) Acesso em 28/02/2025.

¹⁰² [Bailes no século XIX](#) Acesso em 02/06/2025.

¹⁰³ [Leopoldina de Bragança](#) Acesso em 02/06/2025.

¹⁰⁴ [Como Betinha chegou ao trono?](#) Acesso em 02/06/2025. Nesse último, Gracy Cristina utiliza uma blusa comercializada em sua loja online, com caricaturas da rainha Elizabeth II.

¹⁰⁵ Assim, mais do que fatos, o civilizado precisa de fábulas. É por isso que Alencar deixa bem claro: Iracema é uma lenda, mas é uma lenda com argumento histórico (RAMOS, 2012, P. 90).

¹⁰⁶ Aspectos tratados no 1.1: O que se tornou a História quando se fez ciência?

presentes na exposição de boa parte desses vídeos. A comunicação do historiador busca o diálogo com a objetividade dos fatos, o que em parte elucida a diligência com os dados que possam ser comprovados e, em outros casos, a predileção por narrativas “oficiais” — ainda que outras possam existir. Junte-se a isso, a demanda por vídeos e postagens. Os conteúdos pré-existent, resultado do trabalho semiótico de outros historiadores e sobre os mais variados temas, são refeitos na lógica narrativa dessas redes, algo de rápida assimilação e descomplicada (re)produção, robustecendo a divisão de trabalho entre profissionais da área.

Esse apelo à cientificidade ou entendimento da história como um acúmulo de factuaisidades passadas que precisam ser transmitidas, acaba criando ruídos entre o objetivo do tiktok/historiador, a forma que o produto passa a ter e a maneira pela qual seu conteúdo é consumido. No vídeo “O primeiro nude da história”¹⁰⁷, Tawany Rocha comenta a empreitada da artista Sarah Goodridge, no século XIX, em conquistar um senador americano mandando-lhe uma pintura em miniatura dos seus seios. Em outro vídeo, Gracy expõe os hábitos de higiene da dinastia Tudor¹⁰⁸, que governou o Reino da Inglaterra e do País de Gales entre 1485 e 1603. Embora os recortes sejam feitos por meio da chave da “indiscrição”, o que chama a atenção em ambos os conteúdos é a *hashtag*¹⁰⁹ que acompanha (#aprendanoTikTok). Mas o que efetivamente se aprende ao assistir esses vídeos?

O uso desse tipo de marcador em vídeos com temáticas como essa fazem sentido quando se parte da suposição de que basta a exposição de informações ou fatos sobre uma determinada época, situação ou evento para que o ensino da disciplina seja efetivado. Um limite considerável desse tipo de narrativa é que, se a incorporação de elementos “metódicos” é suficiente para performar um caráter de oficialidade e verdade, qualquer sujeito que reproduz e performa esses atributos pode ser avaliado como objeto de confiança, configurando uma considerável limitação.

Além disso, a reprodução desses elementos narrativos não deixa de ser fruto da divisão do trabalho historiográfico, o que acaba, de acordo com Certeau (1982, p. 32), ser um reflexo da vulgarização da disciplina.

[...] uma clivagem crescente entre a pesquisa e a vulgarização ocorre tanto na história quanto na teologia: as pesquisas tomam a forma de meios específicos e diferenciados por procedimentos próprios; mas, na sua “vulgarização”, a história e a teologia se tornam objetos de saber ou de curiosidade, distribuídos e impostos a um “público” de consumidores que participa cada vez menos da produção.

¹⁰⁷ [O primeiro nude da história](#). Acesso em 02/06/2025. Esse mesmo conteúdo foi [republicado](#) por Tawany com a diferença de alguns meses, possivelmente para estender o tempo do vídeo original e assim torná-lo monetizável.

¹⁰⁸ [Higiene dos Tudors. Eram perfumados?](#) Acesso em 02/06/2025.

¹⁰⁹ É um marcador usado em redes sociais para agrupar conteúdos sobre um mesmo tema, facilitando buscas e participação em discussões. Funciona como uma etiqueta digital que conecta publicações relacionadas.

Em suma, a inevitabilidade de revisitar datas, fatos e informações durante as curtas exposições pode ser compreendida a partir de, pelo menos, duas chaves — que não se anulam e costumeiramente se complementam: 1) Esses dados corroboram com o entendimento coletivo do que significa a história. Com isso, os tiktokers buscam legitimação do seu conteúdo por meio da apresentação de matrizes de caráter científico; 2) por serem essas faces da história mais acessíveis para o processo de (re)produção, propiciando uma constância de publicações — a mercê dos algoritmos.

Além disso, dominar os recursos digitais também são essenciais para a notoriedade não somente do público, mas dos algoritmos. A facilidade com a qual Gracy Cristina, em especial, consegue crescer na plataforma demonstra isso. Como afirmam Carvalho e Teixeira (2019, p. 15):

No meio digital, credibilidade e autoridade dependem principalmente de outros dois elementos: a capacidade de dominar a nova linguagem digital, garantindo presença do novo “espaço público”, e a capacidade de alcançar grandes audiências, medida pelo número de cliques, compartilhamentos, visualizações, curtidas, seguidores e outras interações.

Se a incorporação de aspectos fabulosos e de curiosidade são interessantes para atrair ou criar conexões mais rápidas com o público na plataforma, não deixam de ser usuais também estratégias de exposição nas quais os usuários são instigados a se posicionarem ou mesmo se “identificarem” com determinados sujeitos ou eventos. É o caso, por exemplo, do vídeo “O que o seu personagem histórico favorito diz sobre você”¹¹⁰, de João Pedro Rangel, no qual o historiador lista diversas personalidades da história e cultura pop e constrói pequenos perfis contemplando tanto ao personagem em si (Vargas, Brizola, Marx, Stalin, Nikola Tesla, David Bowie, etc.) quanto o público que por ventura venha a se “identificar” com essas figuras. Instrumento esse que configura não o aspecto científico, mas o reforço ao entretenimento, em formatos que instigam a participação do público. Em suma,

O entretenimento é um dos fatores fundamentais para garantir que haja interações suficientes para que os algoritmos aprendam e possam sistematizar a experiência comunicativa nas redes sociais. Os prazeres imediatos, o riso e os conteúdos com intenção de divertir são um dos principais ativos para que a maquina algorítmica possa colocar em trânsito seus preceitos de persuasão e intervenção na experiência humana (Calixto, 2023, p. 106).

Embora esse tipo de conteúdo possa, a médio ou longo prazo, despertar um interesse do público pela história, arrisca-se a reduzir a disciplina a fragmentos episódicos sobre o passado. Ou seja, a lógica da tiktokzação à qual esses conteúdos estão submetidos, direcionados ao consumo imediato e individualizado.

¹¹⁰ [O que o seu personagem histórico favorito diz sobre você](#). Acesso em 02/06/2025.

Não é simplesmente que outras abordagens sejam impraticáveis na plataforma. Alguns dos conteúdos de Odir Fontoura, por exemplo, visam à reflexão crítica não somente da disciplina, mas também do próprio presente da sociedade brasileira. É o caso da publicação do vídeo “O tempo e a memória”¹¹¹, no qual o historiador analisa a pintura “A Persistência da Memória” de Salvador Dalí. Aqui, Odir aproveita para, em pouco mais de dois minutos, tecer comentários sobre o conceito de memória. Em outro vídeo, publicado em 2023, o historiador problematiza condutas de caráter nazista realizados por deputados brasileiros¹¹². Apesar disso, tentativas como a de Odir, em problematizar conceitos, acabam afetadas negativamente — mas não impossibilitadas — por essa dinâmica de consumo de conteúdos constante do TikTok. Nesse sentido, deve-se considerar que,

O indivíduo que foi marcado pelo pensamento espetacular empobrecido, *mais do que qualquer outro elemento de sua formação*, coloca-se de antemão a serviço da ordem estabelecida, embora sua intenção subjetiva possa ser o oposto disso. Nos pontos essenciais, ele obedecerá à linguagem do espetáculo, a única que conhece, aquela que lhe ensinaram a falar. Ele pode querer repudiar essa retórica, mas vai usar a sintaxe dessa linguagem. Eis um dos aspectos mais importantes do sucesso obtido pela dominação espetacular (Debord, 1997, p 191, grifo do autor).

Veja, os elementos que compõem o valor de uso da história não se perdem totalmente nos vídeos, entretanto talvez seja possível observar um tipo de “estranhamento” desses conteúdos, uma vez que ele é consumido como entretenimento, cuja natureza é a dispersão de publicidade. Esse tipo de conteúdo demonstra, por exemplo, as particularidades de uma forma narrativa da história no TikTok, cuja experiência de tempo é permeada pela lógica “tiktokzada”, da quantidade em detrimento da qualidade. Logo,

A tão evidente perda da qualidade, em todos os níveis, dos objetos que a linguagem espetacular utiliza e das atitudes que ela ordena apenas traduz o caráter fundamental da produção real que afasta a realidade: sob todos os pontos de vista, a forma-mercadoria é a igualdade confrontada consigo mesma, a categoria do quantitativo. Ele desenvolve o quantitativo e só pode se desenvolver nele (*Idem*, 1997, p. 28).

Uma vez que existe uma delimitação de tempo no qual a exposição de informações deve respeitar, os produtores de conteúdo buscam findar suas exposições, explicando um fato ou acontecimento para o bom aproveitamento do espectador. Esse formato corresponde ao interesse dos consumidores, cujo desejo está em “saber” algo em pouco tempo, e não necessariamente disposto aos desdobramentos de reflexões ou debates — a menos, é claro, que a discussão esteja direcionada a assuntos polêmicos nos quais os usuários devem se posicionar a partir da imediaticidade dos seus sentimentos, como raiva ou indignação (reatividade), que logo podem ser superados com o arrastar da tela para outros conteúdos.

¹¹¹ [O tempo e a memória](#) Acesso em 02/06/2025.

¹¹² [A política dos símbolos](#). Acesso em 02/06/2025.

O problema, a nosso ver, é o que parte dessas narrativas históricas circulantes no meio social está produzindo em termos de sentido: essa história não recorre a questões ou problemas; é uma história que quase sempre relaxa, estabiliza; uma história que fornece referências identitárias em conformidade com a expectativa do leitor; uma história reconfortante e que elimina a tensão inerente às relações sociais (Carvalho; Teixeira, 2019, p. 15).

A dinâmica de tempo e valor em um ambiente de circulação de entretenimento faz com que a narrativa tome para si aspectos próprios, diferentes de outros formatos ou espaços sociais. Também significa impactos diretos nas formas de trabalho e remuneração de historiadores que, ao serem colocados com uma ampla concorrência, tendem sua força de trabalho desvalorizada, em conjunto com a extensão do tempo de trabalho e acúmulo de funções. Os pontos levantados até aqui tiveram como finalidade traçar e levantar hipóteses sobre a popularidade da história no TikTok. Seu formato se adequa às lógicas de consumo, bem como às demandas por um tempo que busca por mais objetividade e velocidade em seus conteúdos.

As mensagens são de rápido consumo; quanto mais curtas e diretas mais fácil será a recepção; além disso, há a demanda constante pela novidade. [...] textos longos não são muito visualizados no Facebook, enquanto memes — imagens, vídeos ou fotografias geralmente com uma mensagem crítica, lúdica ou humorística sobre assuntos de comportamento, amenidades e política — viralizam porque dialogam com o senso comum e com assuntos de interesse do momento, são de imediata compreensão de sentido (Andrade, 2022, p. 201).

Ainda que esses elementos acima apontem caminhos de entendimento sobre o porquê desses vídeos ganharem tantas visualizações, além de outras diferentes formas de engajamento, ainda é necessário maturar como determinados recortes de conteúdo são estabelecidos. Mesmo que não seja um processo arbitrário, vídeos sobre episódios e temáticas relacionados à história são formulados também pela sua eficiência no crescimento e captação da atenção na plataforma. Com isso, é necessário problematizar com maior prudência quais conteúdos da História podem se fazer presentes na plataforma do TikTok, configurando temas “tiktokzáveis”.

4.2. O que da história pode ser “Tiktokzável”?

Em fevereiro de 2025, a cantora norte-americana Lady Gaga lançou uma música intitulada “Abracadabra”. Dias depois, Odir Fontoura publicou em seu perfil o vídeo “Abracadabra: a história mágica dessa palavra”¹¹³. De forma breve, o historiador faz uma exposição sobre como a palavra está presente em escritos antigos — com pouco mais de dois mil anos —, gravada e utilizada em amuletos para prevenir e afastar doenças. Embora Odir apresente documentos e datas para fundamentar sua fala, é interessante destacar que o pontapé

¹¹³ [Abracadabra](#) Acesso em 03/04/2025.

inicial para chamar a atenção do público se dá no imaginário mobilizado pela palavra (abracadabra). Ainda que não haja necessariamente problematização das fontes, as imagens que aparecem ao longo do vídeo funcionam como um recurso de modo a fundamentar o que Odir apresenta. Existem “provas” para corroborar com o discurso. Ao final, Odir faz a divulgação de seus cursos sobre história disponíveis por meio de assinatura.

O vídeo em questão é somente um dos formatos e recortes possíveis da História para o TikTok. Os aspectos referentes ao funcionamento da plataforma, bem como sua relação com o tempo, já foram explanados. Uma vez compreendido que as redes sociodigitais não são espaços efetivamente democráticos, mas construído a partir de várias determinações (como a lógica de mercado, os consumidores e da própria plataforma por meio dos seus algoritmos), é vultoso problematizar o que da História pode ser “tiktokzável”, uma vez que nem todo conteúdo ou recorte se faz presente na rede. Os caminhos para estabelecer o que pode ser realizável na plataforma devem considerar não somente aspectos econômicos ou políticos, mas também recortes que possam dialogar com o elemento substancial das plataformas sociodigitais e midiáticas: o entretenimento. De acordo com Certeau (1982, p. 32):

“Uma clivagem crescente entre a pesquisa e a vulgarização ocorre tanto na história como na teologia: às pesquisas tomam a forma de meios específicos e diferenciados por procedimentos próprios; mas, na sua ‘vulgarização’, a história e a teologia se tornam objetos de saber ou de curiosidade, distribuídos e impostos a um ‘público’ de consumidores [...]”.

Essa “formatação” para o passado não é novidade, já tendo alguns apontamentos sobre o tema décadas atrás (Huyssen, 2000), de modo que o que se propõe aqui é identificar as transmutações nesse modelo. Sevcenko (1996) já observava um tipo de espetacularização da história, com os fatos históricos passando a ser “fabricados” pela mídia ou pautando os temas a serem considerados por historiadores — a Guerra do Golfo, por exemplo. Uma vez que o funcionamento midiático das plataformas sociodigitais são distintas do que até então existia na década de 1990, como essas outras relações retroagem sobre os temas e assuntos recortados da disciplina?

Embora nos últimos anos a História, enquanto área do conhecimento, tenha tomado amplas perspectivas de discussão e debate¹¹⁴, ainda é muito comum apreender no TikTok um léxico discursivo e “mercadológico”, que relaciona a área à conceitos como: origem, passado, obsoleto, anedotas, entre outras; categorias são conservadas ao se referir a determinados tempos e experiências históricas (tortura na ditadura, absolutismo na modernidade, igreja e ideia média, entre outros). A racionalidade científica da disciplina até pode ser valorizada,

¹¹⁴ Nesta dissertação ver 1.2: Como a Historiografia é traçada hoje?

mas somente em seus resultados e conclusões que facilmente podem ser assimiladas e (re)produzidas. Muitas vezes definidas pela chave da curiosidade e do que pode ser divertido e “engajável”.

A partir da análise das fontes, foi possível observar que os conteúdos e recortes de história para o TikTok se concentram em algumas asserções: a explanação da origem das coisas (objetos, hábitos, palavras, etc.); eventos que podem render narrativas mais cômicas ou seu oposto, com a exposição de traumas e tragédias; aspectos identitários — muitas vezes desdobrados a partir de conceitos como mulher, feminismo, raça, gênero, entre outros —; elementos nos quais há possibilidade de “julgamento” perante o público ou na divulgação e venda de produtos (publicidade); ocorrências do tempo presente que podem ser articulados com assuntos diversos. Em sua maioria, esses elementos não se manifestam de forma isolada, mas combinados.

O tipo de estratégia de Odir, comentado acima, é muito comum entre os historiadores na plataforma, na utilização da força que o imediato ou eventos recentes têm nas redes, garantindo engajamento não somente do público, ávido por saber mais sobre algo que acontece a todo instante, mas pelo funcionamento algorítmico. Ainda que inúmeros temas sejam possíveis, muito do trabalho na plataforma influi na valorização do que está em “alta”, se convertendo em uma garantia de visualizações. Logo,

A experiência atualista está incorporada na vida cotidiana, na estratégia das grandes empresas, inseridas no interior das lógicas do capitalismo de vigilância, que consiste, dentre outros aspectos, oferecer produtos e serviços em constante atualização. Em nosso tempo, não são apenas objetos e programas que “precisam” estar atualizados, os humanos também vivem, constantemente, a pressão, o medo e o desejo por atualização (Pereira, Araújo, 2020, p. 3).

Percebe-se o mesmo procedimento vindo tanto de Gracy Cristina, João Pedro Rangel e Odir Fontoura, novamente, todos dedicando comentários sobre o gesto nazista realizado pelo empresário Elon Musk durante a posse de Donald Trump em seu retorno à presidência dos Estados Unidos em 2025. Rangel, de modo mais cômico, debochado¹¹⁵, enquanto Gracy Cristina expõe diversas factuais para demonstrar como a saudação reproduzida pelo empresário acontecia durante o período fascista na Europa¹¹⁶. Apesar da diferença de tom, ambos se utilizaram do ocorrido para desacreditar a narrativa de que o gesto feito pelo empresário não seria nazifascista. Apesar de partir do mesmo evento, o vídeo do Odir se destaca pela problematização não sobre o gesto, mas de como certos discursos de figuras

¹¹⁵ [Uma saudação romana de verdade pra você fazer \(Contém ironia\)](#). Acesso em 27/05/2025.

¹¹⁶ [A tal “Saudação Romana”](#). Acesso em 27/05/2025.

autoritárias hoje se assemelham a políticas fascistas das décadas de 1930 e 1940¹¹⁷. Todos esses vídeos foram publicados durante o mês de janeiro de 2025.

Em junção a isso, temos os vídeos que circulam em períodos específicos, como feriados ou datas comemorativas¹¹⁸ (Dia da visibilidade transsexual ou Dia internacional da Mulher); eventos midiáticos, como o início, todos os anos, do *Big Brother Brasil* (BBB)¹¹⁹ ou durante a popularização de séries ou filmes como o “Ainda Estou Aqui”¹²⁰ de 2024 ou “A meia irmã-feia”¹²¹ de 2025.

O limite desse tipo de estratégia se apresenta na impossibilidade de reflexões mais duradouras sobre esses acontecimentos. Depois de certo período de publicação, a menos que o usuário procure manualmente os vídeos citados, pouco sabemos com que frequência esses materiais serão novamente entregues pelos algoritmos. É como se os conteúdos anteriores deixassem de existir. Essa lógica de funcionamento significa que os produtores de conteúdo precisam constantemente postar novos vídeos, caso contrário podem “sucumbir” ou desaparecer na plataforma. Assim, é possível aferir que o ritmo acelerado impacta não somente a produção, mas também no ritmo de esquecimento¹²², corroborando com uma percepção de que determinados assuntos seriam mais relevantes que outros. Como aponta Debord (1997, p. 178):

Quem vende a novidade tem todo o interesse em fazer desaparecer o meio de aferi-la. Quando o importante se torna socialmente reconhecido como o que é instantâneo, e vai sê-lo um instante depois — diferente e igual —, e que sempre substituirá uma outra importância instantânea, pode-se também dizer que o meio utilizado garante uma espécie de eternidade dessa não importância, que fala tão alto.

Outro aspecto bastante eficiente na roteirização dos vídeos se dá pela exposição da “origem histórica” de determinados termos, objetos, práticas, etc. Vídeos de “origem” são bastante presentes no perfil de Odir — como já exposto com relação à palavra abracadabra —, a exemplo, a origem da palavra Brasil¹²³ ou do Halloween¹²⁴; mas também com João

¹¹⁷ [O que vocês concluem disso?](#) Acesso em 27/05/2025.

¹¹⁸ [O dia do trabalho é coisa de comunista.](#) Acesso em 27/05/2025.

¹¹⁹ [As pessoas dizem que o BBB é fútil...](#) Acesso em 27/05/2025.

¹²⁰ [“Ainda estou aqui” fez a internet ficar atenta a sobrenomes militares, mas esqueceram de falar de um o Marechal Teixeira Lott.](#) Apesar de não falar diretamente sobre o filme, Tawany Rocha também [publicou um vídeos sobre os métodos de tortura dos militares](#) durante o período de campanha do filme ao Oscar. É possível escutar ao fundo a música “É preciso dar um jeito meu amigo” de Erasmo Carlos, que faz parte da trilha sonora do longa. Acesso em 27/05/2025.

¹²¹ [Dieta Vitoriana: engoliram tênia](#) Acesso em 12/06/2025.

¹²² “Hoje, tanto a memória pessoal quanto a cultural são afetadas pela emergência de uma nova estrutura de temporalidade, gerada pelo ritmo cada vez mais veloz da vida material, por um lado, e pela aceleração das imagens e das informações da mídia, por outro” (Huyssen, 2000, p. 74).

¹²³ [A origem do nome Brasil](#) Acesso em 27/05/2025.

¹²⁴ [A origem do Halloween.](#) No caso desse vídeo, ele funciona a partir das duas estratégias do que é tiktokzável expostas até aqui. Gracy Cristina também fez um [vídeo seu comentando sobre a origem da festa](#), com alterações apenas na forma de exposição e não necessariamente no que de fato é dito. Acesso em 27/05/2025.

Pedro Rangel que, apesar de pouco usual no seu perfil, compartilha vídeos em modelos semelhantes¹²⁵. Em “Loucuras da História”, Tawany Rocha, em seu quadro “Origem Histórica”, afirma que o termo “patricinhas” tem sua gênese com os “patrícios”, a elite dominante do Império Romano. Apesar de reconhecer, em determinado momento, que a expressão pode ter surgido de outra maneira — criado por uma “socialite brasileira” —, Tawany conclui sua exposição afirmando que “o que é mais falado mesmo é que veio exatamente dessa origem histórica lá dos patrícios”.

A mesma temática também é utilizada por Tawany em outro quadro seu intitulado “Cozinhando Histórias”, no qual a tiktoker comenta sobre a origem de alguns pratos ou receitas enquanto acompanhamos o preparo em vídeo da refeição. No caso da “origem do cuscuz”¹²⁶ é interessante observar como sua exposição é contornada pela linearidade de modo a estabelecer uma narrativa de origem, até o momento em que o prato se torna uma “identidade do nordeste”¹²⁷. A impressão que fica, considerando o curto tempo de apresentação, é que não houve mudanças ou transformações na forma de preparo, ou papel social desse alimento ao longo dos anos.

Com isso, reproduzem um olhar linear, no qual as coisas têm uma origem específica, permitindo o retorno a um ponto comum. Tendem a reforçar interpretações nas quais o conceito de história equivale ao passado. Em conjunto a isso, os vídeos com essa abordagem não deixam de assimilar certa fabulação do passado, ao buscar respostas de origem ou primeiros acontecimentos de determinado fato. Contudo, diferente de outros formatos, os disseminados no espaço digital se configuram, principalmente, pela sua efemeridade. Em concordância com Ramos (2019, p. 23): “Desse modo, não é muito difícil juntar um arquivo de fábulas rasas que se destinam à compra e à venda de subjetividades consumidoras e consumíveis, felizes porque são concorrentes, e concorrentes porque são felizes”.

Esse tipo de abordagem demonstra a forma com que a História é concebida não somente por quem produz, mas também e, principalmente, por quem consome os vídeos. Uma narrativa mais eficaz ao fornecer ao público informações rápidas, claras e de fácil compreensão, que podem, convenientemente, ser superadas pelo fluxo de conteúdos. Desse modo os usuários sentem que mais informações foram assimiladas com ideal otimização do

¹²⁵ [O primeiro registro de consolos que a gente tem veio, ironicamente, da Bíblia](#). Acesso em 27/05/2025.

¹²⁶ [Cuscuz paulista é cuscuz](#). Acesso em 27/05/2025.

¹²⁷ “[...] cuscuz ficou principalmente lá no nordeste, se popularizando com os sertanejos. Nessa época, era vista como comida de qualidade inferior, de pobre, de quem precisava sobreviver. Mas, para além da necessidade, cuscuz hoje é identidade”.

tempo. Uma brecha ou ponto em aberto não é aceitável nesse formato. Os conteúdos precisam ser conclusivos, encerrando-se em si mesmos.

Outras vezes as mesmas explicações sobre histórias de origem se convertem em formas de divulgação de produtos. Como quando Tawany expôs a “origem do café”¹²⁸ para divulgar sua linha de cafés “Loucuras da História”. Em outro vídeo, ao comentar sobre as práticas estéticas do período antigo¹²⁹, Tawany dedica pouco mais de trinta segundos aos pontos “históricos”, antes de seguir com o restante do vídeo apresentando os produtos de sua contratante, enquanto filma a si mesma fazendo uma limpeza de pele. Ou quando Odir faz uma breve linha do tempo sobre trocas monetárias (período antigo, medieval e contemporâneo), até chegar no Pix e as vantagens em utilizar a modalidade de pagamentos¹³⁰. Essa passa a ser outra tendência ou orientação aos conteúdos de história: os recortes que porventura possam virar *merchandising* ou parcerias pagas.

A publicidade oferece outra via para um passado dominado por empresas. Alguns acreditam que a web vai emergir futuramente como o principal local para anunciar, substituindo a televisão e as revistas de papel brilhante. [...] Empreendedores e grandes corporações têm lançado dezenas de sites voltados a faturar dinheiro promovendo informação e serviços sobre história ou educação por meio de publicidade ou marketing (Rosenzweig, 2022, p. 383).

A realização desse tipo de conteúdo difere do que se tinha até então com propagandas presentes em outros produtos historiográficos, como revistas, documentários e séries televisionadas. No TikTok, o assunto ou recorte é pensado e roteirizado de modo a convergir com os produtos ou marca a ser divulgada, personalizado ao público ou nicho de mercado. Os contratos de publicidade feitos diretamente com os tiktokers tem, como benefício, a maior probabilidade de conversão ao consumo — diferente das exibidas entre os vídeos na plataforma. Isso porque, na maioria das vezes, a figura do influenciador garante a permanência da audiência que, somente nos minutos finais, descobre que aquele conteúdo se trata de uma publicidade, como é o caso dos vídeos sobre a escravidão no Brasil, de Odir Fontoura¹³¹ e João Pedro Rangel¹³², que apenas nos minutos finais fazem os devidos indicativos de publicidade para a Editora Globo.

Esse tipo de caracterização também é direcionada aos “excluídos da história”¹³³. Ainda que as vidas de membros da nobreza, militares ou elites sejam bastante valorizadas na produção de conteúdo, outros grupos também encontram espaços na rede social. Mulheres,

¹²⁸ [A origem do café](#) Acesso em 27/05/2025.

¹²⁹ [Cosméticos BIZARROS do passado](#) Acesso em 12/06/2025.

¹³⁰ [As formas de pagamento e o pix](#) Acesso em 14/06/2025.

¹³¹ [O mínimo que você precisa saber sobre a escravidão no Brasil](#). Acesso em 12/06/2025.

¹³² [A melhor maneira para aprender mais sobre a escravidão](#) Acesso em 12/06/2025.

¹³³ Ver 1.2: Como a Historiografia é traçada hoje?

índigenas, pretos, LGBTQIAP+, pessoas com deficiência, etc. Esses conteúdos, por muitas das vezes, coincidem com datas comemorativas, pedidos de seguidores ou mesmo pela identificação política dos tiktokers. Geralmente, os recortes são ajustados em uma formatação de entretenimento ou mesmo como resumos factuais, com ou sem articulação política ligada a esses grupos.

Retornando aos vídeos da “CuriosaModa”, Gracy Cristina traz, em pouco mais de 1:42 segundos, elementos sobre o 8 de março e as jornadas de luta de mulheres¹³⁴. A tiktoker menciona a guerra que colocou a Rússia em crise, mobilizando mulheres na rua no protesto “pão e paz”. Seguindo por uma apresentação de Olympe de Gouges — morta na França por defender o direito das mulheres — e exposição de um protesto de mulheres que ocorreu em Nova York também por melhores condições de trabalho. Gracy conclui o vídeo mencionando que foi somente em 1975 que a ONU instituiu oficialmente o Dia Internacional das Mulheres, considerando a greve das mulheres na Rússia. Além desse, muitos outros vídeos em seu perfil são apresentados mediante uma comemoração ou efeméride.

Conteúdos sobre sexualidade, que contemplem a sicla LGBTQIAP+, são bastante mobilizados por Odir Fontoura, ele próprio homossexual. Vídeos como a “origem do termo gay”¹³⁵, “Uma história das diversidades sexual e de gênero”¹³⁶ (outra publicidade para a Editora Globo), ou mesmo “fatos históricos para os gays”¹³⁷ — a pedido dos seus próprios seguidores — são recorrentes. Exemplos semelhantes podem ser facilmente encontrados nos perfis de Tawany¹³⁸, Rangel¹³⁹ e Gracy Cristina¹⁴⁰. Embora esses conteúdos tenham contribuições importantes, na desconstrução de preconceitos e afirmações equivocadas (e odiosas) sobre a marginalização dessa população, isso não significa que outros reveses não acompanhem esse tipo de conteúdo. Na prática, os conteúdos que abraçam temáticas “progressistas” e que provocam controvérsias tem por objetivo mais engajamento — finalidade mais importante na plataforma.

A exemplo desse tensionamento, o vídeo de Rangel intitulado “Zumbi tinha escravos?”¹⁴¹ demonstra que, ainda que seja viável produzir conteúdos de viés mais crítico e combativos às narrativas revisionistas e negacionistas da história¹⁴², muito do debate tende a

¹³⁴ [Ainda temos uma jornada a percorrer...](#) Acesso em 03/04/2025.

¹³⁵ [Gay, a origem da palavra](#) Acesso em 14/06/2025.

¹³⁶ [Uma história das diversidades sexual e de gênero](#) Acesso em 14/06/2025.

¹³⁷ [Um fato histórico para os gays](#) Acesso em 14/06/2025.

¹³⁸ [Era mais fácil do que ser lésbica do que ser gay na era vitoriana](#) Acesso em 14/06/2025.

¹³⁹ [Claro que o Batalhão não era gay porque esse conceito não existia](#) Acesso em 14/06/2025.

¹⁴⁰ [O filho de Luís XIV foi exilado por ser gay](#) Acesso em 14/06/2025.

¹⁴¹ [Zumbi tinha escravos?](#) Acesso em 14/06/2025.

¹⁴² Nesse caso, seu vídeo é uma resposta ao livro “Guia politicamente incorreto da história do Brasil” de Leandro Narloch.

se perder pela forma mercadológica das redes sociodigitais. No vídeo, com pouco menos de quatro minutos — desviante do padrão geral de conteúdo, é relevante resaltar —, o historiador traz pelo menos dois argumentos, bem fundamentados, para contrapor a ideia de que Zumbi dos Palmares tinha escravizados no Brasil: 1) Ainda que houvesse escravizados em Palmares, a lógica de escravidão diferia do funcionamento de exploração moderna e colonial; 2) É necessária uma problematização das fontes escritas do período e não uma assimilação básica de que, uma vez registrado às informações no documento sejam a verdade.

O compromisso de Rangel com a conferência de fatos, refutação de abordagens negacionistas ou inverdades é algo recorrente em seu perfil no TikTok¹⁴³. Uma atuação que corrobora com o entendimento de que, para além da divulgação de dados e fatos (história metódica), a abordagem científica da disciplina também se manifesta de outras maneiras, sendo indispensável à disciplina e ao público que consome história. Como afirma Rodrigues (2019, p. 91):

A ocupação de tais espaços precisa ser feita de modo que seja compreensível aos públicos-alvo a importância do método científico, da avaliação de pares, da bagagem teórico-metodológica, da complexidade de debates que são constantemente vulgarizados, da necessidade de evasão de anacronismos, entre outras coisas.

No entanto, se a base da plataforma é o mercado, a existência de variedades de conteúdos fundamenta-se na lógica da concorrência e na abertura de narrativas outras que tenham público consumidor (Bridle, 2019; Han, 2022; Fisher, 2023). É por meio dessa brecha que conteúdos de extrema-direita e pautas revisionistas se mostram facilmente acessíveis (Almeida, 2022). Rangel, ao contestar e refutar conteúdos como este com regularidade, evidencia igualmente a abundância de inverdades existentes digitalmente. Vídeos que buscam, por exemplo, deslegitimar ou revisitar a memória de Zumbi. Na sua maioria, conteúdos meramente replicativos ou ideologicamente mais politizados e funcionais para desempenhos de cunho retórico¹⁴⁴. Um tipo de mecânica viável às plataformas, pois, antes de qualquer compromisso científico, se considera a recepção do público, que pode “escolher” a abordagem mais atrativa e alinhada aos próprios ideais. Os recortes da história passam a responder às demandas.

Porque todos têm o tal saber que se anuncia. Inteiro. À disposição. Na mão. Acessível pela internet, Wikipédia, celular, em inúmeros sites. Explicado,

¹⁴³ [Foi Salomão que descobriu o Brasil?](#) ou [Os eventos mais perturbadores da História - será?](#) Acesso em 15/06/2025.

¹⁴⁴ Alguns exemplos são: “[Zumbi dos Palmares NÃO foi herói](#)” de Lucas Pavanato (eleito vereador mais votado da cidade de São Paulo em 2024, com 161.386 votos), ou mesmo [A Verdade Oculta Que Ninguém Quer Falar](#). Existem também vários outros vídeos sobre o tema, ou mesmo sobre [Zumbi dos Palmares](#). A replicação de assuntos que mobilizam a opinião ou instigam o posicionamento do público é habitual no TikTok, como será debatido mais a frente. Acesso em 14/06/2025.

documentado, ilustrado, sem maior número de erros, do que nas melhores enciclopédias. Ninguém mais precisa dos porta-vozes de antigamente, a não ser que um deles, original e raro, invente. É o fim da era do saber (Serres, 2013, p. 45).

Essa prática não deixa de estar atrelada à temporalização digital, cuja mobilização de afetos é mais eficiente.

A gente se deixa *afetar* demais por informações que se seguem apressadas umas às outras. Afetos são mais rápidos do que a racionalidade. Em uma comunicação afetiva, não prevalecem os melhores argumentos, mas as informações com maior potencial de estimular. [...] Um único *tuite* que contenha *fake news* ou fragmentos de informação descontextualizadas é possivelmente mais efetivo do que um argumento fundamentado (Han, 2022, p. 37, *grifos do autor*).

Mas não é somente por meio de recortes de fundo mais “ideológico” que esse revés se manifesta. Diferente do espaço acadêmico, no TikTok é possível direcionar e expressar suas opiniões de caráter pessoal e afetivo, bem como a manifestação pessoal do tiktokker. No entanto, concomitantemente ao esforço em levar os modos de produção científica para a plataforma, outros modelos de conteúdo acabam por corroborar com práticas que criam distanciamentos sob ações que tentam a neutralidade ou objetividade.

Esse procedimento de criação acaba por desaguar em outro ponto de recorte para os conteúdos de História: ações mais simples ou engraçadas, nas quais os usuários possam se posicionar e direcionar opiniões individuais em interações como comentários ou compartilhamentos. Com isso, ruídos são desencadeados de modo que tudo passe a ser ponto de opinião. Em outras palavras: é divertido julgar o passado.

As abordagens tomam o formato de brincadeiras e piadas com supostas ocorrências do passado, a partir de áudios ou situações do presente (“Ana Bolena arrumando treta na era Tudor¹⁴⁵”, “Explicando pra minha psicóloga que os cavalos renascentistas estão falando de mim¹⁴⁶”, “Mulheres em 2025 x 1233¹⁴⁷”; ou mesmo com a explanação de curiosidades, nas quais os produtores de conteúdo tecem comentários pessoais ou mesmo cômicos, muitas vezes identificáveis logo no título da peça. “O químico mais azarado da história¹⁴⁸” ou “As maiores burrices da História¹⁴⁹”.

Em um vídeo específico, Tawany Rocha até recupera alguns documentos, com “as piores propagandas do passado¹⁵⁰”, mas as fontes não são problematizadas, somente utilizadas como suporte para as leituras e comentários sarcásticos. Em outros casos, se as ponderações

¹⁴⁵ [Ana Bolena arrumando treta na era Tudor](#). Acesso em 15/06/2025.

¹⁴⁶ [Explicando pra minha psicóloga que os cavalos renascentistas estão falando de mim](#). Acesso em 15/06/2025.

¹⁴⁷ [Mulheres em 2025 x 1233](#). Acesso em 15/06/2025.

¹⁴⁸ [O químico mais azarado da história](#). Acesso em 15/06/2025.

¹⁴⁹ [As maiores burrices da História](#). Acesso em 15/06/2025.

¹⁵⁰ [As piores propagandas do passado](#). Acesso em 15/06/2025.

não são feitas verbalmente, os tiktokers atrelam aos discursos expressões de medo, nojo ou indignação, como o caso de Gracy Cristina no vídeo "Métodos de Tortura da Inquisição Espanhola"¹⁵¹. Ainda que muitos dos conteúdos se concentrem em factuais, o tom narrativo é estabelecido e perpassado por um formato mais descontraído e anedótico. Essa forma de comunicar é o que transfere a esses produtores de conteúdo um tipo de engajamento que nem todos na rede social conseguem reproduzir.

Mas a chave da curiosidade não funciona somente pelo divertido. A mobilização de afetos também é importante na escolha dos recortes de caráter ou eventos traumáticos, como o Holocausto ou Ditadura Militar no Brasil. Referente ao genocídio praticado pelos nazistas na Alemanha, as alocações dos historiadores são acompanhadas de imagens de judeus nos campos de extermínio e músicas melancólicas ao fundo¹⁵². No caso dos vídeos de Tawany Rocha aqui selecionados¹⁵³, percebem-se poucas mudanças entre os roteiros (as formas de tortura e execução, o cotidiano nesses locais e câmaras de gás), ainda que sejam vídeos com recortes diferentes.

Ainda que Odir tenha abordado o tema em conjunto com um vídeo sobre os nazistas¹⁵⁴, o número de visualizações dispara quando, em outra oportunidade, o historiador compartilha com seus seguidores a visita que fez a um campo de extermínio na Alemanha¹⁵⁵. Memórias como a de Anne Frank também são exploradas pelos tiktokers, retomando sua biografia, o diário e sua memória¹⁵⁶. Nada disso, evidentemente, configura um desrespeito à memória. A mercantilização do holocausto não se deu no desenvolvimento da Internet. Contudo, “sabemos que a mídia não transporta a memória pública inocentemente: ela a condiciona a sua própria estrutura e forma” (Huysen, 2000, p. 22-3). Ou seja, a plataforma somente se configura-se como um novo espaço no qual

Carente de negação, porém, o trauma original é frequentemente reencenado e explorado [...] de modo que também pode ser profundamente ofensivo. Decerto, a proliferação indiscriminada do próprio lugar-comum pode ser um sinal da sua fossilização traumática, de sua permanência na prisão de uma fixação melancólica que atinge muito mais pessoas além das vítimas e dos perpetradores (*Idem*, 2000, P. 78-9).

¹⁵¹ [Métodos de Tortura da Inquisição Espanhola](#). Acesso em 15/06/2025.

¹⁵² [Como eram as câmaras de gás nazistas](#). Acesso em 15/06/2025.

¹⁵³ [Como era a vida em Auschwitz](#) e [Como era a vida de mulheres e crianças em Auschwitz](#). Acesso em 15/06/2025.

¹⁵⁴ [O mínimo sobre o Holocausto](#). Acesso em 15/06/2025.

¹⁵⁵ [Visitei um campo de concentração na Alemanha](#) (vídeo online com mais de 300 mil visualizações). Acesso em 15/06/2025.

¹⁵⁶ [Anne realmente não morreu após a morte...](#) | Esse mesmo vídeo foi repostado três vezes em seu perfil. Acesso em 15/06/2025.

Assim como o holocausto, o tom de denúncia também é expresso nos conteúdos sobre a Ditadura Militar. Em pouco mais de um minuto, Tawany Rocha apresenta os principais métodos de tortura do regime e como funcionavam (choque, telefone, geladeira, pau de arara¹⁵⁷). Ao fundo, imagens para ilustrar e corroborar com o dito. O vídeo é concluído com a promessa de uma segunda parte e a reiteração de que “[...] esse vídeo existe para mostrar a você que, independente do lado político, a ditadura foi uma violência à nossa nação e é uma chaga no nosso país. Então, saber o que aconteceu é lembrar para não esquecer e não repetir jamais.” Nos comentários, frases como “Viva a ditadura” e “Regime militar foi a melhor época do Brasil. Ditadura eu vejo agora”, também são manifestos.

Com João Pedro Rangel, a memória torna-se autoridade com vídeos no qual o tiktoker grava o seu avô e também historiador. No quadro “memória viva¹⁵⁸”, os seguidores podem fazer perguntas diretamente para o Sérgio, intermediadas pelo neto: “quem era perseguido na ditadura?”, “Como era a repressão e a vigilância da Ditadura nas Universidades”, “Como historiador, você sofreu censura?” ou “O que ele achou do filme 'Ainda Estou Aqui’?”

Ainda que existam maneiras diferentes de estabelecer os recortes da História e os tipos narrativos — contempladas pela lógica do entretenimento e captura de atenção —, uma larga maioria desses conteúdos buscam, se não fundamentar, ao menos performar, algum grau de cientificidade — mesmo os mais revisionistas e negacionistas. É importante que a exposição pareça verídica e conclusiva, desencorajando a dúvida. Entretanto, essas informações não são asseguradas na plataforma da mesma maneira que em outros formatos (artigos científicos, livros, teses, etc.)¹⁵⁹.

Esse procedimento é feito por meio da utilização de conceitos, termos, datas, visualização de documentos ou fraseologias (“A dinastia ptolomaica é de origem grega e governou o Egito desde 305 AC.¹⁶⁰”; “Em dezembro de 1821, ela [Maria Leopoldina] se reuniu com patriotas brasileiros para falar dessa emancipação. E deu certo, dando origem ao Dia do Fico.¹⁶¹”; “O GIBI foi lançado em 1939 pelo O Globo. O nome era por conta do mascote da revista, que era um menino negro [...]. O termo vem do latim gibbus, que significa: ‘pessoa disforme ou corcunda’¹⁶²”). Corroborando com concepções de caráter

¹⁵⁷ [Espero que entendam o intuito do vídeo](#). Acesso em 15/06/2025.

¹⁵⁸ [Memória Viva](#), [Memória Viva ep 3](#), [Memória Viva ep 4](#). Acesso em 15/06/2025.

¹⁵⁹ Esses movimentos até existem, como já mencionado com os vídeos do historiador João Pedro Rangel, mas são quase irrealizáveis considerando a quantidade de conteúdos.

¹⁶⁰ [A Cleopatra mais conhecida é a sétima](#). Acesso em 15/06/2025.

¹⁶¹ [A história da Leo é resumida em duas palavras...](#). Acesso em 15/06/2025.

¹⁶² [O certo é HQ e não Gibi!!](#). Acesso em 15/06/2025.

metódico da História dentre a produção desses tiktokers. Todavia, poderia existir algum outro aspecto que delimite a produção a partir dessas bases historiográficas?

Se o ritmo das plataformas, como o TikTok, define-se pela serialização de conteúdos, isso também significa que existe uma demanda por produção. Com isso, os historiadores submetidos a essa lógica precisam constantemente alimentar seus perfis. Ou seja, o tempo tiktokizado não reverbera exclusivamente no consumo na plataforma, mas no encurtamento de tempo para a criação de conteúdos novos. A utilização de dados e factuaisidades, comumente presentes em incontáveis vídeos, também pode ser reflexo do ritmo de produção. Esse tipo de informação, além de mais acessível, também é mais frugal e familiar ao público. Com isso, não é difícil constatar um processo de “padronização” de recortes ou escolhas temáticas.

Muitos dos vídeos de Tawany Rocha são regravações de conteúdos antigos¹⁶³, com alguns minutos adicionais — para assim monetizá-los. Odir aproveita para lançar, todos os anos, regravações sobre o *reality* do *Big Brother Brasil* e sua suposta inspiração no livro de George Orwell¹⁶⁴. Em datas ou eventos comemorativos, às replicações também acontecem¹⁶⁵. Esse tipo de estratégia é útil para chegar a outros públicos e assim contornar a obliteração algorítmica, pois o fluxo de conteúdo é intenso o bastante para que vídeos antigos deixem de ser sugeridos e os usuários esqueçam. Para Han (2020, p. 95-6): “[...] coloca-se em circulação uma grande massa de informações, sendo que a massa de informações e de imagens é um enchimento onde ainda se faz sentir o vazio. Assim, mais informações e mais comunicação não clarificam o mundo”.

Se existe um “retorno ao fato” por parte dos tiktokers, é possível aferir que tal prática esteja relacionada não somente à acessibilidade prévia dessas informações, mas também à facilidade com as quais essas referências podem ser reproduzidas, em consideração ao tempo e à economia das redes sociodigitais. A narração, muitas vezes descritiva ou expositiva, se adapta melhor aos intervalos temporais mínimos que produções visuais, como o caso do TikTok, sejam objetificadas e lançadas à circulação e consumo igualmente transitórios e instantâneos. Para Calixto (2023, p. 95):

No Século 21, com a câmera digital e a internet, ocorreu uma multiplicação e diversificação dos registros imagéticos, que antes eram restritos às instituições e ao poder constituídos. De forma contraditória, com a possibilidade de todos produzirem (ao mesmo tempo e em todo lugar), há cada vez mais uma padronização de como os conteúdos se tornam relevantes e populares nas redes sociais.

¹⁶³ [Comendo pão francês](#) | [Origem do nosso pão francês](#). Outros exemplos já foram apresentados nesta dissertação. Acesso em 15/06/2025.

¹⁶⁴ [Big Brother Brasil é cultura? \(2023\)](#) | [Big Brother Brasil é cultura? \(2024\)](#) | [Big Brother Brasil é cultura? \(2025\)](#). É possível encontrar o mesmo tema feito por [Débora Aladim](#) entre [outros produtores de conteúdo](#). Acesso em 15/06/2025.

¹⁶⁵ [Porque odiamos às mulheres? \(2023\)](#) | [Porque odiamos às mulheres? \(2024\)](#). Acesso em 15/06/2025.

Essa norma de (re)produção, por assim dizer, se dá em conjunto ao papel dos algoritmos nas redes sociodigitais, que tendem a compartilhar conteúdos semelhantes contribuindo para uma aproximação e duplicação, por assim dizer, dos mesmos assuntos. Com isso, observa-se que: 1) os mesmos temas, com roteiros semelhantes, sejam reproduzidos por tiktokers diferentes; 2) que os mesmos vídeos ou roteiros sejam reutilizados, em intervalos de tempo diferentes, pelo mesmo produtor de conteúdo.

[...] embora exista uma implosão de nomes e influenciadores, fragmentados e atendendo a interesses individuais, fica evidente, ao classificarmos e analisarmos os dados, uma semelhança fundamental nos conteúdos e nas formas como se expressam e se conectam com os jovens. Daí decorre a lógica algorítmica em pleno funcionamento: de um lado, ao atender demandas singulares e individuais, os cálculos numéricos também acabam por impulsionar formatos que são identificados como relevantes e guardam semelhanças visíveis; por outro lado, produtores de conteúdo passam a adequar as publicações para garantir que o algoritmo ajude a difundir ainda mais seus produtos (Calixto, 2023, p 259).

As problematizações levantadas até aqui visam demonstrar como o formato e temporalidade das redes sociodigitais (Tiktokzação) reverbera nos recortes sobre história e a sua produção. Ainda que os historiadores (ou não) busquem dar referência aos seus conteúdos, a necessidade por engajamento no TikTok transforma esse ponto em um verniz científico. O resultado são conteúdos e vídeos que incorporam elementos factuais da disciplina, mas narrativamente envolvidos em elementos de entretenimento, denúncia, fabulações e opiniões. Os vídeos são acompanhados por falas e questionamentos que colocam os usuários a tomarem algum tipo de reação — não necessariamente reflexão. A suposta instrução sobre história se dá na corrente concepção de que a transmissão de factuais é suficiente para configurar seu ensino. Assim, seria possível a conciliação entre diversão e aprendizagem.

Em suma, o que é tiktokzável da história? Aquilo que o público gosta, que pode atraí-lo e diverti-lo. Como posto por Debord (1997, p. 13), “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação”. Uma vez que essa tem se tornado a realidade de muitos profissionais da área, atuando diretamente ou não na plataforma, bem como um modelo popular de consumo, é necessário seguir com uma pergunta fundamental:

3.3. O que resta para a História?

A obra “1984” de George Orwell, publicada em 1949, narra a tentativa de Winston Smith em derrubar o Partido, governado pela figura autoritária do Grande Irmão. Uma das

maneiras de controle político pelo Estado foi o desenvolvimento da **novafala**, cujo objetivo é encurtar ao máximo a linguagem, inviabilizando o próprio ato de pensar, de modo a não ser possível contrariar o Partido. Orwell, dessa forma, propõe ao leitor a seguinte provocação: é possível existir crítica sem linguagem? Considerando as novas relações que temos com o tempo na contemporaneidade, a provocação última dessa dissertação se assemelha ao questionamento: existe crítica ou reflexão sem tempo?

Enquanto Orwell imaginava um ataque direto à linguagem, o que também se constata no fenômeno da Tiktokzação são mudanças quanto à forma de se temporalizar. Para além de outras abordagens, conceitos, aspectos e contradições da sociedade capitalista atualmente, é relevante retomar a centralidade do tempo. De acordo com Rosa (2019, p. 122): “o tempo não pode ser colocado conceitualmente ao lado dos fenômenos culturais, estruturais, das relações para com a natureza e para consigo; ele é, isso sim, uma dimensão central e constitutiva dos mesmos”. Uma vez que assumimos o tempo como um aspecto central do próprio desenvolvimento social e humano, é insensato relegá-lo na análise das contradições do contemporâneo.

A grande diversidade de conceitos e tentativas de compreender as temporalidades às quais estamos submetidos demonstra, como afirma Turin (2019b), que não vivenciamos somente momentos de crise, mas uma considerável crise no tempo. Todavia, as elucidações desse problema, a partir de fatores universais ou mesmo monocausais, serão insuficientes em seus diagnósticos. Ao longo da dissertação, discutiram-se como as tecnologias digitais da comunicação e informação inevitavelmente impactaram as formas de se temporalizar. Entretanto, essas mesmas tecnologias também foram monopolizadas e apenas parcialmente democratizadas, provocando fluxos de tempo mediado por interesses privados.

O único fator consistente dessa sucessão, de resto incoerente, de produtos de consumo e serviços é a crescente integração de nosso tempo e de nossa atividade aos parâmetros de intercâmbio eletrônico. Gastam-se bilhões de dólares em pesquisas dedicadas a reduzir o tempo de tomadas de decisões, a eliminar o tempo inútil de reflexão e contemplação. Essa é a forma do progresso contemporâneo — o encarceramento e o controle implacáveis do tempo e da experiência (Crary, 2016, p. 49).

Mediante a isso, em pouco mais de dez anos, houve mudanças consideráveis nas formas de se produzir conteúdo para a internet. Até mesmo o Google conta com atalhos em sua interface para direcionar o público para vídeos curtos ou responder demandas de pesquisa com grande objetividade nas informações — aspecto esse que não era presente no buscador até a popularização do TikTok e chats de inteligência artificial no mundo. O desejo pelo rápido, acelerado e curto, aspectos intrínsecos ao tempo e conclusivamente correntes na

contemporaneidade, devem ser entendidos em conjunto com outras esferas sociais e ideológicas: economia, neoliberalismo e cultura¹⁶⁶.

A forma de organização social passou a ser constituída por subjetividades neoliberais, cujos fundamentos também perpassam visceralmente o funcionamento das redes sociodigitais, para Cesarino (2021, p. 78):

[...] elementos que dizem respeito ao que poderíamos chamar de arquitetura digital do neoliberalismo, ou arquitetura neoliberal das mídias digitais. Esses fenômenos estariam ligados à difusão massiva de mediações digitais em todos os domínios da vida, desde o ecossistema de mídia e a esfera pública, passando pela infraestrutura da financeirização do capital, até o modo mais íntimo como cada indivíduo cuida da saúde, escolhe um parceiro, elege representantes e constitui sua subjetividade na era das mídias sociais, economia da atenção e plataformação.

Os *smartphones*, por exemplo, se estabeleceram como peças fundamentais desse fenômeno, por sua materialidade e portabilidade. Objetos amplamente acessíveis, de caráter privado e individual, acumulando ao longo dos anos funções diversas que nos tornam parcialmente dependentes de sua existência,

Conforme os *smartphones* se tornam computadores potentes de propósito geral e a computação some em cada aparelho ao nosso redor, de eletrodomésticos inteligentes a sistemas de navegação veicular, o mundo inteiro se torna código/espço. Longe de se tornar a ideia do código/espço obsoleta, essa ubiquidade sublinha nossa incapacidade de entender o impacto da computação em nosso modo de pensar (Bridle, 2019, p. 49-50).

Ou seja,

Em um cenário em que as organizações coletivas são objetos de ataque e qualquer que seja a regulamentação em favor do Estado e da equidade é desmontado, a ação individual floresce como único caminho possível. Com efeito, com o celular na palma da mão, cresce a demanda para que todas as tensões e problemas do Século 21 sejam resolvidos individualmente — possivelmente com a contribuição de um algoritmo “feito sob medida” (Calixto, 2023, p. 70).

Juntamente ao tempo “individualizado”, têm-se outros desdobramentos da aceleração social, nas quais o próprio futuro carece de orientação ou direção clara, fragmentando-se em múltiplas possibilidades. Em última instância, não existe rumo certo para o futuro e, deve-se enfrentar os diversos caminhos solitariamente. Estabelece-se uma geração paralisada por patologias como a depressão ou a ansiedade (Turin, 2019b), que não consegue materializar suas angústias sobre o futuro em possíveis atuações políticas. Inseridos em perspectivas nas quais os imaginários de futuro são cada vez mais limitados ao que já existe, não se desafiando a pensar em alternativas ao capitalismo (Fisher, 2020). Ou seja, a aceleração do tempo, em conjunto com outras formas de experimentar o tempo na contemporaneidade, acaba por gerar

¹⁶⁶ Como aponta Rosa (2022, p. 83): [...] dado que ganhamos estima social por meio da competição, a velocidade é essencial para o mapa cognitivo dessas mesmas sociedades modernas. Temos que ser rápidos e flexíveis para conquistar (e preservar) reconhecimento social, ao mesmo tempo em que, por outro lado, nossa luta para que sejamos reconhecidos impulsiona incessantemente as rodas da aceleração.

contradições nas quais, mesmo com tudo constantemente mudando, nada efetivamente se modifica a longo prazo. Como afirma Rosa, (2019, p. 585):

As observações de um “fim da história” diagnosticam assim, nada mais do que o fim da história temporalizada na Modernidade, ou seja, o fim de uma experiência temporal na qual o desenvolvimento histórico, assim como os desdobramentos históricos da vida, parecem tanto orientados quanto controláveis, e na qual as transformações portam como que um coeficiente de movimento. Em seu lugar se apresenta, na Modernidade Tardia, a experiência de constantes transformações imprevisíveis, difusas, de certo modo imobilizadas e não controláveis [...].

O que se concretizou na prática não foi o fortalecimento democrático, troca entre os diferentes e reconhecimento do outro, mas a oclusão de grupos, não como coletivos políticos, mas como indivíduos que se reconhecem somente em seus iguais. Com isso,

A crise atual da ação comunicativa pode ser atribuída ao tangível de que o *outro está desaparecendo*. A desapareição do outro significa o fim do discurso. Toma da opinião a racionalidade comunicativa. A expulsão do outro reforça a coação da autopropaganda de doutrinar a si mesmo com suas próprias ideias. Essa autodoutrinação produz infobolhas autistas que dificultam a ação comunicativa (Han, 2022, p. 52, *grifos do autor*).

Nesse sentido, conceitos como diálogo, trocas, compartilhamentos, etc., tomam outros significados de caráter virtual e temporal. Essas temporalidades são criadoras e intensificadoras da tiktokzação nas redes que, uma vez interseccionadas, (re)produzem as particularidades das plataformas, com as quais somos cotidianamente afetados. Nesse caso, o fluxo de informações e conteúdos nas redes de conteúdos audiovisuais é configurada e definida pelo depois; não por aquilo que se visualiza no agora, mas por uma promessa implícita de que o próximo conteúdo será mais interessante, mais divertido, mais vantajoso, etc.¹⁶⁷ Uma ansiedade que toma conta do agora, do presente. Tudo isso acessível aos movimentos dos dedos em tela.

Busca-se constantemente algo proveitoso para fazer com o tempo, recurso que deve ser devidamente bem investido por sua contínua escassez. Conceitos que antes significavam algum tipo de permanência (sempre, agora, infinito, etc.) são contaminados pelo porvir. “Ao tempo falta hoje a estrutura firme. Ele não é uma casa, mas um fluxo volúvel. Desintegra-se em mera sucessão de presentes pontuais. Ele se esvai. Nada lhe dá uma parada. O tempo que se esvai não é habitável” (Han, 2021b, p. 11). Se interagir eficientemente, em processos comunicacionais, envolve trocas simbólicas, dialogicidade e tensionamento de ideias, as dinâmicas de TikTok, Instagram e YouTube ressignificam a experiência ao ato de “reagir”, ao momento de imediaticidade e emoção. Logo,

¹⁶⁷ “Quem fica sempre olhando, para saber o que vem depois, nunca age: assim deve ser o bom espectador” (DEBORD, 1997, p. 183).

Formam-se cada vez mais raramente sentimentos de comunidade. Para isso, dominam afetos e emoções efêmeros como estados de um indivíduo isolado para si. [...] A comunicação digital é preponderantemente controlada por afetos. Ela fomenta a descarga imediata de afetos. [...] a política baseada nele é uma política de afeto. Política é razão e mediação. A razão, que requer muito tempo, cede hoje cada vez mais aos afetos de curto prazo (*Idem*, 2021b, p. 25-6).

Além disso, antes de cidadãos os usuários, muitas vezes legitimamente interessados em aprender ou saber mais sobre história, devem ser acolhidos como consumidores e clientes¹⁶⁸. Diferente de uma sala de aula, na qual o estudante é constantemente confrontado com o diferente ou com aquilo que não lhe apetece, nas redes o sujeito “consumidor de história” tem seus interesses e desejos correspondidos em troca de interações — ou seja, na extração de dados que serão mercantilizados pelas plataformas (Dantas, 2020). Como manter uma linha de raciocínio ou de criticidade quando qualquer ato de reflexão é abruptamente rompida não somente por publicidades, mas por vídeos de humor, músicas, recortes de filmes, cotidiano de artistas, comentários políticos pontuais ou outras diversas temáticas de interesse desses usuário?

Hoje, tanto a memória pessoal quanto a cultural são afetadas pela emergência de uma nova estrutura de temporalidade, gerada pelo ritmo cada vez mais veloz da vida material, por um lado, e pela aceleração de imagens e das informações da mídia, por outro. [...] Um sentido de continuidade histórica ou, no caso, de descontinuidade, ambos dependentes de um antes e um depois, cede lugar à simultaneidade e todos os tempos e espaços prontamente acessíveis pelo presente (Huyssen, 2000, p. 74).

Ainda que essa experiência de tempo — do agora engolfado pelo depois — não seja nova, é aferível como constituinte da arquitetura das redes. Atos de reflexão e pensamento sofrem ao serem inseridos em ritmos de instantaneidade, como no Tik Tok, por exemplo. O conceito de Tiktokzação estabelece-se como um meio de contribuir com a compreensão dessas contradições, uma vez que as dimensões de produção e consumo de mercadorias de natureza espetacular, no âmbito digital, se tornam reduzidas. Nesse caso, o problema não necessariamente se define pelo tempo final do vídeo do TikTok (a extensão em segundos ou minutos), mas pelos intervalos de produção e consumo cada vez mais fugazes, se efetivando como um modelo que se torna regra ao invés de exceção.

As formas de imaginar o passado e a ética histórica estão em descompasso com o “ritmo” da Tiktokzação. Ainda que se reconheça a existência de conteúdos que fogem a esses

¹⁶⁸ Para Canclini, as instituições de participações sociais democráticas são diluídas em práticas de carácter económico. Assim, “esta reestruturação das práticas económicas e culturais leva a uma concentração hermética das decisões em elites tecnológico-económicas e gera um novo regime de exclusão das maiorias incorporadas como clientes. A perda da eficácia das formas tradicionais e ilustradas de participação cidadã (partidos, sindicatos, associações de base) não é compensada pela incorporação das massas como consumidoras ou participantes ocasionais dos espetáculos que os poderes políticos, tecnológicos e económicos oferecem através dos meios de comunicação de massa” (Canclini, 2015, p. 41).

modelos, não se pode ignorar um caráter tendencial sobre os conteúdos no TikTok, mas também em outras plataformas com a mesma estrutura midiática e publicitária. Com a história levada a esses moldes para as redes, a produção de conteúdo inevitavelmente entra em contradição com outros objetivos ou aspectos científicos (debate, questionamento de certezas, crítica e troca de ideias¹⁶⁹). Assim,

a aceleração da produção de novidades incapacita a memória coletiva e significa que a evaporação do conhecimento histórico não mais precisa ser imposta de cima para baixo. As condições cotidianas de comunicação e acesso à informação garantem o apagamento sistemático do passado como parte da construção fantasmagórica do presente (Crary, 2016, p. 54).

Ainda que não haja, necessariamente, um apagamento completo do passado — considerando a quantidade vultosa de conteúdos —, a história na plataforma permanece efetivamente com limitações. Contudo, ao que parece, internaliza-se uma orientação de atuação política na qual a ocupação desses espaços por si só seria efetiva na disputa por atenção e consciência do público, pouco se questionando sobre os impactos da Tiktokzação na formulação narrativa da história disciplinar. Em última instância, a produção de história para o TikTok, modulada a partir dos critérios comerciais, publicitários e algoritmos, não vai salvar a disciplina de sua crise.

Como historiadores pretendem ocupar o espaço digital, de forma ética e política, sem antes se apropriar ou compreender minimamente o funcionamento dessas plataformas? Até que ponto consumir esses vídeos sobre história significa efetivamente ensinar ou aprender? Como politizar conteúdos no formato do TikTok quando os usuários somente consomem o que gostam? Aprender não deve ser agradável a todo momento. A história ensina, em especial, no momento do incômodo, do desconforto, sentimentos esses que se fundamentam na experiência do tempo que perdura. Esse contato com o diverso é que mobiliza um tempo direcionado à reflexão.

A pressão pelo movimento de aceleração caminha lado a lado com a desconstrução da negatividade. A comunicação alcança sua velocidade máxima ali onde o igual corresponde ao igual, onde *ocorre uma reação em cadeia do igual*. A negatividade da *alteridade e do que é alheio* ou a resistência do outro atrapalha e retarda a comunicação rasa e igual (Han, 2017, p. 11, *grifos do autor*).

Deve-se deixar o espaço das redes inabitado de conteúdos que aspiram à cientificidade ou ao pensamento crítico, por conta das limitações das redes sociodigitais? Indubitabilidade, pois não se pode negar essa trincheira de combate. O crescimento de discursos de ódio e grupos neofascistas nas redes, para além da facilidade com que esses movimentos se

¹⁶⁹ Ver 1.2. Todas as mudanças teóricas e metodológicas da História nos últimos anos são irrealizáveis, qualitativamente, sem o efetivo papel do tempo.

ramificam digitalmente, por si só justifica tal investida. Todavia, “se é claro que o ativismo político passa pelo uso criativo das ferramentas disponíveis e dos recursos materiais, isso não implica que tais ferramentas possuem valores redentores intrínsecos” (Crary, 2016, p. 129-30). Nesse sentido, ao ocupar o espaço, como se isso por si já fosse suficiente, corre-se o risco de traçarmos reflexões consideráveis para o enfrentamento da Tiktokzação, disputando consciências a partir do deslocamento do tempo.

Logo, como a disciplina histórica pode ocupar as redes sociodigitais de outras formas? A construção dessa reflexão é efetiva somente em conjunto a modalidades de enfrentamento por outras formas de se temporalizar. “[...] quais encontros, hoje, são de fato possíveis. Mais especificamente, quais encontros podem levar a novas informações, a novas capacidades de insurgência, e onde podem ocorrer — em quais espaços ou temporalidades?” (*Idem*, 2016, p. 129). Para isso, talvez seja interessante a disputa por outros espaços, cujo tempo movimenta-se de uma forma diferente.

se, na modernidade clássica, vivemos uma *temporalização da política*, na qual o presente era visto como uma transição singular em direção a um futuro igualmente singular, hoje parece fundamental, ao contrário, *politizar o tempo*, entendendo que o tempo nada mais é que a forma interna de nossas experiências (Turin, 2019b, p. 267, grifos do autor).

Ao definir Tiktokzação, afirmou-se que essa temporalidade impossibilitava uma “contemplação ativa” dos conteúdos presentes nas redes. Ou seja, o tempo de problematização, reflexão e entendimento aprofundado sobre algo não acompanha a celeridade com as quais vídeos e conteúdos diversos são superados em plataformas como TikTok. Nesse caso, a contemplação ativa se configura não somente sobre o ato de assistir aos vídeos e às informações explanadas em alguns minutos, mas as possibilidades de estabelecer conexões ou análises para além do que se é dito. Com isso,

Apenas a permanência contemplativa é capaz de concluir, de inferir. Fechar os olhos é um emblema da conclusão contemporânea. As imagens e informações que se aglomeram fazem com que seja impossível fechar os olhos. Sem a negatividade da conclusão, vai-se parar na adição e acumulação infinitas do igual, no excesso de positividade, na proliferação adiposa de informação e de comunicação (Han, 2021b, p. 47).

Em última instância, a problematização e desconforto com os conteúdos de História nas redes sociodigitais tem como desdobramento ponderar sobre os caminhos e limites pelos quais a história pode seguir. Como os historiadores, a partir do seu labor, podem responder a essas demandas do presente? O que resta da história hoje, socialmente inserida em dinâmicas tão amplas e, muitas vezes, incompreendidas de tempo? Ainda que não exista uma resposta conclusiva e final, talvez seja preferível considerar alternativas para lidar com a Tiktokzação.

Um primeiro direcionamento se dá na temporalidade de outros espaços. Os conteúdos audiovisuais de redes sociodigitais até podem se adequar melhor a uma demanda social por dinamismo em seus resultados, mas não significa que outros espaços ou instituições sociais tenham perdido sua influência quanto às maneiras de se temporalizar. Como bem lembra Umberto Eco (2017, p. 88), ao explanar sobre o tensionamento entre professor e aluno no início da década,

O aluno estava dizendo que hoje existe a internet, a Grande Mãe de todas as Enciclopédias, onde estão a Síria, a fusão a frio, a Guerra dos Trinta Anos e a discussão infinita sobre o mais alto dos números ímpares. Ele estava dizendo que as informações que a internet coloca à sua disposição são imensamente mais amplas e muitas vezes mais profundas do que aquelas de que dispõe o professor. Mas esqueceu de um ponto importante: a internet nos diz quase tudo, exceto como buscar, filtrar e selecionar, aceitar ou rejeitar informações.

As escolas e universidades continuam a conservar temporalidades que fogem à conduta acelerada. É verdade que, no período recente, esses espaços sofrem com demandas por produtividade, além da precarização docente, interferindo diretamente no trabalho científico e intelectual (Turin, 2019; Rosenzweig, 2022). Todavia, o funcionamento (temporal) dessas instituições coloca em xeque a maneira como a história é consumida no âmbito digital¹⁷⁰. Para além do conteúdo explicativo, as práticas de pesquisa, leitura, reflexão, etc., são conservadas nesses ambientes “analógicos”, na medida em que essas práticas lhe caracterizam como recinto científico. Ou seja, utilizam-se de meios que alcançam formas diferentes de persistir no tempo.

Ainda que os conteúdos sejam previamente selecionados por um currículo (no contexto escolar), ou as abordagens sejam definidas pelos docentes, o tempo do outro é considerado no processo de prática e reflexão, e não somente determinado por dispositivos algorítmicos. O divergente é exposto a todos, configurando um tensionamento de tempo entre aqueles que compõem o corpo da instituição. Exige-se desses sujeitos o respeito e a adequação por um tempo que não seja o seu.

O tempo que se deixa acelerar é o tempo-do-Eu. Ele é o tempo que eu tomo para mim. Ele conduz à falta de tempo. Há, porém, também um outro tempo a saber, o tempo do outro, um tempo que eu dou ao outro. O tempo do outro como dádiva não se deixa acelerar. Ele também se furta ao trabalho e ao desempenho, que sempre exige o meu tempo. (Han, 2021a, p. 41).

Em sala de aula ou como recurso didático, a utilização ou produção de vídeos para o TikTok podem ser interessantes na medida que o tempo social se torna objeto de pensamento. Ao trazer um vídeo do TikTok para o âmbito escolar, por exemplo, tem-se uma "reconfiguração" de tempo, ao ser exequível traçar questões de análise, em conjunto com a

¹⁷⁰ Espaços como “oásis de desaceleração”, também são apontados por Rosa (2019).

turma. O tempo se dilata durante esse ato, rompendo com o constante fluxo de conteúdo intrínseco às redes sociodigitais. Em suma, é preciso buscar maneiras de temporalizar esses conteúdos de outras formas.

Pensando, em especial, a incumbência da escrita e reflexão historiográfica nessa defrontação, a alternativa está na intensificação e reafirmação dos elementos valorativos da disciplina, para além da sua “face” enquanto mercadoria — submetida à lógica mercadológica do espetáculo. Com a Tiktokzação do tempo nas redes, a história passou a ser definida e reafirmada como um aglomerado de curiosidades do passado ou acontecimentos que precisam ser decorados, ou seja, uma atualização de concepções anteriores sobre história enraizadas ao senso comum. A história também pode contribuir como legitimadora de atuações políticas, e não somente como um conteúdo rapidamente consumível em *feeds* digitais.

É preciso, com isso, retomar e aguçar o ensino e a produção a partir dos elementos “valorativos” da disciplina: sua anuência política em atribuir sentidos e significação às experiências humanas ao longo do tempo; legitimadora de narrativas com capacidade de estabelecer identidades e existências; disciplina que visa problematizar o tempo em todas as suas dimensões e não somente o passado. Esses aspectos, ainda que se mantenham de alguma maneira em produtos da história espetacularizada, precisam de tempo para um desdobramento social significativo, por conta disso antagônicos a lógica tiktokzada. Ou seja, é necessário tempo para que essas “bases” da história sejam devidamente problematizadas e disputadas.

A classe dominante, feita de *especialistas da posse das coisas* — que, por isso, são eles mesmos possuídos pelas coisas —, deve ligar o destino à manutenção dessa história reificada, à permanência de uma nova imobilidade *na história*. [...] Na reivindicação de *viver* o tempo histórico, o proletariado encontra o centro inesquecível de um projeto revolucionário; e cada uma das tentativas, até aqui destruídas, de executar esse projeto marca um ponto de partida possível da nova vida histórica (Debord, 1997, p. 100, *grifos do autor*).

Isso denota em estabelecer a história como uma disciplina que visa problematizar o tempo em todas as suas dimensões e não somente o passado ou o presente, mas definida também pelas mudanças e imprevisibilidades da ação humana. Não se trata de incorporar novamente o ideal “história *magistra vitae*”, no qual a disciplina deve orientar para um futuro “correto”, mas sim corroborar com alternativas aos imaginários de futuro. Variações essas que possam evadir-se de imagens comumente associadas ao futuro presente, nas quais humanos e não-humanos se tornam peões de grandes empresas de tecnologia, consumidores sem a possibilidade de ruptura, anestesiados pelas facilidades e antecipações algorítmicas.

A produção cultural inovadora exige tempo livre — um tempo não dominado pelas urgências imediatas do mercado capitalista. Com o dismantelamento das condições materiais de um tempo livre de urgências, um tempo experimental, esse espaço de

autonomia se fechou. A politização do tempo é, portanto, uma pré-condição para sair do mal estar cultural. (Fisher, 2020, p. 183).

Esse processo também se dá no questionamento da individualização e neoliberalização do tempo (Turin, 2019b; Han, 2021b). Não que isso seja um ato de pura exclusividade do historiador, mas definitivamente um traço imprescindível da sua atuação política. Com isso, a pergunta contundente converte-se da seguinte maneira: é possível imaginar e concretizar formas coletivas de habitar o tempo? Seria essa a chave de enfrentamento ao tempo neoliberal e tiktokizado das redes? Se sim, como efetivamente fazê-lo? Não existe uma única resposta, muito menos uma fórmula a executar. A hipótese da “tiktokzação” concretiza-se assim como uma maneira de contribuir com a dissolução do problema, ao apontar as formas narrativas que a história encarna junto a essa temporalidade das redes sociodigitais.

Uma vez que o tempo é o objeto de estudo da disciplina, é central à historiografia disputar e deslocar o tempo no qual estamos hegemonicamente engolfados. É essencial ocasionar rupturas na maneira como nos relacionamos e terceirizamos, para as tecnologias, as decisões referentes à temporalidade, sob o risco da perda de autonomia que cada um tem sobre seu próprio tempo. Não existe uma maneira certa de seguir com esse embate, somente a convicção da urgência em evocar, para além de outras temporalidades coletivas, imaginários de futuros que transgridem às normas favoráveis ao capitalismo e sistema vigente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática que guiou essa pesquisa se deu a partir de um desconforto, para não dizer frustração, da experiência em sala de aula. Na faculdade, discutimos sobre formas para ser um bom professor de História. Trabalhar fontes, analisar conceitos, problematizar o tempo, mais do que a transmissão de informações e factuais — aspectos bastante acessíveis aos estudantes. O ensino de história deve, sempre que possível, se destacar e se distanciar do ensino tradicional, que muitas vezes se coloca próximo ao historicismo positivista e metódico.

Na minha prática docente, dedicava diversas aulas sobre os desdobramentos políticos da história do Brasil, incentivando e trabalhando a leitura, bem como a problematização de fontes com os meus alunos, pontuando, sempre que possível, que não era fulcral decorar data e nome de ninguém. Isso não significava aprender história. Acreditava que o maior desafio seria vencer uma certa antipatia ou mesmo a insegurança de um recém-formado, esforçando-se ao máximo para ter o carinho e atenção dos alunos; legitimamente preocupado com o aprendizado do que eu acreditava ser história e toda a sua potencialidade ética e política. Mas entre esse objetivo e os alunos havia um objeto muitas vezes não considerado na equação: as telas. Objetos de enorme fragilidade, um pouco maiores do que a palma da mão, mas que tinham um poder devastador que até então não conhecia.

Apesar de passar horas e semanas ensinando sobre a proclamação da república, ou mesmo quem foi a figura contraditória de Getúlio Vargas, minhas aulas eram trocadas por vídeos e resumos, minutos antes das avaliações. Para os alunos era engraçado ver memes sobre a Revolução Francesa, mas eternamente tedioso aprender sobre ela. Durante as atividades, os estudantes insistiam em copiar suas respostas do primeiro resultado de internet ao qual tinham acesso. O problema se complexificou ainda mais com o uso de inteligências artificiais que dificultavam meu esforço em identificar plágios. Não havia aprendizado, muito menos ensinamento daquilo que eu acreditava ser dever ensinar. Isso me incomodava. Por quais motivos meus alunos fazem isso? Preguiça? Desinteresse? A aula não era envolvente? Eu não era um bom professor? Essa prática sequer era nova? Por que o vídeo na internet é mais funcional? Todas essas questões me fizeram chegar à conclusão que, notadamente, um historiador poderia se incomodar: o problema também está relacionado ao tempo.

Não era simples desinteresse, ou um atestado de que eu era um professor ruim. Talvez estivesse no fato de que minha aula, engessada pelo tradicionalismo de ensino ou mesmo as constantes faltas de recursos, e com isso tediosa, não conseguisse competir com outros

formatos divertidos, engraçados e mais rápidos. Não havia como controlar o meu tempo ou da aula, não havia como acelerar a exposição até a hora do intervalo e poder continuar jogando ou interagindo com amigos ou chatbots na internet. Se um professor conseguiu condensar tanta informação sobre o renascimento em dez minutos de vídeo, por que eu não poderia fazer o mesmo e deixar o resto da aula livre? A partir disso, fui delineando o problema a partir do tempo, em especial do TikTok, pela sua imensa popularidade; nas inúmeras vezes em que, ao entrar em sala de aula eu via como as meninas filmavam dancinhas e os meninos acompanhavam recortes dos seus ídolos do futebol.

Ao longo da dissertação, procurei responder algumas das perguntas que surgiram em conjunto com a fundamentação do conceito de Tiktokzação e análise das fontes. Reservei as considerações finais à alguns questionamentos que também me foram conduzidos durante o tempo de pesquisa, contribuições para o próprio desenvolvimento do conceito em sua maioria.

A primeira delas é que a Tiktokzação é um fenômeno de tempo que se efetiva nas redes, suas telas e as outras dinâmicas de exploração desdobradas no processo, e não uma temporalidade que se sucede em outros espaços fora do digital. É uma experiência de tempo, sim, calcada na materialidade social — nas relações socioeconômicas da realidade capitalista —, mas dependente ainda das estruturas virtuais, como a própria internet. Ainda que tiktokzação não seja um aspecto absoluto ou inescapável, é possível, a meu ver, fazer dois apontamentos: a tiktokzação é sim uma experiência de tempo hegemônica nas redes (não a única); deve ser entendida como algo tendencial, que pode transbordar para outros espaços digitais fora das redes sociodigitais.

Não se nega aqui a existência de outros conteúdos na internet que se distanciam das problemáticas referentes à Tiktokzação. É possível encontrar inúmeros conteúdos no YouTube ou no próprio TikTok, voltados para a reflexão, ou democratização do conhecimento sobre o passado. Alguns bons exemplos foram contemplados na dissertação. Contudo, o reconhecimento disso não significa a negação do seu contrário, dos prismas constituintes da Tiktokzação. Atualmente, YouTube, Instagram, entre outros, estão se condicionando a conteúdos em recortes decrescentes de tempo.

O encurtamento do tempo é essencial para o funcionamento das redes sociodigitais, reformando-as e tornando mais eficientes, na perspectiva do Capital, a captura da atenção. Enquanto fator de novidade, as redes passaram a permitir que o tempo de “improdutividade” do trabalhador fosse convertido em obtenção de lucro, no apanhar de dados dos usuários a partir das suas interações virtuais.

A atividade audiência, por sua vez, fornece dados que serão registrados e tratados pelos algoritmos desenvolvidos por profissionais remunerados. O trabalho da audiência envolve toda essa atividade viva que alimenta o banco de dados, ativa os algoritmos de processamento de dados (gerando valor) e recebe os anúncios (realizando valor). Assim, ao ser mediada pela dinâmica de exploração e suporte material da plataforma, produzindo uma relação de valor para o capital, a comunicação desses usuários se torna produtiva [...] (Raulino, 2022, p. 166).

Percebe-se também o papel dos algoritmos e das interfaces desses aplicativos projetados, fundamentalmente, para a diminuição de fricção — ou as ações autônomas dos usuários —, contribuindo com a apreensão de tempo dos utilizadores das redes, desdobrando-se em práticas como consumidores e produtores, simultaneamente. Esse tempo também retroage sobre a produção de conteúdos. A apreciação por formatos visuais contribui para o consumo rápido e eficiente dos conteúdos, incorporando aspectos de entretenimento (engraçado, divertido, polêmico, etc.), que de alguma forma instiguem a interação.

A temporalidade da Tiktokzação também está intimamente relacionada a outros tempos, por meio de vieses neoliberais. A individualização e personalização desse consumo, por exemplo, contribuem com a fantasia de que o tempo privado e escasso de alguma forma é otimizado por esses mecanismos tecnológicos.

O imperativo neoliberal da otimização e do desempenho não permite o encerramento. Torna tudo provisório e incompleto. Nada é definitivo e terminal. Não apenas softwares, mas também todos os âmbitos da vida subjazem à coação da otimização, mesmo a educação. [...] O regime neoliberal abole as formas de conclusão e encerramento para aumentar a produtividade. O *nós*, capaz de uma ação comum, também é uma forma de conclusão. Ele se desintegra hoje em Egos que se exploram voluntariamente como empresas de si mesmas (Han, 2021b, p. 48, *grifos do autor*).

Essas contradições com relação à produção de história estão vinculadas ao aspecto de tempo — no qual determinada informação deve ser comunicada, compartilhada e consumida —, além das características mercadológicas inerentes às redes sociodigitais. A história passa a ser orientada pelas demandas do mercado que priorizam o retorno lucrativo mediante o consumo, que nesse caso se configura pela produção e acumulação de dados dos usuários. Percebe-se a existência de um regime narrativo nas redes, perpassada por particularidades. Uma forma que é composta por diversas determinações: a concepção prévia do público sobre história, economia da atenção e aceleração, a divisão do trabalho historiográfico, o tempo viável para (re)produção desses conteúdos, entre outros elementos discutidos ao longo da pesquisa.

A mensuração de valor desse trabalho também é transformada. Uma vez que a informação (nesse caso, o conhecimento histórico) só conta com valor de uso — explicitados no tópico 1.3 —, as formas de precificar esse conhecimento tiveram de ser efetivadas pela

lógica capitalista a partir da “privatização” do acesso e não do conhecimento em si (Ormay, 2022). Era assim com os livros didáticos, filmes e séries de TV, mas que agora se modificaram ainda mais com a personalização algorítmica, cujos conteúdos são distribuídos de forma coletivizada, mas também personalizadas aos usuários.

Ao se aventurar nas plataformas digitais, historiadores se tornam reféns dessa lógica de aceleração, se submetendo a outras formas de exploração de sua força de trabalho — tanto como em seu tempo de estudos e criação, com a demanda por produção cada vez mais elevada, ou pelas outras inúmeras habilidades que devem assumir em busca de destaque nas redes sociais. O valor do seu trabalho passa a ser medido não necessariamente pela qualidade, mas pela quantificação de curtidas e formas de engajamento — novamente, pelos dados convertidos à plataforma.

As condições e tempo de trabalho, sofrem e aprofundam a divisão social entre pesquisadores e comunicadores que, inseridos em condições de trabalho extremamente precarizadas, acabam somente por reproduzir conteúdos previamente existentes, de formas mais simplificadas e rápidas para se adequarem a temporalidade da tiktokzação. Essa prática afeta, em especial, os historiadores nas redes que nem sempre conseguem refletir ou contemplar adequadamente o seu próprio trabalho. Como afirma Barros (2022, p.81):

Na sociedade digital, historiadores são conclamados a compreenderem que ela [história pública] é tão importante quanto a pesquisa de ponta que se faz nas universidades. Para levá-la a efeito de um nível de maior penetração é preciso que o próprio historiador também se transforme, eventualmente, em um comunicador. Sua escrita também precisa se renovar, se diversificar, se direcionar hora a diferentes tipos de público, ora a uma faixa ampliada da população, ora aos já tradicionais pares acadêmicos.

Para além da problematização dos perfis no TikTok, é significativo notar que o conceito de Tiktokzação também contribui para refletir sobre as maneiras de se narrar o passado. Pois, em conjunto ao processo de produção historiográfica, o que esses produtores e historiadores fazem é apontar para si as condições materiais e reais de se produzir História (Certeau, 1982). Será que a possibilidade de trabalho do historiador está delimitada por essa outra realidade, que não é composta por autonomia, mas outros mecanismos de controle? Espaço esse que se tornou opção pelas péssimas condições de trabalho no âmbito escolar e falta de regulamentação sobre a profissão (Turin, 2022). Em última instância, existem regras sobre como produzir história para a plataforma. Reconhecer esses limites é importante para projetar alternativas.

Com isso, chega-se ao segundo questionamento, voltado à reflexão sobre até que ponto esses conteúdos seriam ou não politizados. Seria a despolitização um projeto da

tiktokzação? A resposta deste apontamento é viável quando observada pela lógica da Economia Política, pois as plataformas “[...] se tornaram sistemas de agenciamento, programação e distribuição do espetáculo, por meio dos quais tanto se reduzem os tempos de rotação do capital quanto se produzem os comportamentos distintivos, identitários, sígnico-simbólicos de propensão ao consumo” (Raulino, 2022, p. 211-2).

Os elementos de reafirmação sobre factuaisidades históricas, características do historicismo oitocentista, são reformulados e expostos de maneiras que se articulam com estratégias de captação da atenção nesse ambiente digital. A permanência desse tipo de narrativa nas redes se sustenta, a meu ver, principalmente por dois aspectos: 1) por um certo senso comum de que a história é sinônimo de passado ou factuaisidades; 2) por esses elementos (datas, origens, dados) serem efetivamente mais triviais e ágeis de se (re)produzir no ritmo tiktokzado, implicitamente exigido pelas redes sociodigitais.

Uma vez que os limites já conhecidos da maioria desses materiais são a sua linearidade, factuaisidade, serialidade, entre outros enfoques, o que importa, em última instância, não é observar apenas o conteúdo, mas o que leva essa forma a continuar intacta. Mesmo com todas as mudanças teórico-metodológicas que tivemos ao longo de anos — explanadas no tópico 1.2 —, pouco é disseminado sobre o modo como a historiografia, resultado de trabalho semiótico, é produzida. Uma vez que essas demandas sociais por história são nulificados por meio de um consumo mercadológico e individual, se enraíza no imaginário social a ideia de que a história apenas se manifesta dessa maneira, no máximo como uma boa curiosidade divertida.

Em conjunto a isso, a busca pela verdade, cujas conclusões devem ser expostas sem espaço para dúvida, estão vinculadas não somente à delimitação de tempo de consumo da audiência, mas também pela maneira como o conhecimento é requerido e as informações são dispostas entre essas plataformas, com uma conclusão que torne o tempo investido ali um ganho. O conteúdo valoriza uma horizontalidade de informações, sem qualquer possibilidade de verticalidade, debates ou reflexões sobre o que se diz, que necessariamente precisam de tempo para se concretizar.

Afirmar que a História, como conteúdo, passou por uma espetacularização, como no TikTok, significa dizer que a forma e conteúdo da disciplina não se difundem somente em objetivos que antes eram suas qualificações (como dar sentido e refletir sobre tempo, orientar para o futuro ou construir identidades políticas e nacionais). Não que os produtos visuais problematizados na dissertação não conservem isso em alguma medida, afinal, apesar de ser definida pelo seu valor de troca, uma mercadoria não perde o seu valor de uso. Algum grau de

conhecimento histórico ou das qualidades citadas é transmitido por esses produtores de conteúdo. Com isso, o problema está em visar a quantidade (e não a qualidade) de afetações ou quantas pessoas serão alcançadas por esses produtos.

Há incompatibilidade entre, de um lado, a massa de informações colhidas em meio a um número crescente de indivíduos e, de outro, o tempo e a inteligência disponíveis para analisá-las; ou simplesmente seu possível interesse. A abundância da matéria obriga a condensá-la a cada estágio: muita coisa desaparece, e o que resta ainda é longo demais para ser lido (Debord, 1997, p. 231).

Em suma, os vídeos do TikTok são despolitizados? Não, somente politizados de outra forma. A pergunta que talvez pareça mais adequada é: quem ganha e quais interesses estão imbricados com a história contada de maneira “descompromissada”? É importante ressaltar que essa forma/narrativa nem sempre se dá de maneira consciente entre historiadores e produtores de conteúdo. Como trabalhadores, muitos estão somente buscando sobreviver. Mas, como bem apontou Rosenzweig (2022, p. 390): “Será que a web de história pública sobreviverá ao ataque dessas megaoperações? Será que a “autoridade” e a “autenticidade” residirão nesses fornecedores corporativos do passado?”

Um terceiro ponto de constante questionamento se fundamenta na relação entre o tempo curto e se há limitação do pensamento crítico. É possível construir uma correlação entre ambas as coisas? Afinal, existem coisas boas que geram prazer e reflexões que são relativamente curtas em seu tempo. A meu ver, a correlação entre ambos só é possível ao analisar esses conteúdos (os vídeos) dentro do seu próprio ecossistema digital. Funcionamento esse que não permite aos usuários o tempo adequado para a construção de reflexões ou conexões para além do que se consome em alguns minutos de vídeo.

Ainda que o TikTok deva ser ocupado — uma vez que se ausentar desses espaços e contribuir ainda mais, ao menos pelo fator de ausência, com perspectivas negacionistas e revisionistas na área de História —, o que questiono é até que ponto isso é realmente efetivo, e que outras estratégias são possíveis para além do virtual. Além disso, a popularidade de certos influenciadores sem formação, que produzem conteúdos sobre história, demonstra a necessidade dos historiadores em se comunicar de formas diferentes. Todavia, isso não significa que haja maior autonomia nas redes sociodigitais. Em concordância com Han (2021a, p. 22):

Não existem mais barragens que regulem, que articulem ou que deem ritmo ao fluxo do tempo, que poderiam deter ou conter o tempo ao lhe darem uma parada, uma parada em duplo sentido. Onde o tempo perde todo ritmo, onde ele se lança sem parada e sem direção no aberto e no vazio, desaparece, também, todo tempo certo ou todo tempo bom.

Uma vez que a demanda por produtividade nas redes — mas não somente nelas —, é extremamente elevada, a socialização e popularização da História, de maneira a desenvolver criticidade, percepção das mudanças ao longo do tempo ou imaginação temporal, se tornam cada vez mais impraticáveis, tornando pouco eficiente, ou quase nula, a experiência de contemplação. Além disso, os conteúdos, em sua maioria, apesar de informarem, pouco estimulam brechas para debates ou reflexões, a menos que sejam tipos de interações que estimulem a reatividade imediata.

A racionalidade discursiva é ameaçada, hoje, também pela comunicação afetiva. A gente se deixa afetar demais por informações que se seguem apressadas umas às outras. Afetos são mais rápidos do que a racionalidade. Em uma comunicação efetiva, não prevalecem os melhores argumentos, mas as informações com maior potencial de estimular (Han, 2022, p. 37).

Então, a produção de conteúdos para o TikTok é, no mínimo, ineficiente? Afirmar isso seria desconsiderar, novamente, o trabalho de profissionais eticamente comprometidos com a formação do seu público na plataforma. Entretanto, acredito ser possível, aos historiadores fora desse circuito, buscar meios e maneiras de temporalizar esses documentos (os vídeos) ou informações ali expostas de outras formas. Algumas possibilidades foram apontadas na dissertação. Ainda que a história seja pautada como uma “mercadoria espetacularizada” nas redes sociodigitais, e portanto, a partir da lógica do capital, isso não significa que esses conteúdos não possam ser ressignificados temporalmente.

Por último, qual tempo é o adequado? As adversidades enfrentadas pela historiografia e pela sociedade também devem considerar as dinâmicas do tempo. Que barreiras de tempo podem ser destruídas (ou levantadas) pelos historiadores hoje? Afinal, “uma das formas de incapacitação em ambientes 24/7 é a perda da faculdade de sonhar acordado ou de qualquer tipo de introspecção distraída que costumava ocorrer nos interregnos de horas lentas ou vazias” (Crary, 2016, p. 97). Ainda que não haja fórmula ou estratégia pronta, o conceito de Tiktokzação busca contribuir com o entendimento do funcionamento das redes e seus impactos na produção da história, em especial.

Para além das problematizações de conteúdos sobre o passado no TikTok, é urgente a desnaturalização do tempo ao qual estamos submetidos enquanto sociedade e, em conjunto a isso, a disputa e criação de outros imaginários de futuro. Não existe luta política sem tempo e escopos futuros que se almejam alcançar. Essa práxis somente pode se efetivar em dimensões de tempo que viabilizem a contemplação e o uso do tempo de formas éticas que caminhem rumo à humanização social.

REFERÊNCIAS

- ABRIL vende 7 títulos de revistas para a Editora Caras. **G1**, 02 jun. 2015. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2015/06/abril-vende-7-titulos-de-revistas-para-editoria.html>>. Acesso em: 15 abr. 2024.
- ALMEIDA, Fábio Chang de. Internet, fontes digitais e pesquisa histórica. In: BARROS, José D'Assunção. **História Digital: A Historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2022. cap. 2, p. 100 - 120.
- ANDRADE, Débora El-Jaick. Redes sociais digitais: um novo horizonte de pesquisa para a história do tempo presente. In: BARROS, José D'Assunção. **História Digital: A Historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2022. cap. 5, p. 179 - 227.
- ANTUNES, J. História e Filosofia da História em Hegel. **Temas & Matizes**, [S. l.], v. 3, n. 6, p. 22–27, 2000. DOI: 10.48075/rtm.v3i6.536. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/temasematizes/article/view/536>.
- ARAÚJO, V. L. de. Sobre o lugar da história da historiografia como disciplina autônoma. **Locus: Revista de História**, [S. l.], v. 12, n. 1, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20629>.
- ARAÚJO, Valdei Lopes de. A experiência do tempo na formação do Império do Brasil: autoconsciência moderna e historicização. **Revista de História**, São Paulo, n. 159, p. 107–134, 2008. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v0i159p107-134. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19090>.
- ARAÚJO, V. L. de. Formas de ler e aprender com a história no Brasil joanino. **Acervo**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 85–98, 2009. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/101>.
- ARAÚJO, V. L. História da historiografia como analítica da historicidade. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 6, n. 12, p. 34–44, 2013. DOI: 10.15848/hh.v0i12.620. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/620>.
- ARAÚJO, V. L. DE. Historiografia, nação e os regimes de autonomia na vida letrada no Império do Brasil. **Varia Historia**, v. 31, n. 56, p. 365–400, maio 2015.
- AVELINO, Rodolfo. Colonialismo Digital: Dimensões da colonialidade nas grandes plataformas. In: CASSINO, João Francisco; SOUZA, Joyce; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (org.). **Colonialismo de dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal**. São Paulo: Autonomia Literária, 2021. cap. 4, p. 67-83.
- ÁVILA, Arthur Lima de. “Povoando o presente de fantasmas”: Feridas históricas, passados presentes e às políticas do tempo de uma disciplina. **Revista Expedições**, Rio Grande do Sul, v. 7, n. 2, p. 189–209, 2016. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180310252018243>.

ÁVILA, Arthur Lima de. Indisciplinando a historiografia: do passado histórico ao passado prático, da crise à crítica. **Revista Maracanan**, [S. l.], n. 18, p. 35–49, 2018b. DOI: 10.12957/revmar.2018.31185. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/maracanan/article/view/31185>.

BARROS, J. C. D. Ranke: considerações sobre sua obra e modelo historiográfico. **Diálogos**, v. 17, n. 3, p. 977-1005, 13 mar. 2017.

BARROS, José D'Assunção. Revolução digital, sociedade digital e História. In: BARROS, José D'Assunção. **História Digital: A Historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2022. cap. 1, p. 11-100.

BELANDI, Caio. 161,6 milhões de pessoas com 10 anos ou mais de idade utilizaram a Internet no país, em 2022. **Agência IBGE Notícias**, [S. l.], 09 nov. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38307-161-6-milhoes-de-pessoas-com-10-anos-ou-mais-de-idade-utilizaram-a-internet-no-pais-em-2022>. Acesso em: 14 abr. 2024.

BOLAÑO, César Ricardo Siqueira; VIEIRA, Eloy. Economia Política da Internet e os Sites de Redes Sociais. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, São Cristóvão, v. 16, n. 2, p. 71–84, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/epic/article/view/2168>.

BRIDLE, James. **A Nova Idade das Trevas: a tecnologia e o fim do futuro**. São Paulo: Todavia, 2019.

CALGARO, Fernanda. 'Já está feito, já pegou fogo, quer que faça o quê?', diz Bolsonaro sobre incêndio no Museu Nacional. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/09/04/ja-esta-feito-ja-pegou-fogo-quer-que-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-incendio-no-museu-nacional>. Acesso: 06/03/2025.

CALIXTO, D. **O avesso dos algoritmos: sociabilidades na escola e mediações educacionais no ritmo do TikTok**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

CAMPANHAS no TikTok podem trazer maior retorno, diz Nielsen. **TikTok**, 26 janeiro. 2023. Disponível em: <https://newsroom.tiktok.com/pt-br/campanhas-no-tiktok-podem-trazer>. Acesso em: 28 fev. 2025.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos**. 8º ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

CARBONE, Filipe. TikTok lança novo programa de recompensas para criadores de conteúdos. Mundo conectado, 2024. Disponível em: <https://www.mundoconectado.com.br/redessociais/tiktok-novo-programa-recompensas/#:~:text=O%20Programa%20de%20Recompensas%20para%20Criadores%20do%20TikTok%20recompensar%20C3%A1%20conte%20C3%BA%20dos,pesquisa%20e%20engajamento%20do%20p%C3%BAblico>. Acesso: 19/06/2024.

CARVALHO, Bárbara. **TikTok Awards 2023**: Veja a lista de indicados e categorias. [S. l.]: CNN Brasil, 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/tiktok-awards-2023-veja-a-lista-de-indicados-e-categorias/>. Acesso em: 10 abr. 2024.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. Os lugares do historiador-divulgador. In: CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares (orgs). **História pública e a divulgação da história**. São Paulo: Letra e Voz, 2019. Introdução, p. 09-24.

CESARINO, Letícia. Pós-verdade e a crise do sistema de peritos: uma explicação cibernética. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 73–96, 2021. DOI: 10.5007/2175-8034.2021.e75630. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/75630>.

CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso**: verdade e política na era digital. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CASSIRER, Ernest. **Ensaio sobre o homem**: Introdução a uma filosofia da Cultura Humana. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHALEGRA, Jessica. Brasil é líder mundial em número de influenciadores digitais. **Consumidor Moderno**, [S. l.], 19 jun. 2024. Disponível em: <https://consumidormoderno.com.br/brasil-influencia-digital/#:~:text=Segundo%20pesquisa%20da%20Nielsen%2C%20o,mais%20de%2010%20mil>. Acesso em: 10 fev. 2025.

CÍRCULO DA HISTÓRIA. O que significa o círculo da história, online. Página inicial. Disponível em: <<https://odirfontoura.com.br/>>. Acesso em: 11 de jun. de 2024.

CRARY, Jonathan. **24/7**: Capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

DANTAS, Marcos. Economia política da informação e comunicação em tempos de internet: revisitando a teoria do valor nas redes e no espetáculo. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 8, n. 1, 2012. DOI: 10.18617/liinc.v8i1.476. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3356>.

DANTAS, Marcos; CANAVARRO, Marcela; BARROS, Marina. Trabalho gratuito nas redes: de como o ativismo de 99% pode gerar ainda mais lucros para 1% **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 10, n. 1, 2014. DOI: 10.18617/liinc.v10i1.696. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3545>.

DANTAS, Marcos; RAULINO, Gabriela. Trabalho da audiência e renda informacional no Facebook e YouTube. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, São Cristovão, v. 22, n. 1, p. 123–141, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/eptic/article/view/12215>.

DANTAS, Marcos. Informação, trabalho e capital. In: DANTAS, Marcos *et al.* **O valor da informação**: De como o capital de apropria do trabalho social na era do espetáculo da internet. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2022. cap. 1, p. 17-96.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DOWBOR, Ladislau. **Tecnologias do conhecimento**: Os desafios da educação. Petrópolis: Vozes, 2001.

ECO, Umberto. **Pape Satán Aleppo**: Crônicas de uma sociedade líquida. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

ENTENDA o escândalo de uso político de dados que derrubou valor do Facebook e o colocou na mira de autoridades. **G1**, 20 março. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/entenda-o-escandalo-de-uso-politico-de-dados-que-derrubou-valor-do-facebook-e-o-colocou-na-mira-de-autoridades.ghtml>>. Acesso em: 15 abr. 2024.

FERRAZ, D. L. DA S.; FRANCO, D. S.; MACIEL, J. A. Desvendando o prosumption: o produtor-consumidor, as plataformas digitais e o movimento do capital. **REAd. Revista Eletrônica de Administração** (Porto Alegre), v. 27, n. 2, p. 519–546, maio 2021.

FOUCAULT, Michael. **A Microfísica do Poder**. 25ª Edição. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

FISHER, Mark. **Realismo Capitalista**. É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FISHER, Max. **A máquina do caos**: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo. São Paulo: Todavia, 2023.

FRIER, Sarah. **Sem Filtro**: Os bastidores do Instagram: como uma startup revolucionou nosso estilo de vida. São Paulo: Planeta, 2021.

FUCHS, Christian; SANDOVAL, Marisol. Trabalhadores digitais do mundo inteiro uni-vos: teorizando e analisando criticamente o trabalho digital. **Parágrafo**, v. 2, 2015.

GARDINER, Patrick. **Teorias da História**. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

GIAROLA, Flávio Raimundo. Experiências do tempo futuro através da ficção científica: análise das mudanças de percepção do porvir da Guerra Fria ao século XXI. **Revista de História**, São Paulo, n. 178, p. 1–31, 2019.

GAY, Peter. **O coração desvelado**: A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

GONÇALVES, Giuliano. TikTok: pesquisa detalha o comportamento dos usuários brasileiros na rede social **E-commercebrasil**, [S. l.], 28 mar. 2024. Disponível em: <https://www.ecommercebrasil.com.br/noticias/pesquisa-tiktok-comportamento-dos-usuarios-brasileiros>. Acesso em: 14 abr. 2024.

GOOCH, George P. Leopold von Ranke. In: BENTIVOGLIO, Julio (org.). **Prólogos da História**. Vitória: Editora Milfontes, 2022. p. 15-68.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, ed. 1, p. 5-27, 30 jan. 1988.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. A cultura histórica oitocentista: a construção de uma memória disciplinar. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy *et al*, (org.). **História Cultural: Experiências de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. cap. 1, p. 9-24.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Entre as luzes e o romantismo: as tensões da escrita da História no Brasil oitocentista. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado *et al*, (org.). **Estudos sobre a escrita da História**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006. cap. 4, p. 68-85.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos**: Em busca de outro tempo. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2021a.

HAN, Byung-Chul. **O desaparecimento dos rituais**: Uma topologia do presente. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2021b.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia**: Digitalização e a crise da democracia. Petrópolis: Vozes, 2022.

HARTOG, François. Entrevista: François Hartog. **Revista Brasileira de História**, v. 35, n. 70, p. 281–291, jul. 2015.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2023.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: Arquitetura, Monumentos, Mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000.

JENKINS, Keith. **A História Repensada**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

JOANILHO, André Luiz. Vico: o tempo e a história. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 9, n. 2, p. 67–84, 2004. DOI: 10.5433/2176-6665.2004v9n2p67. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/9025>.

KERN, Stephen. **A cultura do tempo e espaço**: 1880 – 1918. São Paulo: Quina Editora, 2023.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: Contribuição à semântica dos tempos históricos. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do Tempo**: Estudos sobre História. 1. ed. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2014.

KOSELLECK, Reinhart. “Progresso” e “Declínio”: um adendo de dois conceitos In: KOSELLECK, Reinhart. **História de Conceitos**: Estudos sobre semântica e a pragmática da linguagem política e social. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020. cap. 8, p. 169-190.

KOSELLECK, Reinhart. Para que ainda investigação histórica? In: GUMBRECHT, Hans Ulrich; RODRIGUES, Thamara de Oliveira (org.). **Uma latente Filosofia do Tempo**. São Paulo: Unesp, 2021. cap. 4, p. 131-156.

LANGLOIS, Charles V. SEIGNOBOS, Charles; **Introdução aos estudos históricos**. Curitiba: Palotalivros, 2017.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do efêmero**: a moda e seus destinos na sociedade moderna. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

LOWENTHAL, D.; HADDAD, T. L.; MALUF, R. Como conhecemos o passado. Projeto História : **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 17, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11110>.

MACHADO, Débora Franco. A colonização dos dados como produto das operações das mídias sociais no sul global. In: CASSINO, João Francisco; SOUZA, Joyce; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (org.). **Colonialismo de dados**: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal. São Paulo: Autonomia Literária, 2021. cap. 3, p. 51-66.

MALERBA, J. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 7, n. 15, p. 27–50, 2014. DOI: 10.15848/hh.v0i15.692. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/692>.

MALERBA, J. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. **Revista Brasileira de História**, v. 37, n. 74, p. 135–154, jan. 2017.

MARQUES, R. M. Trabalho, informação e conhecimento: relendo Marx na era da informação. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, RJ, v. 2, n. 1, p. 47–71, 2015. DOI: 10.21728/logcion.2016v2n1.p47-71. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/1476>.

MARQUES, R. M. Trabalho e valor nas mídias sociais: uma análise sob as lentes do Marxismo. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 27, n. 3, p. 111–130, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9784>.

MARQUES, R. M. Karl Marx enfrenta o enigma da produção imaterial. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. e5155, 2020. DOI: 10.18617/liinc.v16i1.5155. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5155>. Acesso em: 30 abr. 2024.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, K. **Grundrisse – manuscritos econômicos de 1857-1858**: esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. Valor, trabalho e mais-valia. O confronto entre trabalho e capital. In: NETTO, José Paulo (org.). **O leitor de Marx**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. cap. 12, p. 275- 310.

MARX, Karl. Extratos d'O Capital: Crítica da Economia Política. In: NETTO, José Paulo (org.). **O leitor de Marx**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. cap. 13, p. 311- 404.

MARX, Karl. **O Capital - livro 1 - crítica da economia política**: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013a.

MARX, Karl. **O Capital – Livro II – O Processo de Circulação do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013b.

MENDES, Luís César Castrillon. Martius e o IHGB: Disputas Acerca da Narrativa Histórica Oitocentista. **Boletim Historiar**, [S. l.], n. 16, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/historiar/article/view/5684>.

MÉSZÁROS, István. **Estrutura social e formas de consciência**: A determinação social do método. São Paulo: Boitempo, 2009.

MORESCHI, Bruno; PEREIRA, Gabriel; COZMAN, Fabio. Trabalho e Inteligência Artificial Além da Mechanical Turk. In: GROHMANN, Rafael (org.). **Os laboratórios do Trabalho Digital**: Entrevistas. São Paulo: Boitempo, 2021. cap. 21, p. 137-141.

NICOLAZZI, Fernando. Como se ler a História: Jean Bodin e a ars historica do século XVI. In: NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; Araújo, Valdei Lopes de (org.). **Aprender com a História?**: O passado e o futuro de uma questão. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011. p. 207-233.

NUNES, Caroline. **Conheça os hábitos dos brasileiros no TikTok**. [S. l.]: EXTRA, 2025. Disponível em: <https://extra.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2025/01/conheca-o>. Acesso em: 18 fev. 2025.

OLIVEIRA, Wigeslei Rosa de. Contra a história historicista: a combatividade discursiva de Lucien Febvre contra Victor Langlois e Charles Seignobos. **Revista Expedições**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 244 - 273, Disponível em: https://www.revista.ueg.br/index.php/revista_geth/article/view/3451.

ORMAY, Larissa. Propriedade Intelectual e Rendas Informacionais In: DANTAS, Marcos et al. **O valor da informação**: De como o capital de apropria do trabalho social na era do espetáculo da internet. São Paulo: Boitempo, 2022. cap. 2, p. 97-144.

PAULA, João Antônio de. A obra de Francisco Iglésias: ponto de encontro entre os intelectuais e o povo. In: LOPES, Marcos Antônio (org.). **Grandes nomes da história intelectual**. São Paulo: Editora Contexto, 2003. cap. 48, p. 521-523.

PEREIRA, M. H. F.; LOPES DE Araújo, V. Reconfigurações do tempo histórico: presentismo, atualismo e solidão na modernidade digital. **Revista da UFMG**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1 e 2, p. 270–297, 2017. DOI: 10.35699/2316-770X.2016.2770. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2770>.

PEREIRA, M. H. F.; LOPES DE Araújo, V. Atualismo: Pandemia e historicidades no interminável 2020. **Estudos Ibero-Americanos**, [S. l.], v. 47, n. 1, p. e39802, 2021. DOI: 10.15448/1980-864X.2021.1.39802. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/iberoamericana/article/view/39802>.

PIMENTA, João Paulo et al. A independência e uma cultura de história no Brasil. **Almanack**, Guarulhos, ed. 8, p. 5-36, 5 ago. 2014.

PIMENTA, João Paulo. Viver e pensar o futuro. In: PIMENTA, João Paulo. **O livro do tempo: uma história social**. São Paulo: Edições 70, 2021. cap. 8, p. 343-511.

PINSKY, Jaime. Nação e ensino de História no Brasil. In: PINSKY, Jaime (org). **O ensino de história: e a criação do fato**. 14º ed. São Paulo: Contexto, 2020. cap. 1, p. 11-26.

PLANOS do TikTok para competir com a Amazon e com a Shein — inclusive na América Latina. **Exame**, 05 janeiro. 2024. Disponível em: <https://exame.com/negocios/os-planos-do-tiktok-para-competir-com-a-amazon-e-com-a-shein-inclusive-na-america-latina/>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

RANDOLPH, Marc. **Isso nunca vai funcionar: O nascimento da Netflix e a incrível vida de uma ideia contada pelo seu cofundador**. São Paulo: Planeta, 2021.

RANKE, Leopold von. As épocas da História. In: BENTIVOGLIO, Julio (org.). **Prólogos da História**. Vitória: Editora Milfontes, 2022. p. 105-124.

RANKING mostra quantos brasileiros estão no TikTok em 2023. **Revista Exame**, 08 abr. 2023. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/ranking-mostra-quantos-brasileiros-estao-no-tiktok-em-2023>>. Acesso em: 15 abr. 2024.

RAULINO, Gabriela. Capital e Trabalho nas plataformas sociodigitais In: DANTAS, Marcos et al. **O valor da informação: De como o capital de apropria do trabalho social na era do espetáculo da internet**. São Paulo: Boitempo, 2022. cap. 3, p. 145-212.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O Fato e a Fábula: o Ceará na escrita da História**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. História magistra vitae. Sobre a persistência da fábula nos usos do tempo In: CARVALHO, Daniel Alencar de; OLIVEIRA, Gilberto Gilvan Sousa; BRAUNA, José Dércio; NETO, José Maria Almeida (org.). **Em torno da narrativa**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019. p. 13-28.

REIS, José Carlos. Vico e a História Nova. In: LOPES, Marcos Antônio (org). **Grandes nomes da história intelectual**. São Paulo: Editora Contexto, 2003a. cap. 47, p. 289-295.

REIS, José Carlos. Gilberto Freyre, poeta do Brasil. In: LOPES, Marcos Antônio (org). **Grandes nomes da história intelectual**. São Paulo: Editora Contexto, 2003b. cap. 47, p. 516-520.

RODRIGUES, Bruno. **Como ganhar dinheiro no TikTok com monetização**: Veja como ganhar dinheiro no TikTok mesmo sem gravar vídeo!. [S. l.]: Zoom, 2025. Disponível em: <https://www.zoom.com.br/celular/deumzoom/como-ganhar-dinheiro-tiktok>. Acesso em: 15 fev. 2025.

RODRIGUES, Icles; História no YouTube: Relato de experiência e possibilidades de futuro. In: CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares (orgs). **História pública e a divulgação da história**. São Paulo: Letra e Voz, 2019. Cap 4, p. 73-92.

RODRIGUES, José Honório. **História e Historiografia**. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 1970.

ROSA, Hartmut. **Aceleração**: A transformação das estruturas temporais na Modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

ROSA, Hartmut. **Alienação e Aceleração**: Por uma teoria da temporalidade tardo-moderna. Petrópolis: Vozes, 2022.

ROSENZWEIG, Roy. A estrada para Xanadu: caminhos públicos e privados para a web de história. In: ROSENZWEIG, Roy. **Clio Conectada**: O Futuro do Passado na Era Digital. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. cap. 11, p. 341-393.

ROSENZWEIG, Roy. Wikipédia: A história pode ser feita em código aberto?. In: ROSENZWEIG, Roy. **Clio Conectada**: O Futuro do Passado na Era Digital. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. cap. 03, p. 115-166.

SALIBA, Elias Thomé. Vico: clássico das antinomias interpretativas da História. In: LOPES, Marcos Antônio (org). **Grandes nomes da história intelectual**. São Paulo: Editora Contexto, 2003. cap. 25, p. 285-289.

SANCHES, Neuza. **Celular**: Democrático ou autoritário?. São Paulo: Editora Contexto, 2022.

SCHMIDT, Florian A. Trabalho e Inteligência Artificial Além da Mechanical Turk. In: GROHMANN, Rafael (org.). **Os laboratórios do Trabalho Digital**: Entrevistas. São Paulo: Boitempo, 2021. cap. 21, p. 143-146.

SERRES, Michael. **Polegarzinha**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

SEVCENKO, Nicolau. Fim da História. **Atrator Estranho**, São Paulo, ano 3, n. 19, p. 09-47, jan. 1996.

SILVA, Cleverson Ramom Carvalho. **O Chão de Fábrica das redes sociodigitais**: o Trabalho dos Produtores de Conteúdo na Dinâmica do Capitalismo Contemporâneo. Orientador: Dr.a Deise Luiza da Silva Ferraz. 2023. 193 f. Tese (Centro de Pós-Graduação e

Pesquisas em Administração) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Minas Gerais, 2023.

SILVA, S. M. de M. SOB O FARDADO DO PRESENTE: mídia, memória e esquecimento questões para pensar a história na contemporaneidade. **Outros Tempos: Pesquisa em Foco - História**, [S. l.], v. 6, n. 7, 2009. DOI: 10.18817/ot.v6i7.196. Disponível em: https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/196. Acesso em: 16 abr. 2024.

STOKEL-WALKER, Chris. **TikTok Boom**: um aplicativo viciante e a corrida chinesa pelo domínio das redes sociais. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022.

TIKTOK lança curso gratuito que ensina pequeno empreendedor a crescer na plataforma. **G1**, 01 janeiro. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/empreendedorismo/noticia/2024/05/01/tiktok-lanca-curso-gratuito-que-ensina-pequeno-empresendedor-a-crescer-na-plataforma.ghtml>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

TURIN, Rodrigo. **Tempos cruzados**: escrita etnográfica e tempo histórico no Brasil oitocentista. Orientador: Manuel Luiz Salgado Guimarães. 241 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

TURIN, Rodrigo. Entre o passado disciplinar e os passados práticos: figurações do historiador na crise das humanidades. **Tempo**, v. 24, n. 2, p. 186–205, maio 2018.

TURIN, Rodrigo. **Tempos Precários**: aceleração, historicidade e semântica neoliberal. Rio de Janeiro: Zazie, 2019a.

TURIN, Rodrigo. Presentismo, neoliberalismo e os fins da história. In: AVILA, Arthur Lima de; NICOLAZZI, Fernando; Turin, Rodrigo (org.). **A História (in)Disciplinada**: Teoria, ensino e difusão de conhecimento histórico. Vitória: Editora Milfontes, 2019b. p. 245-271.

TURIN, Rodrigo. País do futuro? Conflitos de tempos e historicidade no Brasil contemporâneo. **Estudos Avançados**, v. 36, n. 105, p. 85–104, maio 2022.

WHITE, Hayden. As ficções da representação factual. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (org.). **Deslocalizar a Europa**: Antropologia, Arte, Literatura e História na Pós-Colonialidade. Lisboa: Cotovia, 2005. p. 43-61.

WHITE, Hayden. Enredo e Verdade na escrita da História. In: MALERBA, Jurandir (org.). **A escrita da História**: teoria e história da historiografia. São Paulo: Contexto, 2006. cap. 9, p. 191-210.

WOLFF, Francis. A flecha do tempo e o rio do tempo - Pensar o futuro In: NOVAES, Adauto (org.). **O futuro não é mais o que era**. São Paulo: Edições SESC, 2013. cap. 24, p. 41-61.

APÊNDICE A - FONTES UTILIZADAS

Livros

- LANGLOIS, Charles V. SEIGNOBOS, Charles; **Introdução aos estudos históricos**. Curitiba: Palotalivros, 2017.

Sites

- [LinkedIn Tawany Rocha](#).
- [LinkedIn João Pedro Rangel](#).

Vídeos do TikTok

- [Zumbi dos Palmares NÃO foi herói](#)
- [A Verdade Oculta Que Ninguém Quer Falar](#)
- [1984 x BBB](#)
- **Loucuras da História**
 - [Cadê as patricinhas?](#)
 - [Formas de tortura na ditadura.](#)
 - [A história do homem que venceu Hitler mas não foi recompensado no seu próprio país.](#)
 - [Vocês adoram esses assuntos apimentados então aqui está](#)
 - [Na Grécia antiga existia uma lei que proibia as prostitutas de saírem sem maquiagem](#)
 - [A semelhança entre Napoleão e Rasputín](#)
 - [Cai em uma fake news e contei ela para vocês](#)
 - [Coitada, nem sabia o que a esperava depois...](#)
 - [Maria Quitéria](#)
 - [Como as mulheres evitavam ficar grávidas parte 1](#) | [Como as mulheres evitavam ficar grávidas parte 2](#) | [Como as mulheres evitavam ficar grávidas parte 3](#)
 - [Torturas na Ditadura](#)
 - [Cadê as patricinhas?](#)
 - [Cuscuz paulista é cuscuz.](#)
 - [A origem do café](#)
 - [Sabia que na França não existe pão francês](#)
 - [O primeiro nude da história](#)
 - [Cosméticos BIZARROS do passado](#)
 - [Era mais fácil do que ser lésbica do que ser gay na era vitoriana](#)
 - [Mulheres em 2025 x 1233](#)
 - [As maiores burrices da História](#)
 - [As piores propagandas do passado](#)
 - [Como eram as câmaras de gás nazistas.](#)
 - [Como era a vida em Auschwitz](#) e [Como era a vida de mulheres e crianças em Auschwitz](#)
 - [A história da Leo é resumida em duas palavras...](#)
 - [Comendo pão francês](#) | [Origem do nosso pão francês](#)

- **CuriosaModa**

- [230 anos da morte de Maria Antonieta](#)
- [Análises superficiais? Ou o óbvio sendo dito?](#)
- [Operadas sem anestesia.](#)
- [Qual foi a rainha mais sofredora?](#)
- [Eu queria ser amiga dele](#)
- [Será que é?](#)
- [Métodos contraceptivos antigamente](#)
- [A tal “Saudação Romana”.](#)
- [Ainda temos uma jornada a percorrer...](#)
- [A origem do Halloween](#)
- [“Pão Francês”](#)
- [Bailes no século XIX](#)
- [Leopoldina de Bragança](#)
- [Como Betinha chegou ao trono?](#)
- [Higiene dos Tudors. Eram perfumados?](#)
- [Revolução Industrial: Resumão](#)
- [Dieta Vitoriana: engoliram tênia](#)
- [Ainda temos uma jornada a percorrer...](#)
- [O filho de Luís XIV foi exilado por ser gay](#)
- [Zumbi dos Palmares e o dia da consciência negra.](#)
- [Ana Bolena arrumando tretas na era Tudor](#)
- [Métodos de Tortura da Inquisição Espanhola](#)
- [O químico mais azarado da história](#)
- [Anne realmente não morreu após a morte...](#)
- [A Cleopatra mais conhecida é a sétima](#)

- **OperaçãoBarbarussa**

- [Como era o Natal no Brasil no Século XIX?](#)
- [Por que os meses se chamam desse jeito?](#)
- [Indicações de filmes sobre a ditadura.](#)
- [Te dando de graça as dicas que outros cobram milhões que eu aprendi no precinho na pós da Anhanguera.](#)
- [Sobre o pênis do Rasputin](#)
- [Uma saudação romana de verdade pra você fazer \(Contém ironia\).](#)
- [O dia do trabalho é coisa de comunista.](#)
- [“Ainda estou aqui” fez a internet ficar atenta a sobrenomes militares.](#)
- [O que o seu personagem histórico favorito diz sobre você](#)
- [A melhor maneira para aprender mais sobre a escravidão](#)
- [Claro que o Batalhão não era gay porque esse conceito não existia](#)
- [Zumbi tinha escravos?](#)
- [Foi Salomão que descobriu o Brasil?](#)
- [Os eventos mais perturbadores da História - será?](#)
- [Memória Viva, Memória Viva ep 3, Memória Viva ep 4.](#)
- [O certo é HQ e não Gibi!!](#)

- **Odir Fontoura**

- [Aquecimento Global](#)
- [Proclamação da República](#)

- [Rasputin](#)
- [Diabo, mitologia, história](#)
- [Abracadabra](#)
- [O que vocês concluem disso?](#)
- [As pessoas dizem que o BBB é fútil...](#)
- [A origem do nome Brasil](#)
- [A origem do Halloween.](#)
- [Bruxas no Brasil](#)
- [Um fato histórico para os gays](#)
- [O tempo e a memória](#)
- [A política dos símbolos](#)
- [O mínimo que você precisa saber sobre a escravidão no Brasil](#)
- [As formas de pagamento e o pix](#)
- [Gay, a origem da palavra](#)
- [Uma história das diversidades sexual e de gênero](#)
- [Um fato histórico para os gays](#)
- [Explicando pra minha psicóloga que os cavalos renascentistas estão falando de mim](#)
- [O mínimo sobre o Holocausto](#)
- [Visitei um campo de concentração na Alemanha](#)
- [Big Brother Brasil é cultura? \(2023\) | Big Brother Brasil é cultura? \(2024\) | Big Brother Brasil é cultura? \(2025\).](#)
- [Porque odiamos às mulheres? \(2023\) | Porque odiamos às mulheres? \(2024\).](#)

- **Débora Aladim**

- [28cm é para quem tem coragem!](#)
- [Tiktok isso é um vídeo educativo.](#)
- [Patricinha: Descubra o que é a sua história fascinante \(2020\)](#)
- [A origem do termo “Patricinha” no Império Romano \(2024\)](#)
- [Origem histórica do BBB](#)

GLOSSÁRIO

Chatbots: Programas de computador que simulam conversas humanas, usando Inteligência Artificial para responder os usuários de maneira automática.

Creators: Como são chamados os criadores de conteúdo digital (vídeos, artigos, podcasts) para plataformas sociodigitais, como YouTube, Facebook, Instagram, etc.

Datacenters: Infraestruturas físicas que armazenam servidores e dados de empresas (como nuvem, redes sociais, lojas de varejo online, etc.).

Desktop: Computadores de mesa, ou *laptops* individuais.

Feed: Fluxo de conteúdo atualizado em redes sociais ou sites, organizado por algoritmos. Geralmente seguem uma linha de tempo infinita (também conhecido como timeline).

Hashtag: Palavra ou frase precedida por (#) para agrupar conteúdos em redes sociais. Dessa forma se torna mais fácil e prático a busca por determinado conteúdo.

Lives: Transmissões de vídeo em tempo real, com possibilidade de interação (comentários, reações). Muitas redes sociodigitais contam com essa função (YouTube, Instagram, Facebook, TikTok, etc.)

Softwares: Programas ou aplicativos que executam tarefas em dispositivos eletrônicos. Desde programas operacionais como aplicativos de celular.

Streaming: Transmissão contínua de áudio/vídeo pela internet, sem necessidade de download (Netflix, Prime Vídeo, Spotify, etc.).

Tiktokers: Denominação dada aos produtores de conteúdo para o TikTok.

Trends: A palavra refere-se a uma tendência. Representa um conteúdo digital que ganha um grande destaque e popularidade entre os usuários durante certo período. Nas redes, há um incentivo para que os usuários se insiram na tendência e produzam conteúdos.